

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS ARTES



UNIVERSIDADE DE LISBOA

ESCULTURA AOS EMIGRANTES PORTUGUESES

LUIS FILIPE SILVA DE MAGALHAES CARVALHO

Mestrado em Escultura Pública

Novembro de 2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS ARTES



UNIVERSIDADE DE LISBOA

ESCULTURA AOS EMIGRANTES PORTUGUESES

LUIS FILIPE SILVA DE MAGALHAES CARVALHO

Mestrado em Escultura Pública

Dissertação orientada pelo Professor Doutor José Carlos Pereira

Novembro de 2010

Resumo

Dorita de Castel-Branco é uma artista contemporânea, conhecida sobretudo como escultora, embora a sua obra abranja uma diversidade de meios, de procedimentos e de materiais, de entre os quais salientamos a escultura pública, objecto da nossa tese de dissertação. Apesar de existirem algumas publicações esparsas sobre a sua obra, está ainda por fazer uma pesquisa que abarque a obra como um todo, que inclua todas as facetas do seu trabalho nos diferentes domínios científicos, técnicos, pedagógicos e artísticos.

O objecto de investigação cingiu-se à leitura e análise do monumento/escultura – *HOMENAGEM AO EMIGRANTE PORTUGUÊS* – inaugurado no largo dos caminhos-de-ferro, Santa Apolónia, Lisboa, a 10 de Junho de 1981.

A nossa escolha nasceu da relação que estabelecemos com a escultura que víamos e observávamos quotidianamente, levando-nos a ter a necessidade de nos interrogarmos sobre *o porquê da existência daquela escultura pública monumental naquele local*, um lugar que nos parecia *ter uma condição marginal* no largo.

Tendo como suporte uma metodologia que analisa os dois grandes momentos que elegemos como objecto de estudo - o percurso académico e as influências artísticas da escultora, por um lado, e a leitura do Monumento/escultura, por outro, procurámos respostas sobre a questão da classificação de monumento e objecto de arte pública. Na sequência do desenvolvimento da nossa tese, descrevemos as etapas que levaram à concretização da escultura, as suas características específicas e as do espaço envolvente.

RESUMÉ

Dorita de Castel-Branco est une artiste contemporaine connue principalement comme sculpteur, bien que son oeuvre comprenne une diversité de moyens, de procédures et matériaux, entre lesquels nous privilégions la sculpture publique. Il y a quelques petites publications à son sujet et sur quelques peu aspects de son oeuvre artistique, mais un étude plus profond et élargie à tout les domaines de son travail est encore à faire.

Notre sujet de dissertation est la sculpture publique et plus précisément le monument/sculpture – *HOMENAGEM AO EMIGRANTE PORTUGUÊS* - exposé dans la place des Chemins de Fer, à Santa Apolónia, à Lisbonne.

Ce choix est né de notre curiosité, car notre parcours de chaque matin nous faisait passer par là ce qui fit surgir quelques sur cet espace et l'emplacement de cette sculpture publique monumental, dans un lieu aussi marginal.

Pour pouvoir répondre à cette question, nous avons travaillé une méthodologie qui permet repérer deux points pour nous essentiels: le parcours académique et les influences artistiques que Dorita de Castel-Branco a subit, d'une part, et l'analyse de sa sculpture *Hommage aux émigrés portugais*, où l'on décrit les différentes étapes de son concretization, ses caractéristiques spécifiques et celles de son environnement, d'autre part. Finalement, nous avons dédié la dernière partie à prouver l'importance de la classification de ce monument de Dorita de Castel-Branco, comme une oeuvre d'art publique.

Palavras-chave

Dorita Castel-Branco; Escultura Portuguesa; Escultura Pública; Monumento Homenagem Ao Emigrante Português

Paroles - clef

Dorita Castel-Branco; Sculpture Portuguese; Sculpture Publique; Monument Hommage au Emigrant Portugais

ESCULTURA
AOS EMIGRANTES PORTUGUESES



Doris A

Foi por ela

**Foi por ela que amanhã me vou embora
ontem mesmo, hoje e sempre, ainda agora
sempre o mesmo em frente ao mar também me
cansa
diz, Madrid, Paris, Bruxelas, quem alcança?
em Lisboa fica o Tejo a ver navios
dou rossios de guitarras à janela
foi por ela que eu já danço a valsa em pontas
que eu passei das minhas contas foi por ela**

**Foi por ela que me enfeito de agasalhos
em vez daquela manga curta colorida
se vais sair, minha nação, nos cabeçalhos
ainda a tiritar de frio acometida
mas o calor que gera plantas também farta
e esvai-se o tropical sentido na lapela
foi por ela que eu vesti fato e gravata
que o sol até nem me faz falta foi por ela**

**Foi por ela que eu passo por coisas graves
e passei passando as passas dos Algarves
com tanto santo milagreiro todo o ano
foi por milagre que eu até nasci profano
e venho assim, como um trintão, subindo rios
que dão forma, como um deus, ao rosto dela
foi por ela que eu deixei de ser quem era
sem saber o que me espera foi por ela**

Fausto Bordalo Dias

“...você é tão burro que nem sabe o que é uma estátua de
escultura...”

Um louco para um pregador na praça da Carioca, Rio de Janeiro - Brasil

Agradecimentos

A todos aqueles que me apoiaram directamente ou indirectamente e cabe-me a mim realçar:

À Minha Mãe, sem a qual nada disto se realizaria!

À Doutora Maria João Albuquerque, pela sua disponibilidade ...total!

Ao meu orientador, com um apreço especial, o professor Doutor José Carlos Pereira.

Ao professor Eduardo Duarte, da disciplina MTI, deste mestrado.

Ao Paulo Castel-Branco, pela amabilidade com que sempre me recebeu e se me dispôs a ajudar.

Ao professor José Manuel Mesquita, pela gentileza e pelo seu espólio.

Ao meu pai, pelo seu apoio e compreensão pela minha nova escolha de vida.

Ao Pedro Barral, pelas boas fotografias.

Ao arquitecto Lourenço Lomelino, pela ajuda nos mapas e fotografias.

A mim, por mais uma etapa na vida.

A si que de certa forma dá continuidade a este trabalho com a sua leitura

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	viii
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 QUESTÕES METODOLÓGICAS	5
2. CAPITULO I – MONOGRAFIA e INFLUÊNCIAS	
2.1 UM APONTAMENTO MONOGRÁFICO.....	9
2.2 REFERÊNCIAS e FONTES	16
3. CAPITULO II – ANÁLISE DO MONUMENTO	
3.1 O ESPAÇO PÚBLICO e o MONUMENTO.....	31
3.2 ANÁLISE DO MONUMENTO-Homenagem <i>ao Emigrante Português</i>	40
CONCLUSÃO.....	100
FONTES BIBLIOGRAFIAS	102
ANEXOS.....	109

Introdução

A escultura pública “Ao Emigrante Português”, que se encontra no Largo dos Caminhos-de-Ferro de Lisboa, em Santa Apolónia, tem tido diferentes ‘vidas’ no lugar que ocupa desde 10 de Junho de 1981.

A escolha da escultura *Homenagem ao Emigrante* para nosso objecto de estudo surgiu muito naturalmente, uma vez que calcorreamos este percurso quotidianamente e sempre nos interrogámos sobre a ‘história’ desta escultura pública, esquecida e escondida a um canto do Largo dos Caminhos-de-Ferro. A sua condição marginal seduziu-nos pela sua vontade de resistir ao tempo e à mudança, procurando impor a sua presença ao olhar dos cidadãos mais atentos, revelando-se pela sua materialidade, textura e cor, para conquistar o seu ‘lugar’ de memória naquele espaço tão sucessiva e exaustivamente percorrido e habitado. Lutando para não passar a ser uma coisa¹, parece guardar a consciência de que a obra de arte perde a sua identidade se os signos que a potenciaram, e incitaram os receptores a nela fruírem diferentes leituras, deixarem de ter uma relação biunívoca entre significante e significado.

A natural curiosidade despertada pela nossa formação académica de base levou-nos a que, paulatinamente, fossemos tecendo uma trama de informações sobre a autora e o objecto escultórico. Logo depois, iniciou-se uma análise mais pormenorizada que nos levou a formular novas questões sobre aspectos que se prendem com o seu carácter formal e as suas propriedades simbólicas que nos permitiu aprofundar a nossa tese sobre as características únicas desta escultura pública e sobre os factores que envolvem a sua leitura ou condicionam a “não-leitura” do monumento.

Foi o conjunto das nossas interrogações sobre esta escultura monumento em *Homenagem ao Emigrante Português* que, fio a fio, construíram esta malha tecida das respostas que propomos e que é, afinal, a estrutura da nossa tese de dissertação de Mestrado.

Mais do que acompanhar o percurso ou a marca autoral, ou mesmo realizar um levantamento exaustivo da vida e *obra* da escultora, que, pela sua dimensão se tornaria demasiadamente extensa no âmbito do nosso trabalho de investigação, deixámo-nos enredar pela análise de um apenas um ‘lugar’ e um momento da sua trajectória artística.

¹ - ABREU, José Guilherme, A problemática do monumento moderno, *revista da FLUP*, Porto, 2002: [...] pois a obra é a coisa mais a sua recepção.

Da paisagem criativa ainda tímida dos finais dos anos setenta, nota-se, em pequenas bolsas alternativas, algum contágio entre linguagens artísticas e experiências inovadoras. Naquele ano de 1981, é inaugurada, pela primeira vez, em Portugal, uma estátua ao emigrante português. Partindo da iniciativa da secção internacional do semanário *Tempo*, é lançada uma subscrição pública que é acolhida pelos bancos portugueses filiados em França, nomeadamente em Paris, e pelas as associações portuguesas que pretendem a reabilitação dos emigrantes como cidadãos da Europa, tanto no país de origem como no de acolhimento, bem como as empresas públicas e público-privadas portuguesas com interesses económicos específicos ligados à emigração portuguesa.

Seguida a par e passo, a iniciativa materializa-se na escultura-monumento que conhecemos no largo esta Homenagem ao Emigrante Português sendo inaugurada em acto solene no lugar simbólico e emblemático de onde partem todos os comboios do *Sud-Express* que atravessa terras lusas e castelhanas até à Europa.

O primeiro objectivo deste trabalho de investigação é voltarmos a dar a conhecer esta escultura pública a qual, para a maior parte dos portugueses, perdeu a sua identidade e memória colectivas. Constatámos, desde o primeiro momento, a falta de informação documental, mesmo nos arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, um dos seus principais promotores. Esta escassez revelou-se, não tanto da identidade que tomara a iniciativa, já que os promotores dos anos oitenta, natural e objectivamente, a tornaram pública com regular periodicidade no *Tempo*, relatando detalhadamente aos seus leitores o curso dos trabalhos, mas antes pelo esquecimento a que foi votada, volvidos trinta anos, pela própria cidade que, sem a ‘reconhecer’, deu prioridade a outros equipamentos urbanos.

Nos últimos anos temos assistido ao cada vez maior interesse, especialmente dos centros universitários, pela área artística da escultura, permitindo que estudos como o presente tenham visibilidade e pertinência no universo científico, levando a que, simultaneamente, se tenha criado uma ‘nova’ massa crítica potenciadora do imprescindível confronto de opiniões.

Este interesse crescente e notório, mesmo para uma população mais erudita, é recente, porque há muitos autores e obras, sobretudo contemporâneos, ainda por estudar e analisar. Sobre Dorita Castel-Branco não existem impressas mais que *uma dúzia de palavras*.

Assim, como traço fundamental deste estudo, numa primeira fase e com referência sumária, destaca-se a preocupação em salientar a identidade própria da artista, tendo sido privilegiada a sua personalidade e o seu percurso académico: identificaram-se e registaram-se as mais diversas influências, nomeadamente aquelas que considerámos marcantes para a sua carreira artística ou que nortearam os seus estudos sobre a concepção da forma plástica, permitindo-nos compreender de forma mais alargada os trabalhos que concretiza no campo da escultura, e na obra que foi nosso objecto de estudo.

Na construção do texto sobre a *Homenagem ao Emigrante Português*, foi nossa intenção, num primeiro momento, tentar traçar, embora sumariamente, o curso dos temas estruturantes dos períodos artísticos que antecederam e acompanharam a obra, de modo a entender de que forma se desenvolveram, em sentido lato, outras manifestações artísticas em Portugal.

Entendermos esta obra no tempo e no espaço em que foi criada, e as motivações que levaram Dorita Castel-Branco a enveredar por este tipo de linguagem plástica, ou a sua preferência pelo material adoptado, foram também objecto do nosso estudo numa segunda fase do trabalho desenvolvido.

Seguidamente, tentámos dar resposta ao nosso principal propósito pelo que nos debruçámos com mais pormenor sobre o que terá levado a escultora a criar e executar aquele monumento para aquele espaço público e quais as premissas que o fazem alcançar o estatuto de arte *pública*.

Num terceiro momento, analisámos o carácter particular da escultura, os seus traços identificativos da linguagem plástica e da sua mensagem simbólica, bem como a sua implantação espacial, que particulariza e interage com o espaço envolvente. Partindo desta análise, estudámos o largo dos Caminhos-de-Ferro, a Santa Apolónia, procurando identificar as condições espaço-funcionais, compreender as condições de suporte a diferentes usos e, em particular, à forma como comporta o monumento nessa envolvente. Só assim, foi possível compreender a adequação de determinadas configurações que definem os espaços de circulação, de escala e identificar as componentes arquitectónicas e urbanísticas responsáveis e inerentes aos vários usos que lhe estão associados.

Quanto à leitura da escultura o objectivo do estudo foi o de poder fazer uma leitura ou leituras da obra, tendo em conta o tempo e o espaço em que foi criada e a sua

vivência nas três últimas décadas. Para isso seguimos uma lógica artística abrangente, quer a nível estético quer formal, que vai do registo da representação da ideia inicial, ao registo do impulso emotivo, ou ao da interacção que advém da própria manipulação do material, em relação a uma técnica, e também da análise da percepção das formas de acordo com as características e expressões obtidas pela leitura dada, nomeadamente pelas linhas, pelos espaços e pelas texturas.

O último momento do nosso estudo compreende uma reflexão sobre o trabalho realizado, nele incluindo algumas conclusões sobre esta nossa pesquisa e outras tantas sugestões sobre a situação actual deste monumento.

Resta-nos referir que foi nossa intenção preparar, nesta nossa investigação, um estudo sobre Escultura Pública, no domínio da escultura. As outras abordagens, simbólica, social e até política, constituíram o tecido agregador, uma vez que sem elas não seria possível compreender, de uma forma clara e mais abrangente, esta *Homenagem ao Emigrante português*

Metodologia

Este trabalho, que apresentamos, tem como objectivo compreender a obra escultórica, **Homenagem ao Emigrante Português** da escultora Dorita de Castel-Branco. Para este estudo estabelecemos, um método de interpretação e análise científica, tecnicamente comprovados.

Para a realização deste trabalho recorreremos também a uma metodologia integrada, na qual fizemos uso de procedimentos de modo a termos um fio condutor, assim teremos

- Um apontamento monográfico;
- As referências e fontes;
- A arte pública e o monumento;
- O estudo e análise do monumento e envolvente;
- Conclusão.

Outros procedimentos de análise, bem como outros contributos, nomeadamente da história de arte, da sociologia, do urbanismo, do iconográfico, do iconológico, foram aqui também usados.

Para além do acima mencionado, recorreremos a outras didácticas que provêm de uma vivência proporcionada no âmbito do presente curso de Mestrado em Escultura Pública e a frequência de uma licenciatura também em escultura. Estas existências muniram-nos de dispositivos instrumentais e metodológicos apropriados baseados em aspectos ideológicos e morfológicos que vão, entre outros, do confronto de temas, às condições sociais, à forma ou à integração espacial também valorizadas muito especialmente, pelas inúmeras visitas e pelo estudo *in situ* das várias componentes do ‘lugar’ e do espaço. Estes procedimentos desenvolveram em nós uma sensibilidade para o fenómeno da escultura, tendo contribuído, ao serem aplicados, para uma observação renovada da escultura exterior.

Uma das características estruturais mais marcantes do período e da obra que nos propusemos estudar, embora não seja esse o objectivo deste trabalho, é a possibilidade de se poder fazer uma análise, também ela, paralela e convergente com o contexto artístico nacional e o percurso artístico, que coincide com toda a vida adulta, da escultora Dorita de Castel-Branco, que começa nos anos sessenta do século passado.

Com os anos 60, no caso português, e pela primeira vez de uma forma algo consistente, é possível falar em semi-periferia na arte portuguesa. Este facto resulta da aproximação a outros povos e as suas culturas, numa tentativa de acompanhar o fenómeno de pré-globalização que se vivia no chamado mundo Ocidental (principalmente entre Europa e E.U.A), fenómeno esse, em parte e a nosso ver, forçado pela aceleração e abundância do tráfego da informação. Este período vai deixar marcas indeléveis no panorama artístico nacional. A questão do carácter periférico, que segundo vários autores caracteriza a cultura e a arte nacionais, torna impossível um pensar, nestas últimas décadas, sem remeter constantemente para essa aproximação do exterior a este pequeno cosmos que é o nosso.

A pulverização e a multiplicação de acontecimentos no universo da arte do século XX, associados a um movimento acelerado na sua sucessão, foi de tal forma intenso que imediatamente obrigou a um tipo de investigação e objectos de estudos diversificados, tendo colocado, por essa razão, uma série de possíveis opacidades, geradas por um processo cumulativo e, simultaneamente, fragmentário ao trabalho a desenvolver em investigação sobre arte. Este campo ainda oferece um conjunto de particularidades que obrigam, ainda hoje, à constante reformulação dos métodos de investigação. Há ainda a considerar outra questão que se prende com a proximidade cronológica entre o pesquisador e o seu objecto de estudo. Este facto, embora limitador, permite uma experiência mais directa e próxima do fenómeno artístico, potenciando o contacto com aqueles que, de um modo ou de outro, estão ligados às obras em estudo.

Para lá da existência de uma estratégia de investigação comum a outros campos da investigação da arte, como mencionado, fomos confrontados com algumas particularidades que dificultaram o nosso trabalho. Logo no começo constatamos a diminuta existência de fontes, o que nos obrigou a um maior e intenso esforço de pesquisa, mesmo sabendo-se que para o caso específico português e salvo raras e honrosas excepções, a documentação disponível nem sempre está acessível nas melhores condições. Estamos nós a falar de informação documental muito recente, e por vezes, mais difícil de compreender a sua menor acessibilidade, particularmente no que

diz respeito às intervenções urbanísticas efectuadas no largo da responsabilidade de uma instituição de carácter público, a Câmara Municipal de Lisboa.

A documentação sobre o trabalho que desenvolvemos abrangeu, entre outros, o recurso ao contacto directo com pessoas e ainda uma pesquisa documental em arquivos, bibliotecas e na *net*.

O contacto directo com as pessoas deu-se em três situações: os encontros informais com os amigos da escultora, os quais nos forneceram um valioso conjunto de informações sobre esta, essencialmente, o seu envolvimento social e o modo de trabalhar: as conversas com os habitantes do Largo dos Caminhos-de-Ferro, que balizaram informações sobre as obras de intervenção urbanística aí efectuadas entre os anos 80 até hoje e, finalmente, a importante entrevista que Paulo Castel-Branco, filho da escultora, nos concedeu.

As informações recolhidas, e o estabelecimento de outras ligações, permitiram-nos o cruzamento de dados e o acesso a documentação ainda inédita.

Privilegiámos, sempre que possível, o contacto directo com a obra, mas também o recurso a documentação (fotográfica, escrita ou outra) coeva. Para isso, o trabalho desenvolvido em arquivos diversos, como sejam os do Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, do Centro de Documentação da BN – Biblioteca Nacional, da Hemeroteca e dos arquivos cartográficos da CML - Câmara Municipal de Lisboa, veio a revelar-se precioso.

Em relação à escultora, as fontes bibliográficas consultadas, para lá das obras de referência no contexto da arte portuguesa, centraram-se nos pouco catálogos de diversas origens, alguns pequenas monografias, resultantes de exposições, por vezes capazes de oferecer uma informação já tratada, ainda que na sua maioria documentos que acompanhavam as exposições e que se resumem, quase sempre, a simples folheto com escassa informação; e, ainda, uma consulta apurada e atenta dos periódicos da época, muito em especial, o semanário *TEMPO*. Não posso deixar de referir a importância que tiveram para este trabalho as entrevistas dadas por Dorita a revistas de teor feminino, ou às denominadas publicações *cor-de-rosa*. Hoje, à distância de muitos anos, o teor destas notícias e entrevistas, revelam uma qualidade de escrita surpreendente, se atendermos aos artigos publicados, sobretudo durante a década de 80.

Pelo exposto, podemos garantir que a importância da metodologia que usámos nesta investigação artística foi fundamental, por nos potenciar campos investigatórios com processos e com intenções expressas metodologicamente, principalmente capazes

de não frustrar os propósitos do investigador, e que apontaram uma direcção, a qual não têm por fim uma meta, em si, antes um objectivo não necessariamente final.

Nos estudos sobre este monumento, naturalmente inseridos no campo da arte, ou no da criação artística, onde a realidade não apresenta uma configuração claramente definida, foi necessário que esta investigação artística não se centrasse unicamente na procura de constatações, mas tentasse a compreensão e o conhecimento dos objectos, dos acontecimentos, dos fenómenos, através do sentido que eles veiculam.

Todos estes documentos e informações vieram a constituir um auxiliar indispensável também para a nossa melhor compreensão das mutações da arte em Portugal, principalmente na escultura moderna.

Devo também expressar o grande contributo que revelam as matérias tratadas no *Dicionário de Escultura Portuguesa*, na revista *Teorias de Arte*, da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, assim como a consulta das teses de Mestrado sobre escultura, entre outros documentos, essenciais para o enquadramento conceptual do nosso objecto de estudo. Todos eles nos forneceram pistas inestimáveis, que nos possibilitaram ter material para reflectir sobre o ‘lugar’ da escultura, e particularmente da escultura de exterior, levando-nos a atingir uma base de conhecimento que nos nortearão, estamos em crer, na minha relação com a escultura e com a arte no futuro.

1. Um apontamento monográfico

- O que é que você faz exactamente como os seus avós?

- Todas as necessidades fisiológicas¹

(resposta de Dorita a um inquérito jornalístico)

Dorita de Castel-Branco (1936-1996)² nasceu e faleceu em Lisboa, legando-nos um vasto e original acervo pessoal e artístico.

A identidade artística de Dorita³, tal como a sua personalidade, construiu-se tanto no silêncio das suas reflexões, como no confronto dos materiais no seu ateliê, ou no tempo e nas circunstâncias favoráveis que contrastam com diferentes contextos de adversidade.

*Irreverente, atraente, [de] resposta afiada, empalidecia os reitores dos Liceus por onde passava, com as minissaias e a roupa extravagante desde a sua mocidade⁴, por certo, atitudes que assumiu como forma de mostrar a sua irreverência face a um meio familiar muito conservador e vigiado. Maria das Dores Caldeira de Castel-Branco viveu até à idade adulta com os tios. De saúde frágil, desde a sua primeira adolescência, como ela própria refere,... *nosso senhor deu-me uma lista de doenças para eu escolher*⁵..., foi sempre, talvez devido a este facto, uma pessoa resistente, determinada,*

¹ *Semanário*, 2 de Agosto de 1986, na rubrica *Um Inquérito quase tudo*, na alínea II – *Exterioridades / Costumes Públicos*.

² Anexos, documentos académicos, pág. 34-doc.1.

³ Excerto da entrevista a Paulo de Castel-Branco:...*Dorita vem de Maria das Dores. Minha mãe assinava, no princípio da sua carreira, apenas Castel-Branco, mas depois descobriu que havia outro na praça com esse nome. Como ela não morria de amores por essa personagem, que até tinha o ateliê próximo do dela, mudou o nome, para não ser confundida, nem no estilo. O outro era figurativista, penso eu.*

⁴ NAIR, Alexandra, “figura, Dorita de Castel-Branco – Contra o Dragão”, *JL - Jornal de Letras* – de Junho de 1996, pág.13.

⁵ *Ibid.*

metódica e trabalhadora⁶: [...] *Acha[ndo, como gostava de repetir] que se os outros podiam, eu também podia fazer este ou aquele trabalho. Fiz de tudo, até costura...*⁷

*A falta da disciplina curricular, Organização Política e Administrativa da Nação*⁸, *impedi[u-a de ter] uma carreira universitária, mas não o curso de Belas Artes*⁹..., [na] ESBAL”. A rubrica “Artistas”, da revista *Mulheres Portuguesas*, dedicada a Dorita Castel-Branco, apresenta a mesma informação do seguinte modo:

*As primeiras aulas de Escultura frequentadas por Dorita Castel-Branco tiveram lugar na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Mas só lá chegou porque umas ‘raposas’ no 7º ano do liceu a obrigaram a abandonar o projecto de estudar matemática. Nessa aflição, alguém lhe propôs as Belas Artes, até porque não lhe faltava o jeito para o desenho, e ela aceitou o desafio. Foi para o Curso de Pintura que era, na altura a opção ‘mais indicada’ para uma rapariga que sonhasse com a vida artística*¹⁰.

Segundo testemunho de Paulo Castel-Branco, a mãe, que tinha optado primeiramente pelo ingresso no curso de Pintura, ... *detestava o cheiro das tintas a óleo (aglutinantes, solventes, diluentes e outros ingredientes), ficava enjoada, e teve sempre esta reacção a vida toda*¹¹. Esta indisposição de carácter psico-fisiológico levou-a a optar pela escultura¹², como atesta o Professor-Escultor António Duarte (1912- 1988): ...*O meu encontro com Dorita “perde-se nos tempos”, o dela anda pelos finais dos*

⁶ PAULO, Fernando, “Escultora Dorita Castel-Branco – ‘Sempre quis pôr a arte na rua’, Entrevista, *Mulher Moderna - Revista Semanal Feminina*”, Lisboa, 1991, pp. 6/7.: [...] Quando não tinha atelier, tinha o lava-loiça da cozinha e a banheira. De manhã a escultura estava na cozinha, à tarde na casa de banho. Nunca disse que não fazia escultura por não ter local de trabalho. Sempre trabalhei em qualquer sítio.”

⁷ *Ibid.*

⁸ Disciplina que fazia parte do *Curriculum* dos 6º e 7º anos dos Cursos Complementares dos Liceus - Ensino Escolar antigo, que se organizava por duas alíneas autónomas, as Ciências e as Letras. Esta disciplina denominada *Organização Política e Administrativa da Nação*, era comum às duas alíneas, por decreto do Diário do Governo, 1º serie, nº 198 - -decreto nº 39807 de 7 de Setembro de 1954.

⁹ Na década de 1950, para ingressar na ESBAL, por via académica, era requerido aos candidatos terem habilitação suficiente, isto é, o 5º Ano dos Liceus. Da prova de aptidão, prova de acesso àquele Estabelecimento de Ensino, constava o Desenho.

¹⁰ MARTINS, *Maria João, Mulheres Portuguesas - Divas, Santas e Demónios*. vol. I, Ed. Assírio Bacelar, Lisboa.1994.

¹¹ *Ibid.*

¹² Ver Anexos, *documentos académicos*, pág. 36-doc.2.

anos de 1950; sei que de algum modo lhe sugeri, a seu pedido por essa data, que trocasse o Curso de Pintura que tencionava fazer pelo de Escultura.¹³

Frequenta então o Curso Especial de Escultura em 1956/57, tendo realizado para efeito, o exame de aptidão¹⁴. Frequenta posteriormente o Curso Superior de Escultura¹⁵ na mencionada Escola de Belas-Artes, [tendo] *evidencia[do] desde logo um enorme talento, abordando o trabalho com uma impulsiva fogaosidade e reflectindo a enorme alegria de viver, por vezes excêntrica, que marcaria a sua obra.*¹⁶

Durante a sua estadia naquele estabelecimento de ensino, [...] *onde aproveitava o melhor dos professores*¹⁷ [...], teve os seus primeiros contactos com o mundo laboral artístico quando participou, em 1960 e 1961, nas 23^a e 24^a *Missão Estética de Férias da Academia Nacional de Belas-Artes de Lisboa*¹⁸ em Aveiro e em Beja, dirigidas respectivamente pelo Escultor António Duarte (1912-1998) e pelo Professor Armando de Lucena (1886-1975).

Aos vinte e seis anos de idade, concluído o curso, concorreu e ganhou a um subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian para poder ter um ateliê¹⁹, proporcionado-lhe a mesma instituição uma bolsa²⁰ para frequentar, entre 1963 e 1965, os ateliês *de la Terre et du Feu* da *École Supérieure des Beaux-Arts*, em Paris, (designados normalmente nas suas biografias como a *Académie du Feu*), onde experimentou e assimilou novas estéticas e novas expressões artísticas.

¹³ DUARTE, António, “DORITA” – “Desenho”, *Catálogo da Exposição realizada na Osíris – Galeria Municipal das Caldas da Rainha*, Caldas da Rainha, de 27 de Julho a 22 de Setembro de 1996.

¹⁴ Ver Anexos, *documentos académicos*, pág. 36-doc.2.

¹⁵ Ver Anexos, *documentos académicos*.

¹⁶ PEREIRA, José Fernandes (dir.), “Castel-Branco, Dorita de”, *Dicionário da Escultura Portuguesa*, Ed. Caminho, 2005 p.124.

¹⁷ NAIR, Alexandra, “DORITA DE CASTEL-BRANCO – contra o Dragão”. “Figuras”, *JL - Jornal de Letras*, Lisboa, 5 de Junho de 1996, p.13.

¹⁸ XAVIER, Pedro do Amaral, *Educação Artística no Estado Novo: as Missões Estéticas de Férias e a doutrina das elites artísticas*. http://www.alpha.pt/boletim_e/artigos/Pedro_Xavier.

¹⁹ Ver Anexos, *documentos académicos*, pág. 59-doc.24.

²⁰ Ver Anexos, *documentos académicos*, pág. 60-doc.25,26.

Foi nessa cidade que ... d[eu] aulas de escultura, enquanto estudava, num desses institutos parisienses, a pedido dos próprios professores que lhe reconheciam o mérito e riqueza humana.²¹

Nos princípios dos anos 70 estabeleceu-se definitivamente no ateliê dos Coruchéus (*Rua Alberto de Oliveira – Palácio dos Coruchéus – Atelier N°3 – Lisboa*)²², lugar onde estão situados os ateliês municipais.²³

Foi neste espaço que criou a maior parte da sua obra, sendo através dela que revelou a sua forte personalidade, como pessoa e artista, manifestada até nas suas próprias afirmações, quando refere ... *prefiro ir do que ler nos livros. Sempre foi assim, antes de me mandarem fazer já tinha feito, [...], nunca me contrariam. Quando não vai a bem vai a mal. Fui sempre assim do género eu quero, posso e mando. Fui sempre uma vencedora.*²⁴

De relatos de colegas e amigos muito próximos, (e consideramos colegas aqueles que frequentavam o seu ateliê: aos primeiros a escultora solicitava, por vezes, uma opinião sobre a elaboração de uma forma estética e a todos um simples convívio social), sabemos que Dorita era uma desenhadora compulsiva. Maria Fernanda Carvalho (1939), colega de Dorita de Castel-Branco na Escola António Arroio, em Lisboa, nos anos de 1976 e de 1977, tem o seguinte comentário: *Lembro-me de Dorita sempre a desenhar, até quando estávamos nas reuniões de escola.* Também Francisco de Sousa Neves (1934) recorda que para a amiga e colaboradora *desenhar é um trabalho fundamental para qualquer escultor e Dorita desenhava infatigavelmente.*²⁵

Dorita não tinha por método desenvolver muitos estudos sobre a forma: a escultora esculpia a partir da representação da ideia inicial, utilizando um suporte de papel, para, logo de seguida, exercer directamente o processo formal da construção da obra. Sobre esta faceta do seu trabalho, Francisco Sousa Neves conta que Dorita, *partiu*

²¹ LÁZARO, Ana Margarida, “Dorita Castel-Branco oferece obras à ‘sua’ terra”, *Jornal Correio da Manhã* –, 15 Setembro de 1995, pág. 26.

²² Câmara Municipal de Lisboa; Palácio dos Coruchéus, *Exposição dos Artistas dos ‘Ateliers’ Municipais de Lisboa, LISBOA*, Palácio dos Coruchéus, Março/Abril de 1980.

²³ NAIR, Alexandra, “Dorita de Castel-Branco – contra o Dragão”, “Figuras”, *JL - Jornal de Letras*, Lisboa, 5 de Junho de 1996, p.13: “Aí, o professor Euclides Vaz é uma referência essencial: «ensinou-me a ver. E era muito bom crítico. Ia ao meu atelier muitas vezes. Eu gostava de críticos assim.».

²⁴ RODRIGUES, Jacques, *revista Mulher Moderna*, 1991. pp 6-7.

²⁵ NEVES, Francisco Sousa, “Dorita Castel-Branco”, *Catálogo da Galeria das Artes de Fitares*, Fitares, 1995.

*frequentemente dos desenhos para as esculturas como é normal. Mas eu penso que muitas das suas esculturas lhe serviam para tentar descobrir novas formas, perspectivas e interpretações desenhadas.*²⁶

Este método, que revela tanto a certeza da sua grande capacidade em visualizar as formas e os volumes no espaço, como uma certa ansiedade de carácter, referida por si no breve comentário: “Sempre foi assim, antes de me mandarem já tinha feito!”²⁷, é apontado pelos seus pares mais chegados e, principalmente, pelos seus vizinhos de ateliê, como uma característica determinante da sua personalidade e da sua grande apetência laboral pelo *fazer*, como foi manifesto desde a obra de tese final do Curso de Escultura da ESBAL – a *Mulher Reclinada* – e, depois ao longo da sua carreira artística, sobretudo em alturas de encomendas feita por particulares.

Tomemos, como exemplo, essa primeira obra, Dorita de Castel-Branco tratou o corpo feminino com uma modelação delicada, valorizando-lhe as formas com provocante sensualidade²⁸ e *essa mulher reclinada*, que esteve exposta em local público mas foi retirada porque a consideraram demasiado ousada, episódio descrito por José-Luís Ferreira numa entrevista que fez a Dorita: *...Lembro-me da tua tese, dois escândalos. Uma nudez triunfal de fêmea integral. Um bronze orgástico exposto, num jardim, ao olhar colegial de um director presbiteriano. Quando decoraste e dirigias a galeria OAL, no Monte Estoril..., ao que Dorita acrescenta, ...até fizeram um baixo assinado! Foi há quê? 30 anos!*²⁹

Esta escultura³⁰ de 1962 encontra-se, hoje nos jardins do Palácio dos Coruchéus em Lisboa, e é um bom exemplo do seu trabalho de composição e de tratamento dos volumes pelo modo como valoriza a luz e a sombra, elementos que ajudam o olhar do espectador a modelar as formas.

Outro dado peculiar da artista é a sua grande capacidade de visualizar as formas e os volumes no espaço, capacidade que desenvolveu para suprimir patamares de

²⁶ *Ibid.*

²⁷ *Ibid.*

²⁸ CARVALHO, Luís, *Entrevista a Paulo de Castel-Branco*, Verdizela, Julho de 2010: ... a minha mãe fazia-se representar sempre em qualquer forma feminina pelo apanhar do cabelo em carrapito no alto da cabeça....

²⁹ FERREIRA, José Dias, “A menina dos olhos”, *Agenda Cultural*, Pelouro da Cultura da CML, Agosto 1995, pp. (18-20).

³⁰ Ver Anexos, *documentos académicos*, pág. 54-doc.19; pág. 55-doc.20.

execução, muitas vezes para poupar nos materiais. Dorita não fazia maquetas: esculpia directamente a partir do desenho para a matéria a modelar³¹, como já referimos e, posteriormente, para o molde em gesso, tarefa que também raras vezes foi realizada por outros colaboradores³², sendo quase sempre executada pela própria escultora, por questões financeiras.

A obra desta artista é, no entanto, de grande dimensão, como se poderá verificar pelo documento sobre o seu *curriculum*, apresentado em anexo³³. Realizou 25 exposições individuais e participou em mais de uma centena de exposições colectivas. Na área da escultura, *...marcou a ferro e escopro, quase todos os tribunais do Estado Novo. À entrada, com esculturas [...], e nas salas de grande porte com virtuosas estátuas em bronze...*³⁴, a sua *arte pública* está espalhada por todo o País, mas sobretudo é para Lisboa que mais desenvolve o seu trabalho, sendo da sua autoria o conjunto escultórico dedicado ao *Emigrante Português*, colocada no largo fronteiriço à Estação de Santa Apolónia, obra que analisaremos mais detalhadamente neste trabalho.

Tanto a escultura, como o desenho, traduzem uma linguagem muito pessoal de formas rectilíneas e geométricas. Fernando Pamplona (1909-1989) define-a como... *escultora neo-figurativa, às vezes abstratizante, às vezes de estilização geométrica*³⁵ utilizando materiais como a pedra, embora também os metais, o ferro e o bronze, e, mais modernamente o aço inox e outros materiais³⁶.

³¹ LEITÃO, Fernanda, “Dorita Castel-Branco e o Canto IX dos Lusíadas”, *O Templário*, Nº 1332, Sexta-Feira, 30 de Setembro de 1977. pp 6/7: *[...]essa força física porque trabalhava rudemente como o mais rude dos operários no seu atelier do Palácio dos Coruchéus [...] pega em broquins de 5Kg, carrega mármores, quase parece um faz-tudo nesta terra de não fazer nada...*”; ALVES, Laurinda, “Dorita Castel-Branco (1936-1996) – Morrer de Pé”, *O Independente*, de 27 de Setembro de 1996, p. 63..” *[...]gostava de trabalhar a pulso e não desperdiçava os talentos em mãos alheias. Ela própria moldava o barro que depois haveria de passara gesso para, só então, entregar os seus trabalhos aos fundidores metalúrgicos.*

³² CARVALHO, Luís, Entrevista a Paulo de Castel-Branco, Verdizela, Julho de 2010: *...A empregada de vinte anos de casa, em certas ocasiões, também era transformada em auxiliar de escultura. Chamava-se Lurdinhas.*

³³ Ver Anexos, *documentos académicos*, pág. 62 - doc.27.

³⁴ ALVES, Laurinda, “Dorita Castel-Branco (1936-1996) – Morrer de Pé”, *O Independente*, de 27 de Setembro de 1996, p. 63.

³⁵ PAMPLONA, Fernando de, “Dorita (Dorita de Castel-Branco)”, *Dicionário de Pintura e Escultura Portuguesa*, Ed. Livraria Civilização, Lisboa, 2000, Vol. II, p. 212.

³⁶ PEREIRA, José Fernandes. *Dicionário de Escultura Portuguesa*, Caminho, Lisboa, 2005.

Além do seu trabalho artístico, Dorita de Castel-Branco foi durante 34 anos professora do Ensino Secundário³⁷, inicialmente nos liceus Rainha D. Leonor, D. João de Castro e Maria Amália Vaz de Carvalho e depois nas Escolas Secundárias Patrício Prazeres e António Arroio, (havendo também um documento em que Dorita solicita autorização para leccionar no Ensino particular³⁸), contando-se por muitas centenas, os jovens que, pelas suas mãos entraram no mundo das Artes. Tem com o seu nome uma rua em Albarraque, no Concelho de Sintra, um museu a ela dedicado também em Sintra, e um concurso internacional de medalhística.

Dorita definia-se como pessoa alegre ...*ora agreste ora simplesmente agridoce*. Era muito mundana e de fácil relacionamento, ...*embora selectivo*....Os amigos desempenhavam um papel fundamental na sua vida... *sempre fiz o culto dos amigos. Sempre fui o centro da reunião*... e como refere a Alexandra Nair, quando a questiona sobre... a família, Dorita responde ...*São os amigos[...] os amigos, sempre*.³⁹

Os amigos desempenharam um papel relevante durante toda a sua vida, quer a nível pessoal, em reuniões sociais em sua casa, quer a nível artístico, auxiliando-a quando se encontrava completamente incapacitada.

Interessante é o seu auto-retrato que esculpe, desta vez com palavras para o jornal *Semanário*, de 2 de Agosto de 1986, na rubrica *Um Inquérito quase tudo*, na alínea *I – Intimidades / Costumes Privados*. À questão *Conte como você é*, Dorita de Castel Branco responde: *Alegre e triste, prática e trabalhadora, extremamente asseada, metódica e previdente, sincera e amável. Gosto de fazer as pessoas felizes, tenho dificuldade em estabelecer relações afectivas, auto-crítica severa e também dos outros e com muita precisão*.

³⁷ Ver Anexos, *documentos académicos*, pág. 43 - doc.8.

³⁸ Ver Anexos, *documentos académicos*, pág. 44 - doc.9.

³⁹ NAIR, Alexandra, “Dorita de Castel-Branco – contra o Dragão”, “Figuras”, *JL - Jornal de Letras*, Lisboa, 5 de Junho de 1996, p.13.

1.2 Referências e fontes

*Sei que tenho a noção de grandeza das coisas.
Das pessoas. E dos animais.
Uma escala. Um sentido de relação proporcional.*
Dorita

O caminho de um escultor faz-se por três fases:

- *Aprendizagem;*
- *Maturação;*
- *Consagração;*

O estudo da obra da escultora Dorita de Castel-Branco é um marco fundamental para compreendermos os processos inerentes à sua *aprendizagem*, enquanto aluna de escultura, o sentido dos comportamentos no domínio das experiências plásticas, no desenrolar do período da *maturação* e o resultado da sua própria selecção, no sentido da percepção e entendimento da forma no quadro da experiência escultórica, em ordem à sua *consagração*.

Tal como já referimos, a sua *aprendizagem* é feita na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, entre os anos de 1956 a 1962, no âmbito do próprio processo de ensino praticado e experimentado o qual, segundo juízo da própria Dorita, estava, esgotado, sobretudo nas ideias, nos modelos, nos estilos e nos modos de entender a escultura. Aluna de diferentes professores, conceituados Mestres, que tinham em comum uma formação e prática de ensino, dentro dos padrões académicos mais conservadores, Dorita, confrontou-se com aquele ensino relativamente fechado sobre si, em virtude da defesa dos ideais de racionalidade, numa época de mudança.

Acontece, que a progressiva tomada de consciência de necessidade de procurar um caminho que, era o seu e com o qual ela se identificava, marca o momento de viragem do processo de *aprendizagem* que a conduz ao período de *maturação* numa

vertente experimentalista das vanguardas e no seu direito à livre e espontânea expressão, no domínio formal, técnico e estético, numa tarefa entendida como uma vocação à qual se entrega totalmente.

As influências artísticas e culturais, referenciadas na materialidade da sua obra, têm estado associadas à sua permanência em Paris, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, onde intensificou o contacto directo com as obras de mestres que a sensibilizaram. Em resultado deste procedimento, o seu discurso formal e estético passou a ser por eles influenciado. A leitura da obra que daí adveio levou os críticos de arte a aproximarem-na de outras estéticas ou formas provenientes de regras processuais de um mestre ou decorrentes de um movimento artístico específico.

Ora, neste sentido, julgamos que Dorita procurava incessantemente ultrapassar-se para atingir o objectivo a que se propusera, a saber, o reconhecimento público como escultora e o reconhecimento da sua obra. Portadora de profunda experiência no campo das artes plásticas, são agora as obras realizadas no período de *consagração* que manifestam o seu cunho próprio na autenticidade da forma.

O ensino público da Escultura em Portugal, teve durante muito tempo um cariz clássico, praticado pelos professores/escultores que se inserem no primeiro grupo enunciado na classificação de Fernandes Pereira, pelo menos até à muito ténue reforma concretizada em 1957¹, ano posterior ao ingresso da escultora na ESBAL. Dorita de Castel-Branco como aluna, insere-se neste processo de aprendizagem:

... A escultura portuguesa do século XX pode dividir-se em dois grupos: um primeiro que resulta duma ligação umbilical à encomenda do estado e que se desenvolveu e consagrou uma linguagem monumental, algo repetitiva na sua consagração de heróis da história pátria; um segundo que, a partir dos anos 40, se constitui nas margens do discurso oficial e que representa aventuras pessoais marcadas por um lirismo expressivo e vivencial. O primeiro grupo apresenta uma clara des-sintonia com práticas internacionais repondo o velho problema nacional do desajustamento cronológico; o segundo é marcado por similitudes de linguagem com a escultura internacional, esta descomprometida com as políticas estatais e ganha progressivamente os benefícios de instituições paralelas, da crítica e duma fatia do

¹ CALADO, Margarida, “O Risco Inadiável”, *O Ensino do Desenho, 1836-1987*, Lisboa, ESBAL, 1988.

*público. Mas há uma questão que une estas duas tendências divergentes: a existência duma escultura portuguesa e a possibilidade da sua afirmação internacional.*²

Esta classificação leva-nos a posicionar Dorita no segundo grupo de artistas plásticos, ainda que, quer cronologicamente quer pelo seu percurso artístico, Dorita se distinga por uma prática da modelação, prosseguidora, neste domínio, de uma tradição, como referimos anteriormente, herdada dos seus mestres/professores à época do seu aprendizado³.

Muito embora tivesse sido, ao tempo, um espírito contestatário, porque o era por temperamento, reconhece mais tarde que, com os mestres:

*...Aprendi – e penso que aprendi – a Arte Figurativa. Tive a sorte de aprender a ver o abecedário das formas convencionais. Os truques académicos da técnica. Até mergulhar na elementaridade da forma. Sentidas as estruturas do equilíbrio. A dinâmica e as inércias da aparência. De uma maneira táctil. No contacto directo com os materiais primários. As pedras. Depois – ou quase ao mesmo tempo – passei às idades do cobre, do bronze e do ferro. Uma rota de perseguições até ao aço inox, ao poliéster, ao betão.*⁴

A sua obra vai-se construindo a pulso, com a energia de carácter que a distinguia, e pela força combativa com que enfrentava as contrariedades e as adversidades da vida, intimamente ligada à experiência artística.

O facto de não ter um local apropriado, para esta actividade, nunca a impediu de fazer escultura, como admite: *Quando não tinha ateliê, tinha o lava-loiça da cozinha e a banheira. De manhã a escultura estava na cozinha, à tarde na casa de banho.* E fez questão de dizer: *Nunca disse que não fazia escultura por não ter um local de trabalho. Sempre trabalhei em qualquer sítio.*⁵

² PEREIRA, José Fernandes. *Dicionário de Escultura Portuguesa*, Editrial Caminho, Lisboa, 2005, pág. 262:[...]Com pouca aceitação pública e nula fundamentação teórica, o primeiro abstraccionismo escultórico reduz-se a uma prática minoritária feita principalmente por dois artistas nortenhos, Arlindo rocha e Fernando Fernandes.

³ FERREIRA, José Dias, “A menina dos olhos”, *Agenda Cultural*, Pelouro da Cultura da CML, Lisboa, Agosto 1995, pp. 18-20:[...]Submeti-me ao aprendizado, pois claro. E ao ensino, a seguir. Até hoje!.

⁴ *Ibid.*

⁵ RODRIGUES, Jacques [dir.], *Revista Mulher Moderna*, Lisboa, 1991, pág. 6-7.

Viveu numa época histórica em que a reflexão e a necessidade de mudança era o objectivo da artista plástica, que sentia a necessidade de assumir a sua individualidade no acto criativo, em oposição ao estabelecido ou convencionado. O momento da ruptura moderna para com a tradição, fica explicitada na pergunta que Dias Ferreira lhe faz: *Mas sempre te afirmaste num quadro de ruptura e objecção contestatária ao tradicionalismo do tal-e-qual*, Dorita responde: *Pois foi. Pois é. Tudo quanto é fotográfico, tem uma data a boiar no calendário do efémero*. Esta afirmação mostra como foi contestatária enquanto estudante e é contestatária num período de franca produção artística, não se deixando intimidar pelos desafios: *e eu sempre estive assim...como numa rampa de lançamento. Ou numa catapulta para o não-se-sabe-o-que-é!*⁶

Portadora de conhecimentos, indispensáveis e fundamentais à prática adequada da escultura, Dorita concorre e ganha, em 1963, uma bolsa de estudos concedida pela Fundação Calouste Gulbenkian, para frequentar os *Ateliês da Terra e do Fogo* da *École des Beaux-Arts*, em Paris.

Um texto, retirado do livro *Mulheres Portuguesas*, retrata a atmosfera do ambiente que então se vivia:

*Nos anos 60, Paris era ainda um mundo. [Eram] os tempos em que Picasso, Hemingway, Scott Fitzgerald a tinham habitado, entre a vertigem da boémia e o impulso criativo, [tempos que] ainda não pertenciam completamente ao passado... e em 62/63 Godard film[ou] o Acossado, com Jean-Paul Belmondo e Jean Belmond, todos juventude e inocência, a pedirem à via exorbitâncias de amor e liberdade Françoise Sagan escreve[u] Bonjour Tristesse, nomeando sentimentos e angústias que os jovens portugueses ainda só pressentiam. Este era o tempo em que as independências africanas desafiavam os anacrónicos imperialismos europeus, em que o papa João XXIII convocou o 2º concílio do Vaticano, em que Kennedy anunciava a consagração do sonho americano. Maio de 68 andava já no ventre insondável da história. A arte respondia-lhe, uma vez mais, à letra. O mercado artístico tomou as proporções que hoje se conhecem. A oferta de exposições atingiu um ponto jamais imaginado dos apaixonados diletantes do século XIX... Os candidatos a artistas iam a Paris para receber o baptismo dos grandes horizontes. Ficar em Portugal era pertencer a um meio pequenino, tímido...*⁷

⁶ FERREIRA, José Dias, “A menina dos olhos”, *Agenda Cultural*, Pelouro da Cultura da CML, Agosto 1995, pág. 19.

⁷ MARTINS, Maria João, *Mulheres Portuguesas - Divas, Santas e Demónios*, Assírio Bacelar, 1994, vol.I, pp. 38-40.

Em Paris, Maria das Dores Caldeira Castel-Branco encontra um novo quadro da vida e das mentalidades, intimamente ligado às suas necessidades artísticas e, julgamos, ao seu temperamento. O fascínio pela capital da cultura e das artes, com as transformações provocadas pela industrialização e reflectidas, de modo particular, na Arquitectura e no Urbanismo, bem como as novas tendências artísticas estimuladas pelas novas descobertas científicas e pela descoberta de outras artes realizadas por outros povos, levam a artista a desenvolver uma estética registada no arrojo do seu período de maturação. Julgamos que Paris lhe dá a dimensão do mundo artístico relacionado com a realidade moderna e o confronto com a oferta de novas tecnologias e com a solicitação de novos modos de fazer e entender a escultura. Ao mesmo tempo que assimila estes aspectos, encontra a resposta ou a síntese artística nas obras do romeno Constantin Brancusi (1876-1957) que considera uma das suas influências num dado momento da sua experiência escultórica. Também Alexander Archipenko (1887-1964), escultor ucraniano, naturalizado americano, que *muito admira*⁸ é referenciado como inspirador de um determinado período da actividade escultórica.

Acontece que a estadia de Dorita em Paris coincidia com a morte deste escultor e com o desaparecimento do artista, a sua obra é mais divulgada, através de exposições ou de outros *média* o que levou que Dorita conhecesse com outros detalhes *a sua obra* e, por certo, viveu intensamente esse momento, ficando assim a conhecer melhor a sua obra. Parece-nos legítimo afirmar que desse encontro vivenciado, pudesse resultar maior empatia e tivesse despertado nela pontos de afinidade entre o discurso plástico de Archipenko e sua sensibilidade artística, tão desperta para a novidade.

Neste sentido, outras duas referências da escultura europeia, nomeadamente Jean Arp (1887-1966) e Henry Moore (1898-1986), tê-la-ão igualmente influenciado, evidenciando-se na estética da obra que, então, produzia.

Talvez devido a estas leituras, críticos e intelectuais foram levados a aproximar alguns dos seus trabalhos a outras tendências, estéticas ou formais, provenientes de regras processuais de um mestre ou de um movimento artístico específico.

O método processual, com que cada um daqueles escultores concebeu a sua obra, leva-nos a crer terem constituído um desafio para as suas capacidades artísticas e um estímulo para a formulação de soluções inovadoras para a sua época, nomeadamente

⁸ *Boletim Oficial do Centro Português de Serigrafia*, N.2, Outubro – Novembro – Dezembro88, pág. VI.

as propostas que visam sobretudo a autonomia da forma, a supremacia da estrutura e a exaltação dos valores plásticos dos elementos e dos materiais⁹. Na aquisição desta consciência formal, Dorita realiza uma obra equilibrada através de uma notável clareza expressiva.

Mais tarde, em Agosto de 1995, Dorita explica como aborda o tema e como o trata, numa entrevista concedida ao jornalista Dias Ferreira:

O entrevistador - ... Passaste da escultura homográfica às morfologias abstraccionistas [...]

Dorita - [...]por vezes coexistiam. Foi assim: o entendimento que fiz do retrato contribuiu decisivamente para isso. Passei das habilidades do “tal-e-qual” para a síntese. A minha atenção era sempre atraída para os espaços envolventes. Para além dos cortes e recortes contidos na forma. Como se a forma determinasse percepções que ultrapassam a imagem real. Olha! O pescoço, por exemplo, despe as pessoas. Por dentro..., [...], ...a esta noção[...], a noção de forma/síntese, correspondeu uma nova leitura do espaço. Daí, a criação de “esculturas de ideias abstractas”, tão verdadeiras como o silêncio. Que não pode fazer-se figurar no espaço e constitui, afinal, a sua respiração. Foi uma descoberta empolgante! Daí em diante, deixei que o trabalho me saísse das mãos sem nenhuma vigilância. Só depois da criação, bruta.¹⁰

Estamos em crer que, ao referirmos esta entrevista, apontamos já a importância do discurso directo para a compreensão da sua obra. Apercebemo-nos, por um lado, que na experiência de prática da escultura não existem situações estanques, pois que, muitas das vezes resultam de soluções que a artista vai experimentando. Por outro lado, julgamos importante a referência do processo de entendimento da forma modelada, através da prática do retrato, o qual requer uma linguagem figurativa, de modo a alcançar o que a escultora aplicou de noção de *forma/síntese*.

Também nos parece importante realçar a tomada de consciência de uma outra noção do espaço, exclusivamente escultórico e intimamente ligado à *forma/síntese*, mas

⁹ PEREIRA, José Fernandes (dir.), *Dicionário de Escultura Portuguesa*, Caminho, Lisboa, 2005, pág. 125.

¹⁰ FERREIRA, José Dias, “A menina dos olhos”, *Agenda Cultural*, Pelouro da Cultura da CML, Agosto 1995, pp. 18-20.

privilegiado na sua apreciação porque, tal como afirma... *correspondeu uma nova leitura do espaço*. A descoberta de um outro espaço, para além do que é gerado pela volumetria da forma.

A metodologia que, a partir dessa descoberta, passa a adoptar, torna-se muito importante, uma vez que esclarece sobre o domínio que a escultora tem da forma, da técnica e do material com que trabalha.

Julgamos que o que sobressai dos excertos desta entrevista é a sinceridade do seu percurso, a reflexão sobre o modo como melhor se deveria expressar no que pretendia dizer, acerca da poética das formas. Dorita sempre se manteve atenta ao mundo e às coisas. Da dedicação ao seu trabalho de ateliê, resultaram depois estas e outras descobertas “*empolgantes*”, que se viriam a reflectir na generalidade da sua obra.

É da consciência clara de experiência de vida, que a artista retira o tema que a prática artística trata ao sabor da sua emoção: *Por vezes quis produzir trabalhos figurativos e outros abstractos, porque há coisas abstractas na vida, como o conceito de ‘silêncio’, que frequentemente espelhei no meu trabalho.*¹¹ Contudo, julgamos que o silêncio é um atributo de toda a escultura quando estabelecemos com ela um diálogo. É no confronto da obra de arte com o observador, ou com público, que esse diálogo se estabelece, tanto no domínio da fruição estética, como no que se refere à aquisição:

*...Não gosto de dizer o que são as minhas obras, é melhor serem as pessoas a dizerem-me o que sentem, mesmo as pessoas que se recusam a entender a arte abstracta...a sua incapacidade resulta da falta de contacto. Se virem periodicamente arte abstracta desenvolvem a imaginação. Por exemplo, o silêncio é abstracto.*¹²

Julgamos ter encontrado uma lição, ou antes um recado dirigido aos jovens escultores, no ensinamento: *Eu faço um bom retrato – para fazer abstracto é necessário fazer figurativo a sério. É preciso conhecer a anatomia a fundo. Depois é que vem o abstracto.*¹³

¹¹LÁZARO, Ana Margarida, “Dorita Castel-Branco oferece obras à ‘sua’ terra”, *Jornal Correio da Manhã* – 15 Setembro de 1995, pág. 26.

¹²MARTINS, Maria João, *Mulheres Portuguesas - Divas, Santas e Demónios*, Assírio Bacelar, 1994, vol.I pp. 38-40.

¹³ *Ibid.*

E, uma vez mais, nos reportamos ao Mestre Rodin quando exortava os seus discípulos: *Amai devotamente os mestres que vos precederam...* diz, ainda: *...Assim a tradição vos dá a chave, graças à qual vos podeis evadir da rotina.*¹⁴ Somos levados a acreditar que a escultora nunca caiu na rotina, por duas razões: a primeira, pelo seu temperamento, a segunda, pela necessidade de inovar.

Realizou trabalhos em série, numa perspectiva de abordagem ao domínio da exploração plástica da forma: *Há sempre muitas maneiras de tratar o mesmo tema,* contudo, considera: *mas o estímulo é fazer um trabalho novo.*¹⁵ Na constituição de trabalhos, e na procura de novos discursos, vai realizando a sua obra.

Mas o ofício da escultora obriga-a, por vezes, a desafios, para os quais só o recurso à imaginação não era suficiente, como testemunha: *Posso receber uma encomenda de uma Nossa Senhora. Nessa altura, apesar de não ser religiosa, entro na religião, no misticismo, busco, procuro, estudo. Entro naquela onda e depois crio e faço.* Depois de toda a investigação, do clima emocional que gerou e, estamos em crer, que, a seu modo, vivenciou, interiorizando, essa experiência, então aí, sim, entra a imaginação para recriar o tema: *É claro que faço uma Nossa Senhora de hoje, inserida neste tempo e neste espaço em que eu vivo.*¹⁶ Julgamos que reside nesta atitude, uma consciência da finalidade social da arte.

Todavia, Dorita tem também uma outra concepção da finalidade da obra de arte, quando lhe atribui fins pedagógicos e lamenta o facto de, em Portugal, as esculturas não saírem para as ruas, pois que desse modo: *As pessoas habituavam-se a ter sentido artístico, a conviver com a arte.*¹⁷ Neste sentido, estamos em crer também, o público aprenderia que a volumetria da escultura é para ser tocada, e a finalidade da obra é dirigir-se em primeiro lugar à fruição estética.

A imaginação é uma faculdade de conceber, de inventar, de representar no espírito coisas que não existem na realidade, e, por vezes, de representar de modo visível essas concepções, como fazem, por exemplo os artistas em geral¹⁸, faz parte do

¹⁴ MENDES, Manuel, *Rodin*, ARS Editorial, L. Da/, Lisboa, s/d, Pág.13.

¹⁵ MARTINS, Maria João, *Mulheres Portuguesas - Divas, Santas e Demónios*, Ed. Assírio Bacelar, 1994, vol.I, pp. 38-40.

¹⁶ RODRIGUES, Jacques (dir.), *Revista Mulher Moderna*, Lisboa, 1991, pp. 6-7.

¹⁷ *Ibid.*

¹⁸ AA.VV. Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. 13, Lisboa - Rio de Janeiro, pág.537.

princípio do processo criativo e que, no entanto, a artista considera, ... *não é um dom único e exclusivo. Quanto mais se puxa por ela mais ela surge.*¹⁹ Todavia, este surgimento «exige o estímulo da educação sensorial e intelectual»²⁰. E, no decorrer da conversa, explicita: *Adquire-se com os anos e com muito trabalho esta capacidade de resposta no momento certo.*²¹

Decidida, a sós consigo, mas nunca isolada, foi prosseguindo um caminho, no desejo da autonomia do seu processo construtivo e criativo. A procura da forma nivelada foi desde muito cedo o núcleo basilar das suas reflexões escultóricas.

De um modo geral, Dorita faz um tratamento puramente plástico, desviando-se do que era ornamental, desembaraçando, assim, a escultura dos obstáculos que impedissem uma leitura simples e directa à observação do espectador. Esta prática, no entanto, não a coíbiu de empregar, na sua *nova* linguagem estética, as técnicas e os materiais tradicionais: [...]*Je o que se aplica à pedra não perde sentido – outro sentido – quando o escultor sente a linguagem essencial dos materiais que escolhe para a execução da obra.* Ou, se preferires, diz Dorita em diálogo com José Ferreira: *os materiais cuja linguagem grita a exigência de serem utilizados. Como se estivessem vivos*²². Atentemos nesta citação: *E eles têm vida própria, ou esperam apenas que uma forma lhes seja dada.*²³ Julgamos que este olhar particular, ou este *sentir*, deu origem a um outro percurso do processo criativo da escultora que parte das formas naturais, *seja do corpo humano, seja de formas orgânicas existentes na natureza, para a sua recriação e transmutação em objectos metamorfoseados, volumes geométricos e figuras abstratizantes que retiram o seu sentido das tensões, dinâmicas e expressões daí decorrentes.*²⁴ Esta linha processual, adoptada e desenvolvida pela escultora, já tinha sido utilizada por mestres, como Henry Moore ou Jean Arp, como podemos observar numa citação de Giulio Argan: *O osso que foi limpo pelo tempo e a pedra que a*

¹⁹ RODRIGUES, Jacques (dir.), *Revista Mulher Moderna*, Lisboa, 1991, pp. 6-7.

²⁰ AA.VV. Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. 13, Lisboa - Rio de Janeiro, pág.537.

²¹ FERREIRA, José Dias, “A menina dos olhos”, *Agenda Cultural*, Pelouro da Cultura da CML, Agosto 1995, pp. 18-20.

²² *Ibid.*

²³ *Ibid.*

²⁴ PEREIRA, José Fernandes (dir.), *Dicionário de Escultura Portuguesa*, Caminho, Lisboa, 2005, pág. 125.

corrente limou são as formas arquétipo da mitologia de Moore e, noutro passo, ainda refere que: *a matéria tem a sua própria história, e é ela quem modela e a constitui em forma*²⁵. De tudo o que fica exposto somos levados a concluir que, as fontes são as mesmas, existindo, porém, outros olhares e outros modos de interpretar as formas.

Segundo Dorita diz ter conhecido centenas de países e povos entre os mais longínquos e exóticos. Viajando sempre sozinha, afirmou “*Já fui ao fim do mundo.*”²⁶

Para além das características, do seu carácter, a artista tinha o sentido da oportunidade: *As pessoas não devem esperar pelo momento ideal para fazerem o que querem, devem fazê-lo logo.* E esclarece o seu ponto de vista: *Eu gastava tudo e o pouco que tinha em viagens. Tinha de ir ver. Se estivesse à espera do momento oportuno não saía daqui.*²⁷ Julgamos, terem sido esses horizontes alargados que a estimularam a novas pesquisas e a orientaram no gosto e na prática disciplinada de ateliê.

Dorita Castel-Branco sempre se recusou a aceitar a *colagem*, como testemunha Ana Margarida, reagindo *Com ironia e humor suficiente para quem se considera não influenciada por outras tendências e é ao mesmo tempo ciente das partidas do inconsciente*; julgamos serem estas *partidas*, memórias reminiscentes que a um dado momento surgem, sem que a artista as saiba situar num tempo e num espaço. A propósito, Ana Margarida refere um episódio: *Dorita lembra de uma vez ter visitado um monumento do Antigo Egipto e lá ter encontrado um torso igual às esculturas que costumava fazer numa das suas fases. ‘achei uma delícia’ exclamou! Ana Margarida prossegue: e contente com a comparação, tirou uma fotografia...* Segundo refere ainda: *tal era a comparação que bem podia inserir-se no catálogo de uma exposição...convicta de que afinal já está tudo inventado*²⁸.

No decorrer das viagens, que então, ia fazendo, depara-se com uma outra situação: *a história repetiu-se com outra escultura, que só dois anos depois de a ter*

²⁵ ARGAN, Giulio Carlo, *El Arte Moderno: la época do funcionalismo; La Crisis del Arte como ‘ciência europeia’*, Vol.II, Editor Fernando Torres, Valência, 1976, p. 578.

²⁶ RODRIGUES, Jacques (dir.), *Revista Mulher Moderna*, Lisboa, 1991, pp. 6-7.

²⁷ *Ibid.*

²⁸ LÁZARO, Ana Margarida, “Dorita Castel-Branco oferece obras à ‘sua’ terra”, *Jornal Correio da Manhã – 15 Setembro de 1995, pág. 26.*

concebido se apercebeu que tinha influências egípcias. E quiçá a ‘ÁRVORE DA CRIAÇÃO’, na Sociedade de Autores de Lisboa”, ou ainda, o “JARDIM DAS DELÍCIAS”.²⁹ Parece-nos que para este período é também possível estabelecer afinidades, influências ou reconstituir a memória de uma cultura visual da artista plástica. Na sua prática do *similar*³⁰, ficou demonstrado, de forma inequívoca, que não existe *tabula rasa* nas artes, uma vez que, para lá da obra do artista, existem *outras e outras* mais, realizadas num outro espaço e num outro tempo.

Também para o entendimento do seu modo de interpretar o nivelamento da forma, temos ainda a considerar os novos gostos formados por padrões de diversas etnias, principalmente africanas. A atenção para a arte produzida pelas sociedades tribais (ditas *primitivas*), – e cujas soluções, aparentemente simples, encerravam elevados níveis de complexidade e aspectos estéticos de carácter universalizante – leva os artistas das vanguardas do século XX e, neste caso, os escultores que aderem a esses movimentos, a criarem obras com uma tal economia de meios que se torna particularmente sedutor para o gosto moderno. Essas manifestações da arte, ditas *primitivas* foram consideradas importantes, uma vez que, por um lado os influenciavam, quer directa quer indirectamente e, por outro, os estimulava a construir, através dessa *acção purificadora*, a arte moderna. Vários foram os artistas contemporâneos que seguiram as vanguardas, desde Picasso a Matta, ou Jorge Vieira, em Portugal.

A escultora não só recusou a *colagem*, como já referimos, mas também nunca se assumiu como seguidora de uma, no sentido tradicionalmente alusivo a esta palavra, carreira. Numa atitude de afirmação pessoal, e que nos parece ser muito próprio do seu temperamento, Dorita afirma jamais ter sido “carreirista”, assumindo “ a irreverência como modo próprio *de viver o Tempo*”³¹

²⁹ LÁZARO, Ana Margarida, “Dorita Castel-Branco oferece obras à ‘sua’ terra”, *Jornal Correio da Manhã*, 15 Setembro de 1995, pág. 26.

³⁰: *Como similar entendemos: quando temos duas ou mais coisas (objectos ou pessoas) da mesma natureza, formando parte de uma mesma série. Por exemplo: nós, os humanos somos similares entre nós; as fotografias são similares entre elas; os cachimbos de 1966 são similares entre si, todos dois são falsos, cópias, representação, simulacros, mas também são originais. Falar em similar é afirmar e confirmar uma positividade, uma qualidade, uma igualdade, uma potencialidade recíproca entre os objectos da série (mesmo que estes objectos sejam simulacros). Na similaridade todos são o que são, pura potencialidade (mesmo que seja a potência do falso).* [http://www. DUBITO ERGO SUMxpg.com.br](http://www.DUBITO.ERGO.SUMxpg.com.br).

³¹ MENDES, Manuel, *Rodin*, ARS – Editorial, L. DA/ Lisboa, pág. 7.

Se em verdade a sua obra se fez, como se fez, foi graças ao seguimento dos conselhos que lhe eram dados pelos seus Mestres, que com outros Mestres aprenderam: *Cumpri a vossa tarefa como honestos operários*³². É evidente que o problema central radica no *entendimento do trabalho como força motriz da criação artística, como operação transformadora da matéria por excelência*:

*Vale a pena invocarmos aqui a origem da palavra “ trabalho”, que, em português, surge da palavra francesa ‘travail’ que, a partir do início do séc. XVI significa sempre “ uma obra a fazer”. Esta hipotética obra a realizar, (opus) é sempre o resultado de uma obrigação – por vezes contratual - com um encomendador, mas surge sempre associada à ideia de dor, de esforço.*³³

Parece-nos legítimo, nesta fase da nossa reflexão, falar da longa experiência da angústia que implica “uma obra a fazer”, já não associado ao esforço físico, mas antes à “dor/frustração”, ou ao “esforço” que resulta da impotência, relacionada com a “ideia”, origem da *obra a realizar*.

Estamos em crer que este é o dilema de todo o criador, como claramente expressa o escultor Joaquim Correia: *Mesmo quando parece que a ideia está mais ou menos definida e se pretende passá-la para um esboço, normalmente feito em barro, o escultor trava uma batalha até que comece a sentir que a forma, de certo modo, adquire a definição daquilo que, quer realizar.*³⁴ O dilema que se levanta ao escultor é de dupla natureza, expressando duas realidades, diferentes mas complementares e de resolução diversa: a *ideia*, resolve-se a nível do plano da folha de papel, enquanto a escultura se resolve a nível do tridimensional. São estas duas naturezas que geram a tensão a que um escultor está sujeito quando se propõe realizar um trabalho.

Por vezes, a escultora encontrava, na pausa do trabalho, a solução de problemas que, na altura, tinha dificuldade em resolver. Dadas as circunstâncias, Dorita recorria, frequentemente, a uma metodologia muito pessoal, que entendeu apropriada ao seu processo criativo: *Muitas vezes quando nos ouvimos encontram-nos mais depressa. Se telefono a um amigo e lhe digo que tenho este ou aquele trabalho a executar também*

³² *Ibid.*

³³ SARDO, Delfim, “Escultura e performatividade”, *ArteTeoria, revista do Mestrado em Teorias da Arte* Nº2, Lisboa, FBAUL, pág.84.

³⁴ Carvalho, Maria Fernanda – “Vida e Obra Escultórica de Joaquim Correia” – *Mestrado em Teorias da Arte*, Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, 2002, pág. 158.

*me estou a ouvir, a estimular a minha imaginação para o que tenho de fazer. Depois, ela acaba por me responder.*³⁵ Esta situação reitera a importância e o apreço que Dorita dava e tinha pelos amigos.

Gostava de ser visitada no seu ateliê, e aceitava com bom grado as críticas ao seu trabalho, críticas construtivas, como eram as de Euclides Vaz, seu antigo professor de Belas Artes, que menciona como referência essencial no *modo de ver*. Segundo Dorita, o professor: exercia uma crítica profícua, ao seu trabalho sempre que a visitava no seu atelier: *E era muito crítico. Ia ao meu ateliê, muitas vezes. Eu gostava de críticos assim.*³⁶ Julgamos que, por vezes, acontece que na crítica o interesse que para um artista tem o que faz não colhe sempre correspondência naqueles que o observam. Ora parece-nos ser, justamente, com esta situação que a escultora se deparou, no decurso da sua carreira.

As críticas de ordem pessoal são as que lhe dão uma consciência de si e das suas potencialidades escultóricas. Assim, e retomando o caso dos antigos professores, Dorita relata um dos motivos que, julgamos, ter constituído um peso para a certeza da escolha da sua vocação: *Recordo, que uma vez, o mestre Leopoldo de Almeida disse que eu tinha, no que fazia, “o sentido da monumentalidade”, e calculas quanto essa apreciação me estimulou.*³⁷ Na sequência deste juízo, podemos afirmar também, que em certa medida, parte da sua obra impõe-se pela monumentalidade.

Ainda que não pareça muito vulgar, uma das características da escultora era o desapego que, frequentemente mencionava perante as suas obras, ainda que, o tempo fizesse aumentar a sua admiração por elas, vendo, também de fora com a distância que esse mesmo tempo criava. Quando questionada, sobre este assunto, responde: *Porque?...Nunca fico agarrada às minhas obras e anos depois ainda gosto mais delas, mas vejo-as com outros olhos*³⁸. A experiência, no treino de percepção das formas e a maturidade de experiência escultórica, legitima-lhe o direito de dizer: *Já não*

³⁵ RODRIGUES, Jacques (dir.), *Revista Mulher Moderna*, Lisboa, 1991, pp. 6-7.

³⁶ ALEXANDRA Nair – *Dorita de Castel-Branco Contra o dragão* – *Jornal Letras*. Lisboa, 1996, pág. 13.

³⁷ FERREIRA, José Dias, “A menina dos olhos”, *Agenda Cultural*, Pelouro da Cultura da CML, Agosto 1995, pp. 18-20.

³⁸ RODRIGUES, Jacques (dir.), *Revista Mulher Moderna*, Lisboa, 1991, pp. 6-7.

*fazia a mesma coisa, porque já penso de um modo diferente mas nunca renego as minhas obras.*³⁹ Dorita emprega o verbo *ver*, com o significado que ele implica na competência de um escultor, na prática do exercício artístico. Prática essa que lhe foi ensinada pelos seus Mestres, escola.

Julgamos que nunca é de mais referir a estreita relação que se estabeleceu entre a experiência de vida e a experiência artística, sendo, aliás, este facto reconhecido pela própria escultora: *sei que tenho uma noção de grandeza das coisas. Das pessoas. E dos animais. Um sentido da relação proporcional.*⁴⁰, nesse sentido parece-nos que aí reside a principal qualidade humana que caracterizava a sua personalidade.

Para além dos factos que temos vindo a apontar, cumpre-nos agora atentar nas diferentes motivações teóricas e conceptuais de Dorita de Castel-Branco para a motivação do seu trabalho. Quer-nos parecer que à falta de apetência atribuída aos escultores, facto verificado pelos historiadores de arte, responde sobretudo o desinteresse que segue, ainda, uma tradição enraizada na nossa cultura artística.

Na nossa pesquisa, não encontramos, nem temos conhecimento de registo teórico escrito algum sobre a sua própria obra, nem sequer um simples apontamento sobre a sua própria estética. Esta falha é, segundo Fernandes Pereira, comum a muitos artistas nacionais – salvo algumas excepções – como podemos verificar, lendo um excerto que comenta o panorama nacional:

No século XX a teoria da escultura perde o carácter sistemático dos tratados clássicos...a escassez de textos, situação herdada do século XIX, indicia um domínio do fazer que, em múltiplos escultores, acentua o essencial e exclusivo saber oficinal...nos seus piores momentos, o escultor é e quer ser um tecnólogo auto-satisfeito. A esta crença oficinal acrescenta-se uma outra - o ilimitado desejo de que o génio, em sucessivas aparições, cumpra o seu destino, sobretudo se enquadrado por uma poética que teima em não separar a vida da arte. Por isso, nos tempos recentes a teoria da escultura tem sobretudo um carácter confessional, lírico ou redonda na biografia. Em qualquer dos casos, mais do que apresentar a escultura, o escultor apresenta-se a si própria. A teoria da escultura vai no entanto mudar as suas formas de expressão, e comunicação, (sem anulação dos meios tradicionais), dispersando-se pelo texto

³⁹ RODRIGUES, Jacques (dir.), *Revista Mulher Moderna*, Lisboa, 1991, pp. 6-7.

⁴⁰ FERREIRA, José Dias, “A menina dos olhos”, *Agenda Cultural*, Pelouro da Cultura da CML, Agosto 1995, pp. 18-20.

*jornalístico, sob a forma de depoimento ou entrevista, e pelo texto de catálogo. Em qualquer dos casos, o teor confessional, a exibição retrospectiva e presente da sensibilidade são uma constante. As novas formas de expressão são o modo de atingir públicos mais vastos.*⁴¹

É extremamente curiosa e digna de atenção a forma como Dorita apresenta os motivos que terão impedido a teorização da sua própria obra: *Sou amiga de intelectuais, mas não sou intelectual. Senão, seria uma péssima escultora.*⁴² Julgamos que não terá residido tanto na falta de apetência, mas na entrega e dedicação exclusiva ao ofício escultórico.

⁴¹ PEREIRA, José Fernandes (dir.), *Dicionário de Escultura Portuguesa*, Caminho, Lisboa, 2005, pp. 588-590.

⁴² NAIR, Alexandra, “Dorita de Castel-Branco – contra o Dragão”, “Figuras”, *JL - Jornal de Letras*, Lisboa, 5 de Junho de 1996, p.13.

...Recordo, que uma vez, o mestre Leopoldo de Almeida disse que eu tinha, no que fazia, “ o sentido da monumentalidade” e calculas quanto essa apreciação me estimulou.

Agenda Cultural, Pelouro da Cultura da CML, “ A MENINA DOS OLHOS”, Agosto 1995, pp. 18-19

2.1 Arte pública e monumento

A começar pela sua definição clássica, como ponto de partida para posteriores formulações, pode dizer-se que *espaço público é o território comum onde as pessoas desempenham as actividades funcionais e os rituais que ligam a comunidade, seja durante a rotina diária normal ou durante as festividades periódicas*¹.

A redefinição entre o espaço público e o espaço privado, na cultura ocidental, começa na revolução Francesa. Com este advento, o espaço público alarga-se e invade o espaço privado num acto sem precedentes na história do Ocidente, abalando convicções de uma tradição enraizada. Esta preponderância de um espaço sobre o outro vai-se, no entanto, equilibrando com o tempo sendo constantemente reformulado ou renovado. A definição acima exposta de espaço público tem um carácter marcadamente antropológico em primeiro lugar e depois sociológico. No entanto, é considerada vaga e pouco precisa pela corrente fenomenológica, por exemplo, que considera espaço-público como uma estratificação particularmente cerrada entre *lugar, público, e identidade*.

Debrucemo-nos, num primeiro momento, sobre o termo “espaço” (do latim *spatium*), que se definia como “a distância entre dois pontos ou a área ou volume entre limites determinados”. Se relacionarmos esta acepção terminológica com a de “lugar”(do latim *locus*), entendida como espaço ocupado, localidade, sítio referido a um facto, ambiente ou esfera, teremos que considerar uma terceira definição – a de identidade (do latim escolástico *identitate*) ou “conjunto de elementos próprios e exclusivos que permite saber quem é ou reconhecer uma pessoa.”. Para os gregos, cada ser humano devia edificar a sua identidade pessoal e social, guiando-se por valores cívicos, nomeadamente pela tolerância, valorização e respeito pelas diferenças, de forma a participar activamente na construção do bem comum, vivido num espaço e

¹ ABREU, Guilherme, *Espaço Público e Escultura Pública: para um Estudo Interdisciplinar*, Porto, 2003, p. 1, ” in, AAVV, *Public Space*, Cambridge University Press, USA, 1992; REMESAR, Antoni, (dir.) *Urban Regeneration. A Challenge for Public Art*, Universitat de Barcelona, 1997, p. 20.

lugar partilhados por uma opinião plural ou pública por antítese à opinião pessoal e privada, reservada para o espaço íntimo da sua identidade pessoal ou familiar. Desta forma, a organização dessa estrutura no espaço identificar-se-ia com a da *polis* (entendida como a comunidade organizada, formada pelos cidadãos [no grego *politikos*], isto é, pelos homens nascidos no espaço da Cidade, livres e iguais”), determinaria o funcionamento do espaço público, por oposição ao espaço privado, associado à família e à vida pessoal do indivíduo.

Actualmente, as grandes cidades europeias das últimas décadas, como Barcelona, Berlim e Paris

[...] são cidades que vêm passando por grandes urbanizações [sobretudo] desde as últimas duas décadas do século XX, onde o caos urbano, foi trocado por generosos e concorridos espaços públicos, voltados aos encontros de pessoas e culturas diversas. E este é o mote primordial dessas cidades: o multiculturalismo como fomento de novos espaços e lugares. Efeitos ou não do lado “bom” da globalização, a diversidade e o acesso a outras culturas atrai a cada ano, um número crescente de pessoas a estes novos ‘lugares urbanos’, desfrutando de um grande mix de actividades culturais e de lazer como bares, lojas, restaurantes, teatros, cinemas, museus, eventos religiosos e folclóricos, feiras, fóruns mundiais, etc.²

Esta abordagem remete-nos para a primeira definição de espaço público por nós transcrita no início deste capítulo.

Já num segundo plano de significações, nomeadamente na arte, conhecem-se diversas classificações e os seus vários domínios (temáticos, estilísticos, cronológicos, etc.); estas classificações têm, em geral, um objecto de estudo definido, uma identidade ou uma função específicas. No entanto, classificar a arte como *pública* não nos esclarece facilmente sobre aquilo de que estamos a falar, facto que origina inquirições quanto à sua identidade, à sua função e suscita dúvidas quanto à utilização do próprio conceito “*público*”. Também aqui as diferentes acepções terminológicas não definem com clareza a sua identidade e função.

² DIAS, Fabiano, *O Desafio do espaço público nas cidades do século XXI, VITRUVIUS*, Arquitectos, Ano 6, Junho, São Paulo, Junho 2005.

A novidade e a dúvida surgem relativamente à expressão *Arte Pública* simultaneamente uma manifestação prática antiga e um objecto de estudo. O conceito de *Arte Pública*, começa a ser estudado a partir das décadas de sessenta e setenta do século passado, altura em que as fontes documentais eram escassas e os historiadores e críticos de arte tinham dificuldade em as qualificar, utilizando classificações demasiado académicas e institucionais para formas e linguagens muito diversas entre si, sem o estilo ou tendências formais, materialidade ou características físicas, que identificassem entre si aqueles documentos, como normalmente sucede.

O tema *Arte Pública* é tratado hoje por pesquisadores que desenvolvem trabalho sobre o espaço público urbano e consideram a *Arte pública* um tema trans e inter disciplinar a várias áreas da ciência.

Assim e reportando-nos ao supra referido, podemos definir arte pública como:

...toda a obra concebida para ser instalada em lugar público, mantendo uma presença física nesse meio e desencadeando valores de ordem simbólica, plástica e estética num espaço colectivo...³

Esta definição de *Arte Pública* de cariz ainda tradicional, apresentada pelo binómio arte/objecto, é metamorfoseada pela nova contemporaneidade do conceito da não limitação da edificação física, uma vez que hoje, o conceito de *Arte Pública* não se confina apenas à arte em espaço público e extravasa para o universo do imaginário, quer consciente quer inconsciente, da comunidade que frui e flui diariamente essas representações e que com elas estabelece relações afectivas, sociais ou/e culturais. Poderemos dizer então que a *Arte Pública* está presente e sinaliza as nossas deambulações quotidianas, uma vez que é parte integrante do espaço público.

Actualmente, como desde a Revolução Francesa, os mais diversos discursos e práticas políticas e culturais orientam-se e encontram-se marcados pelo conceito de cidadania, na acepção do termo que deriva da palavra cidade ou conjunto de cidadãos unidos por direitos e deveres, políticos e sociais comuns, partilhando e defendendo um mesmo espaço público, aquele que é, por excelência, o lugar privilegiado e de referência da *Arte Pública* e que consideramos ser, em matéria de arte, aquele que está mais próximo do conceito atrás foi referido. O termo “Cidadania” está também associado a uma ideia de identidade e de função. Podemos aqui usar essas premissas e associá-las à

³ PEREIRA, José Fernandes (dir.), “Arte Pública”, *Dicionário de Escultura Portuguesa*, Caminho, 2005, pág. 53.

Arte Pública, pois existe nela também, essa mesma identidade e função. O termo “identidade” é idêntico ao do conceito mais literal de identidade, associado a qualquer outra realidade individual e colectiva relativamente a um objecto utilitário.

Para construirmos uma cidadania plena que defenda o património, e mais especificamente a *Arte Pública* (do espaço público de que usufrui), deveremos colocar, em primeiro plano, a importância da educação cívica, que permitirá aos co-cidadãos de uma urbe compreender, entre outros aspectos, o espaço de implantação do objecto da *Arte Pública*. Na verdade, a *Arte Pública* é sobretudo uma relação entre arte e comunidade, o diálogo entre arte e observador que, actualmente, se identifica com um diálogo de lenta assimilação, e se deve tornar, através de uma cidadania amplamente vivida, num olhar que se forma verdadeira e paulatinamente e que se sedimenta individualmente na memória colectiva de uma população, particularmente quando estamos a falar de um monumento. Como sabemos o espaço público urbano contemporâneo é um espaço cheio de atracções visuais de grande apelo, mas todas elas têm em comum o facto de serem lidas e interpretadas por códigos que têm um carácter tão efémero, como o da publicidade.

Fortemente codificada é também a escultura pública que, como refere Richard Sennett⁴, se apresenta como um *teatrum mundi*, ou ainda uma cena marcada por uma autoridade, representada por um actor, cujo papel cruza a linha ténue entre realidade e ilusão, baseada na representação de uma linguagem silenciosa e corporal que se identifica com a pantomina, como referia Petrónio em *Satiricon* (c.60). Relacionado com os conceitos de ‘lugar’ e ‘identidade’, a escultura pública assume-se como um espaço simbólico de representação que procura enfatizar a qualidade e valor de uma imagem.

O objecto da *Arte Pública* é, portanto, variado e é incluído na ornamentação em arquitectura, sendo a escultura sua parte integrante tanto nos monumentos comemorativos e religiosos de diversas épocas, quanto no início da Modernidade com encomenda para locais públicos, muitas vezes já sem fins memorativos.

Mais do que a pintura, a escultura em espaço público teve, desde a Antiguidade, a função de manifestar e de veicular publicamente os valores da sociedade que as constrói e utiliza, nomeadamente e de forma privilegiada a escultura monumental, porque a escultura pública tradicional foi sempre antes de tudo “monumental”. A

⁴ SENNETT, Richard, *Flesh and Stone*, Oxford University Press, Norton, Nova Iorque, 1994.

própria palavra ‘monumento’ (do latim *monumentum*) designa ‘monumento comemorativo’, derivando etimologicamente do verbo *monere* que, por sua vez, exprime *uma atenção solicitada, um pensamento virado para o passado, mas também uma advertência para o futuro, uma monição contra o esquecimento*⁵.

Foram os pioneiros do urbanismo moderno, nos finais do século XIX, que teorizaram sobre estas manifestações e consideraram os ornamentos artísticos como elementos necessários às novas urbes, destinados a serem expostos no exterior. Tentava-se assim implementar uma relação prática entre os planos urbanísticos e a inclusão de trabalhos artísticos no desenho urbano, apenas amplamente difundidos e utilizados na Europa a seguir à 2ª Guerra Mundial, e só estudados mais exaustivamente, como referido, a partir dos anos sessenta do século XX.

Sobretudo com as recomendações da Unesco, no âmbito da 11ª reunião realizada em Paris, e com a Carta de Veneza, o conceito de património enquanto monumento histórico, e mais tarde a noção de monumento /narrativa, filho do Iluminismo e da Revolução Francesa, irão transformar esse conceito de monumentalidade, transportando-o para a esfera da contemporaneidade, como se refere no excerto que passamos a transcrever:

*...é aí [no Iluminismo e na Revolução Francesa] que mergulham as raízes de uma concepção moderna de monumento[...]completando, [...]a razão de ser do monumento oitocentista: incorporar e difundir uma dada leitura histórica, tornando-se ao mesmo tempo o suporte e o agente, numa palavra, o meio privilegiado, porque material, da construção de uma narrativa historicamente determinada, como extensão do documento.*⁶

À concepção do monumento como brasão do culto religioso, da transferência áulica ou da excelência senhorial, sucedia-se o conceito de monumento como *construto* racional, e *logo* instrumental, destinado a dourar a história da nação⁷, de um período pós-guerra, como refere José Guilherme de Abreu:

⁵ VALLET, Odon, « les Mots du Monument », in Cahiers de Médiologie, nº 7, Gallimard, 1999, p. 21.

⁶ ABREU, José Guilherme, A problemática do monumento moderno, *Revista da FLUP*, Porto, 2002.

⁷ *Ibid.*

*Um artefacto do passado, que se apresenta como contraponto da modernidade, para dourar com o prestígio e a aura da história[...]isto é, [...] o monumento encerra em si um duplo sentido*⁸:

- Ordem do Visível – enquanto solicitador de atenção ...denota um carácter sensorial

*- Ordem do intencional – enquanto acto de rememoração ou advertência denota um carácter mental [...], transcendental[...]*⁹.

De um ponto de vista formal, o que se passa é que as esculturas-monumento tradicionais, evidentemente figurativas, são “edificadas”, verticais, colocadas sobre pedestais e têm, geralmente, o papel de mediadores entre o local e o signo, sendo, por essa razão, realizadas em materiais nobres e duráveis.

Voltando aos conceitos iniciais de espaço, lugar e identidade, por nós propostos para a leitura do espaço público, cabe referir a posição teórica de Rosalind Krauss:

*...define a monumentalidade a partir do facto da escultura encontrar a sua identidade e o seu sentido no elo semântico que liga objecto propriamente dito (o signo, a representação) ao lugar para o qual este objecto é realizado. É a interacção entre o objecto físico e o lugar que dá à escultura a sua significação e o seu carácter de monumentalidade. Este carácter monumental junta-se sempre, com uma função pedagógica específica da escultura: A explicitação dos valores da sociedade, homens célebres e acontecimentos históricos que servem de modelo ou de revelação. As principais características da escultura tradicional são, portanto, o registo da representação, a monumentalidade, a elaboração das obras segundo princípios racionais.*¹⁰.

⁸ *Ibid.*

⁹ *Ibid.*

¹⁰ KRAUSS, Rosalind, *Passages, une histoire de la sculpture de Rodin à Smithson* (traduit de l'américain par Claire Brunet), Paris: éd. Macula, 1997. Todos conceitos apresentados referentes à relação de lugar (monumentalidade para a escultura tradicional, *Nómada* para a escultura modernista, questão do local para a “escultura” pós-modernista) foram propostos por esta teorizadora nesta obra.

Com Rodin, a escultura monumental implantada em espaço público desce do pedestal (plinto) e começa a ser visualizada ao nível do espectador, para que, deste modo, o monumento possa ser partilhado pelos receptores e a essência da mensagem vivenciada no espaço do público.

O *modernismo* do início do século XX rompe com uma tradição da escultura, nomeadamente enquanto modo de representação, de monumentalidade e do próprio conceito tradicional de Grande Arte, uma vez que a escultura a partir deste momento se torna fundamentalmente abstracta.

Do ponto de vista formal, a obra moderna desfez-se do pedestal e da convenção da verticalidade, apesar de a escultura (com excepção da dadaísta e modernamente a de 3D) conservar a função de objecto, destinado a ser pensado e interpretado.

A dissociação do estatuto da arte e do artista relativamente ao conceito de espaço público entendido, até ao século XX, como uma *Ágora* grega – espaço que se assumia como o lugar onde a arte tinha estabelecido uma mediação entre o encomendador e o público na construção de uma identidade social e política específica e fundamental na governação da *polis* – e a valorização estética da arte alicerçada numa *dessacralização* progressiva das obras, são o pano de fundo que explicam a autonomia da arte e mais especificamente da escultura.

Os diferentes ‘ismos’ da arte moderna provocam o público, propondo-lhe uma maior interacção com a obra de arte. O objecto passa, como refere Roland Barthes, a ser “a assinatura do homem no mundo” – a sua identidade, questionando o próprio pedestal que se transforma num corpo estranho. Normalmente objectos do quotidiano, como são os de Marcel Duchamp, tornam-se o próprio conceito que se veicula *per si*, ignorando o espaço herdado dos períodos anteriores.¹¹

Posteriormente, já nos anos 50 e nas décadas seguintes do século XX, nomeadamente com os movimentos da *Land Art* e da *Minimal Art*, há a necessidade de introduzir de novo o conceito de público, no sentido colectivo e social no interior da

¹¹ GREENBERG, Clement, “La Nouvelle sculpture”, *Art et culture*, (traduit de l'américain par Ann Hindry), Paris: éd. Macula, 1988, p. 154).: [...] *uma obra de arte modernista deve, em princípio, tentar evitar depender de toda forma de experiência que não esteja estreitamente circunscrita na natureza de seu registo. Isto quer dizer, entre outras coisas, que é preciso renunciar à ilusão e à toda relação explícita com o mundo. As artes devem atingir o concreto e a “pureza”, proibindo de tratar aquilo que não releva apenas a sua identidade distinta e irreduzível.*

linguagem escultórica. Para Robert Morris ou Robert Smithson, dois dos precursores da *Land Art*, este é um processo paralelo para a reconciliação do público com o conceito de monumento, ambos intimamente ligados à prática da escultura em espaços públicos.

A articulação da escultura com a vida/sociedade potenciou novas acepções e um novo entendimento sobre a obra de arte, tornando-a indissociável de um público “engajado e participativo”. Banido do seu lugar de espectador, a identidade da obra passa a ser reconhecida e veiculada pelo público, quando este questiona e se envolve enquanto cidadão de uma *Ágora* de que é elemento activo.

Neste sentido, a importância do espaço público deve ser responsabilmente criada e traçada na urbe, devendo o processo de construção física e mental de cada espaço do território ser estrategicamente investigado, pensado e apresentado sob forma operativa tanto na área do Planeamento como na da salvaguarda do Património e Identidade.

Tradicionalmente considera-se que, em Portugal, a arte exposta em espaço público, nasce com o grande projecto monumental da Praça do Comércio, tido como o primeiro grande espaço público moderno, em território nacional. Tendo em conta a teorização sobre arte pública apresentada neste capítulo, poderemos considerar que quando os investigadores falaram de arte utilizaram este termo na acepção de escultura, uma vez que foi efectivamente uma primeira manifestação escultórica, a estátua equestre de D. José I na Praça do Comércio. No entanto, e a nosso ver, a arte pública manifesta-se, no nosso país, a partir do momento em que a arquitectura é entendida como um lugar de identidade, pública ou privada, a ser usufruída por um público restrito ou colectivo, como forma de propaganda e com o intuito de exercer, de alguma forma, poder sobre o observador.

Sem entrarmos na análise da obra, objecto do capítulo seguinte, poderemos, afirmar, e como refere Guilherme de Abreu, citando Aldo Rossi que, quando se trata de um monumento, devemos ter presentes três factores de análise:

Que sejam[...]dirigidos ao bem público, colocados oportunamente, constituídos segundo as leis da conveniência. No que respeita à conveniência da construção dos monumentos, aqui mais não se pode dizer em geral, excepto que sejam significativos e expressivos, com uma construção simples, com inscrições claras e breves, a fim de que ao mais breve olhar produzam o efeito para que foram construídos. Por outras palavras, podemos dizer que, se no diz respeito à natureza do monumento mais não podemos dizer do que uma tautologia, um monumento é um monumento. Podemos, no entanto, estabelecer condições aos limites que, embora não se pronunciando sobre a natureza do monumento lhe iluminam as características tipológicas e

*compositivas. Estas características são ainda em grande parte da natureza urbana; mas além, disso, condições da arquitectura, isto é, do compor*¹².

Acrescentamos ainda que a qualidade monumental está inequivocamente associada à nossa história de vida enquanto cidadãos e é condição sine-qua-non da construção do qual se constitui, por isso, a partir do processo dinâmico tripartido entre sociedade, espaço e tempo, sendo o espaço público e a escultura pública referência e identificação de cada lugar desse território.

Sem consciência histórica da narratividade e da memória construída do lugar em que vive, o sujeito reconstrói-o, porque não lhe encontrou a identidade territorial que lhe é essencial como marca da sua vivência enquanto ‘espaço ocupado’: reconstitui-o para que o possa reconhecer e dele ter uma sensação de pertença.

Cabe, portanto, ao poder político a responsabilidade de criar as estruturas que tornem possível manter viva a memória da identidade urbana de cada lugar, sem que, para isso, tenha de exercer ou coagir o indivíduo que dela usufrui a vivê-la. A colectivização das experiências individuais e o reconhecimento das nossas vivências passadas, numa sociedade cada vez mais globalizada, devem ser criteriosamente propostas pelo poder público, de forma a que a cidadania se identifique com o sentido de pertença a um lugar, sentido de pertença esse que passará indubitavelmente pela construção colectiva e participada do território urbano, nele incluindo o espaço público e a escultura pública.

¹² ABREU, José Guilherme, *A problemática do monumento moderno*, Revista da FLUP, Porto, 2002. Pág. 8.

2.2 Análise do monumento

- a. - Breve ficha técnica.**
- b. – Enquadramento da temática da emigração.**
- c. - Contextualização histórica e artística da obra.**
- d. - A encomenda.**
- e. - Escultura ao emigrante - análise de valores formais.**
- f. - Análise do conteúdo social da obra.**
- g. - Integração do monumento e a sua envolvente.**

a. Ficha técnica

- **Nome:** “Aos Emigrantes Portugueses”
- **Autor:** Escultora Dorita de Castel-Branco
- **Ano de construção:** 1981 - Placa informativa aposta na parte inferior poente da escultura, com o seguinte texto:

“A construção deste monumento foi iniciativa do semanário O Tempo, tendo sido inaugurada a 10 de Junho de 1981, no dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas”.

- **Financiamento:** Para além dos emigrantes, a escultura de Dorita de Castel-Branco foi realizada com as contribuições das seguintes identidades:

A Secretaria de Estado da Emigração e das Comunidades Portuguesas, o Governo Regional da Madeira, a Câmara Municipal de Lisboa, o Banco Nacional Ultramarino, o Banco Franco-Portugais, o Banco Português do Atlântico, o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, o Banco Pinto & Souto Mayor, o Banco Borges & Irmão, a União de Bancos Portugueses, a Joframa, a Companhia de Seguros Império, a Companhia de Seguros Tranquilidade, a Varig – Linhas Aéreas do Brasil, as Organizações Hoteleiras Fernando Barata, a Grafiexport - “Tempo internacional” Júlio Barros Evangelista - “A severa”- o Comendador Dr. Joaquim Morais Alves, a Associação Promotora de Instrução dos Macaenses, o Clube Instrutivo e Social Português, - NJ Califórnia.”

- **Material:** Bronze e pedra (granito branco)
- **Área total:**

Área da escultura: dimensões (em LGB) 340x138x217 = +/- 10,10 m³

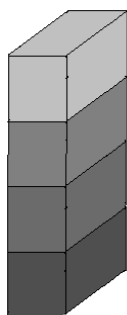


Figura A

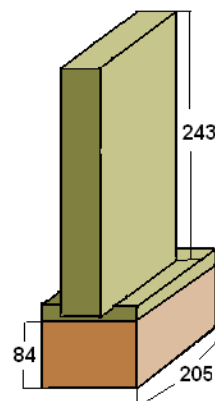
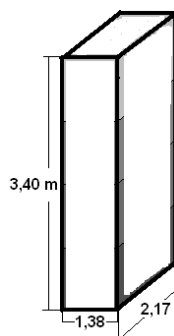


Figura B

- **Tipo de contratação para a execução da escultura:** regime alogerado
- **Fundidor:** Fernando Lage, Porto¹

b. Enquadramento da temática da emigração

A obra, cujo título é *Homenagem ao Emigrante Português*, simboliza o momento da partida, a viagem iniciática percorrida pelas gentes portuguesas – os emigrantes – que viajavam no *Sud-Express* e partiam de Santa Apolónia para o ‘mundo’.

A emigração é um fenómeno recorrente no nosso país. O navio que tinha sido o meio de transporte usado pelos emigrantes até à última década dos anos 50 do século passado foi substituído pelos caminhos-de-ferro, uma vez que o percurso deixou de se dirigir para ‘os novos mundos’ para se voltar para a ‘velha Europa’. Para a América do Norte ou do Sul, a Oeste de Portugal só havia o mar; o piso firme, por onde andam os caminhos-de-ferro, está para Leste, seguindo para o coração da Europa.

A Cultura Portuguesa afirmou-se no encontro com outras culturas, tendo contribuído para essa integração a figura do emigrante, nomeadamente aquele que partiu em direcção à Europa, e que marcou a memória do nosso país entre os anos 50 a 80, vendo fugir as gerações mais novas não só pelo pão, mas também pela liberdade, na fuga à repressão.

Entrevistado por Alexandra Lucas Coelho do *Público*, o historiador António Espanha referiu-se especificamente sobre quem somos como povo e que país fazemos:

Ousados somos nós várias vezes (...) Ousados foram emigrantes portugueses dos anos 60 que saíam daqui para Paris sem saber uma palavra de francês, iam a salto. (...) Uma ousadia de milhares e milhares, envolvendo mais gente do que no período áureo dos Descobrimentos. Qual a diferença entre as duas ousadias? Uma deu visibilidade, do ponto de vista mundial, trouxe riqueza e fama. A outra trouxe também riqueza, mas aos bocadinhos, repartidos pelos pobres.²

¹ ROCHA, Nuno [dir.] Semanário TEMPO, Lisboa, 7 de Maio de 1981, pág.36.

² COELHO, Alexandra Lucas, Revista *Pública*, Maio de 2006.

Independentemente da sua plena integração nas sociedades onde encontraram acolhimento, diversas comunidades de portugueses e luso-descendentes, em várias partes do Mundo, manifestam de modo crescente a consciência de serem reconhecidas as suas raízes portuguesas no país de origem.

Em 2006, o programa televisivo da RTP, que os jornalistas Fernanda Bizarro, Paulo Costa e Jacinto Godinho (1949) apresentaram, a partir de testemunhos de investigadores e professores especialistas sobre a História da Emigração Portuguesa dos anos sessenta, a que chamou “Ei-los Que Partem – A Sangria da Pátria”³, retrata a situação política, social e económica da época, traçando o percurso (...) desses homens e dessas mulheres a que o jornal francês *Le Monde* chamou *les soutiers de l’Europe* – (os homens do porão da Europa).

Também Dorita de Castel-Branco, vai para Paris em 1963, e apercebendo-se daquela mole portuguesa invisível que transformava a paisagem humana daquela capital e que neste período de fim de século era ainda considerada o centro da cultura europeia contemporânea; a escultora questiona e analisa esta temática, apresentando a sua visão na arte escultórica, nomeadamente o modo como se manifestava a invisibilidade dos emigrantes com quem se cruzava quotidianamente.

A ausência ou incipiente expressão pública das manifestações culturais portuguesas, quer de natureza antropológica, quer de produção cultural autónoma, que se realizavam nessas e por essas comunidades que se constituíam nos bairros sociais - os ditos HLM (*Habitation Loyer Moyen*) que eram considerados como ilhas ou *guettos* na trama social francesa -, devotava os emigrantes portugueses a essa condição de invisibilidade que contrastava com o núcleo restrito de portugueses que, vivendo na Casa de Portugal com uma bolsa de Fundação Calouste Gulbenkian, se afirmava como a outra ilha da visibilidade da vida e prática cultural artística portuguesa.

³ www.tv.rtp.pt/wportal/press, BIZARRO, Fernando, COSTA, Paulo, GODINHO, Jacinto, RTP; “Ei-los que partem”, *História da Emigração portuguesa – Uma série documental que nos obriga a reflectir sobre a nossa identidade e o nosso lugar no mundo*, Lisboa, 2006. A RTP ouviu os protagonistas da História e também historiadores e investigadores que estudaram aquela a que o Prof. Eduardo Lourenço chama “a verdadeira Epopeia dos Portugueses”. Além do próprio Eduardo Lourenço, “A Sangria da Pátria” inclui depoimentos de Irene Pimentel, que tem investigado os Arquivos de Salazar, Victor Pereira com uma tese de doutoramento sobre a emigração no Estado Novo, Albano Cordeiro, Coordenador do Departamento de Sociologia da Imigração na Sorbonne, Marie-Christine Volovitch-Tavares historiadora e Coordenadora da secção portuguesa do Museu da Imigração que abrirá em breve as suas portas em Paris e ainda Juliette Mínces, autora de várias obras sobre a imigração portuguesa em França e o trabalho.

Depois dos primeiros dois anos pós-1974, em que a cultura portuguesa viveu um período muito conturbado, no final dos anos setenta, princípio dos 80, privilegiou-se a vontade portuguesa de “importar” a cultura europeia e de a divulgar à sociedade portuguesa. Nessa década de 80, a Fundação Calouste Gulbenkian abre o Centro de Arte Moderna e o promove o Festival Acarte, iniciativas que proporcionariam aos artistas portugueses caminhos inovadores de produção contemporânea nas artes plásticas e performativas.

Nesse mesmo período ainda, assiste-se a um movimento massivo do querer ser moderno e europeu, sendo que esse conceito associado ao de modernidade se apresentava como veículo da “estética da transitoriedade e da imanência” de um novo conceito de vanguarda⁴, que marcaria os processos criativos da arte, cujos aspectos mais relevantes se alicerçaram no conflito entre tradição e modernidade: nos processos de citação, paródia e montagem; na ambivalência e crítica da função representacional e em encenações da questão mimética; e na arte da crise; limites e perversão da linguagem e do sujeito.

É neste ambiente cultural e nesta nova realidade sociológica que Dorita de Castel-Branco propõe uma nova visibilidade para a anterior invisibilidade da emigração que assume um papel importantíssimo, também a nível político, social e económico, na construção da sociedade portuguesa.

Em 1981, a “Homenagem aos Emigrantes Portugueses”, aproxima as comunidades emigrantes do seu ‘lugar’ de origem, constituindo-se a escultura pública como o elo de integração e de inserção social, que dignificaria a identidade do Emigrante Português tanto de forma endógena, um factor de orgulho para quem partiu

⁴ CALINESCU MATEI, *Five faces of Modernity*, Duke University Press, Indiana University, Dez 1987: Na procura de uma definição mais ou menos conforme com essa mitificação romântica das vanguardas é possível recorrer a Matei Calinescu, que no seu livro *Five Faces of Modernity* constrói um percurso possível da ideia de vanguarda, começando exactamente pelas suas óbvias implicações militares, que afirma permitirem de imediato uma primeira abordagem: “[...] um agudo sentido de militância, uma glorificação do não-conformismo, uma corajosa exploração precursora, e , num plano mais geral, uma confiança na vitória da imanência e do tempo sobre as tradições que tentam aparecer como eternas, imutáveis e transcendentalmente determinadas” (p.95). Essas transgressões, muitas vezes colocadas num plano puramente utópico, deram-se em diversos domínios, do político ao estético. De facto, não é possível pensar as vanguardas estéticas sem reflectir sobre as várias partilhas destas com as movimentações políticas mais radicais. Há com certeza fricções fortes entre as duas, principalmente porque as primeiras reclamam um potencial revolucionário independente, enquanto as últimas procuram muitas vezes instrumentalizar esse mesmo potencial, mas “ambas partem da mesma premissa: a vida deve ser radicalmente alterada” (p.104).

do país por falta de condições económicas e vê reconhecido o seu esforço, como de forma exógena, na requalificação da imagem do Emigrante Português aquém-fronteiras.

A actualidade desta obra de Dorita de Castel-Branco torna-se, no entanto, atemporal, sobretudo, porque ainda hoje os fenómenos migrantes – de imigração e de emigração - são uma constante nas gerações mais novas que procuram melhores condições de vida e um futuro próspero em outros países.

Esta temática deve merecer-nos particular atenção e interesse, pensando nós o que é Ser Português e Europeu, numa cidade cosmopolita e multicultural como é Lisboa que mantém a sua vertente de corredor permanente de migrações. Num plano mais genérico, é importante relembrar também que o monumento criado representa hoje, em pleno século XXI, uma nova realidade sociológica: a invisibilidade evidente de que são objecto os novos imigrantes de África, do Brasil e dos Países de Leste, situação que se enfatiza pela ausência de uma estrutura que lhes permita a possibilidade de poderem manifestar, em harmonia com a cultura local, expressões da sua cultura de origem.

c. Contextualização histórica e artística da obra

Para se ler, analisar e interpretar uma obra de arte é preciso conhecê-la no período do seu passado próximo ou remoto, procurando a sua identidade, explicação e compreensão seu contexto espaço-temporal. A obra de arte é, enquanto produto da criação artística do homem, um testemunho histórico, portadora de toda a informação técnica, material e formal da época que a viu nascer, sendo, simultaneamente, o reflexo da mentalidade e das potencialidades da sociedade que a produziu, ou em cujo contexto ela foi criada. Mas esta perspectiva de leitura só se completa se considerarmos a sua dimensão de objecto estético, uma vez que a obra inclui sempre essa dualidade complementar.

A escultura, em particular, pela sua natureza específica, é uma estrutura com forma objectiva que se realiza no espaço a três dimensões.

Neste sentido, suporte físico da obra *Homenagem ao Emigrante Português* informa-nos sobre:

- O material usado
- A técnica
- A linguagem artística
- O tema
- A data em que a escultura foi inaugurada
- A autora
- Os encomendadores

Para conceber e realizar esta **Homenagem ao Emigrante Português**, Dorita deu-nos a conhecer a sua personalidade artística e a realidade social que, à época, se vivia em Portugal. A nós, na qualidade de espectador/estudante, cabe-nos observar e ler a escultura, potenciada pela recolha das informações de que ela é portadora.

A artista partiu primeiro da ideia, passou, em seguida, para a matéria, que lhe dará a forma e a expressão únicas de acordo com o projecto artístico definido, a partir da metodologia aplicada à concepção e à materialização da escultura, como já explicitado, sendo importante referir que estas três fases intervenientes na produção estão intimamente ligadas, porquanto, ao acto de concepção da escultura, vem já associado o material a usar, a técnica a aplicar e o aspecto formal expressivo.

Assim, na análise feita ao *monumento* podemos saber que o material final usado é o bronze, o material considerado nobre pelos escultores, por nele se poder receber toda a impressão produzida na modelação do barro no acto da feitura, e o objecto artístico passando a ter a relevância de um objecto/documento de dois períodos cronológicos da História da nossa sociedade e da vida pessoal e artística da autora da obra.

Em Portugal, a cultura artística, e em especial as artes plásticas e as artes performativas, que decorrem do 25 de Abril até ao fim do século XX, podem enquadrar-se em três grandes ciclos: um primeiro ciclo que corresponde ao período entre a Revolução de Abril e o final da década de 70, um segundo ciclo referente aos anos 80 e até à entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia (1986) e, finalmente, o final da década de 80 e 90.

Em 1976, com o I Governo Constitucional, ‘os militares regressam aos quartéis’ e os intelectuais e artistas reivindicam a sua participação nos poderes de decisão, mas só em 1979 o IV Governo provisório governamentaliza a cultura, respondendo a essa reivindicação da comunidade intelectual e artística.

O jornal semanário *O Tempo*, que lançou e geriu a iniciativa de criar um *Monumento* em homenagem aos emigrantes portugueses, é, à época, um órgão de comunicação social conotado com uma linha de orientação conservadora, um órgão informativo reaccionário na conjuntura política vigente até às eleições de 1979, mas que encontrou semelhanças ideológicas com a governação posterior⁵.

A Europa torna-se exemplar no que diz respeito à natureza das obras, das criações, dos estilos e até dos mecanismos de produção de circulação e de gestão. O aparecimento de programas e projectos culturais começam timidamente a ser apoiadas pelas Câmaras, permitindo uma consolidação e exposição do trabalho produzido pelos artistas nacionais, sobretudo daqueles que olharam para a Europa Ocidental e para a sua produção artística. Nos anos 80 Portugal quer ter uma produção internacionalizada, porque continuava a querer desesperadamente ser moderno.

Acreditamos, por isso, que ao tomar a iniciativa de erigir este monumento comemorativo de homenagem ao emigrante, procurava, por um lado, assumir uma identidade nacional que se confunde, por vezes, com atitudes patrióticas de cariz nacionalista, acusando por outro, ainda a fragilidade criativa, fruto da geração dos artistas espontâneos e ‘desgovernados’, e de uma reacção à excessiva politização dos anos 70, a seguir à revolução de 74.

A Europa suscitava sentimentos ambíguos de deslumbramento e de retracção face às ‘culturas lá de fora’. E esta dualidade vai ao encontro do tema da obra de Dorita de Castel-Branco, porque a Homenagem aos Emigrantes Portugueses espelha bem este conflito. O tema da emigração ganha um protagonismo nunca anteriormente visto, sustentado na condição humana dos homenageados, cuja presença nos países de acolhimento se assumia como a imagem da nossa internacionalização que se pretendia renovada e reconhecida pela sua dimensão também europeia e moderna.

⁵ <http://www.portugal.gov.pt/pt/GC06/Pages/Inicio.aspx>: ...O VI Governo Constitucional tomou posse a 3 de Janeiro de 1980, sendo constituído pela coligação eleitoral formada pelo Partido Social-Democrata, o Centro Democrático Social e o Partido Popular Monárquico, com base nos resultados das eleições de 2 de Dezembro de 1979. Terminou o seu mandato a 9 de Janeiro de 1981, na sequência do falecimento do Primeiro-Ministro, em 4 de Dezembro de 1980.

A escultura pública de Dorita de Castel-Branco representa, por um lado, a carência e sobrevivência relacionadas com as políticas sociais desastrosas ou inexistentes no país, que impulsionam o emigrante a partir. Por outro, no entanto, estão razões sociológicas relacionadas com a mudança, o medo da transformação do lugar de origem, o não domínio da evolução do espaço/tempo de um espaço que se transforma, e como não acompanhando o quotidiano dessa mudança para esse emigrante, o espaço se mantém-se um espaço/tempo da infância e de memórias e, portanto, de identidade nacional.

Também sintomático desta situação é o facto pouco usual de, para além do nome da autora, da data da inauguração e do nome da cidade, figurar igualmente inscrito no pedestal da escultura os encomendadores da obra e a intencionalidade da encomenda, entidades que se encontram implementadas nos países de acolhimento desses emigrantes, directamente envolvidas com essas comunidades emigrantes. É com a consciência de uma dívida nacional enorme para com as comunidades portuguesas, que o *Tempo - edição internacional*, o jornal de maior implantação entre as colónias de portugueses no estrangeiro e semanário *Liberal e Independente*⁶, toma a iniciativa de encomendar um monumento em homenagem ao português emigrante.

d. A encomenda

A progressiva prosperidade económica garantida pelo Plano Marshall no período pós Segunda Guerra Mundial leva Charles de Gaulle e o seu ministro da Cultura André Malraux a construir, no final da década de 50 do século XX, uma relação de equilíbrio e de complementaridade entre Arte e Política, Cultura e Estado.

A emergência de uma classe média economicamente disponível para novas práticas de consumo e de lazer conduziria a uma sucessiva socialização do fenómeno cultural e construção de projectos concebidos segundo uma nova lógica curatorial. A década de 80 é marcada pela constituição de sistemas mais conservadores,

⁶ ROCHA, Nuno (dir.), semanário *TEMPO* – edição internacional, nº 304

nomeadamente o *Thatcherismo* e o *Reaganismo*, defensores da privatização dos meios de produção e de difusão cultural.

Em Portugal, a Secretaria de Estado da Cultura, reformada em Abril de 1980, criaria política e institucionalmente a regionalização da cultura, mas essa nova legislação quase não foi regulamentada e levada à prática, mantendo-se o sistema, entre o período de 1980 e 1982, apesar de todos os compromissos assumidos por Vasco Pulido Valente (1980/1981) e de Brás Teixeira (1981).

Seguindo muito de perto a política cultural francesa de François Mitterrand, e do novo ministro da Cultura Jack Lang, que reconverte as políticas de Malraux em sistemas turístico-culturais apoiados por fundações e bancos privados que apostam em espaços autónomos de divulgação. Essas parcerias, beneficiariam fiscalmente estes últimos. Portugal vai criar ainda, nos últimos anos da década de 80, uma política cultural estatal, apoiando-se em grandes empresas público-privadas ou privadas para encontrar financiamento, nomeadamente para os seus maiores eventos de internacionalização da nossa identidade nacional. Falamos, por exemplo, da XVII Exposição Europeia de Arte, ciência e Cultura, que ocorreu em 1983, antes da entrada em vigor da Lei do Mecenato portuguesa, institucionalmente praticada a partir de Agosto de 1985.

A questão do financiamento privado da Cultura, em geral, e do mecenato tradicionalmente sob a alçada do Estado, em particular, reveste-se de maior acuidade para o nosso trabalho de investigação, uma vez que o financiamento da obra escultórica de Dorita de Castel-Branco antecede a própria lei de 1985, sendo financiada por empresas-mecenas públicas, público-privadas e privadas.

A 10 de Junho de 1981, e coincidindo com o último dia do *Primeiro Encontro das Comunidades Portuguesas*⁷, Dorita inaugura um monumento aos emigrantes no Largo fronteiriço a Santa Apolónia e outro, meses mais tarde, em Macau. Em ambos os casos, o mecenato cultural das empresas atrás mencionadas⁸ adquire nesta e para esta obra a verdadeira actualidade cultural e a sua ressonância política.⁹

⁷ MOTA, Rui, *Regresso ao País de Origem e Cultura e Ensino da Língua Portuguesa*, I Congresso das Comunidades Portuguesas: Encontros Preparatórios, Lisboa, 1981.

⁸ RODRIGUES DA COSTA, Adelino, *Módulos de Comunicação Empresarial*, Lisboa, 1994: ...*O Mecenato procura essencialmente valorizar a imagem institucional da empresa, enquanto o Patrocínio tem associada a promoção do produto, e até o apelo implícito ao consumo...* DAMBRON, Patrick, *Mécénat et Sponsoring, La Communication*, Paris, Les Éditions d'Organisation, 1993: ...*Kumiko*

*Trata-se, indubitavelmente de uma homenagem merecida e inadiável e de uma consagração imorredoura à odisseia do Emigrante Português, em especial no século XX, a quem o País deve tanto...*¹⁰, ou como lembrou o Primeiro-ministro da época, Francisco Pinto Balsemão, que continuou a explicação referindo que *Os emigrantes não podem ser encarados somente como fonte de receita...*¹¹.

Podemos recordar aqui que as remessas¹² dos emigrantes sempre constituíram uma fonte de riqueza importante para Portugal¹³. Decorrente, por um lado, das implicações de cidadania europeia, implícitas no texto da Adesão Europeia à CEE e, por outro, da importância político-social e económica que estes emigrantes tiveram desde sempre no país de residência, o termo ‘emigrante’, passou a ser considerado pejorativo, sendo substituído, em 1987, pelo de *residente em comunidades estrangeiras*.

A escolha da data de inauguração revela também essa mesma reabilitação do ‘antigo emigrante’. O reflexo contra-revolucionário dos anos 80, já referido, e a normalização democrática tiveram um grande impacto na diáspora e nas próprias associações representativas, que assumiram uma nova identidade, valorizando o seu papel interventivo de cidadania na comunidade onde reside e em Portugal para onde enviam periodicamente receitas. São agentes e actores que elegeriam o seu dia de

Tsutsumi, Directora Geral da Seibu Internacional: A acção do Mecenato resume-se à vontade dos responsáveis da empresa em cumprir um dever moral para com a comunidade...

⁹ SANTOS, Maria de Lurdes Lima dos, *Dez anos de Mecenato Cultural em Portugal*, Lisboa, Observatório das actividades culturais, 1998.

¹⁰ ROCHA, Nuno, semanário TEMPO – 2 Abril de 1981. pág 28.

¹¹ ANDRADE, Pacheco [dir.], *Balsemão no encerramento do congresso das comunidades*, Política, Diário Popular 11/06/1981, pág.7.

¹² TOLENTINO, André Corsino, ROCHA, Carlos Manuel, TOLENTINO, Nancy Curado, *Estudo da importância e do impacto das remessas dos imigrantes em Portugal no desenvolvimento de Cabo Verde*. LISBOA, ED. ACIDI, I.P, Biblioteca Nacional - Catalogação na Publicação, 2008, pág. 28: *...Remessa significa toda a transferência monetária que um emigrante faz para o seu país de origem...*

¹³ MENDES, Francisco, *O desequilíbrio externo da economia portuguesa*; JANUS.NET, revista on-line - 2001: *...Os excedentes das Transferências Privadas — resultantes basicamente das remessas de emigrantes — têm-se revelado essenciais ao financiamento parcial do défice conjunto da Balança de Bens e Serviços e da Balança de Rendimentos, permitindo mesmo a obtenção de excedentes na balança corrente em alguns anos (principalmente no período 1966-73). As remessas de emigrantes têm vindo a perder peso relativo desde o início da década de 1980 — de cerca de 12% do PIB em 1980 para 3% em 1997...* <http://www.janusonline.pt/index1.html>

Portugal e das Comunidades como o do dia da inauguração da escultura, para a qual também contribuíram do ponto de vista financeiro.

Ressalta deste facto um novo conceito de *desterritorialização* da presença portuguesa na diáspora, pois o que passaria a contar era ser-se português e não o lugar onde se é homenageado. Para aquele emigrante que foi para a Europa, ser português é ser europeu e significa ser reconhecido entre iguais – ser-se-ia igualmente português, a partir desta altura, tanto em Paris como em Berlim ou em Lisboa. Os Encontros Preparatórios para o I Congresso sobre as Comunidades Portuguesas realizaram-se em 1981.

Seja como for, cabe aqui, antes de mais a explicitude de dois conceitos, apresentados por José Guilherme de Abreu em *A Problemática do Monumento Moderno*, como indissociáveis do conceito de ‘lugar’ - ou *kern* - e que se tornam essenciais, do nosso ponto de vista, para a compreensão do encadeamento lógico da análise que desenvolvemos. O primeiro é o da *narratividade* - que se consubstancia nos conceitos da História e da rememoração -, transmitidos por acontecimentos ou personalidades de um passado cronológico que os encomendantes quiseram ‘iconografar’. Numa segunda ordem de significação, surge o conceito de *imagiabilidade* – relacionado com a fixação plástica ou icónica de sentidos ou dimensões estéticas – associado à mesma mensagem que esses encomendantes quiseram perpetuar.

Referida por Guilherme de Abreu como ‘*uma monição contra o esquecimento*’¹⁴ esta *Homenagem ao Emigrante Português* feito através obra de Dorita Castel-Branco vai transformar-se, qual *anamorfose*¹⁵, numa elegia ao seu principal promotor que é o próprio semanário.

Conotado com a ala da direita conservadora, *O Tempo* transporta também a ideia de tradicionalismo, associado a um certo nacionalismo, como já referido. A sua relação privilegiada com esta encomenda, que transgride a linha política seguida anteriormente, redimensiona a sua nova imagem ao novo paradigma artístico e social da nova era pós-revolução, quer em Portugal quer, na sua versão internacional, nas diferentes comunidades de residentes, ficando, por esse motivo associado ao novo movimento

¹⁴ ABREU, José Guilherme, *A problemática do monumento moderno*, Revista da FLUP, Porto, 2002.

¹⁵O termo **anamorfose** (do grego ἀναμόρφωσις, translit. *anamòrfośis* "reformação, retorno da forma, reiteração da forma, reversão da forma", derivado de ἀναμόρφωσις: "formar de novo").

integrador da nova identidade social de um *kern* (lugar), captando, por esse motivo o reconhecimento por parte das comunidades onde é vendido.

Deste modo, *O Tempo* distanciar-se-ia dos valores instituídos da direita conservadora e tradicionalista, parecendo privilegiar uma atitude de reconhecimento do valor dos emigrantes, em detrimento de uma instrumentalização das prioridades de ordem comercial, relacionadas, quer com interesses particulares quer com aqueles que se prendem com interesses publicitários¹⁶.

Assumindo simultaneamente o papel de mecenas, tradicional e prevalentemente atribuído ao Estado, este jornal adoptou uma postura ética que abriu caminhos ao Lei do Mecenato de 1985, que sabemos ser essencial para a dinamização das políticas culturais de todos os países, mas que hoje, no nosso país, apenas as grandes empresas do aparelho económico, por serem estratégicas, têm capacidade para empreender.

Reconhecendo a importância que este semanário teve na encomenda da escultura pública de Dorita de Castel-Branco, passamos a apresentar uma cronologia do elenco dos artigos por ele publicados sobre esta *Homenagem aos Emigrantes Portugueses*:

05/03/1981- Publicação da notícia, na página de rosto, sobre a iniciativa. Abertura do concurso para a subscrição pública do financiamento através de donativos a enviar para a sede do semanário.

19/03/1981- Publicação do artigo na primeira página. Listagem da angariação de donativos por parte de empresas ligadas directamente à chamada economia da emigração, nomeando-as, para de forma apelativa, levando outras empresas a segurem a iniciativa. Calendarização da data de inauguração para 10 de Junho de 1981.

2/04/1981- Notícia na página 28: Referência à oferta do bloco de granito para o pedestal. Referência ao lugar de implementação da escultura seleccionado pela Câmara Municipal de Lisboa. Apresentação da definição da maqueta. Anúncio

¹⁶CONDE, Idalina, *Mecenato cultural: arte, política e sociedade, Sociologia-Problemas e Práticas*, n.º7, Lisboa, CIES/Europa-América, Lisboa, 1990.

da identidade da artista convidada a realizar a escultura. Participação da estimativa de custos. Relação dos mecenas e montantes já angariados.

9/04/1981- Notícia sumária na página 36. Apresentação da iniciativa. Apresentação do elenco dos donativos com identificação dos mecenas.

23/04/1981- Notícia em formato ¼, na página 36: Renovação do apelo aos donativos. Informação sobre as características formais finais da escultura com especificação das dimensões. Chamada de atenção sobre a alteração dos montantes relativamente ao orçamento inicial e para as verbas já angariadas. Tabela com especificação dos montantes para acesso ao direito de constar na placa identificativa, a anexar ao monumento.

Transcrevemos um pequeno apontamento da notícia, quando se refere à escultora:

A escultora Dorita de Castel-Branco já deu por terminada a execução em barro do grandioso Monumento ao Emigrante... junto está uma imagem da escultura... que já é, afinal, uma realidade, conforme as imagens que temos vindo a publicar, no “TEMPO”, da configuração em barro já moldada e erigida no atelier da escultora.

30/04/1981- Notícia na página 32: Complemento da publicação da lista dos mecenas e respectivos donativos.

Transcrição de um pequeno excerto sobre a autora:

[...] prossegue, no atelier da escultora Dorita de Castel-Branco, a moldagem em gesso do monumento ao Emigrante, cuja configuração em barro já tivemos oportunidade de mostrar aos nossos leitores. O trabalho de fundição em bronze devesse ter início ainda durante a próxima semana, prevendo-se que o monumento, suportado por uma base de granito de cerca de um metro de altura, totalize cerca de 1 300 quilos de bronze [...].

7/05/ 1981- Notícia a 1/5 na página 36 com fotografia da escultora ainda no atelier, junto da obra em gesso, pouco antes do transporte da mesma para o Porto. Indicação dos custos suplementares da obra referentes a horas

extraordinárias e mão-de-obra. Lista dos mecenas e montantes angariados até à data da publicação da notícia.

Refere o texto:

[...] foi ontem iniciada, na fundição de Fernando Lage, no Porto, a passagem a bronze do monumento ao Emigrante, cuja modelagem em gesso e escultora Dorita de Castel-Branco terminou, no início da semana, no seu atelier.

Seguindo-se a seguinte explicação:

[...] dada a urgência com que o monumento terá de ser fundido e que obriga a empresa fundidora a trabalhar muitas horas extraordinárias, que sobrecarregam o custo da mão-de-obra.

Dia 14/05/1981- Notícia tamanho 1/5, na página 36: Divulgação dos montantes angariados e dos já dispendidos, como se observa no seguinte apontamento:

[...] que incluem o pagamento a fazer no próximo dia 9 de Junho, quando a Fundição Fernando Lage, do Porto, onde a gigantesca obra esta a ser passada a bronze, a colocar em Lisboa, para a sua inauguração solene[...]; continuação da divulgação semanal dos donatários.

Dia 28/05/1981: *Lead* da notícia na primeira página, corpo da notícia na página 6: Referência ao bom andamento sobre a angariação dos donativos e sobre a boa gestão das verbas existentes.

Dia 4/06/1981- *Lead* na primeira página, corpo da notícia na página 4: Anúncio da ‘*inauguração solene*’ da escultura. Informação sobre o fim da angariação de fundos com indicação de que as verbas angariadas ultrapassam o montante pago pela obra. Divulgação da lista final dos mecenas e respectivas contribuições. É interessante a menção ao ineditismo da obra e empenho da Câmara Municipal de Lisboa:

[...] [É] o primeiro monumento erigido em Portugal para assinalar a odisseia do emigrante português em especial do século XX[...].[...] toda a execução da obra se completou no curto espaço de dois meses, graças ao empenho dos artistas e empresa nela envolvidas. De assinalar, a propósito, a colaboração, também decisiva, da Câmara Municipal de Lisboa que, desde a cedência do terreno até aos arranjos nele

requeridos, demonstrou uma capacidade de resposta e de ultrapassagem das burocracias verdadeiramente ímpares.

10/10/1981 – Na Página Principal. Notícia sobre a inauguração do monumento.

Dia 18/ 06/ 1981- Sumário na primeira página, página 18 inteira: Inauguração¹⁷ do Monumento ao *Emigrante* e descrição do respectivo programa protocolar.

e. Escultura - análise

1.Características específicas da escultura

O principal objectivo deste estudo prende-se com a vontade que temos de tentar compreender como se manifestam as características específicas da escultura, tendo em conta as particularidades que lhe são próprias e exclusivas e de acordo com os princípios construtivos no campo da criação escultórica da *Homenagem ao Emigrante Português*.

Esta leitura foi pautada pela nossa preocupação em fundamentar o estudo da análise em valores formais, no que diz respeito à composição, e outros aspectos artísticos e estéticos da escultura.

O reconhecimento da totalidade dos sentidos e dos valores que lhe são inerentes só foi possível, porque tivemos um contacto directo com a obra. Entendemos, no entanto, que uma análise rigorosa exigiu da nossa parte, na qualidade de observadores/investigadores, tempo e disponibilidade interior, de modo a podermos

¹⁷ CARVALHO, Luís, *Entrevista a Paulo de Castel-Branco*, Marisol, Julho de 2010: “ O que me lembro era de um grande pano (Bandeira Nacional) a tapar a estátua e era tudo muito solene”...”Veio uma senhora muito gorda e abraçou-se à minha mãe com tal entusiasmo, levantando-a no ar num gesto de gratidão: Contudo, perante o inesperado, minha mãe não gostou da atitude e reagiu com uma certa agressividade.”

indagar a obra, e só depois, partindo já das respostas averiguadas, podemos determinar os valores formais no conteúdo expressivo da mesma.

As considerações que se seguem serviram para uma orientação geral. Estes *Conceitos Fundamentais* surgiram da necessidade que tivemos de conferir às características específicas da escultura uma base mais sólida. A sua inclusão no texto da nossa dissertação teve o maior interesse, porque ter facilitado a explicitação dos valores estéticos e formais, em cada caso particular da nossa análise.

1.1 Considerações gerais

Para uma primeira abordagem, tem toda a pertinência colocar a questão sobre o que é a escultura e em que medida os nossos sentidos intervêm na identificação dos seus valores formais.

Neste contexto, salientaremos a importância que a relação entre a experiência de vida e a experiência artística confere ao domínio da expressividade escultórica, nomeadamente à dimensão própria da sua natureza, enquanto corpo sólido, tridimensional, uma vez que a expressividade é formatada por materiais mais ou menos duros, com características diferenciadas. Nesse processo de concretização, o escultor utiliza a mão como primeira ferramenta, através da qual desenvolve e apura todas as reacções sensoriais, sobretudo aquelas que estão mais directamente ligadas com as experiências estéticas – os sentidos da visão e do tacto – coexistentes e complementares aos da dimensão prática da experiência plástica.

Esta distinção das características dos sentidos é particularmente importante para a análise dos valores formais, sendo que o processo de substituição de um sentido pelo outro é legitimado pela desadequação ou inabilidade da visão no reconhecimento da autenticidade dos materiais. Enquanto o sentido da visão tem sobretudo a ver com o processo de análise e de reconhecimento dos valores estéticos explícitos, já as superfícies dos planos tridimensionais apelam ao sentido do tacto.

Como resultado desta constatação, podemos compreender a razão pela qual *la escultura es el arte de acariciar, palpar, tocar y manejar los objectos*.¹⁸ E tocar é a

¹⁸ GUALIS, Gonzalo M. Borrás, LORENTE, Juan F. Esteban, ZAMORA, Isabel Alvaro, *Introducción General al Arte*, Arquitectura, Escultura, Pintura, Artes Decorativas, Ediciones Istmo, Madrid, 1990, pág. 162.

única maneira pela qual podemos ter uma sensação directa da forma tridimensional do objecto.

1.1.2 Conceitos Fundamentais

A relevância da relação directa entre as experiências estéticas e os sentidos da visão e do tacto com a dimensão prática da experiência plástica, levaram-nos a dedicar este sub-capítulo aos conceitos fundamentais apresentado por diferentes investigadores que se têm dedicado especificamente a este assunto.

É, aliás, nesta particularidade que, em nosso entender, Herbert Read, fundamenta a sua teoria de que a *sensibilidade escultórica é uma sensibilidade táctil* que legitima metodologicamente, explicando que [aquela] *sensibilidade táctil se deve efectuar numa tripla operação de modo a constatar as características específicas da escultura, para que a qualidade escultórica de um objecto seja completa*¹⁹.

Por outro lado, aquele investigador explica o modo como se deve proceder na aplicação do método, considerando *ainda [que] estas operações [se] podem separar a nível de análises, [acrescentando que] aliás, a nível de experimentação e realização da obra escultórica, [ambas] devem estar integradas num só acto*.²⁰

Procuremos, então, compreendê-la, a partir da análise de cada um dos itens enunciados, respectivamente:

- 1) A sensação da qualidade táctil das *superfícies*;
- 2) A sensação de *volume*, que só se dá em relação com o espaço que o dito volume ocupa;
- 3) A sensação de *massa*, intimamente relacionada com o peso do objecto escultórico.

Em nosso entender, este processo de análise mostra claramente a natureza da sua subjectivação, quando estabelece a íntima relação da experimentação escultórica com a experiência de vida.

¹⁹ *Ibid*, p. 162.

²⁰ *Ibid*, p. 163.

Seguindo o mesmo raciocínio, Adriano Duarte Rodrigues salienta que, *enquanto a experimentação é analítica e compreende a multiplicidade dos processos de aplicação das formas e das regras, a experiência é sintética e tem a ver com a globalidade do sentido.*²¹ Por subjectivação entenda-se a capacidade de reflexão sobre o trabalho que o artista faz, legitimado por uma metodologia processual que ele próprio concebe e elabora, de acordo com uma lógica própria.

Assim, torna-se necessário compreender a significação do sentido inerente a cada *elemento visual* enumerado e do sentido dos comportamentos sensoriais em relação às particularidades específicas da escultura.

1) – A sensação da qualidade táctil das *superfícies*;

A questão da sensação da qualidade táctil das *superfícies* insere-se no âmbito da relação directa com o material empregue na escultura e com o tratamento dado às *superfícies* externas.

O papel do tacto é, por conseguinte, fundamental, para se conhecerem a natureza e as distintas qualidades dos materiais utilizados na concretização da obra. De igual modo, a competência táctil legítima a qualidade de textura implícita no tratamento daquelas *superfícies*.

Para que possamos compreender bem a questão, Gonzalo Gualis dá um excelente exemplo, que, em nosso entender, aclara o sentido específico da teoria a que aludimos:

*Para experimentar cada uma destas sensações, cada leitor deveria estar munido de uma peça de escultura que poder acariciar, com o fim de experimentar a sensibilidade plástica, já que estas sensações só podem ser aludidas em descrições.*²²

²¹ RODRIGUES, Adriano Duarte – *Comunicação e cultura – A experiência cultural na era da informação – Editorial Presença, Lisboa, 1999, pág.109.*

²² GUALIS, Gonzalo M. Borrás – *Introducción General al Arte – Escultura – capítulo II, Ediciones ISTMO, 1990, pág. 163.*

Julgamos que esta teoria experimental de abordagem ao processo de análise visa a estimulação imediata da sensação táctil, responsável pelo desempenho das funções de relação e a converte numa realidade especificamente escultórica.

- 2) - A sensação de *volume*, que só se dá em relação com o espaço que o dito volume ocupa;

Nesse contexto, a análise da sensação do *volume* segue uma configuração de orientação muito diferente. Além de se associar, de forma inequívoca, com *o conceito* e com a problemática das características específicas do *volume* tem também que ver com a função referencial do *volume*, da sua relação com espaço ocupado e com o sentido e a natureza dos efeitos específicos constituídos entre os dois domínios.

O *volume* e o espaço são, portanto, categorias e representações relativas à experiência artística e à experiência de vida, não podendo ser definidas independentemente uma da outra. Deste modo, a legitimidade do *volume* reside no facto de estar intimamente relacionada com a sua situação espaço-temporal, no momento e no lugar em que é observado.

Já Auguste Rodin tinha definido perfeitamente esta interacção específica, considerando o *volume* como *o espaço ocupado por um objecto na atmosfera*.

Para além da definição do *conceito*, Rodin equacionaria ainda o procedimento a que o jovem escultor devia obedecer para uma prática adequada à escultura: *Ao modelar, não deveis pensar jamais em superfícies, mas em relevo!* Do mesmo modo, aquele escultor acrescentava que se deveria proceder *à valorização de certas formas e de certos volumes, como autênticos valores esculturais*²³, explicações que, do nosso ponto de vista, evidenciam estas características da qualidade plástica da sua obra.

- 3) – A sensação de *massa*, intimamente relacionada com o peso do objecto escultórico.

Entendemos que a natureza da sensação de *massa* é apreendida pelo ser humano a partir da sua relação com a experiência de vida, ao passo que a noção de *peso* se

²³ MENDES, Manuel – *Rodin* – ARS – Editorial, L.da / Lisboa, s/d, pág. 22.

fundamenta em princípios de operacionalidade e de instrumentalidade. A relação entre a sensação de *massa* e o *peso* do objecto escultórico apresenta-se como condição do próprio processo criativo, porquanto “a sensação deve ser sentida pelo escultor, qualquer que seja o tamanho da obra”. Para podermos compreender de que modo o escultor pode experienciar essa *sensação*, reparemos no exemplo simples e elucidativo, apresentado por Moore, quando descreve uma situação imaginária: *O artista projecta-se no interior da obra escultórica, e identifica-se com o centro de gravidade, com a massa, com o peso.*²⁴

Uma questão que aqui se levanta é a de como uma verificação pode vir a legitimar a sensação de *massa* na sua íntima relação com o *peso* do objecto escultórico, se considerarmos que essa *sensação* tem, sobretudo, a ver com o domínio da escala que o objecto escultórico tem.

A relação da sensação *massa/peso* é facilmente perceptível nos objectos pequenos, mas é particularmente difícil de reconhecer nos objectos de maior escala. Contudo, todo o ser humano retira da experiência do quotidiano a consciência do peso diferenciado dos vários materiais utilizados em escultura (a pedra, o metal, a madeira, etc.), razão que pode, de certo modo, contribuir para suprir a imponderabilidade da matéria.

Abordar a escultura como uma realidade sensorial concebida como unidade integrada equivale também a abordar a escultura como um objecto físico, tridimensional, nele incluindo o espaço que ele ocupa ou que lhe está associado.

Esta constatação é fundamental e indispensável para que se possa proceder à análise das características específicas da escultura, na medida em que são essas características que regulam os comportamentos accionados pelos estímulos que dela recebemos. É por esta razão que a escultura – enquanto presença física – só é integral, quando o *espaço* que lhe está associado é percorrido, num *tempo* necessário à apreciação dos factores mencionados – o volume e o espaço, a massa e o peso. Só então a escultura pode ser percebida nas suas duas componentes, a física e a estética, que intrinsecamente a caracterizam. Nesta complementaridade, o objecto de informação e de descodificação legitima-se na forma tridimensional a partir dos seus valores formais instituídos pela percepção directa.

²⁴ *Apud.*, GUALIS, Gonzalo M. Borrás – *Introducción General al Arte – II. Escultura*, Ediciones ISTMO, Madrid, 1990, pág. 165

Consideramos que o nosso estudo não ficaria, no entanto, mais completo se não nos tivéssemos, neste momento, à *forma* enquanto resultado do tratamento estético de um processo criativo na prática da modelação.

Neste sentido, torna-se inevitável, também, definirmos o que entendemos por processo criativo no quadro das determinações conceptuais, assim como o que entendemos pelas significações manifestadas nos comportamentos do escultor e compreender, ao mesmo tempo, que funções desempenham aquelas duas premissas em relação à natureza e à identidade da escultura.

4) – O processo criativo da composição

O conhecimento do processo criativo é factor determinante para a compreensão global da obra, enquanto portadora de significações e produto da criação artística. É por essa razão que o processo criativo deve ser o ponto de partida de uma reflexão e de estudo que legitime o nosso saber em relação às metodologias, aos processos e aos procedimentos utilizados pelo artista plástico na realização da sua obra.

Foi nesta perspectiva que procurámos conduzir o nosso trabalho de pesquisa. É, pois, nosso propósito, nesta tarefa de constituição, de ajustamento e de restabelecimento dos quadros da experiência artística, ou do sentido da escultura, reconhecer o modo como o escultor elaborou o seu processo criativo e quais os métodos processuais que adoptou no seu comportamento.

Três operações asseguram, a nosso ver, este entendimento: o processo de concepção, o de criação e o de materialização, embora, cada um destes processos influencie o pensamento do artista de modo diferente. Daqui pode resultar um código diferente para cada processo assim como o emprego de um método de raciocínio também distinto. Tais factos não impedem, no entanto, que a obra se preste a uma análise, no domínio das dimensões estética, técnica e artística que a conceberam, criaram e materializaram.

Julgamos que o processo de concepção não é mais importante do que os de criação e os de materialização. Embora tenham funções diferenciadas, são relevantes pela multiplicidade das imagens mentais que cada processo pode sugerir, quer pela riqueza das suas interpretações, como pela pluralidade de leituras que possibilitam.

Um dos aspectos mais importantes do conhecimento do processo de concepção é o processo de desvelar os raciocínios que influenciam o pensamento do artista na elaboração de estudos prévios – esboços – (apontamentos de registos gráficos sobre um suporte de papel que expressam uma determinada «imagem mental»,²⁵) que antecedem a concretização da obra. Os processos de criação e de materialização dão conta da familiaridade constitutiva da experiência da vida e da sua relação com a experiência artística adquirida no intenso trabalho de aplicação, na prática de *atelier*.

Estes três domínios da actividade artística não são, no entanto, equivalentes nem na teoria nem na prática. A concepção fundamenta-se em princípios de criatividade, de liberdade de expressão e de registos configurados através da linguagem gráfica, que legitimam a origem da escultura. A criação e a materialização fundamentam-se em princípios de operacionalidade que exigem a adequação dos materiais e dos meios técnicos construtivos. A cada um destes processos corresponde, efectivamente, um mundo próprio, com regras específicas e uma realidade distinta, que importa conhecer, desmontar e descodificar.

Uma das características da natureza da obra de arte é a explicitação do seu sentido formal, que resulta, em grande parte, da expressividade plástica. Para abordarmos uma obra é preciso, em primeiro lugar, conhecê-la e depois questioná-la acerca das informações que pode fornecer; em segundo lugar, é necessário compreender o sentido dessas informações, já no domínio do código particular da linguagem plástica.

Se, por um lado, a leitura dos elementos plásticos, no âmbito do código dos signos visuais, nos remete para o trabalho específico da imaginação; por outro lado, a percepção da forma tridimensional implica a elaboração de um discurso a esse respeito, de forma a poder reconstituir essa leitura mentalmente, e a entendê-la como uma obra aberta. Deste modo, as duas modalidades da manifestação daquela experiência artística - a modalidade dos elementos plásticos e a modalidade da *forma* - são processos inerentes à abordagem da obra de arte. A primeira depende da capacidade das percepções que asseguram a descodificação dos signos visuais; a segunda procede das percepções que distinguem a realidade do que se deixa ver e do que parece ser, por sugestão.

Para além dos valores objectivos que comporta, a obra de arte inscreve-se como sistema comunicativo, estruturado de acordo com regras de gramaticalidade plástica que validam a própria função de subjectivação, no âmbito da interpretação do *simbolismo*

²⁵ SOUSA, ROCHA [dir.] – *Didáctica da Educação Visual*, Universidade Aberta, Lisboa, 1995, pág. 74.

*d[os] signos fixos.*²⁶ A definição de que *tudo é signo e todo o signo é portador de sentido*, pressupõe, sobretudo, a fundamentação dos valores universais do símbolo, uma vez que *o valor simbólico [se] actualiza de forma diferente para cada um, quando uma relação de tipo tensional e intencional une o signo que estimula e o sujeito da percepção.*²⁷

Partindo deste fundamento, o espectador pode descobrir ou vislumbrar por si novos sentidos num trabalho de invenção pessoal, sem que, no entanto, o símbolo elimine a realidade ou anule o signo.

Para melhor apreciarmos as acções inerentes à composição do objecto artístico, torna-se imperativo, agora, o estudo da *forma* no domínio da relação entre a experiência técnica e a experiência estética.

A forma

O conceito de *forma* tem, na escultura, duas acepções: a primeira, e a mais importante, é entendida no sentido da estruturação lógica do pensamento artístico; a segunda, será proposta no quadro da experiência técnica e da experiência estética. É aliás nesta relação indissociável desta combinação que se legitima a obra de arte como produto realizado pelo artista plástico com a intenção de ser esteticamente apreciada e compreendida.

Quando nos posicionamos em frente de uma escultura o que percebemos à primeira vista é um conjunto de *formas* que podemos identificar, segundo as linhas de contorno dos perfis que a constituem. Esta singularidade específica da *forma* só é possível, porque se desenvolve no quadro da relação do material para lhe conferir um sentido escultórico, capaz de ser explicada por razões inerentes a regras processuais na prática da experiência artística.

²⁶ BENOIST, Luc - *Signos, Símbolos e Mitos*, edições 70, nº 48, capítulo II, Lisboa, 1975 pág. 43.

²⁷ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos*, Editorial Teorema, Lisboa, 1982.

A título de exemplo podemos citar Joaquim Correia, para quem a relação da *forma* com o material é *uma lei fundamental que se impõe a todo o escultor*,²⁸, sem a qual seria impossível constituir, no domínio prático, a harmonia da natureza estética.

Do mesmo modo, a *forma* obedece a leis próprias de organização que se impõem ao escultor como uma necessidade psicológica, no sentido do equilíbrio entre a *ideia*, o material e a *forma*. Depois de se chegar a determinada *ideia*, o problema que se coloca ao escultor, é a forma de a explorar. Na experiência, estritamente pessoal do escultor Joaquim Correia, este considera que *quando a ideia surge vem acompanhada do material e definida como forma*.²⁹. Apesar de distintos, a estruturação lógica do pensamento artístico e o domínio da experiência técnica e da experiência estética, estabelecem no universo da escultura, complexas e específicas relações entre si.

O que até aqui estudámos é a *forma* identificada com a estruturação lógica do pensamento escultórico. Passaremos agora a explicitar a segunda acepção que referimos, no âmbito da experiência técnica e da experiência estética, consideradas como uma unidade de sentido.

Segundo Adriano Rodrigues:

*A obra de arte distingue-se, no entanto, do objecto técnico pela naturalização da sua síntese. Enquanto o objecto técnico procede de uma síntese artificial, o objecto artístico procede de uma síntese naturalizante. A invenção estética é, por isso, um acto de criação de uma forma que se impõe desde a origem como unidade concreta e integrada de sentido, ao passo que a invenção técnica é a concepção de uma forma que se constitui, ao longo de um processo de concretização, como unidade integrada de funções diferenciadas.*³⁰

Esta distinção permite-nos compreender em que medida o objecto técnico se presta igualmente a uma experiência estética. Neste contexto, a *forma* modelada é um dos elementos plásticos da linguagem formal e o efeito estético do procedimento em si, depende, em grande parte do modo como cada escultor a sente, a interpreta e a

²⁸ GAMBOA, J. C., *A Escultura de Joaquim Correia*, Verbo, Lisboa, 1982, p. VI.

²⁹ *Ibid.*

³⁰ RODRIGUES, Adriano Duarte – *Comunicação e Cultura – A Experiência Cultural na Era da Informação* – Editorial Presença, Lisboa, 1999, pág. 110.

expressa. É graças ao princípio dessa liberdade que uma mesma forma pode ser representada de maneiras distintas.

Na esfera da leitura e da interpretação da obra existem qualidades visuais que são próprias da *forma* e fazem parte do código da gramática decorativa da linguagem visual. São elas a *configuração*, a *escala*, a *cor*, a *textura* e a posição no *espaço*.

A *configuração* refere-se ao procedimento lógico como estão dispostas as partes que compõe a escultura ao mesmo tempo que informa sobre o seu aspecto peculiar no domínio das linhas que delimitam as suas *formas*: o comprimento, a largura e a altura.

A avaliação da *escala*, ou do tamanho da *forma* processa-se por comparação a outras formas conhecidas, podendo referir como exemplo a comparação entre o tamanho da maquete em relação à escala definitiva da escultura.

É graças a este dispositivo que o homem se relaciona com o mundo, através dos signos visuais que ele próprio concebe, elabora e a que responde.

A *cor* é um dos aspectos exteriores dos materiais de que é feita a escultura. A percepção da cor envolvente também gera estímulos que vão desencadear no espectador respostas indispensáveis para a leitura da obra. O escultor pode usar numa *forma* a cor do material ou, se entender, modificá-la artificialmente com pigmentos ou patines.

Do mesmo modo, a *textura*, sendo uma qualidade táctil e visual, pode apresentar-se com o aspecto da natureza do material ou pode também ser sugerida por meios artificiais. Outros dos efeitos estéticos dos elementos plásticos da escultura, que devemos aqui considerar, é o tratamento dado às superfícies e a reacção das mesmas superfícies à *luz*.

Reportando-nos à relação da *massa* com o *espaço* físico, compete-nos ainda acrescentar os efeitos que a modelação dos valores plásticos evidenciados na escultura pode sugerir ao observador, nomeadamente os *ritmos* visuais, provenientes do tratamento da *forma* em espaços cheios e vazios, o escalonamento de planos e essencialmente as linhas estruturais, implícitas ou explícitas.

O que sugere o *movimento* é também a *tensão* que o escultor imprime à *forma*, quando a trata plasticamente. Rodin descreve esta qualidade expressiva do seguinte modo: *Que o vosso espírito conceba toda a superfície como a extremidade de um volume que a empurra por trás. Figurai as formas como apontadas para vós. Toda a vida surge de um centro pois ela germina e desabrocha de dentro para fora*³¹

³¹ Mendes, Manuel – *Rodin* – ARS – Editorial, L.Da / Lisboa, s/d, pág. 22.

O observador pode ainda perceber, na relação da *massa* com o *espaço* físico, o *equilíbrio* estrutural (estabilidade conferida pelos materiais) e o *equilíbrio* da composição (a harmonia das partes na consideração do todo). O efeito perspéctico que o observador pode retirar na leitura da obra de arte *integra-se num sistema que respeita grande número de dados da percepção, tornando apenas implícito o conhecimento que consolidámos sobre as formas*³². Na leitura de um objecto tridimensional, esse efeito é conseguido a partir das linhas estruturais que orientam e conduzem o olhar.

Só se conseguem perceber sensorialmente os elementos plásticos que a *forma* emite e atribuir-lhes a todos a sua função específica, a partir da descodificação dos signos que intervêm na sua formação. Esse acto implica o conhecimento da gramática da linguagem plástica e uma interpretação dos seus sentidos.

1.2 Leitura e análise da obra

Neste sub-capítulo temos como objectivo o estudo da leitura da obra da escultora Dorita de Castel-Branco, nas suas vertentes artística e estética, tendo estabelecido para esse fim, parâmetros de interpretação e metodologia específicos.

Em primeiro lugar, recorreremos a um estudo prévio sobre as características específicas da escultura, que identificámos anteriormente, de modo a descodificar as mensagens plurisignificantes da linguagem visual. Como estratégia de acção processual optámos pela construção de uma metodologia própria, tendo em conta que a obra impõe características e valores que devem orientar a sua análise estética.

Nesse processo pudemos observar também os aspectos da composição, da técnica e da estética da escultura no espaço e no tempo, tendo verificado que, na sua tridimensionalidade, esta se apresenta como uma massa quase compacta, pelo efeito de concentração dos volumes, que lhe imprime uma sensação de unidade e de força.

³² SOUSA, Rocha de, BATISTA, Helder – *Para uma didáctica introdutória às Artes Plásticas* – Edição Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, s/d, pág. 13.

Na análise formal da composição, apercebemo-nos de que o elemento estruturante fundamental é a figura humana. Partindo dela, a escultora estabelece um jogo de planos e de linhas, que constroem uma modulação no espaço, a partir da qual se dispõem as formas. Ao analisarmos os aspectos formais da composição, observamos que a escultura se apresenta em duas partes distintas: uma figurativa e uma não figurativa. Na leitura que fizemos, as personagens agrupam-se e constituem uma unidade dependente da parte não figurativa, estabelecendo um certo contraste.

A análise estrutural da composição, leva-nos a crer que Dorita concebeu a escultura em quatro partes distintas, assentes numa base. Partindo daí, a nossa leitura é orientada no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, começando pelo perfil figurativo, que passaremos a designar como o perfil anterior, seguindo-se os restantes. Para essa leitura, propomos planos imaginários, onde projectámos o plano escultórico,

[...] Um dos objectivos de alguns dos códigos gráficos é a possibilidade de representar graficamente o espaço. Da geometria vêm-nos possibilidades variadas de representar o espaço no plano, umas mais próximas da experiência dos sentidos, outras mais afastadas, conforme o próprio observador é considerado ou não nessas representações. Assim, temos as representações geométricas possíveis a duas dimensões, como plantas, alçados e projecções ortogonais, e onde o espectador não existe definido em relação ao que é apresentado. As representações a três dimensões (não esquecendo nunca que estas três dimensões são uma abstracção do volume, pois tudo se esta a passar no plano do desenho) podem ser representações de perspectiva central vista de uma, de duas ou três faces.³³

Finalmente tivemos em atenção as características do monumento para o estudo da obra, lida como objecto artístico e objecto estético.

1.2.1 Organização formal

Estruturas básicas da escultura – o plano escultórico

³³RODRIGUES, Ana Leonor M.Madeira, *Desenho - ordem do pensamento arquitectónico*, referência/ editorial estampa, Lda, Lisboa, 2000, pág. 98.

No estudo da escultura, tentámos perceber a sua complexidade estrutural, para depois estabelecer a ordenação das formas no espaço escultórico, tendo em consideração que a composição se organiza na modulação do espaço a partir de linhas estruturantes, segundo as quais se elaboram as formas e se determinam os seus comportamentos, que condicionam e influenciam o seu significado.

Segundo Rudolf Arnheim:

As grandes obras de arte são complexas, mas também as louvamos por “conterem simplicidade”, queremos dizer com isso que organizam uma riqueza de significado e forma numa estrutura total que define claramente o lugar e a função de cada detalhe no conjunto. Este modo de organizar uma estrutura desejada da maneira mais simples possível pode ser chamada sua ordenação.³⁴

As linhas da estrutura básica da escultura – linhas imaginárias – fazem parte da linguagem visual para explicitar uma forma. O comportamento da linha no discurso escultórico pode apresentar-se sob várias maneiras, *parece[ndo]-nos serena e contínua, sinuosa e descontínua, quebrada³⁵*. No âmbito da natureza da linha, como definidora da forma, podemos reconhecer na escultura, a linha explícita – a linha de *perfil* – e a linha implícita – a linha perspectivada.

Em si mesmas, as linhas da estrutura básica da escultura guiam o nosso olhar e permitem que tomemos consciência de alguns percursos ou sectores essenciais para o juízo visual que envolve as formas colocadas no espaço.³⁶

Neste contexto, estudámos o comportamento que a linha pode tomar nos vários aspectos referidos.

³⁴ ARNHEIM, Rudolf – *Arte e percepção visual* – Editora Pioneira, São Paulo, Brasil, 1998, pág. 52

³⁵ SOUSA, Rocha de, BATISTA, Hélder, – *Para uma didáctica introdutória às Artes Plásticas* – ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, s/d, pág. 19.

³⁶ Adaptamos para a escultura o que é referido por: SOUSA, Rocha de, BATISTA, Hélder, na edição citada.

Leitura dos perfis – no plano imaginário³⁷

Linha de contorno

a) – Leitura do perfil anterior

O plano do perfil anterior é constituído por três formas geométricas e por três figuras humanas.



No primeiro plano está representada, pela linha de contorno, uma forma geométrica, plana, que se inscreve num rectângulo, colocado na horizontal.

Em segundo plano está representada, pela linha de contorno, uma forma geométrica, plana, fechada de contorno regular. Esta forma é o ponto de atracção para onde converge o nosso olhar.

Em terceiro plano está representada a volumetria das três figuras humanas, escalonadas e sobrepostas. As formas definem-se através de linhas do *contorno explicativo* de cada personagem.

- A forma masculina está representada por linhas de contorno irregulares;
- A forma feminina está representada por linhas concordantes, de rectas e curvas, contínuas;
- A forma feminina de menor escala, está representada por linhas concordantes, de rectas e curvas, contínuas;

Em quarto plano está representada, por linhas quebradas, uma forma geométrica de contorno irregular;

Ao compararmos as linhas de contorno que configuram as formas do grupo figurativo com as do não-figurativo, verificamos que a primeira é composta por linhas concordantes, – rectas e curvas. Por sua vez, no grupo não-figurativo, a linha de contorno é constituída por uma linha quebrada.

³⁷ Ver pág. 67- definição de plano imaginário.

O diferente comportamento que a linha toma, nas duas leituras, é marcado pelo desvio do seu movimento.

a) – Leitura do perfil do lado direito:



Em primeiro plano, está representada uma forma geométrica, suspensa, que se inscreve num rectângulo, colocado na vertical.

Em segundo plano, está representada uma forma geométrica, de igual formato e de menor dimensão.

b) – Leitura do perfil posterior:

Em primeiro plano, está representada uma forma geométrica, rectangular, disposta na horizontal.

Em segundo plano, está implícita a representação de uma forma geométrica, rectangular, disposta na vertical.



Essa forma geométrica é definida por uma linha de contorno, quebrada e fechada, que a percorre num movimento contínuo. As linhas descrevem e separam entre si, formas geométricas.

Tomando como referência a disposição das formas no espaço, cada figura é delineada diferentemente, quer na forma, quer no tamanho ou na colocação espacial.

A superfície da forma rectangular é dividida por quatro linhas horizontais e paralelas, que configuram quatro formas geométricas distintas. Numa leitura de sentido descendente, a quarta forma é igual, mas de tamanho reduzido.

No interior da segunda forma, a linha mista, pontua uma forma anatómica.

No interior da segunda e terceira forma, a linha mista dá corpo a uma composição gráfica.

Muito embora a linha no seu percurso descreva morfologias e códigos de interpretação diferentes, em nosso entender, elas integram uma unidade.

No terceiro plano, estão representadas duas formas distintas, de diferentes tamanhos e separadas entre si. As duas formas situam-se acima da linha recta, na parte superior da forma geométrica, que define o plano. As linhas de contorno das duas

formas são linhas concordantes. Nascem no ponto de encontro da linha recta, acima referida, e percorrem a forma com um contorno irregular.

c) – Leitura do perfil do lado esquerdo



Em primeiro plano, está representada uma forma geométrica, rectangular, disposta na horizontal.

Em segundo plano, está representada uma figura humana. A linha de contorno contínua é de movimento irregular e define a representação de um corpo da figura humana que se projecta. Esta figura tem ainda uma outra leitura orientada por uma forma sobreposta, definida pela linha de contorno, irregular e concordante, que descreve duas fortes diagonais que se prolongam até à linha limite do terceiro plano.

Em terceiro plano, está representada, por linhas mistas, uma forma geométrica irregular, com a predominância da linha quebrada.

Em quarto plano, está representada uma forma que se situa acima da linha mista, na parte superior da forma que define o segundo plano. A sua linha de contorno é uma linha concordante, que nasce no ponto de encontro da linha mista, acima referida, e percorre a forma com um contorno irregular.

Linhas de formas e volumes

Como já referimos, a escultura é concebida plasticamente e concretizada com a intenção de ser uma massa quase compacta, baseada na concentração do volume, unidade e força que se evidenciam na sua tridimensionalidade.

Formalmente está implícito o paralelepípedo onde se inscreve o total da escultura de faces mais largas que os cantos e que evolui, em ascendência, da base, mais ampla, para o topo. Esta ilusão perspéctica é conseguida, num dos lados da escultura, através de um outro esquema de *composição* em pirâmide, tendo como base, a própria base da escultura, e por vértice, um ponto acima da cabeça do elemento masculino. No outro lado, oposto a esse, a composição segue o mesmo esquema daquele que foi

anteriormente descrito, diferindo apenas no vértice, que, neste caso, se encontra situado acima do ponto mais alto do *volume*.

Este processo de criação imaginária baseia-se na visualização de um plano que tem por base a própria base da escultura e, por vértice, um ponto acima da cabeça do elemento masculino.

Na parte não-figurativa, o vértice situa-se acima do ponto mais alto do *volume*.

Numa leitura puramente subjectiva, julgamos que Dorita organiza a composição da peça em dois lados, como se fosse uma medalha com verso e anverso. Virado a Norte, para o largo, surge o anteriormente designado *perfil anterior*, agora um esquema narrativo. Sob um plano frontal liso, a representação estende os corpos das figuras humanas estilizadas de modo a serem imediatamente legíveis. No lado Sul, voltado para a parte externa do largo, avenida Dom Afonso Henriques, está o lado *identificativo*. Realce, aqui, para o meio de comunicação imediato, uma legenda compacta disposta ao centro, do lado esquerdo.

Em nosso entender, a composição distribui-se e equilibra-se no conjunto. A escultora privilegia dois lados distintos: – um, acentuadamente volumétrico, contrasta com o plano de fundo. O outro, é constituído por planos quase lisos que se equilibram pela orientação das massas.

Na leitura do conjunto e na apreciação das partes, verificamos que a *composição* foi pensada tendo em conta a orientação das relações espaciais, ou seja, o *espaço-tempo* do espectador que observa e frui a escultura, fazendo a uma leitura estética a partir do *espaço* onde a acção se desenvolve.

Para além da perspectiva espacial e cenográfica, Dorita perspectiva igualmente as figuras no plano. Esta noção de perspectiva é sugerida por um esquema de escalonamento em planos avançados e planos recuados que dão a noção de profundidade.

A modelação é tratada em síntese, baseada num processo de simplificação por nivelamento³⁸, no que respeita às partes anatómicas e panejamentos do corpo humano. Os outros planos volumétricos da escultura foram tratados pelo mesmo processo.

No lado identificativo, a que chamamos a *figura das palavras*, por contraponto ao lado contrário, onde existem as imagens das *figuras humanas*, o seu conteúdo é

³⁸SOUSA, Rocha, BATISTA, Hélder, Para uma didáctica introdutória às Artes Plásticas, Lisboa, s/d, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, pág. 65

analisado pela mensagem escrita e pela sua disposição na superfície. Não nos é indicada, visualmente, nenhuma hierarquia na leitura, tanto pelo tamanho ou pela espessura das letras ou palavras. A disposição posicional lógica das palavras corresponde ao sentido da leitura que segue a vertical descendente da *paginação* plano. Existe uma disposição posicional plástica da mensagem escrita que corresponde ao equilíbrio das massas, dada pela diagonal implícita entre esta, a meio do plano, e a massa arredondada das cabeças, no topo.

No entanto, o apelo visual constituído pela espessura e pelo desenho das letras provoca também um primeiro movimento de leitura de cima para baixo neste lado da escultura, fazendo passar o olhar, primeiro pelo conhecido - as palavras - e em seguida, este é guiado pelas linhas de orientação, implícitas e explícitas, verticais, horizontais e oblíquas e desta maneira o processo da organização do olhar, parte de um elemento - a mensagem gráfica - e é levado para o todo escultural para depois regressar a ele. A escolha do grafismo, aqui, tem também importância enquanto preferência plástica. As palavras têm, sem dúvida, uma significação imediatamente compreensível, orientada antes mesmo de ser percebida pelo aspecto plástico do seu grafismo, como uma opção igualmente plástica que contribui para a significação da própria imagem visual.

Quanto à escolha dos *caracteres* gráficos, e aqui recorreremos à tipografia³⁹, consideramos que se enquadram na harmonia e equilíbrio da composição, confirmando que é *sem serifa*⁴⁰, do tipo⁴¹ neutro, com um bom diagrama⁴².

Neste contexto, a preferência por este desenho das letras é muito importante para explicitar a mensagem escrita. As letras que formam as palavras estão em relevo e permitem ao observador compreender simultaneamente duas mensagens: a da sua forma

³⁹...Um diagrama é uma representação visual estruturada e simplificada..., <http://diagramafamecos.blogspot.com/2006/03/tipologia-classificaes-e-familias-de.html>

⁴⁰<http://pt.wikipedia.org/wiki/Serifa>: ...Em tipografia, as serifas são os pequenos traços e prolongamentos que ocorrem no fim das hastes das letras. As famílias tipográficas sem serifas são conhecidas como sans-serif (do francês "sem serifa"), também chamadas grotescas (de francês grotesque ou do alemão grotesk). A classificação dos tipos em serifados e não-serifados é considerado o principal sistema de diferenciação de letras.

⁴¹ <http://diagramafamecos.blogspot.com/2006/03/tipologia-classificaes-e-familias-de.html>: ...O termo tipo é o desenho de uma determinada **família** de letra.

⁴² *Ibid*: ... Um diagrama é uma representação visual estruturada e simplificada.

e evolução no espaço do plano de fundo e a do significado do monumento representado no seu contexto histórico.

No lado narrativo é fundamental, para a sua interpretação, o facto de ser um relevo acentuado. As figuras humanas, estilizadas, funcionam em relação ao fundo como um médio – alto-relevo⁴³ – e parecem emergir gradualmente deste. Estão escalonadas, por sobreposição, de modo a formar três volumes e uma abrange mais do que um lado da escultura. Assim, esta particularidade da colocação do relevo narrativo obriga o observador quase a circunscrever a peça para uma observação interpretativa clara e, dessa forma, reafirmar o efeito da composição.

E o que se observa?

Um grupo constituído por três figuras humanas estilizadas, hierarquicamente alinhadas: à frente, uma figura masculina, seguida por outras duas, uma mulher e uma criança.

O modo como a escultora orienta as formas no espaço, sugere uma continuação temporal sequencial. As figuras vêm de um algures e encaminham-se objectivamente para a gare. É este o momento que a escultora capta, aquele que ela elege como único da acção, como o mais sugestivo e também aquele que é capaz de desvendar as figuras e de lhes revelar o significado.

Em nosso entender, as figuras foram *captadas* num momento apropriado. As suas formas evidenciam-se, elevando-se, com intensidade, donde se ve(m) emergir o(s) seu(s) significado(s), formando uma trama que liga a composição aos acontecimentos da *epopeia* da Emigração. Neste contexto, o fundo tem simultaneamente o espaço e o tempo que serve de suporte ao desenrolar de uma narrativa. Enquanto as relações temporais são conduzidas com a direcção das figuras humanas, o espaço é, como referimos, sequencial.

Temos pois uma organização/construção sequencial de uma massa para a outra. A construção maciça conduz o nosso olhar através de linhas estruturadoras dinâmicas para os pontos mais activos, interessantes, nítidos, brilhantes e luminosos da escultura.

Se, num lado do monumento - o lado narrativo -, temos uma condução visual marcada pelas linhas estruturadoras, linhas implícitas, oblíquas que se cruzam a meio da escultura; do outro - o lado identificativo -, temos outros dinamismos visuais e

⁴³ PAIS da Silva, Jorge Henrique, CALADO, Margarida, *dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, Lisboa, ed. Presença, Março, 2005

direccionais, neste caso específico, de linhas explícitas, marcadamente verticais e horizontais.

Estas construções sequenciais de linhas estruturadoras têm frequentemente, na cultura ocidental, outras significações a elas associadas, como são por exemplo, o dinamismo e a energia, quando as linhas têm uma orientação oblíqua⁴⁴, como acontece no lado narrativo. Note-se que no lado oposto - o lado informativo -, a leitura é vertical e horizontal, e não oblíqua, evitando assim este tipo de associação para favorecer o da rectidão e do equilíbrio⁴⁵.

Continuando no lado narrativo, Dorita dá ao tratamento do fundo a mesma importância que dera ao relevo, pois aquele plano foi concebido como um espaço ilusionista de onde emergem as figuras, que deixa suspenso, a meio caminho, o volume entre a sua projecção literal, para a frente deste, e a sua existência parcialmente liberta do sólido.

Outras *linhas* estruturadoras da obra, mas aquelas que ligam atitudes e indicam *movimentos* ou a sugestão de *movimento*, realizam-se em função do factor dinâmico subjacente às aparências da realidade.

Estamos em crer que a direcção em que se desloca um corpo humano é normalmente dada pelo olhar, de resto, um factor implícito importante para a percepção de movimento. Para além deste, outra sugestão de movimento, como o de sucessão, por exemplo, é aqui produzida pelo posicionamento, em sobreposição, dos corpos humanos estilizados. Outro movimento ainda sugerido e que tem a finalidade de intensificar o efeito de ritmo dos gestos dispostos em paralelo é aquele dado pela tensão e rigidez dos membros superiores e inferiores das figuras. Também na leitura do panejamento podemos analisar o movimento, sugerido pelas linhas que definem os contornos e marcam os vincos.

Continuando no lado narrativo e, varrendo com o olhar do observador o plano de para a direita para a esquerda, deparamo-nos com as figuras que parecem movimentar-se em direcção a um futuro, sugestão reforçada, como referido acima, pela direcção dada pelo olhar. Nesse movimento – na aparente gravidade do fundo que empurra - a escultora, como dissemos, projecta os valores temporais da narrativa. O *ritmo* aparece

⁴⁴ SOUSA, Rocha, *TPU 19*. Ed. Ministério da Educação, 1978.

⁴⁵ *Ibid.*

no sentido das massas, pela repetição escalonada e alternante dos *volumes* e também pela *linha* visual, qualquer que seja o sentido da leitura - horizontal, vertical ou oblíquo. No entanto, na leitura do quadro da família, o *ritmo* dado pelos membros inferiores, quebra-se e não é totalmente legível, por haver a sobreposição da forma paralelogrâmica que configura o *volum*e da mala. Este elemento, com uma forma geométrica pura e face plana, é um ponto visual estático, cujas *linhas* paralelas horizontais, são estabilizadoras em relação às oblíquas descritas pelas suas laterais e pelos membros superiores ou inferiores das figuras. Em nosso entender, sendo a mala - o atributo do viajante - o elemento de menor escala da *composição*, é o ponto visual de maior atracção - aquele que apela e prende o nosso olhar, que completa e reforça o sentido do conteúdo da mensagem visual transmitida pela escultura.

Estas *linhas* directrizes do espaço definem as coordenadas do *movimento* representado, sendo valorizadas pela luz e pela sombra. As gradações de sombra/claridade favorecem o volume - o espaço. A sombra aparece inerente à própria escultura. A *sombra própria* - ou projectada - favorece a ilusão de espaço, o que explica a razão de certos volumes, em parte iluminados, desenvolverem uma dinâmica visual entre as partes expostas à luz e nas integradas na sombra.

As superfícies das figuras humanas estilizadas carregam uma lembrança contínua: o toque/cunho da escultora, que as trabalhou. Convertem-se, por causa da sombra, na mais intensa e pungente área de toque. É como se a escultora sentisse que não bastava extrair relevo, figuras do fundo; é como se ela também *fornecesse dados sobre as áreas de interacção imersas de tal modo na matéria da escultura que nem seus dedos modelantes nem o nosso olhar conseguiriam alcançar*⁴⁶... As sombras projectadas parecem enfatizar, no pleno dos volumes, a independência das figuras em relação ao fundo e reforçar a nossa impressão desse fundo como um objecto sólido à parte, uma espécie de barreira – o passado - que se fecha e impele.

De uma maneira geral, temos uma percepção táctil e visual desta escultura, conseguida por um acabamento técnico de polimento cuidado, exceptuando algumas partes, poucas, em que são notórios os vestígios de marcas de ferramentas, que actuaram no processo de construção da escultura em barro. A *forma* está estruturada maioritariamente por uma textura regular. O pedestal, em pedra, apresenta uma textura

⁴⁶ *Ibid.*

própria do material. A textura aparece de forma palpável, não se tratando de uma abstracção.

No seu todo, cromaticamente a escultura vive num contraste permanente. Enquanto o pedestal tem um tom alvo, a massa escultural, é toda ela escura, uniforme, monocromática. No entanto, a um olhar mais atento, verifica-se, uma mescla de matizes diferenciadas, criadas, nomeadamente pela acção do tempo. À exposição física da escultura estão inerentes, cremos nós, estas variações superficiais cromáticas que são provocadas tanto por factores externos, como a poluição ambiental⁴⁷, como pelas vicissitudes próprias dos materiais constituintes da escultura. As formas no topo da escultura, por exemplo, têm uma coloração diferente da sua base. Ocre acastanhados e amarelados que pretendem transmitir uma sensação de calor opõem-se à frieza dos cinzas. No entanto, no todo, a relação cromática é equilibrada por tons análogos, agradáveis e numa escala cromática sequente, dados pela interferência aglutinadora e dominante, em termos de harmonia, da matiz base da escultura.

Portanto, para finalizar a obra, Dorita de Castel-Branco opta por utilizar uma patine escura, a cor que acentua o carácter preciso da localização e da acção temporal da representação, e onde a luz favorece a sua apreciação. Este procedimento contribui também para uma valorização das formas modeladas pela luz incidente nas superfícies polidas ou pela sombra projectada numa superfície produzida por oposição a um volume. No acto da leitura e análise da obra plástica, a tonalidade escura dá uma definição expressiva nos traços abstratizantes dos rostos, conferindo-lhes uma visível carga emocional. A cor pontua também, por contraste, o equipamento, variado e multicolor, da paisagem urbana que a circunda.

O pedestal⁴⁸ comporta-se como um volume compacto, neutro mas contrastante⁴⁹. O aspecto neutral é, pensamos nós, dado pelas suas formas geométricas regulares, um

⁴⁷ BRUHMS THEILE, J. M., *EL LIBRO DE LA RESTAURACIÓN*, Alianza Editoria, Madrid, 1996, pág. 59: [...] *O cobre e as suas ligas, latão e bronze, são afectados se estiverem expostos à humidade. pelos cloretos ou sulfatos e poluentes presentes no ar. O bronze maciço é frequentemente lacado (na fábrica) para protecção do seu acabamento.*

⁴⁸ PAIS da Silva, Jorge Henrique, CALADO, Margarida, *dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, Lisboa, ed. Presença, Março, 2005, pág. 212;... *Suporte de pedra, metal, ou madeira, que sustenta uma estátua ou coluna...*

⁴⁹ ARNHEIM, Rudolf – *Arte e percepção visual* – Editora Pioneira, São Paulo, Brasil, 1998, pág. 349: *...contradição entre duas aplicações tão diferentes do mesmo recurso parecera menos confusa se nos*

paralelepípedo rectângulo, onde a sua face maior está na horizontal. O rebordo superior, onde assenta a base da escultura, é ligeiramente maior. Este pormenor, físico e dimensional, reafirma e faz ressaltar, numa visualização aproximada, a separação entre pedestal e escultura. Outros elementos de contraste mais evidentes, por se comportarem como elementos marcadamente mais dissonantes, relativamente aos existentes na escultura, encontram-se, pensamos nós, tanto na parte cromática⁵⁰, uma cor alva e monocroma, como já referenciado, como no elemento textural das superfícies expostas, de aspecto rugoso, causado pela irregularidade de uma intervenção mecânica objectiva, pelo crivar⁵¹ na superfície da pedra.

A nosso ver, o significado da composição – e conseqüentemente do momento que a escultora retrata - gira em torno do *ponto* em que as duas faces (face/canto/face) da forma base da escultura se comunicam e se completam. Esse *ponto* dá-se através do braço estilizado da figura masculina que liga, une, o canto charneira, frontal à gare, à face do lado identificativo e à face do lado narrativo. Explorando o recurso formal do membro superior, onde significado plástico se junta na perfeição com o significado icónico, Dorita representa, em nosso entender, um momento particular, o surgimento da consciência do significado da partida, como desenvolvemos no ponto *análise dos valores simbólicos*.

Esta atitude de Dorita, para com as formas da escultura, mostra que é um narrador erudito, a comentar a relação de causa/efeito das formas, nos espaços histórico e plástico. A atitude correspondente do observador/espectador deve ser definida pela natureza do próprio monumento: o observador deve assumir uma erudição paralela à da mensagem veiculada quando lê o monumento, procurando compreender o seu sentido global.

lembramos que a inteireza conseguida pela complementaridade envolve não apenas contraste máximo, mas também neutralização mútua.

⁵⁰ [...]O contraste é mais evidente quando amplas áreas de cores são colocadas em oposição.... *Ibid* Pág.349.

[...]A cor permite-nos distinguir uma coisa da outra... SOUSA, Rocha, *TPU 19*. Ed. Ministério da Educação, 1978.

⁵¹ PAIS da Silva, Jorge Henrique, CALADO, Margarida, *dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, Lisboa, ed. Presença, Março, 2005, pág.215: ...*Crivar (uma pedra, por exemplo) de pequenos orifícios com um instrumento de ponta.*

f. Análise do conteúdo social da obra

A mensagem visual nesta obra plástica tem uma leitura simbólica, trabalhada pelo observador/receptor que, no acto da fruição estética, os descodifica a partir da sua inteligência cognitiva e emotiva e/ou dos conhecimentos que possui dos códigos convencionais que conhece da sociedade e da autora que os veiculou.

Como já anteriormente referimos o *monumento* é uma homenagem *ao emigrante português*, e simultaneamente simboliza de um modo universal o português que, pela força das circunstâncias, abandona a terra natal em busca de melhor qualidade de vida em destinos longe das suas raízes.

O conteúdo da mensagem que esta escultura pretende transmitir, embora de carácter figurativo e tratamento abstratizante, está bem evidente quando a observamos *in situ*. Num primeiro nível de leitura, a mensagem que captamos é transmitida pela própria funcionalidade do local da acção. O monumento foi colocado junto à fachada principal da gare ferroviária de Santa Apolónia.

A segunda mensagem dá a conhecer os sujeitos da acção e o seu enquadramento, a partir dos registos da linguagem plástica explícitos na estátua em bronze.

Em nosso entender, existe uma mensagem directa que se expressa através do grupo, aparentando ser um núcleo familiar que se encaminha para a gare dos caminhos-de-ferro. Esta leitura é reforçada pela mala que o elemento masculino transporta na mão esquerda.

A leitura global do grupo enquanto família anónima, sem rosto, representa o emigrante que, a partir dos anos sessenta, ignorado e invisível, embarca para o desconhecido. A massa volumétrica, constituída pelos planos e pelas formas piramidais que enquadram o monumento, simboliza a terra-mãe que os emigrantes levam consigo no pensamento e no coração. Esta leitura é sugerida pela mão direita da figura masculina que agarra o bloco, símbolo da terra-mãe⁵².

⁵² BECKER, Udo, Dicionário de símbolos, São Paulo: ed. Paulus, 1999, pág.277: ...Terra, em oposição ao céu, geralmente considerada como feminina, passiva e escura. Na mitologia muitas vezes aparece como divindade feminina. Os mitos sobre a origem do mundo muitas vezes vêem o começo do mundo como um acto de geração, no qual a Terra é fecundada pelo céu. Por isso ela também é simbolicamente

Numa leitura, já de pormenor e em primeiro plano, destaca-se da mole humana, o elemento masculino, símbolo do pai – do chefe da família. Esta figura sugere um homem de condição social precária, indiciada pela simplicidade com que a escultora trata o panejamento que veste a figura.

Embora aparentando ser uma personagem humilde, a postura física que assume – a cabeça levantada, os ombros atirados para trás, o peito avançado, as pernas em posição de marcha – denota firmeza na decisão que teve e o levou a embarcar. O rosto sem expressão definida, a rigidez do tronco e os membros em tensão, revela o seu estado de alma.

O elemento feminino apresenta igualmente a mesma simplicidade; esta figura é o eixo da composição, é o elo de contacto entre os entes queridos e, em nosso entender, o elemento com maior carga simbólica, por concentrar em si uma força singular, como se o êxito dessa expedição dependesse das suas capacidades. A mão esquerda está apoiada no ombro da criança como a encorajá-la a segui-los. A figura da criança semi-oculta pelo vulto da figura feminina, mostra uma atitude de reserva ou de expectativa pelo ambiente que a rodeia – é o elo mais fraco da cadeia e, por isso, é protegida pela mãe.

A escultura de Dorita só pode ser lida no seu todo se nela se incluir a envolvente, responsável pela sua delimitação e distinção no espaço público, pela acção e, simultaneamente, pelo comprometimento sócio-cultural do colectivo, resultante de valores também social. A essa totalidade, “formada por coisas concretas com substância material, forma, textura e cor”, designamos por ‘lugar’⁵³. É sobre o conceito de lugar enquanto totalidade significativa que nos iremos debruçar agora.

comparada com o útero. Todavia, a Terra não é só o seio donde nasce toda a vida, mas também a sepultura para a qual volta. Por isso o seu conteúdo simbólico muitas vezes corresponde à figura ambivalente da “Grande Mãe”, que é experimentada ao mesmo tempo como doadora da vida e ameaçadora.

⁵³ NORBERG-SCHULTZ, *Genius Loci: Towards a Phemenology of Architecture*, Rissoli, Nova Iorque, 1980, p.8: “lugar é um fenómeno qualitativo ‘total’, que nós não podemos reduzir a nenhuma das suas propriedades, tais como relações espaciais, sem perder de vista a sua natureza concreta”.

1. O carácter de lugar (*o Locus*)⁵⁴

1.1 - Local: Gare, espaço frontal da gare

1.1.1 - Símbolo: Local de partida. Local de expectativa e ansiedade para quem parte e para quem fica.

1.2 - Local: A própria escultura e a sua massa volumétrica estruturante.

1.2.1- Símbolo: A sugestão de um espaço estreito:

a)- Antes das recentes obras de 1998, havia um muro de tijolo que dividia a avenida Infante D. Henrique e o cais marítimo. Criava-se aqui então, uma sugestão de espaço murado, não acessível, impeditivo daquele sentido direccional. Hoje o espaço é aberto, porque o muro desapareceu, perdendo-se também a barreira visual e física e esta sugestão espacial condicionante;

b) - A massa geográfica da colina em frente e a massa volumétrica e formal por detrás das figuras, como que criando um estreitamento que comprime as figuras, impeliu-as para uma dinâmica de movimento, guiando-as para uma única saída. A requalificação da avenida D. Afonso Henriques, nas décadas de 1980 - 1990, transformou este espaço numa via larga e marcante com as suas duas vias de rodagem em alcatrão negro, divididas por uma imponente faixa de calçada alva.

⁵⁴ABREU, José Guilherme, *A problemática do monumento moderno*, revista da FLUP, Porto, 2002: [...]o locus da escultura pública varia qualitativamente em género e em grau. Em género, pela presença das quatro modalidades, ambiente urbano, ambiente natural, ambiente rural e ambiente sacralizado. Em grau, pelo nível de consideração macro ou micro do horizonte do seu locus.

2 A escultura ou a presença formal (o eidos⁵⁵)

2.1-Tema: As figuras humanas.

2.1.1 Símbolo: As pessoas que partiram, os Emigrantes.

2.2- Tema: A figura masculina.

2.2.1- Símbolo: O homem: elemento que simboliza aqui a força e a decisão que, com a sua pose, com o seu passo largo e firme, toma a frente, decidido a partir sem hesitações.

O membro superior direito, braço e mão - prende-se subrepticamente à massa volumétrica do fundo, que representa a terra que vai deixar, não numa atitude de declarada oposição física à decisão tomada mas, aqui visivelmente, como parte humana carregada de dúvidas, de hesitações, por ter de deixar a pátria, a terra natal, numa partida rumo ao desconhecido. Este segurar acariciador de mão com os dedos todos abertos, mostra o desejo de um futuro regresso às origens, mesmo que tenham sido essas origens adversas que levaram a uma partida forçada.

2.3- Tema: A figura feminina.

⁵⁵ABREU, José Guilherme, *A problemática do monumento moderno*, Revista da FLUP, Porto, 2002: [...]o eidos da sua presença formal, consideramos que a mesma se consubstancia de igual modo segundo duas modalidades distintas. Por um lado temos uma presença hierárquica, variando entre monumento e ornamento, e por outro temos uma presença material, variando entre objecto e conceito. Presença hierárquica, primeiro, porque a lógica do monumento é oposta à do ornamento, por mais que ambos os termos conceptualmente se toquem e formalmente se completem. Pela lógica monumental, a obra ergue-se ou sobrepõe-se ao espaço, fecundando-o com a sua presença. Tanto dá que essa sobreposição seja vertical, como no caso do monumento oitocentista; ou horizontal, como no caso das manipulações da Land Art. Num e no outro caso, o seu eidos é a fórmula monumento. Contrariamente, pela lógica ornamental, a obra abre-se ao espaço, dispersando-se pelos seus meandros e reiterando o seu carácter. Presença material, depois, porque a presença do objecto é distinta da presença do conceito. Pela presença objectual, o eidos da forma escultórica é dado de modo indirecto (Husserl diria inadequado), modelado, esculpido ou agregado, por meio da literalidade dos materiais. Pela presença conceptual (adequada) o eidos da forma escultórica é dado de forma directa, referido, descrito ou sugerido, de modo puramente transcendental, devendo efectivamente reconhecer-se a diferença que é recortar sobre uma chapa de ferro, em negativo ou positivo, a silhueta de um cavalo, ou recortar sobre uma outra chapa de ferro idêntica, em negativo ou positivo, a palavra "cavalo".

2.3.1- Símbolo: A mulher é a charneira entre o elemento da frente e o de trás. É aquela que medeia e apoia, é a rectaguarda fiel. O nível do olhar da figura feminina situa-se nos ombros da figura masculina, numa atitude de confiança no seu guia. A sua mão apoia-se no ombro da criança como que a encorajá-la, a incentivá-la a segui-la.

2.4- Tema: A criança.

2.4.1- Símbolo: Esta figura aparece em boa parte escondida por detrás da figura feminina, olhando de modo expectante. A sua posição corporal denota isso mesmo; o seu olhar é a de contemplação do que a rodeia de momento, guiada pela mão no ombro.

2.4- Tema: A mala.

2.4.1- Símbolo: Objecto contentor, indiciador de mudança.

2.5- Tema: O fundo – A massa volumétrica por detrás das figuras.

2.5.1- Símbolo: As montanhas, os vales: a sua terra natal.

O espaço onde a acção se desenvolve funciona como uma cenografia em palco, efeito dado pelo facto da escultura estar colocada num pedestal. Cada observador / personagem vive a sua própria representação. Neste sentido podemos afirmar que “o teatro é espaço”⁵⁶. Tal afirmação é fruto da compreensão do teatro como a arte do concreto, cuja materialidade se formaliza por meio da organização desse espaço, sendo, por essa razão procurar fazer a integração da escultura na sua envolvente.

⁵⁶ UBERFELS, Anne, *Lire le Théâtre I*, ed. Dev, UK, 1996, p. 49.

g. Integração do monumento e a sua envolvente

O tema abordado neste ponto, centra-se na análise e adequação deste *espaço exterior de permanência* (largo/praça)⁵⁷, das vivências que este potencia ou condiciona, em relação ao nosso objecto de estudo.

Em termos gerais, o objectivo deste ponto é analisar, ao nível dos usos e das formas de apropriação existentes, as implicações dos elementos morfológicos e definidores do largo. Com base nestes procedimentos, pretende-se fazer a avaliação das condições funcionais deste espaço e compreender, que condições de suporte aos diferentes usos e em particular a sua capacidade de suporte ao monumento. Pretende-se ainda compreender a eficácia e procedimento do largo, no cumprimento deste objectivo. Para isso, estudamos, a adequação de determinadas configurações que definem espaços de circulação e permanência e identificamos as componentes arquitectónicas responsáveis pelos vários usos que lhe estão associados.

Este estudo teve como objectivo responder a interrogações que, entretanto, se nos foram colocando e que vão desde a relação entre as condições morfológicas do largo e as vivências (quotidianas e pontuais) que o caracterizam ou que elementos espaciais do largo interferem, positiva e negativamente, na sua capacidade de celebrar o monumento; ou, ainda, se as suas condições espaciais são propícias ao seu uso ou do seu formato espacial apenas é determinante na forma, ou como os usos se distribuem e posicionam no espaço ou e finalmente, em jeito de mensagem, este largo tem elementos-chave que o caracterizam, o monumento, a fachada monumental do museu do exército, entre outros, e que podem vir a ser assumidos como ferramentas ideais ao dispor do arquitecto/urbanista para o projecto de espaços com intenções programáticas, que elevem este espaço a um nível de apropriação digno para a cidade; não a mono-funcionalização, pois esta traduz-se normalmente na perda da identidade local.

⁵⁷ REIS, Maria Madalena Oliveira, *O uso e apropriação de espaços exteriores de permanência (praças) em centros urbanos para suporte a eventos culturais — para uma metodologia de análise espaço-funcional*. Um caso de estudo: Largo de S. Carlos, Tese de Mestrado, IST-UTL, Lisboa. 2009.

1. Investigação diacrónica do local

1.1 - Evolução do Largo dos caminhos-de-ferro no espaço e no tempo;

1.2 - Historial e definição histórica de largo;

- 1.1.2 Pequeno resumo cronológico.

1.3 - Situação actual do largo;

2. Dimensionamento

2.1 – Toponímia;

2.2 – Pavimentação;

2.3 – Iluminação;

2.4 – Vegetação;

2.5 – Equipamento;

2.6 - Barreiras físicas;

3. Características funcionais do local

2.1 Área e estrutura da sua ocupação;

2.2 Fluxos de trânsito (canais de circulação)

- Percursos rodoviários e pedonais

2.4 Zonas de conflito;

4. Enquadramento do espaço na malha urbana de Lisboa

4.1 Vertentes sociais, económicas, culturais e urbanas

1. Investigação diacrónica do local

1.1 Evolução do Largo dos caminhos-de-ferro no espaço e no tempo

O Largo dos Caminhos-de-ferro⁵⁸ estabelece uma estreita relação com a gare de Santa Apolónia desde a sua concepção inicial. Esta relação é evidente em vários aspectos que contribuem para a sua identidade. Por isso, neste trabalho, são feitas diversas referências à Estação, para que possam servir de suporte à descrição dos processos de transformação que afectaram o espaço público que lhe é fronteiro.

A estação de Santa Apolónia foi a mais importante estação de comboios de Lisboa, estando associada à deslocação de pessoas e é, a par de outros equipamentos da cidade, um pólo de dinamização da vida urbana da cidade. Importa portanto, relativamente ao Largo dos Caminhos-de-ferro, retratar os aspectos que se mostraram decisivos para a sua concepção, os usos e apropriações do espaço que nele se têm verificado, as suas características espaciais e as transformações que sofreu.

1.2 Historial e definição histórica de largo

O historial do largo dos Caminhos-de-ferro está intrinsecamente ligado ao edifício da gare de Santa Apolónia.

Próximo do local existiu um recolhimento fundado em finais do Século XVII. Mais tarde, já em 1718, o recolhimento foi transformado em convento. Extinta a casa conventual, as dependências serviram de residência para os alunos da Real Casa Pia e

⁵⁸ <http://toponimia.cm-lisboa.pt/>, por deliberação camarária e edital respectivamente, de 4 de Novembro e 12 de Novembro de 1880. CM-LISBOA — Toponímia de Lisboa.

para o estabelecimento de um colégio do Arsenal do Exército. Em 1852, o antigo convento de Santa Apolónia é adquirido pela Companhia Real dos Caminhos-de-Ferro. De 1856 até 1865 serviu como terminal de passageiros, hoje integrado no enorme complexo, mas cujo portal da igreja ainda se pode ver na fachada virada para a Rua de Santa Apolónia.

Todos aqueles terrenos ribeirinhos eram chamados "de praia". Não havia passagem para norte e Lisboa acabava ali. O caminho-de-ferro transformou toda a zona e a chamada "Praia dos Algarves" transformou-se no largo fronteiro ao edifício da estação:

[...] A escolha do local foi uma das primeiras preocupações. Depois de algumas propostas, o governo optou por ceder à companhia dos caminhos-de-ferro o sítio ocupado pelo antigo quartel de Artilharia, que ficava em frente à “praia dos Algarves”, também conhecida por “cais dos soldados” (em sequencia da proximidade do quartel).”...”Como o projecto exigisse amplo espaço e excelentes condições de acesso, haveria de urbanizar a zona e conquistar terra ao rio. As consecutivas terraplanagens e aterros transformaram paulatinamente a “Praia dos Algarves” no actual Largo dos Caminhos-de-Ferro.⁵⁹

Em definição bastante ampla, largo é qualquer espaço público urbano, geralmente rodeado de edifícios ou não, deriva dos espaços livres defronte das edificações religiosas ou institucionais, da confluência de ruas ou de lugares onde se exerça uma actividade comercial mercantil. Existe uma diferença histórica entre largo e praça, sendo a última um espaço urbano pensado e planeado, enquanto o primeiro nasce da intersecção orgânica de outros espaços.

Portanto, o nosso largo deriva do espaço livre defronte do antigo quartel e posteriormente do espaço planeado para a nova estação.

Normalmente, a apreensão do sentido de "praça" varia de acordo com a cultura de cada lugar. A ideia de praça está associada comumente à presença de um espaço amplo, que ao centro tem uma ilha, que pode ser seca, ou com arranjo decorativo, um jardim, uma escultura ou ambos, rodeada por um eixo viário e este por edifícios.

⁵⁹ GAMA, Elisabete, Miranda, Ilda, Lisboa *Ribeirinha e as suas Estações – Síntese Histórica, Actas das Secções, II colóquio temático “ Lisboa Ribeirinha”*, Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Junho de 1997, pág. 201.

Modernamente a tendência leva a que sejam espaços urbanos que aliam uma função mista de circulação pedonal e rodoviários, aliadas a áreas de lazer.

1.1.2 Pequeno resumo cronológico, baseado na observação de material cartográfico de diferentes épocas⁶⁰:

1856 – Apenas um edifício militar. Na sua parte lateral Norte, uma estrada, no lado Sul, directamente o rio;

1865 – O largo expande-se frontalmente em relação à fachada da estação, mantendo-se as laterais;

1909 - Podemos visualizar em Anexos – documentos cartográficos nº3, pág. 87, a ampliação do largo devido ao aterro. Expansão frontal ao largo e lateral do lado Sul, para abertura de uma via de comunicação que ligue Lisboa Oriente/Ocidente. O largo caracteriza-se por ser um “largo-seco”, amplo, de forma rectangular. Existem novas construções de edifícios de apoio, junto ao cais fronte à marginal recentemente construída. O largo torna-se um largo interior;

1950 - Continuamos a visualizar um largo designado como “largo-seco”, as vias rodoviárias são mais largas que as vias pedonais. Existe um elemento de regulação rodoviário, uma ilha/refúgio, que demarca o largo dos caminhos-de-ferro da via rodoviária paralela ao rio.

1998 - Forma actual. Um largo virado inteiramente para servir a gare, pois esta tornou-se, uma superfície multimodal. Aumento do espaço pedonal, com passeios mais largos e direccionados para os pontos de acesso aos transportes rodoviários. Reorganização do largo, na sua parte sul, com a construção de vias rodoviárias, implantação de equipamento polarizador.

⁶⁰ Vide Anexos - documentos gráficos.

1.2 Caracterização actual da área e enquadramento urbanístico

O Largo foi alvo de intervenções para a sua reorganização pelo menos duas vezes entre a época de 1980, até aos nossos dias. Pensamos que o objectivo, ao intervir neste espaço, a par de outras intervenções, foi a tentativa de dotar o largo das condições necessárias que permitissem a sua utilização como espaço de prolongamento dos serviços da estação e assim como, adaptando-o, como espaço de permanência, introduzindo, para isso, os chamados elementos polarizadores, como são bancos de jardim e elemento arbóreo.

Das indicações que retiramos da observação feita no largo, os projectos apenas contemplaram as áreas centro/Sul do Largo até à avenida D. Afonso Henriques. As opções da operação do projecto foram, entre outras, essencialmente orientadas para a ordenação da rede viária, tráfego pedonal e motorizado. Os usos que caracterizam o Largo dos Caminhos-de-ferro continuam a estar exclusivamente relacionados com a estação, isto é, a organização urbanística vive numa subordinação ao edifício da gare. Com a extensão da linha de Metropolitano àquele edifício, este espaço/lugar urbano, tornou-se assumidamente num ponto multimodal, isto é, um ponto circunstancial de vários transportes públicos.

O actual traçado urbanista, mostra um modelo indefinido, do tipo irregular, mas com clara definição entre espaços pedonais e rodoviários. Esta clara definição física, entre passeio e estrada, é definida geralmente por um curto desnivelamento, que marca limites. Na cidade de Lisboa, para além do exposto, é relevante, também, o contraste cromático entre o material que constitui a calçada, em pedra alva e o negro do alcatrão.

No lado Norte do largo, está um parque de estacionamento, circundado por três ruas, sendo uma das quais a via central que faz a ligação entre ruas, e que também divide o largo⁶¹. Este lado do largo, não sofreu qualquer intervenção relativamente às obras efectuadas no espaço de tempo acima referenciado, está degradado e é visível o esquecimento a que está votado.

O lado Sul, entre a via central do largo e a Av. D. Afonso Henriques, encontra-se o grande passeio calçadado de perfil ondulado, que envolve uma via igualmente

⁶¹ - Ver Planta3, pág. 95.

ondulada e alcatroada, exclusiva para o serviço de táxis. Esta via reservada, envolve, por sua vez, uma ilha calcetada com o passeio em perfil, semelhante ao grande passeio, local onde se encontra a *Homenagem ao Emigrante Português*.

Nas horas em que o tráfego de táxis é maior, a ilha fica totalmente rodeada de carros de praça que a ocultam, e tapam, por sua vez, o pedestal da escultura/monumento.

Pelo exposto, acentua-se a tendência para ser um local de passagem ou de curtas permanências.

2. Dimensionamento

A observação do material iconográfico de épocas anteriores até à actualidade, permite concluir que se verificaram alterações na configuração do largo ao longo dos tempos, como já fora exposto.

O Largo caracteriza-se por uma morfologia de solo plano, com uma forma de base rectangular (aproximada), onde se foram desenvolvendo, ordenando e estruturando as redes viárias que, com isso, lhe dão ou lhe foram dando as diferentes formas. Tem uma área aproximada de 5173,20 m²⁶² e está limitado por edifícios a Norte e pelo edifício da estação a Este. O acesso, motorizado ou pedonal, ao largo faz-se pelas suas vias circundantes que são as ruas Teixeira Lopes, rua dos caminhos-de-ferro e avenida D. Afonso Henriques, e também pelo interior da gare. Este último foi, recentemente, reforçado pela abertura de uma estação do Metropolitano⁶³.

⁶² Ver Anexos, documentos cartográficos, pág .91.

⁶³ ...*Santa Apolónia é uma estação do Metro de Lisboa, servindo de terminal da Linha Azul. Foi inaugurada a 19 de Dezembro de 2007 no âmbito da expansão desta linha à estação ferroviária de Santa Apolónia da CP. Esta estação está localizada na Av. Infante D. Henrique, junto à estação ferroviária de Santa Apolónia da CP, com a qual faz interface. O projecto arquitectónico é da autoria do arquitecto Leopoldo de Almeida Rosa e as intervenções plásticas do artista plástico José Santa-Bárbara.* <http://www.metrolisboa.pt/Default.aspx?tabid=824>

2.1 Toponímia do Largo dos Caminhos-de -Ferro;

2.1.1 Delimitações:

Norte – Freguesia de Santo Estevão (calçada do Forte).

Sul – Av. Infante D Henrique; Cais do porto de Lisboa.

Este – Edifício da gare dos caminhos-de-ferro de Sta. Apolónia.

Oeste – Misto de expansão do Largo dos Caminhos-de-Ferro e a Rua Teixeira Lopes.

2.1.2. Freguesia:

Santo Estêvão

2.1.3 Posicionamento da escultura no largo

Zona pedonal própria (ilha), no Lado Sul do Largo dos Caminhos-de-Ferro

2.2 Área de pavimentação da ilha⁶⁴:

2.2.1 Área média alcatroada: 2722,80 m²

2.2.2 Área média calçada: 2408,60 m²

⁶⁴ - Ver Anexos, documentos cartográficos, pág .91.

2.3 Equipamento urbano polarizador⁶⁵

Existem variados elementos do chamado equipamento urbano polarizador. Este é diverso e de diferentes dimensões. Apenas vamos referir aqueles que existem no raio de 20 metros, em torno do monumento:

2.3.1 Iluminação

- Natural: Todo o largo, pela sua disposição geográfica, tem boa iluminação natural. A localização da escultura permite que esta seja observada através de luz natural ou solar, desde o nascer do sol ao ocaso (o lado de sombra é o virado a Norte).
- Artificial: A iluminação é feita por vários candeeiros de iluminação pública, distribuídos pelo largo. Existe um candeeiro junto do monumento a um canto da ilha, no topo Este, que não ilumina objectivamente o monumento, mas a generalidade do espaço.

2.3.2 Vegetação

O único elemento vegetal existente no largo é uma árvore, um Plátano, que se encontra na ilha entre a escultura e o candeeiro, no seu topo Este.

2.3.3 Descrição e localização dos elementos polarizadores

⁶⁵ LAMAS, José Ressano Garcia, *Morfologia urbana e desenho da cidade, Fundação caloute Gulbenkian*, Lisboa, 1993.

Na ilha:

- Dois pares de bancos corridos do tipo jardim, o assento em madeira, e a estrutura em ferro. Cada par está posicionado de costas, disposto de cada lado da escultura, na direcção Este /Oeste.
- Um poste alto de electricidade.
- Um elemento arbóreo.

Na envolvente

- Um telheiro/passadiço, que serve de protecção contra os elementos atmosféricos, nomeadamente a chuva e sol. Este elemento protector começa no telheiro frontal à gare e termina no início da praça de táxis, junto a uma estrutura rectangular que é uma casa de banho pública. É uma estrutura em metal, tem um telhado ondulado, em material transparente. Tem uma forma alongada que se inscreve num paralelepípedo e ocupa uma área de cerca de 305,25 m³⁶⁶: como apoio tem um corrimão do lado sul, e um parque para material de apoio ao transporte de bagagens, a Norte.
- É a casa de banho pública que, a nosso ver, pelo seu enquadramento, é o elemento polarizador que melhor se integra no largo.
- Um elemento estático para publicidade.
- Dois caixotes do lixo de cor cinza e forma cilíndrica.
- Um quiosque. Elemento do mobiliário urbano mais afastado da escultura. Tem uma forma rectangular e uma cor cinza claro dada pelo metal polido.

⁶⁶ Ver Anexos, documentos cartográficos, pág .91.

2.4 Barreiras físicas de acesso à ilha:

Para acesso directo à ilha, não existem barreiras físicas de difícil transposição. Apenas a natural elevação do nível de cota do passeio em relação ao nível da estrada asfaltada. Podemos também verificar que não existe um rebaixo ou rampa de acesso a deficientes ou pessoas com dificuldade de locomoção.

3. Características funcionais do local

3.1 Mapeamento actual;

3.2 Fluxos de trânsito;

- Percursos rodoviários e pedonais.

3.3 Zonas de conflito;

3.1 Mapeamento actual:



3.1.1. Planta 1. Planta geral da cidade de Lisboa. O largo dos Caminhos-de-Ferro fica no lado oriental da cidade.

3.2 Fluxos de trânsito

3.2.1- Rodoviário

O Largo, como podemos observar os mapas e plantas em anexo, encontra-se delimitado por ruas e pela avenida. A avenida Infante D Henrique é incontestavelmente a artéria viária de maior fluxo de trânsito. Em todos os percursos rodoviários que contactam com o largo, o trânsito processa-se em ambos os sentidos, existindo apenas dentro deste, na parte norte, um troço de inversão para sair do largo ou subir a Calçada do Forte.

A deslocação até ao Largo é acessível, por este ser modernamente chamado eixo multi modal, servido por uma diversidade de transportes públicos que vão desde os eléctricos, aos autocarros, aos comboios, ao metro e ao transporte individual.

Ao nível da permanência rodoviária, isto é, o estacionamento, e aqui dividimos entre a paragem rápida modal, a dos transportes públicos, incluindo táxis e o estacionamento, e as viaturas particulares. A primeira, tem uma forte presença, marcada por uma rotatividade e cadência elevadas, mas, a sua permanência, no largo, é de curta duração temporal. No entanto, podemos aqui referir, o caso particular dos táxis. Num misto que vai do estacionamento modal e o estacionamento, estes ocupam uma área apenas a si reservada, no largo dos caminhos-de-ferro, área que tem uma ligação espacial ao nosso objecto de estudo, o monumento HOMENAGEM AO EMIGRANTE PORTUGÊS (*ver planta 3*).

O estacionamento prolongado, o estacionamento, é reduzido, deficiente e está confinado ao lado Norte do largo. Conclui-se então que esta zona, pelas particularidades que apresenta, mais a sua localização, próximo de bairros residenciais, museu, escritórios e comércio diversos, se torna central e, como tal, de forte e fluente tráfego rodoviário.

3.2.2- Percursos pedonais ou espaços livres exteriores de permanência⁶⁷

Morfologicamente os espaços livres de permanência subdividem-se em:

- *Espaço livre pavimentado;*
- *Espaços verdes*⁶⁸;

O largo dos caminhos-de-ferro, tem as características do primeiro ponto. A ilha onde se encontra o monumento tem a especificidade de ser um espaço central pavimentado, uma zona pedonal, com um ponto de vegetação arbórea.

Pórem, quando nos referimos a trajectos pedonais no largo, estamos a mencionar esse espaço livre pavimentado que é o grande passeio frontal ao marco urbano que é o edifício da gare. Este passeio, com o seu formato de contorno serpenteado, encaminha os transeuntes, principalmente, de/e para os meios de transportes que se distribuem no largo.

Por observação directa *in loco*, foi-nos possível traçar dois percursos, os mais utilizados, que se cruzam frente à porta principal da estação:

Percurso 1- Direcção Este/Oeste: Gare - estação de táxis;

Percurso 2 - Direcção Norte/Sul: Av. Infante D. Henrique - lado Norte do largo. Tanto num lado, como no outro, estão pontos de paragens dos autocarros;

O largo é hoje, particularmente, um espaço de passagem, de cruzamentos de percursos. A estadia é curta e pouco frequente, sendo que excepção vai para os marginalizados do nosso tempo.

⁶⁷LAMAS, José Ressano Garcia, *Morfologia urbana e desenho da cidade*, Fundação caloute Gulbenkian, Lisboa, 1993.

⁶⁸ *Ibid.*

4. Zonas de conflito

Uma manifesta falta de estratégia e planeamento faz com que quase todos os elementos do equipamento polarizador existente, ou chamado mobiliário urbano, implantado no largo, entre em conflito visual, directo ou indirecto, com a escultura.

Para além de um poste de iluminação que, pela sua forma, quase passa despercebido, mas é marcante conforme o nosso ponto de observação da escultura; há, ainda na ilha, o elemento de maior “conflitualidade” directa com a escultura ou seja a árvore, um plátano⁶⁹. É um elemento de permanente alteração visual, devido às suas dimensões e ao seu natural desenvolvimento, que envolve a escultura com uma copa frondosa, pelo que a escultura só é totalmente visível no Outono e Inverno, durante os meses de caducidade da folha.

Outro elemento de conflito directo é o parque de táxis que com a sua frequentemente fila extensa de automóveis encobre parte da escultura.

5. Enquadramento do espaço na malha urbana

Actualmente, o largo dos caminhos-de-ferro é um lugar pobre em estímulos visuais urbanísticos. Na nossa era contemporânea, as cidades só se tornarão protagonistas privilegiadas se forem pensadas e dotadas de planos de estratégia de renovação urbana que respondam qualitativamente aos desafios impostos. Esta renovação é, no entanto, uma vantagem a ser criada e implantada. A evolução do largo dos caminhos-de-ferro, ao longo dos tempos, não é, do ponto de vista do urbanismo um espaço pensado e planeado com objectividade e rigor. Convém especificar que o termo objectividade vem aqui expresso como dignificação do espaço e do lugar em si, bem como também a necessária interacção com as envolventes.

⁶⁹ ... *Pkitanusxhispanica* Mill. ex *Munchh*, é considerado um híbrido entre o plátano Americano (*Platanus occidentalis* L.) e o plátano Europeu (*Platanus orientalis* L.). É uma árvore de folhas são caducas, que geralmente atingem um grande porte, de ritidoma que se destaca em placas muito finas, dando ao tronco um aspecto muito característico (com manchas acinzentado-esverdeadas). As flores nascem em Abril ou Maio, em inflorescências esféricas, longamente pedunculadas e o fruto globoso. http://www.prof2000.pt/users/isaura_r/platano1.htm.

O espaço urbano moderno é pensado como um todo e as intervenções arquitectónicas feitas, ao longo dos tempos, na gare são parte visível desse todo. Houve mais campanhas de requalificação no interior da estação. Os elementos circundantes da fachada, por exemplo, foram implantados conforme uma necessidade imediata, reflectindo-se a falta de planeamento urbanístico na interligação entre uns e outros, quer do ponto de vista estético, quer formal.

O largo da estação dos caminhos-de-ferro está, neste momento, unicamente voltado para a gare, para servir as suas necessidades objectivas e imediatas, esquecendo o outro edifício igualmente importante, imponente e esteticamente mais relevante que é o Museu do Exército.

Ao ser dada mais importância aos serviços que servem a gare, tornam-se secundários todos os outros elementos. Inclui-se nestes, o monumento ao emigrante, que aqui tem o nítido tratamento de *coisa*, como anteriormente referenciado.

É um espaço urbano que tem sido adaptado conforme as circunstâncias, sem uma estratégia de planeamento sério com vista a um propósito que, para além de outros, passa, por exemplo, por poder ser um espaço que vale por si mesmo. Isto, pensamos nós, pode e deve ser feito independentemente da decisão política do destino a dar à gare, que aponta para o seu encerramento.

CONCLUSÃO

A realização deste trabalho surgiu de uma interrogação, *o que faz um monumento escultural ser esquecido*, e nasceu de uma vivência que se fez quotidiana, na observação física da escultura/monumento - *HOMENAGEM AO EMIGRANTE PORTUGUÊS* – existente no largo dos caminhos-de-ferro, Santa Apolónia, Lisboa.

A procura da(s) resposta(s) a este quesito, deu início a uma investigação, tendo sempre, por centro, a obra escultórica/monumental.

No processo de pesquisa que quisemos metódico, procuramos em primeiro lugar saber o que nos revelava a assinatura DORITA, inscrita na escultura. A revelação surpreendeu-nos. O que existe de documentação sobre Dorita e a sua obra escultórica é diminuta, problema, aliás, transversal e prevacente no nosso panorama artístico. Subsiste, pois, um universo por explorar, em todo o mundo da escultura contemporânea portuguesa.

Como escultora, o seu período de consagração situa-se, entre os finais dos anos 70, até ao seu desaparecimento, em 1993. O percurso artístico que estudamos para alicerçar com conhecimentos e informar esta dissertação, no que concerne à escultura de vulto perfeito, está dividido, entre obras expostas em espaço público e exposições em galerias, onde teve um público fiel que podemos definir como possuindo um forte poder de compra e influência social e política.

Na constante procura de informações sobre a obra da escultora, constatamos dois factores primordiais: o primeiro deve-se, como falámos, à falta de um estudo sobre a sua obra, o segundo à inexistência de um lugar onde o seu espólio esteja acessível para um estudo.

O percurso de Dorita passa também por estadias no estrangeiro, tal como outros seus contemporâneos, mais estudados e por isso mais divulgados. De igual modo, Dorita contribuiu para que o panorama artístico português, do final do século XX até à actualidade, se tornasse moderno, activo, interventivo e a par do mundo.

Mostramos que a iniciativa de erigir este monumento nasce da diligência de um órgão de informação – um semanário –, atitude quase anacrónica, para os tempos que se viviam, uma vez que estas actividades culturais estavam destinadas a um poder central. Por esta via informamos a contextualização histórica e artística da obra, por quanto, ler, analisar e interpretar uma obra de arte como produto da criação artística do homem é

saber interpretar um testemunho histórico, pois ele é portador de toda uma informação social, técnicos e estéticos da época que a viu nascer.

Esta obra foi elaborada num tempo recorde, tendo em conta as contrariedades que estão associadas à realização de uma peça escultórica monumental, trabalhada por fases e, correspondendo essas fases, a diferentes técnicas e materiais.

Realçamos, aqui, uma característica da escultora, a *ideia*, que se resolve a nível do plano da folha de papel, rapidamente se materializa, enquanto escultura e se resolve a nível do tridimensional, alicerçada num domínio da execução técnica.

Ao elaborar este estudo, que tentamos o mais abrangente possível, alicerçamos a nossa pesquisa sobre o monumento/escultura, estudando os conceitos referentes ao *espaço público*, à *arte pública* e a *monumento*. Sobre a escultura/peça descrevêmo-la nas suas características formais, estéticas e simbólicas.

A escultura inserida em espaço público é a obra e a sua envolvente. O espaço envolvente é o Largo dos caminhos-de-ferro, onde tradicionalmente a sua dinamização está associada à da Gare de Santa Apolónia. Para o estudo de usos e apropriações, analisamos a capacidade deste sistema espacial, conformado pelo largo, para acolher o monumento ao emigrante português.

A conclusão a que chegamos, no âmbito da pesquisa sobre a envolvente do monumento, demonstra a sua actual inaptidão, para este uso.

O contributo desta dissertação assenta numa dupla dimensão: aquela que dá continuidade aos estudos de obras escultóricas de artistas portugueses, neste caso, Dorita de Castel-Branco, escultora; aquela que visa alertar, a quem de direito, para lugar da escultura/monumento no planeamento e reabilitação urbanas.

Os desafios colocados actualmente às cidades e o crescimento do sector do turismo a par do problema levantado pela desertificação em termos populacionais dos seus centros motivam e sustentam a criação de estratégias para a sua revitalização. Oxalá que as intervenções urbanas que se realizarão na Zona de Santa Apolónia, sobretudo através da construção da futura Gare Marítima, a dotem progressivamente de condições e que favoreçam o ressurgimento do monumento que possam, por isso, responder às expectativas dos habitantes de Lisboa, em geral, dos emigrantes portugueses, em particular, à escultura pública, e a Dorita, em especial.

Bibliografia:

Índice

- Livros e publicações
- Jornais
- Revistas
- Entrevistas
- Net
- Catálogos

Livros e publicações

- REMESAR, Antoni, (dir.) “Urban Regeneration. A Challenge for Public Art”
Universitat de Barcelona, 1997.
- ABREU, José Guilherme, “A problemática do monumento moderno”, *Revista da FLUP- ciências e técnicas do património*, Porto, 2002.
- ABREU, José Guilherme, “um modelo fenomenológico para a escultura pública”
Revista da FLUP- ciências e técnicas do património, vol.2, Porto, 2003, 1ªserie.
- ALBUQUERQUE, Maria João Nunes, “O Convento da Visitação de Vila Verde dos Francos: Nova Proposta de leitura”, *Mestrado em Arte, Património e Restauro, FLUL, Lisboa, 2002*.
- ARGAN, Giulio Carlo, *El Arte Moderno: la época do funcionalismo; La Crisis del Arte como ‘ciência europeia*, 2º Vol., Editor Fernando Torres, valência 1976.
- ARNHEIM, Rudolf – *Arte e percepção visual* – Editora Pioneira, São Paulo, Brasil, 1998.
- BENOIST, Luc - *Signos, Símbolos e Mitos*, edições 70, Lisboa, 1975.
- BRUHMS THEILE, J. M., *El Libro de la Restauración*, Alianza Editoria, Madrid, 1996.
- CALADO, Margarida, “O Risco Inadiável, *O Ensino do Desenho*, 1836-1987, Lisboa, ESBAL, 1988.
- CALINESCU MATEI, *Five faces of Modernity*, Duke University Press, Indiana University, Dez 1987.
- CARVALHO, Maria Fernanda, “Joaquim Correia, Vida e obra Escultórica“, *ArteTeoria – revista do Mestrado em Teorias de Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa*, nº IV, Lisboa, 2003.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos*, Editorial Teorema, Lisboa, 1982.
- CIVITA, Roberto, BARDI, Pietro Maria, (org.), *Enciclopédia Arte nos Séculos*, vol.VII, Abril Cultural, São Paulo, 1971.
- CONDE, Idalina, *Mecenato cultural: arte, política e sociedade, Sociologia-Problemas e Práticas*, n.º7, Lisboa, CIES/Europa-América, 1990.

- DIAS, Fabiano, “O Desafio do espaço público nas cidades do século XXI”, *VITRUVIUS*, Arqutextos, Ano 6, São Paulo, Junho 2005.
- GAMA, Elisabete, Miranda, Ilda, “Lisboa ribeirinha e as suas estações – Síntese histórica”, *Actas das Secções, II colóquio temático “ Lisboa Ribeirinha”*, Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Junho de 1997.
- GAMBOA, Joaquim – *A escultura de Joaquim Correia* – Editora Gris Impressores, Lisboa, 1982, pág. VI.
- GREENBERG, Clement, “La Nouvelle sculpture”, in *Art et culture*, (traduit de l'américain par Ann Hindry), Paris, éd. Macula, 1988.
- GUALIS, Gonzalo M. Borrás – *Introducción General al Arte – Escultura*, Ediciones ISTMO, 1990.
- KRAUSS, Rosalind E., *Caminhos da Escultura Moderna*, São Paulo, Martins Fontes 2007.
- KRAUSS, Rosalind *Passages, une histoire de la sculpture de Rodin à Smithson* (traduit de l'américain par Claire Brunet), Paris: éd. Macula, 1997.
- LAMAS, José Ressano Garcia, *Morfologia urbana e desenho da cidade*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1993.
- LEAL, MIGUEL, “Orgânico mutante: Uma reflexão sobre a condição contingente da arte e o lugar da sobrevivência - conferência proferida na FBAUP”, FBAUP, Porto, Março/Abril 2000.
- MARTINS, Maria João, *Mulheres Portuguesas - Divas, Santas e Demónios*. Lisboa. 1994, Ed. Assirio Bacelar.
- Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, 1.^a ed., Lisboa, Junta Distrital de Lisboa, 1975.
- MENDES, Manuel – *Rodin* – ARS – Editorial, L. da / Lisboa, s/d.
- MOTA, Rui, “Regresso ao país de origem e cultura e ensino da língua portuguesa, I^o Congresso das comunidades portuguesas : encontros preparatórios” / *I.º Congresso das comunidades portuguesas*, Lisboa, 1981. Lisboa: [s.n.], 1982.
- MOUSTAKAS, Clark, *Phenomenological Research Methods*, Sage Publications, London, 1994.
- NORBERG-SCHULTZ, *Genius Loci: Towards a Phemenology of Architecture*, Rissoli, Nova Iorque, 1880.
- PAIS da Silva, Jorge Henrique, CALADO, Margarida, *dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, Lisboa, ed. Presença, Março, 2005.

- PAMPLONA, Fernando de, *Dicionário de Pintura e Escultura Portuguesa*, Ed. Livraria Civilização, Vol. II, Lisboa, 2000.
- PEREIRA, José Fernandes, *Dicionário de Escultura Portuguesa*, Caminho, Lisboa, 2005.
- REIS, Maria Madalena Oliveira, *O uso e apropriação de espaços exteriores de permanência (praças) em centros urbanos para suporte a eventos culturais — para uma metodologia de análise espaço-funcional*. Um caso de estudo: Largo de S. Carlos, Tese de Mestrado, (IST-UTL), Lisboa, 2009.
- SANTANA, Francisco e SUCENA, Eduardo (dir.), *Dicionário da História de Lisboa*, Sacavém, Carlos Quintas & Associados – Consultores, 1994.
- SANTOS, Maria de Lurdes Lima dos, *Dez anos de Mecenato Cultural em Portugal*, Lisboa, Observatório das actividades culturais, 1998.
- SARDO, Delfim, *Escultura e performatividade*, ArteTeoria, revista do Mestrado em Teorias da Arte, Lisboa, FBAUL.Nº2, 2001. Pereira, José Fernandes (dir.)
- SENNETT, richard, *Flesh and Stone*, in Oxford University Press, Norton, Nova Iorque, 1994.
- SOUSA, ROCHA (dir.) – *Didáctica da Educação Visual*, Universidade Aberta, Lisboa, 1995.
- SOUSA, Rocha de – *Para uma didáctica introdutória às Artes Plásticas* – Edição subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, s/d.
- SOUSA, Rocha, *TPU 19*. Ed. Ministério da Educação, 1978.
- UBERFELS, Anne, *Lire le Théâtre I*, Dev, UK, 1996.
- VALLET, Odon, «les Mots d Monument », *Cahiers de Médiologie*, nº 7, Gallimard, 1999.
- WITTKOWER, Rudolf, *Escultura*, Martins Fontes, São Paulo, 1989.

Jornais:

- *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 11/06 de 1981 e 24/09 de 1996.
- *DIÁRIO POPULAR*, 11/06 de 1981.
- *JL - Jornal de Letras*, Lisboa, 5/06 de 1996.
- *Jornal Correio da Manhã*, Lisboa, 18/06 de 1979; 11/06 de 1981; 15/09 de 1995; 24 e 25/09 de 1996.
- *O Independente*, de 27/09 de 1996.
- *O Templário*, Nº 1332, Sexta-Feira, 30/09 de 1977.
- *Semanário*, de 2/08 de 1986.
- *TEMPO*, todas as tiragens de 1980/81.

Revistas:

- *Agenda Cultural*, Pelouro da Cultura da CML, Agosto 1995.
- *Mulher Moderna*, 1991.
- *Revista Pública*, Maio de 2006.

Entrevistas por parte do autor a:

- Paulo de Castel-Branco, Marisol, Julho/Agosto de 2010.
- Professor José Manuel Mesquita, Oeiras, Julho de 2010.

Net:

[http:// WWW. TV.RTP.pt/wportal/press](http://WWW.TV.RTP.pt/wportal/press): RTP - Consultado em 21/05/10

<http://diagramafamecos.blogspot.com/2006/03/tipologia-classificacoes-e-familias-de.html>.
- Consultado em 11/08/2010.

<http://toponimia.cm-lisboa.pt/> - Consultado em 22/06/2010.

[http://www. DUBITO ERGO SUMxpg.com.br](http://www.DUBITO.ERGO.SUMxpg.com.br) - Consultado em 22/06/2010.

[http://www.alpha.pt/boletim e/artigos Pedro Xavier](http://www.alpha.pt/boletim_e/artigos/Pedro_Xavier) - Consultado 02/09/2010.

<http://www.cclb.org.br/boletins/boletins01.htm> - Consultado em 22/06/2010.

<http://www.janusonline.pt/index1.html> - Consultado em 22/04/2010.

<http://www.metrolisboa.pt/Default.aspx?tabid=824>. Consultado em 30/09/2010.

<http://www.portugal.gov.pt/pt/GC06/Pages/Inicio.aspx> - Consultado em 25/08/2010.

http://www.prof2000.pt/users/isaura_r/platano1.htm - Consultado em 17/04/2010.

Catálogos:

- 1º MOSTRA DE ESCULTURA DE AR LIVRE, AMADORA/88parque central, Setembro de 1988.
- Artistas Portugueses, Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa, Janeiro de 1977.
- 4º Bienal-Escultura-Desenho, Atelier - Museu Municipal António Duarte, Caldas da Rainha Julho, 1991.
- Boletim Oficial do Centro Português de Serigrafia, N.2, Outubro – 88, Novembro – Dezembro.
- Dorita de Castel-Branco, “O JARDIM DAS DELICIAS”, Estufa Fria, Lisboa, Outubro de 1977.

- Dorita de Castel-Branco, Exposição de Bolseiros, Fundação Calouste GulbenKian, Lisboa, Julho de 1973.
- DORITA, *Esculturas e Desenhos*, Museu de Arte de São Paulo “Assis Chateaubriand”, São Paulo, Dezembro de 1975.
- DORITA, *Os Meus Sólidos Geométricos*, CML - Alto do Parque Eduardo VII, Lisboa, Outubro de 1974.
- *Exposição dos Artistas dos ‘Ateliers’ Municipais de Lisboa*, Palácio dos Coruchéus, CML, Lisboa, Março/Abril de 1980.
- Galeria de Arte Correios, *Dorita de Castel-Branco-Desenho*, Lisboa, Novembro de 1991.
- Galeria de Arte de Fitaes, “Equilibristas” - Dorita de Castel-Branco, Sintra, Outubro de 1995.
- *Dorita de Castel-Branco, escultura, medalhística, Desenho*, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril, 30 de Dezembro de 1977.
- II Premio Edinfor de Escultura - Concurso Nacional de escultura, *Ciberespaço*, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril, 1996.
- Galeria Interforma, *Transposições - Dorita de Castel-Branco*, Lisboa, Maio de 1969.
- “Desenho”, *Catálogo da Exposição realizada na Osiris* – Galeria Municipal das Caldas da Rainha, Caldas da Rainha, de 27 de Julho a 22 de Setembro de 1996.
- *Esculturas Dorita de Castel-Branco*, Galeria S. Mamede, Lisboa, 1987.
- *Os meus Gatos* -Dorita de Castel-Branco, Galeria S. Mamede, Lisboa, 1996.
- *Exposição de Arte Moderna*, Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa, Julho de 1978.

ANEXOS

INDICE DOS ANEXOS

Documentos

- Fotográficos da execução da escultura em barro.....	2
- Fotográficos do monumento e a sua envolvente.....	23
- Académicos	33
- Jornais	65
- Cartográficos.....	84

DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS DA EXECUÇÃO em BARRO
(MAQUETA E ESCALA NATURAL)

Índice

1. Introdução.....	3
2. Envelope.....	6
3. Esquiço sobre papel.....	7
4. Maqueta/esboceto.....	9
4.1. Maqueta/esboceto – fotomontagem.....	12
5. Escultura – à escala.....	13
5.1- Corpo inteiro.....	13
4.2- Pormenores.....	17

Este apontamento escrito que aqui deixamos relata uma descoberta preciosa. Informa e descreve os únicos documentos até agora encontrados, sobre a execução escultura HOMENAGEM AO EMIGRANTE PORTUGUÊS. Este achado torna-se relevante pois a pesquisa que fizemos na procura por documentos originais, referentes à peça escultórica, revelou-se pouco frutífera. A um tempo, quase final, deste trabalho eis, que nos aparece algo que é precioso, ou seja, documentos originais. Estes são constituídos por um esboço da escultora e registos fotográficos. Embora conhecedores do estudo e percurso conceptual que a escultora realizou, *ideia, registo gráfico da ideia e materialização* para a execução da peça escultórica, achamos da maior importância, para efeitos de memória futura, o relato do achamento destes documentos referente à escultura. Este tipo de material permite-nos o conhecimento de uma série de factores subjacentes à peça, que vão do desenho de esboços, feito em papel, às fotos que captaram as várias peças, ainda em barro e em dois estádios de execução, em maquete e em escala natural. Para além disso, mostram-nos também algum ambiente de atelier. Com estes documentos fotográficos podemos perceber certa evolução no tratamento das formas, mencionar as ferramentas e materiais utilizados para a execução das peças, entre outras. Assim:

Breve Historia: Estes documentos constituídos por esboços, fotografias e negativos de fotografias, encontravam-se num baú, dentro de um envelope e são os únicos documentos, em posse de Paulo Castel-Branco, referentes a esta escultura. Foram encontradas por mero acaso a 2010-10-15 em casa deste. Foram-nos cedidos, por gentileza, para revelação, os negativos das fotografias e, para digitalização, todos os documentos.

Descrição: Dentro do envelope encontravam-se 39 fotografias e o esboço em papel. Os negativos encontravam-se junto do envelope, em duas bolsas apropriadas de papel *cartolina*. Este contém, no seu interior, filas de carteiras em papel do tipo *vegetal*, e dentro destas estão guardados os negativos.

O suporte do esquisso é uma folha A4 branca de gramagem fina, com furos para encadernação. Está dobrada ao meio, na horizontal e posteriormente em quatro vezes, na vertical. Foi-lhe tirado um bocado no canto inferior esquerdo.

As folhas estão desenhadas dos dois lados com esboços sobre a escultura, em quase todas as vistas. Existem também apontamentos escritos, com letras e números que, a princípio, não têm qualquer ligação com os desenhos.

As fotografias, todas a p/b, estão divididas em três temas:

A. MAQUETA MODELADA EM BARRO

B. ESCULTURA FINAL MODELADA EM BARRO

Quadro de catalogação das fotos				
Nº	Nº de fotos	Nome/ tema	Formato	Dimensões em cm
A	10	Maqueta	Rectangulares sem moldura	8,8x12,3
A1	3	Maqueta / fotocomposição	Recortadas	Irregular
B	26	Escultura em barro	Rectangulares com moldura	12,7x9,1

Descrição das imagens fotográficas:

A. Fotos da maquete:

Estas imagens fotográficas mostram uma maquete em barro sobre um suporte em madeira.

Esta maquete, de pequena escala, terá entre os 20 e 25 cm de altura e cerca de 25 a 30 cm de comprimento. Podemos atestar este pressuposto quando visualizamos as fotos N° 3 e 4. Estas mostram-nos um papel de cartão, com a inscrição de *CAVES*, por debaixo da base em madeira. Com base nisto, poderemos presumir a escala da maquete, pois o tamanho médio de uma garrafa de vinho ou *Champagne* é de 30 cm. A sua caixa contentora ser-lhe-á justa.

A1. Fotos da maquete/fotocomposição

Estas fotografias n° 6 e 7 foram trabalhadas (recortadas), para servirem de estudo à composição formal. Nestas duas fotografias, foi colada, em cada uma, uma imagem de papel recortado, de tipo fotográfico, junto da mão da figura masculina. Esta imagem tem formatos diferentes nas duas fotografias. A escolha do material para este trabalho de fotomontagem foi objectiva. Depois de escolher o formato-tipo que vai adicionar à imagem da maquete, este é trabalhado de maneira que pareça perfeitamente integrada nesta. Denota este subtil pormenor, com que atenção a escultora faz o seu trabalho de pesquisa, aproximando-se ao máximo da peça final.

1. ENVELOPE

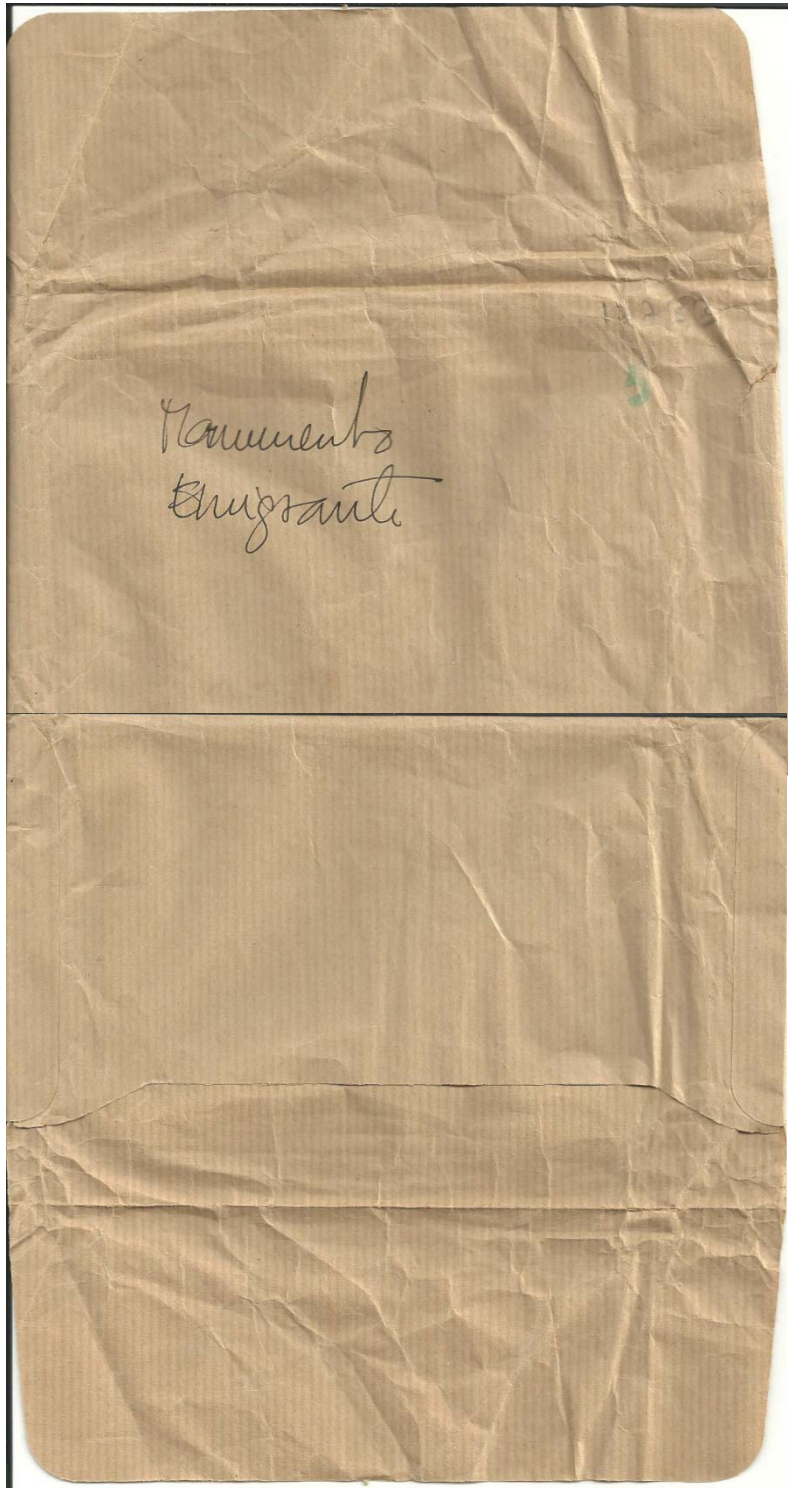


Fig. 1 e Fig. 2 - Envelope (17,2x10,5cm) onde se encontravam o esquisso e as fotos.

2. ESQUISSO SOBRE PAPEL

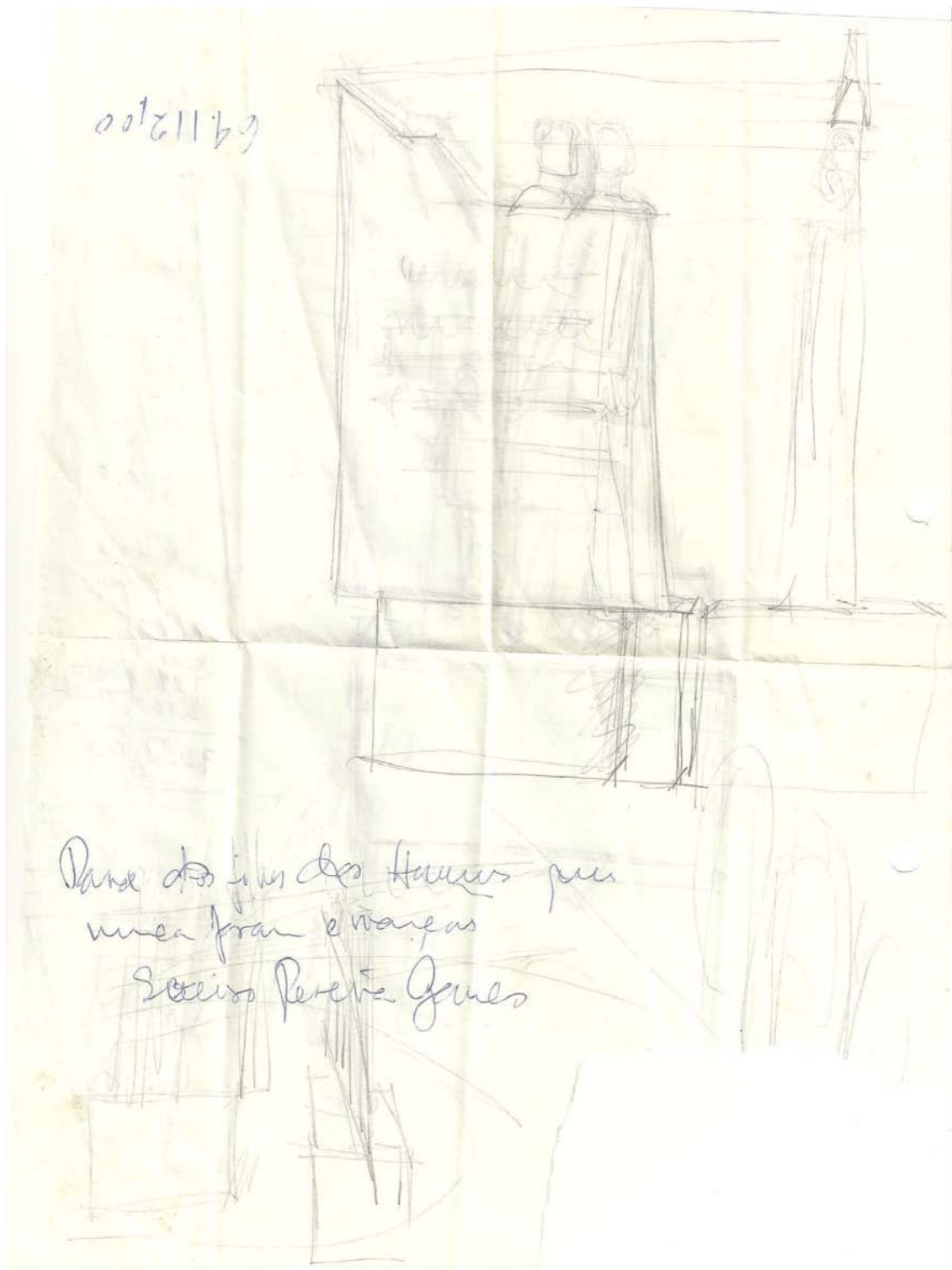


Fig.3 –Face 1. Registo da ideia através do estudo preparatório em desenho.

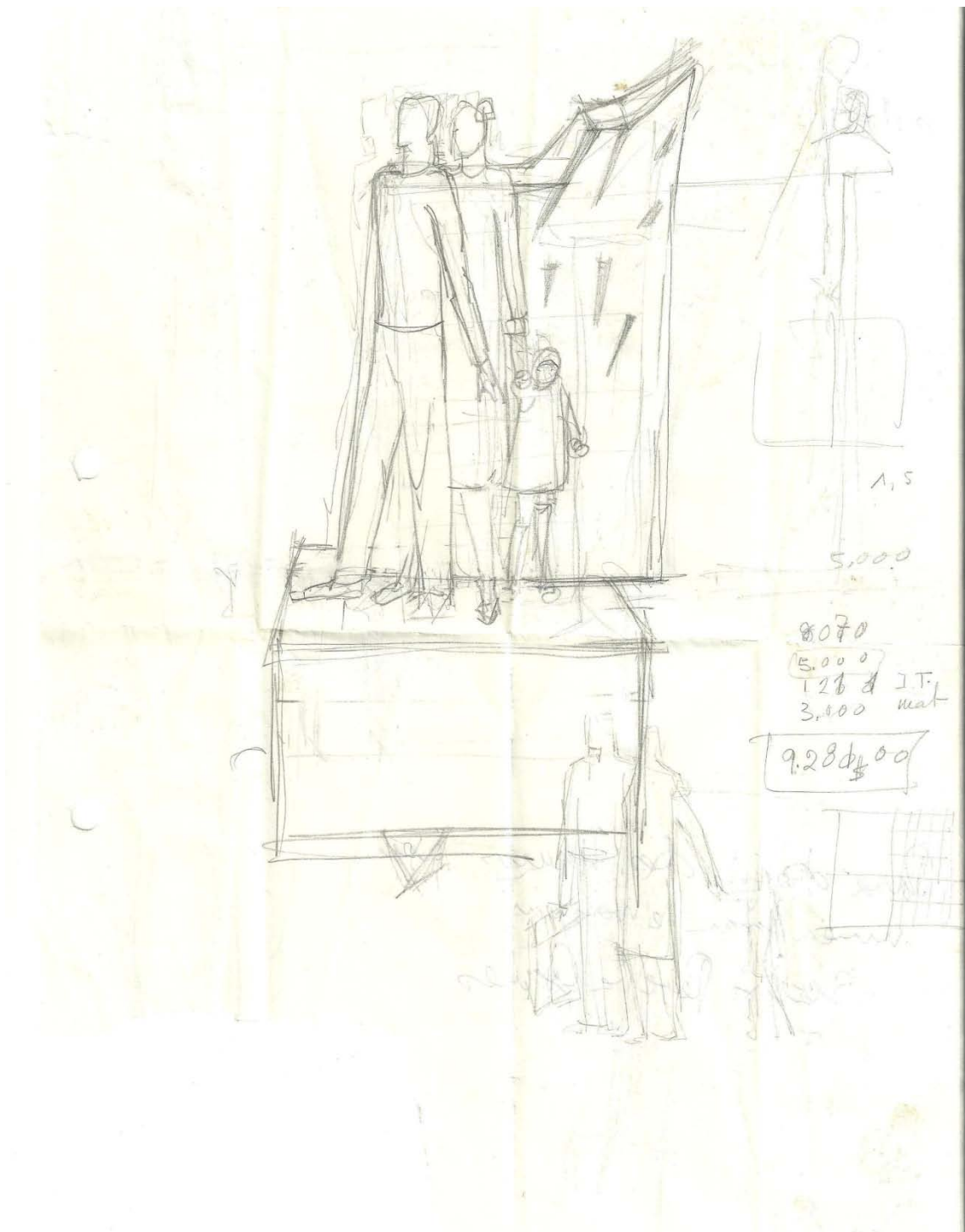


FIG. 4 – Face 2. Estudos para a maquete. Antevisão do resultado final.

3. MAQUETA/ ESBOÇO



Fotos. 1 e 2 – Face 1 e 2. Estudo. Materialização da ideia a três dimensões. Modelação das formas. Na foto 2 podemos perceber já uma preocupação com o acabamento da superfície.



Fotos. 3 e 4 – Face 3 e 4 . Estudo.



Fotos 4 e 5 – Face 5 e 6. Estudo.

3.1 MAQUETA/ ESBOÇO – FOTOMONTAGEM



Fotos. 6 e 7 – Estudo, usando a técnica da fotomontagem com inserção de uma imagem, diferente nas duas montagens, junto da mão masculina.

4. ESCULTURA - À ESCALA

4.1 CORPO INTEIRO



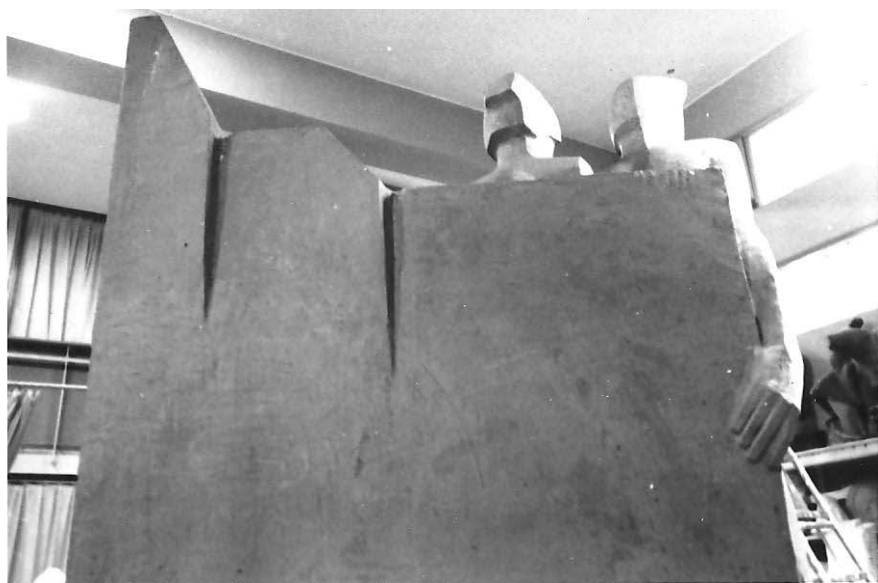
Fotos. 8 e 9 – Face A e B. Imagens da escultura em barro.



Fotos. 10 e 11 – Face C e D. Imagens da escultura em barro.



Fotos. 12 e 13 – Face E e F. Imagens da escultura em barro.



Fotos. 14 e 15 – face G e H. Imagens da escultura em barro.

4.2 PORMENORES

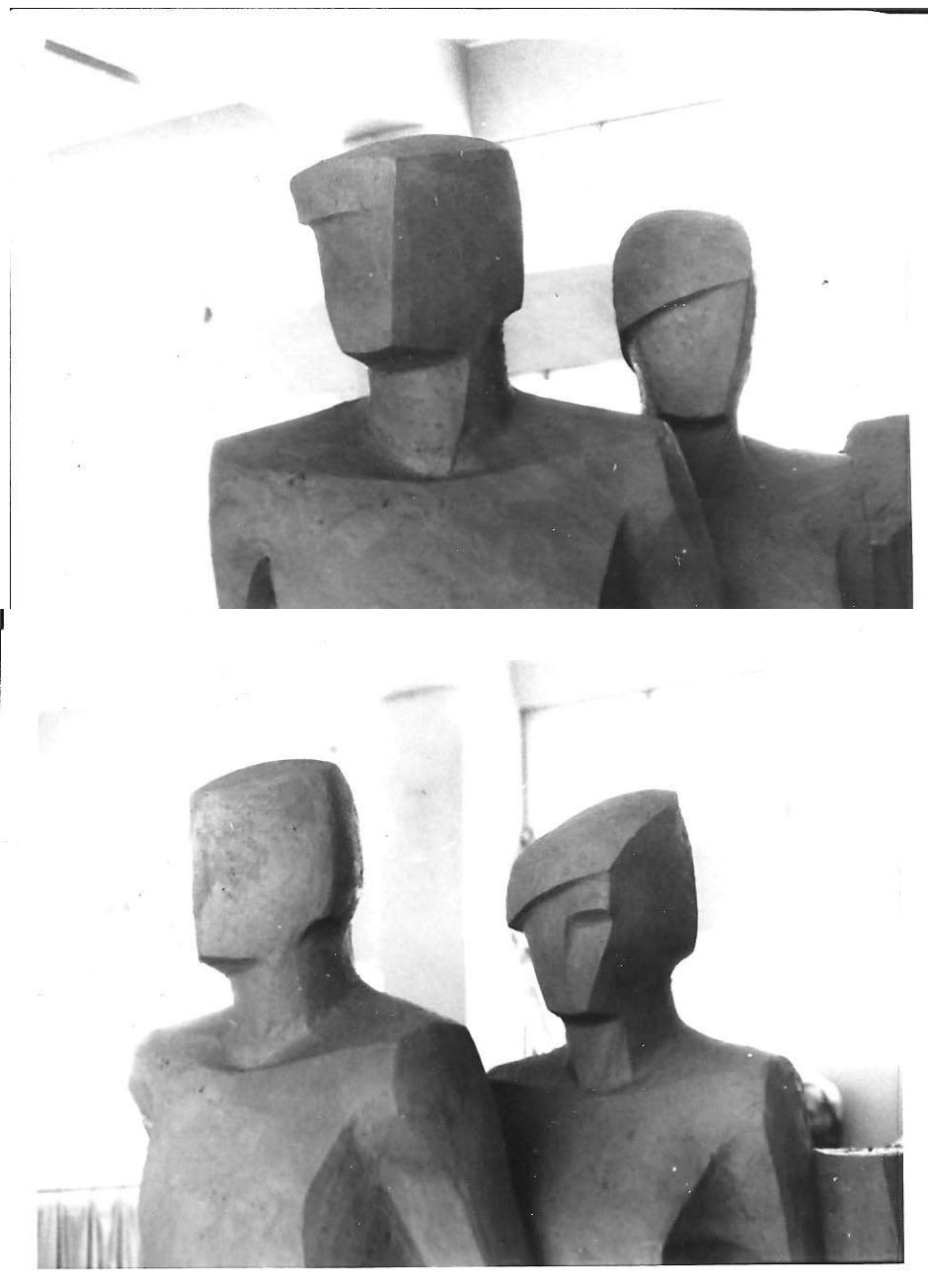


Foto. 20 e 21.



Fotos. 22 e 23.



Fotos. 24 e 25.



Fotos. 26 e 27.



Fotos. 28 e 29.



Fotos. 30.

INDICE DE IMAGENS FOTOGRÁFICAS

Monumento e envolvente

1.	Vista anterior.....	00
2.	Vista lado Direito.....	00
3.	Vista posterior.....	00
4.	Vista do lado esquerdo.....	24
5.	Vista do largo dos caminhos-de-ferro. Sentido Terreiro do Paço – Lisboa Oriente.....	24
6.	Vista do largo dos caminhos-de-ferro. Sentido Av. Inf. D. Henrique – rua dos caminhos-de-ferro...25	
7.	Vista do largo dos caminhos-de-ferro. Sentido Nascente-Poente.....	25
8.	Vista do largo dos caminhos-de-ferro. Sentido Norte-Sul.....	26
9.	Largo dos caminhos-de-ferro. Panorâmica da ilha com o monumento.....	26
10.	Largo dos caminhos-de-ferro. Ilha com o monumento. Pormenor.....	27
11.	Escultura/monumento. Vista do perfil anterior.....	27
12.	Escultura/monumento. Vista do perfil anterior. Pormenor.....	27
13.	Escultura/monumento. Vista do perfil anterior. Pormenor.....	28
14.	Escultura/monumento. Vista do perfil lado direito.....	29
15.	Vista do perfil posterior.....	30
16.	Vista do perfil Esquerdo.....	31
17.	Lado esquerdo e anterior. Pormenor.....	32
18.	Lado posterior e direito. Pormenores.....	32



Foto nº4.vista do largo dos caminhos-de-ferro. Sentido Terreiro do Paço – Lisboa Oriente.



Foto nº5. Vista do largo dos caminhos-de-ferro. Sentido Av. Inf. D. Henrique – rua dos caminhos-de-ferro.



Foto nº6. Vista do largo dos caminhos-de-ferro. Sentido Porta principal da gare – rua Teixeira Lopes.



Foto nº7. Vista do largo dos caminhos-de-ferro. Sentido Çç. Do Forte – Rio Tejo.



Foto nº8. Largo dos caminhos-de-ferro. Panorâmica da ilha com o monumento.



Foto nº9. Largo dos caminhos-de-ferro. Ilha com o monumento. Pormenor.



Foto nº10. Escultura/monumento. Vista do perfil anterior.



Fotos nº11 e 12. Escultura/monumento. Vista do perfil anterior. Pormenores.



Foto nº13. Escultura/monumento. Vista do perfil lado direito.



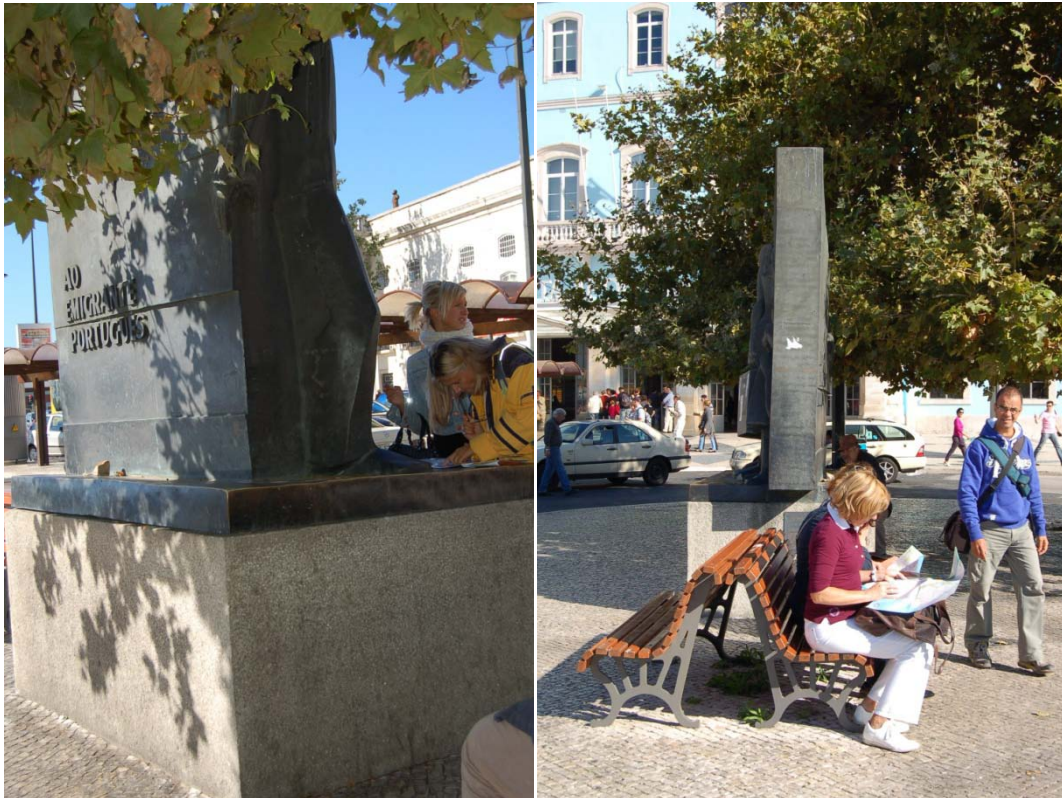
Foto nº14. Escultura/monumento. Vista do perfil posterior.



Foto nº15. Escultura/monumento. Vista do perfil Esquerdo.



Foto nº16. Lado esquerdo e anterior. Pormenor.



Fotos nº17 e 18. Lado posterior e direito. Pormenores.

DOCUMENTOS ACADÉMICOS

1. – Cartão escolar.....	00
2. - Certidão de idade e teor.....	34
3. - Documento de inscrição e troca de curso ano de 1956.....	36
4. - Carta de curso dos liceus.....	37
5. - Pedido de frequência de disciplina escolar, 1957.....	38
6. - Boletim de inscrição, 1958/59.....	39
7. - Pedido de frequência a exames, 1958.....	41
8. - Folha auxiliar de compilação de notas.....	42
9. - Pedido de certificado para leccionar em ensino particular, 1959.....	43
10. - Pedido de certificado para leccionar ensino oficial, 1959.....	44
11. - Pedido para formar um trabalho em gesso.....	45
12. - Pedido de certificado para leccionar ensino particular, 1959.....	46
13. - Pedido de alteração de apelido.....	47
14. - Boletim de inscrição 1959/1960.....	48
15. - Pedido de matrícula em disciplinas pedagógicas.....	49
16. - Boletim de inscrição 1960/1961.....	50
17. - Pedido de certificado final, 1961.....	51
18. - Boletim de inscrição 1961/1962.....	52
19. - Pedido escolar de autorização para enformar figura da tese final a gesso.....	53
20. - Pedido para fazer tese final em atelier do Prof. Soares Branco.....	54
21. - Comunicação sobre a tese final.....	55
22. - Pedido de certificado de final de curso.....	56
23. - Pedido de certificado e classificação final de curso.....	57
24. - Certificado de classificação final, 1965.....	58
25. - Pedido de Atelier- Fundação Gulbenkian.....	59
26. - Pedido de Bolsa - Fundação Gulbenkian.....	60
27. - Pedido de Bolsa - Fundação Gulbenkian.....	61
28. - Curriculum.....	62

Ano 1936
 N.º 1036
 Fls. 518
 L: 151



Registada no livro Diário e de registo de emplacements sob o número 26501



Registo Civil da República Portuguesa

Certidão de Nascimento

TERCEIRA CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE LISBOA

Certifico que, nos livros a meu cargo, existe o registo do teor seguinte:

A' margem: Registo N.º 1036 - Maria das Dores Calderie de Castel Branco, Cédula pessoal n.º 248631, Série E

No texto: A's 11 horas e 11 minutos do dia 15 do mês de Setembro do ano de mil novecentos

trinta e seis nasceu na Avenida Casal Ribeiro, primeiro lote da freguesia de S. Sebastião de Pedreira desta cidade, um individuo do sexo feminino, a quem foi posto o nome próprio de Maria das Dores e de familia Calderie de Castel Branco, filho legítimo de José Nicóspito

, de 11 anos de idade, no estado de solteiro, de profissão doméstica, natural d Algarve e de Maria do Carmo Calderie de Castel Branco de 11 anos de idade, no estado de divorciada, de profissão doméstica

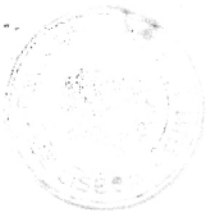
, natural d Algarve, os pais portugueses domiciliados em casa própria neto paterno de José Nicóspito e de Maria do Carmo Calderie de Castel Branco e materno de José Calderie de Castel Branco e de Mariana Rosa Brito

A declaração foi feita pelos pais e recorreu-se ao registo de nome ao filho para todos os efeitos legais

Ficha N.º 13541

Costa
 Anel 15.00
 32 7.00
 Selo 10.00
 De p .50
 Total 33.00
 Jo. António
 Sousa

Doc. 1- Certidão de idade e teor.



86 DEFERIDO
 11. DE 11. 1956
 O DIRECTOR

11 DE Novembro - 56

Ex.^{mo} Sr. Director da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa

Maria das Dores Caldeira de Castel Branco de 20
 anos de idade nascida no dia 13 de Setembro
 de 1936 natural de Lisboa, freguesia de S. Sebas-
 tião da Pedreira, concelho e distrito de Lisboa
 filha de Eduardo Alberto Correia, residente na
 rua Francisco Andrade n.º 12 A (ao Arco), por-
 tadora do bilhete de identidade n.º 157443-B
 com a data de 16 de Maio de 1952 do arquivo
 de Lisboa desejando ser admitida ao exam
 de aptidão desta Escola Superior de Belas Artes
 de Lisboa para a primeira matrícula anula-
 tiva ao curso de pintura. Paga a multa de
 510,00 por ter vindo fora do prazo legal.
 Pode deferimento. Em tempo deseja optar
 pelo curso especial de escultura.

Lisboa, 19 de Novembro de 1956

Junta: certidão de idade de teor, certidão
 da carta de curso do Liceu, requerimento dirigido
 ao senhor Director

Maria das Dores Caldeira de Castel Branco



Doc. 2- Exame de aptidão e entrada curso de escultura.



3

REPÚBLICA PORTUGUESA
(Art.º 14.º do Decreto n.º 15.941 de 11-9-928)

ERNESTINA DE SOUSA E SILVA, Licenciada em Ciências e Chefe de

Secretaria do Liceu Maria Amélia Vaz de Carvalho, em Lisboa:

Certifico em cumprimento do despacho exarado no respectivo requerimento, que MARIA

DAS DORES CAIDMIRA DE CASTEL BRANCO

natural de LISBOA

concelho de LISBOA

filha de EDUARDO ALBERTO CORREIA

Realizou neste Liceu o exame do SEGUNDO CICLO - QUINTO ANO no

dia vinte e oito de Julho de mil novecentos e cinquenta e qua-

tro, tendo ficado aprovada com a classificação final de ONZE (11)

VALORES, com deficiência na disciplina de HISTÓRIA

onde se prova escrita e oral da disciplina de PORTUGUES ONZE

(11) VALORES,

onde se prova escrita e oral da disciplina de MATEMÁTICA QUATOR-

ZE (14) VALORES

Já recebeu a respectiva CARTA DE CURSO

de 1930

Consta do livro respectivo n.º XXXX a f/s. XXXX leva o selo branco deste Liceu.

Lisboa e Secretaria do Liceu Maria Amélia Vaz de Carvalho, em 16 de Novembro

de 19 30

A Chefe da Secretaria,

[Handwritten signature]



28996

Doc. 3 - Carta de curso dos liceus.



13
20 de Setembro de 1957
O DIRECTOR

Ex.^{ma} Senhor Director da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa

E 20 de Set. de 1957
R. L. N.º

Janis dos Dons Baldeira de Castel-Branco, de 21 anos, filha de Eduardo Alberto Correia natural de Lisboa, morador na Av. de Berna n.º 48-1.º Dt.º com o bilhete de identidade de n.º 38225, com a data de 19 de Setembro de 1957, do Arquivo de Lisboa, aluna do Curso Especial de Escultura (faltando-lhe a cadeira Desenho Arquitectónico para concluir o 1.º ano do seu curso), requer a sua matrícula na ~~na~~ ~~citada~~ cadeira e nas que for possível do ano imediato, e

Pede Deferimento

Lisboa, 20 de Setembro de 1957

Janis dos Dons Baldeira de Castel-Branco

Doc. 4 - Pedido de frequência de disciplina escolar.

A preencher pelo aluno, com letra bem legível

384

1.1. 292

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES DE LISBOA

ANO DE 19 58 - 19 59

BOLETIM DE INSCRIÇÃO



(1) Maria dos Dons Caldeira de Castel-Branco Boavotto, nascido no dia 13 de Setembro de 1936, filho de Eduardo Alberto Conde e Maria do Carmo Caldeira de Castel-Branco, natural de Lisboa, freguesia de S. Sebastião do Pedregal, concelho de Lisboa, distrito de Lisboa, residente em Lisboa, Rua Passos Manuel, 26 - 4.º Esq., n.º 26, portador do bilhete de identidade n.º 38.225, passado pelo Arquivo de Identificação de Lisboa, em 19 de Setembro de 1962, tendo (2) frequentado a Escola no último ano

e não estando abrangido pelas disposições legais sobre a exclusão de frequência, inscreve-se nas

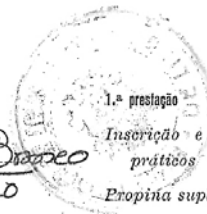
- disciplinas de Composição decorativa
Modelo
Escultura
História de Arte
Anatomia
Literatura A
 (3) Curso Especial de Escultura
 (4) Ordinária

Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, em 8 de Setembro de 1958.

749

O aluno (5) Maria dos Dons Caldeira de Castel-Branco Boavotto

154



CONTA	
1.ª prestação	
Inscrição e trabalhos práticos	180,00
Propina suplementar	\$
Soma	180,00
	2150
	8250

Verificado

[Handwritten signature]

(Assinatura do funcionário)

Conferido

[Handwritten signature]

(Rubrica do funcionário)

(1) Nome do aluno. (2) Efectuado a sua matrícula nesta data; frequentado a Escola Superior de Belas-Artes d... no último ano lectivo; efectuado no último exame (ou tendo faltado ao último exame) da época de Outubro em... de... de 19... (3) Do curso de Arquitectura, Pintura ou Escultura. (4) Como aluno ordinário ou extraordinário. (5) Assinatura sobre estampilhas fiscais do valor correspondente à 1.ª prestação das propinas de inscrição e indemnizações por trabalhos práticos, eventualmente acrescido do correspondente a qualquer propina suplementar. Quando o aluno requerer bolsas de estudo, isenção ou redução de propinas, aporá simplesmente a sua assinatura, sem a inutilização de estampilhas fiscais, salvo se estas respeitarem a qualquer propina suplementar. No espaço destinado a Observações far-se-á a indicação das decisões dos conselhos escolares e serão coladas as estampilhas correspondentes às importâncias que, por virtude dessas decisões, forem devidas.

CONTAS

O aluno,

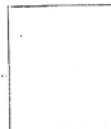


2.ª prestação—Em .. de .. de 19 ..
Inscrição e trabalhos
práticos \$..
Propina suplementar . . . \$..
Soma \$..

Conferido

.....
(Rubrica do funcionário)

O aluno,



3.ª prestação—Em .. de .. de 19 ..
Inscrição e trabalhos
práticos \$..
Propina suplementar . . . \$..
Soma \$..

Conferido

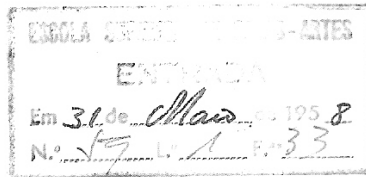
.....
(Rubrica do funcionário)

OBSERVAÇÕES:

*o aluno da reforma anterior a de 1957,
paga em 30 \$00 por cada linha.*



2



749

Ex.^{mo} Senhor Director da Escola
Superior de Belas Artes.

Maria das Dores Caldeira de Castel-Branco
aluna n.º 13 do 2.º ano do curso especial de
Escultura (por acumulação) não tendo
podido comparecer ao exame de 3.ª frequen-
cia da cadeira de Anatomia (1.ª parte)
por motivo de força maior pede a V. Ex.^{ca}
se digue autorizar a segunda chamada
mediante o pagamento da multa de 50\$000

Lisboa, 31 de Maio de 1958.

Pede Deferimento

Maria das Dores Caldeira de C. - Branco

Σ ~~1957~~ 1958 fev:

Ordem e trilha antig. (8^o e 1^o), e 21-6, cf 15 v.

Genho fig. ant. (3^o e 2^o), e 23-6, cf 13 v.

Gen. Mod. Y. no (3^o e 3^o), e 20-6, cf 13 v.

Genit. ^{deus} calice e torso (7^o e 1^o), e 18-6, cf 12 v.

Hist. Ant. antig. (9^o e 1^o), e 8-7, cf 10 v.

Ant. Ant. (12^o e 1^o) e 17-6, cf 15 v.

Σ 1957 fev.

Elem. genit. direito (1^o e 1^o), 9-7, cf 13 v.

Estab. eman. anat. (2^o e 1^o), 15-6, cf 13 v.

Genho fig. ant. calice e torso (3^o e ad. 1^o p.), 5-6, cf 12 v.

Hist. genit. hist. (11^o e 1^o), e 21-6, cf 12 v.

13
PASSE
ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES
27 Janeiro, 1959
CHEFE DA SECRETARIA



749 29

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES		
ENTRADA		
Em 27 de	1	de 1959
N.º	L.º	F.º

Ex.º Senhor Director da Escola Superior
de Belas Artes de Lisboa

Júlia dos Dons Caldeira de Castel-Branco Boarotto, natural de Lisboa, filha de Eduarda Alberto Coma, aluna do curso especial de Escultura, tendo feito exame de todas as cadeiras do 1.º e 2.º ano e desejando a respectiva certidão, para efeitos de professorado do ensino particular pede a V. Ex.ª se digne mandar passar. Pode deferimento.

Lisboa, 27 de Janeiro de 1959
Júlia dos Dons Caldeira de Castel-Branco Boarotto.

pequinta de Escultura, (2.º ano)
no ano lectivo 1958/1959



749
PASSE
ESCOLA SUPERIOR DE BELAS ARTES
23 DE Julho DE 1959
O CHEFE DA SECRETARIA.

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS ARTES
ENTRADA
Em 23 de Julho de 1959
N.º

1-2-72
Ex.^{ma} Senhor Director da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.

Jonas dos Doses Baldeira de Castel-Branco Boavolto, natural de Lisboa, tendo concluido os exames finais dos 14 cadeiros do curso Especial de Escultura, necessarios para entrar ao professorado não efectivo do Ensino Técnico Profissional, vem requerer a V. Ex.^{ca} se digne mandar-lhe certificar de media qual dos referidos 14 cadeiros para o fim supra indicado.

Pede deferimento

Lisboa, 23 de Julho de 1959

Jonas dos Doses Baldeira de Castel-Branco Boavolto

Prn. 50
buxa 77



ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES		
ENTRADA		
Em	22 de Dezembro	de 1959
N.º	L.º	F.º

Indique a referente
de o trabalho referido
firmar, o mandado
formar pelo
Mm. b. f.

Exmo. Senhor Director da
Escola Superior de Belas Artes
de Lisboa

Maria das Dores Caldeira de
Castel Branco Boarotto, filha de
Eduardo Alberto Correia, natural
de Lisboa, aluna do 4.º ano
do Curso Especial de Escultura
desejando formar um trabalho
pelo formador desta Escola,
pede a V. Exa. que se dignem
autorizar

Lisboa, 22 Dezembro 1959

pel. requerente

Profranc St. oide

749

28

PASSE
ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES
25 DE 9 DE 1959
O CHEFE DA SECRETARIA

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES
ENTRADA
Em 25 de 9 de 1959
N.º L.º F.º

me Sr. Director da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.

Ignia dos Dons Aldeiro de Castel Branco Boavolto, natural de Lisboa, filha de Eduardo Alberto Corria, desejando em certidões sem como lhe faltam apenas duas cadeiras para concluir o curso especial de Escultura, para efeito de ensino particular, pede a V. Ex.ª se dignem mandar passar.

Pede deferimento
Lisboa, 25 de Setembro de 1959
Ignia dos Dons Aldeiro de Castel Branco Boavolto

Doc. 11- Pedido de certificado para leccionar ensino particular, 1959.

Livro..... Folhas.....

Proc. n.º 52. Caixa B.º 77

VISTO
O DIRECTOR,



ESCOLA SUPERIOR DE BELAS ARTES
ENTRADA
Em 11 de Setembro de 1959
N.º.....

Ex.ª Sr. Director da Escola Superior das Belas Artes de Lisboa

Jonis dos Dares Aldeiro de Castel Branco, natural de Lisboa, filha de Eduardo Alberto Correia, aluna do curso de Escultura tendo contraído matrimonio com Giorgio Enrico Augusto Boarotto, conforme prova com a certidão junta, e desejando passar a usar o nome de Jonis dos Dares Aldeiro de Castel Branco Boarotto, pede a V. Ex.ª se digne autorizar

Lisboa, 11 de Setembro de 1959

Jonis dos Dares Aldeiro de Castel Branco



Livro _____ Folhas _____

Proc.º n.º 50 Caixa n.º 77

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES DE LISBOA

ANO DE 1959-1960

BOLETIM DE INSCRIÇÃO

A preencher pelo aluno, com letra bem legível

Jan. 749

SE



(1) Ignia das Dores Almeida de Castel Branco, nascido no dia 13 de Setembro de 1936, filho de Eduardo Alberto Correia, natural de Lisboa, freguesia de S. Sebastião, concelho de Lisboa, distrito de Lisboa, residente em Lisboa, Rua Vassos Manuel, 26 - 4.º Esq., n.º 26, portador de bilhete de identidade n.º 38225, passado pelo Arquivo de Identificação de Lisboa, em 19 de Setembro de 1957, tendo (2) frequentado a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa no último ano lectivo e não estando abrangido pelas disposições legais sobre a exclusão de frequência, inscreve-se nas disciplinas de Modelo (4.º ano), Escultura (4.º ano), Arqueologia Teórica

(3) Do curso de Escultura
 (4) Ordinário
 Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, em 8 de Setembro de 1959

O aluno, (5) Ignia das Dores Almeida de Castel Branco



CONTA	
1.ª prestação	
Inscrição e trabalhos práticos	70 \$00
Propina suplementar	\$
Soma	70 \$00

Verificado,

Conferido,

(Assinatura do funcionário)

(Rubrica do funcionário)

(1) Nome do aluno. (2) Efectuado a sua matrícula nesta data; frequentado a Escola Superior de Belas-Artes d... no último ano lectivo; efectuado no último exame (ou tendo faltado ao último exame) da época de Outubro em... de... de 19... (3) Do curso de Arquitectura, Pintura ou Escultura. (4) Como aluno ordinário, ou extraordinário. (5) Assinatura sobre estampilhas fiscais do valor correspondente à 1.ª prestação das propinas de inscrição e indemnizações por trabalhos práticos, eventualmente acrescido do correspondente a qualquer propina suplementar. Quando o aluno requerer bolsas de estudo, isenção ou redução de propinas, aporá simplesmente a sua assinatura, sem a inutilização de estampilhas fiscais, salvo se estas respeitarem a qualquer propina suplementar. No espaço destinado a *Observações* far-se-á a indicação das decisões dos conselhos escolares e serão coladas as estampilhas correspondentes às importâncias que, por virtude dessas decisões, forem devidas.

Vy



Livro _____ F.º _____

Proc. n.º 50 Caixa n.º 77

PASSE
ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES
26 DE Setembro DE 1960
O CHEFE DA SECRETARIA

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES
ENTRADA
Em 26 de Setembro de 1960
N.º _____ L.º _____ F.º _____

Ex.º Sr. Director da Escola Superior de
Belas-Artes de Lisboa

Ignia dos Dons Almeida de Castel Branco
Boavista, natural de Lisboa, filha de
Eduardo Alberto Correia, tendo concluido
as 14 cadeiras do curso Especial de Escultu-
ra necessarias para matricula em Pedago-
gicas, solicita a V. Ex.ª se digne mandar
passar o certificado da respectiva media

Pede Deferimento

Lisboa, 26 de Setembro de 1960

Ignia dos Dons Almeida de Castel Branco Boavista

Livro 1 Folhas 274

Proc.º n.º 50 Caixa n.º 49

S. E 279 L

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES DE LISBOA 330

ANO DE 1960-1961

BOLETIM DE INSCRIÇÃO



A preencher pelo aluno, com letra bem legível

(1) Maria dos Dons Almeida de Castel Branco Beato, nascido no dia 13 de Setembro de 1936, filha de Eduardo Alberto Corria e ... natural de Lisboa, freguesia de S. Sebastião de Pedreira, concelho de Lisboa, distrito de Lisboa, residente em Lisboa, Rua Passos Paes, 26 - 4º Esq., n.º ..., portador de bilhete de identidade n.º 38225, passado pelo Arquivo de Identificação de Lisboa, em 19 de Setembro de 1957, tendo (2) frequentado a E.S.B.A. no último ano lectivo

e não estando abrangido pelas disposições legais sobre a exclusão de frequência, inscreve-se nas disciplinas de Escultura 2ª classe, Escultura 1ª classe, Arqueologia Poética

(3) Escultura

(4) Ordinária

Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, em 26 de Setembro de 1960

O aluno, (5) Maria dos Dons Almeida de Castel Branco Beato



CONTA	
1.ª prestação	
Inscrição e trabalhos práticos	70.000
Propina suplementar	— \$ —
Soma	70.000

Verificado, [Assinatura] (Assinatura do funcionário)

Conferido, [Rubrica] (Rubrica do funcionário)

(1) Nome do aluno. (2) Efectuado a sua matrícula nesta data; frequentado a Escola Superior de Belas-Artes d... no último ano lectivo; efectuado no último exame (ou tendo faltado ao último exame) da época de Outubro em... de... de 19... (3) Do curso de Arquitectura, Pintura ou Escultura. (4) Como aluno ordinário, ou extraordinário. (5) Assinatura sobre estampilhas fiscais do valor correspondente à 1.ª prestação das propinas de inscrição e indemnizações por trabalhos práticos, eventualmente acrescido do correspondente a qualquer propina suplementar. Quando o aluno requerer bolsas de estudo, isenção ou redução de propinas, aporá simplesmente a sua assinatura, sem a inutilização de estampilhas fiscais, salvo se estas respeitarem a qualquer propina suplementar. No espaço destinado a Observações far-se-á a indicação das decisões dos conselhos escolares e serão coladas as estampilhas correspondentes às importâncias que, por virtude dessas decisões, forem devidas.

123



Livro..... Folhas.....
Proc.º n.º 50 Caixa n.º 77

PASSE
ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES
6 DE Março DE 1961
O CHEFE DA SECRETARIA.

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES
ENTRADA
Em 6 de Março de 1961
N.º..... L.º..... F.º.....

123
Sr. Director da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa

Para dos Dons Esdeira de Belafraez Joarrotto, natural de Lisboa, filha de Eduardo Alberto Correia, tendo realizado a cadeira de Escultura do 4º ano e encontrando-se presentemente inscrito no curso Superior de Escultura, pede a V. Ex.ª se digne mandar passar a respectiva certidão.

Pede deferimento
Lisboa, 6 de Março de 1961
Para dos Dons Esdeira de Belafraez Joarrotto.

Livro 1 Folhas 107
Proc. n.º 50 Caixa n.º 77

Livro 1 Folhas 107
Proc. n.º 50 Caixa n.º 77

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES de Lisboa

S.E.



ANO DE 1961-1962

BOLETIM DE INSCRIÇÃO

A preencher pelo aluno, com letra bem legível

(1) Jana das Dores Caldera de Castel Branco Bourotte, nascido no dia 3 de Setembro de 1936, filho de Eduardo Alberto Louça e Jana do Carmo Caldera de Castel Branco, natural de Lisboa, freguesia de S. Sebastião da Pedreira, concelho de Lisboa, distrito de Lisboa, residente em Lisboa, Rua Passos Manuel, 26 - 4º Esq., n.º 26, portador do bilhete de identidade n.º 38225, passado pelo Arquivo de Identificação de Lisboa, em 19 de Setembro de 1967, tendo (2) frequentado a Escola Superior de Belas Artes no último ano lectivo, e não estando abrangido pelas disposições legais sobre a exclusão de frequência, inscreve-se nas disciplinas de Escultura 1ª classe

(3) Curso Superior de Escultura

(4) Ordinário

Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, em 4 de Setembro de 1961.



O aluno, (5) Jana das Dores Caldera de Castel Branco Bourotte

CONTA

1.ª prestação

Inscrição e trabalhos

práticos 30,000

Propina suplementar 0,000

Soma 30,000

Verificado,

(Assinatura do funcionário)

Conferido,

(Rubrica do funcionário)

(1) Nome do aluno. (2) Efectuado a sua matrícula nesta data; frequentado a Escola Superior de Belas-Artes d... no último ano lectivo; efectuado no último exame (ou tendo faltado ao último exame) da época de Outubro em... de... de 19... (3) Do curso de Arquitectura, Pintura ou Escultura. (4) Como aluno ordinário, ou extraordinário. (5) Assinatura sobre estampilhas fiscais do valor correspondente à 1.ª prestação das propinas de inscrição e indemnizações por trabalhos práticos, eventualmente acrescido do correspondente a qualquer propina suplementar. Quando o aluno requerer bolsas de estudo, isenção ou redução de propinas, aporá simplesmente a sua assinatura, sem a inutilização de estampilhas fiscais, salvo se estas respeitarem a qualquer propina suplementar. No espaço destinada a Observações far-se-á a indicação das decisões dos conselhos escolares e serão coladas as estampilhas correspondentes às importâncias que, por virtude dessas decisões, forem devidas.

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



Livro..... Folhas.....

Proc.º n.º 52 Caixa n.º 77

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES		
ENTRADA		
Em 26 de	2	de 1962
N.º	45	t.º 5 F.º 20

superior
maior

Ex^{ma} Senhor Director da
Escola Superior de Belas Artes de Lisboa

Apresento aos D.ºs Caldeira de Castel-Branco
Boarotto, natural de Lisboa, filha de
Eduardo Alberto Corôa, aluna do
Curso Superior de Escultura da 1.ª classe
tendo feito, sob orientação do Ex^{mo} Prof.º
ser Leopoldo de Almeida, o trabalho subor-
dinado ao tema "Igualdade", e com as
dimensões de 55cm x 80cm aproximadas,
pede a V. Ex^{za} se digne autorizar a sua
formação em gesso pela interessada.

Pede deferimento
Lisboa, 26 de Fevereiro de 1962
Apresento aos D.ºs Caldeira de Castel-Branco
Boarotto

Nos termos da Lei não
é permitido aumentar o
número de linhas deste
papel ou escrever nas
suas margens.



Concordo com o programa Programa
R. de Afueidez

Jana das Dões Caldeira de
Castel Branco, filha de Eduardo
Alberto Lourenço e de Jana do
Carmo Caldeira de Castel Branco,
natural de Lisboa, propõe-se fazer
o seguinte trabalho no atelier de
António Branco, em Belém:

Uma estátua decorativa
intitulada "Arabes~~ca~~_{ca}"

Lisboa, 30 de Maio de 1962
Jana das Dões Caldeira de Castel Branco

Rua Passos D'Almeida, 26 - 4º Esq. Lx 1



S. R.

Ex.^{mo} Sr.

Tenho a honra de comunicar a V. Ex.^a que o seu programa de prova final foi aprovada pedendo já iniciar o trabalho que deverá ser apresentado nesta Escola até 30 de Julho.

Mais inforne que o referido trabalho deve estar patente ao júri, nos dias e horas que V. Ex.^a indicar.

A BEM DA NAÇÃO

Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, 31 de Maio de 1962

O Chefe da Secretaria

Ex.^{ma} Juri

Em, Jorna das Dous Calde de Castel Branco Barroto, enre Tro-me a fagera lere no atelier de Antonio Branco, em Belem. Jais emunco ao Ex.^o

Sessi que estare ca todos os dias das 17h 30m as 20h 30 e meritas manhas.

Lisboa, 14 de Junho de 1962

Jorna das Dous Caldeire de Castel - Branco Barroto

47

AO Ex.^{ma} Sr.^a Júlia das
Mendes do Curso
Superior de Escultura
Nos termos da Lei n.^o 10.162/62
para a apresentação do
número de linhas deste
sua inscrição, escrever nas
suas margens.
Esc. Sup. de Belas-Artes,
lx. 30 de maio de 1962
O DIRECTOR,



Livro 1 Folhas 292
Proc. n.^o 50 Caixa n.^o 47

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES
ENTRADA
Em 30 de 5 de 1962
N.^o 45 L.^o 5 F.^o 43

Ex.^{mo} Senhor Director da Escola
Superior de Belas Artes de Lisboa

31/7/1962
Aprovação
Com 18 votos
L. 2

Jana das Dons Caldeira de
Costel Branco, filha de Eduardo
Alberto Corsica e de Jana do Carmo
Caldeira de Costel Branco, natural de
Lisboa, tendo concluido o curso
superior de Escultura e desejando
realizar a prova final do curso
superior de Escultura, pede a Vossa
Excelencia se digne autorizar.

Superior 16,2
Especial 14
30,2
Media 15,1

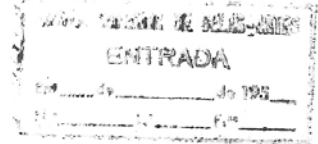
Pede deferimento
Lisboa, 30 de Maio de 1962
Jana das Dons Caldeira de Costel Branco

30-7-962

Doc. 21 - Pedido de certificado de final de curso.

Livro 2.º P. Folhas 07
Proc.º n.º 50 Caixa n.º 77

Nos termos da Lei não
é permitido aumentar o
número de linhas deste
papel ou escrever nas
PAZES



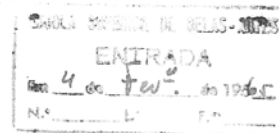
ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES
DE _____ DE 19____
O CHEFE DA SECRETARIA,

Ex.º Sr. Director da Escola
Superior de Belas Artes de Lisboa

Mãe das Dões Adelaide de Castel-
-Branco, natural de Lisboa, filha de
Eduardo Alberto Correia, tendo concluído
o curso Superior de Escultura e dese-
jando o certificado da classificação final
pede a V. Ex.º se digno mandar passar

Lisboa, 14 de Setembro de 1962
Mãe das Dões Adelaide de Castel Branco

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



PAPEL MARRONADO DE 210x270MM
4 de Fev. de 1965
SECRETARIA DA ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES

LIVRO 1 Folhas 294
Proc. n.º 50 Caixa n.º 77

47

Ex.º Sr. Senhor Director da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa

Brasão
Maria das Dores Caldeira de Basto Branco, natural de Lisboa, filha de Eduardo Alberto Lourenço, tendo concluído o curso Superior de Escultura e desejando o certificado da classificação final pede a U. Es.ª se digne mandar passar.

Lisboa, 4 de Fevereiro de 1965
Maria das Dores Caldeira de Basto Branco

31/7/62 - 18 valores

CÓD. REFERÊNCIA: FCG:SBA-S003/02-P050

TÍTULO: BOAROTO (MARIA DAS DORES CALDEIRA DE CASTEL-BRANCO)

Arquivo: Serviço de Belas-Artes

Série: Subsídios

SubSérie: Concedidos

Processo: BOAROTO (MARIA DAS DORES CALDEIRA DE CASTEL-BRANCO)

OUTROS IDENTIFICADORES: ID. Arq.Geral: 04173-D

ID.Remessa: S/D-6

DATAS DE PRODUÇÃO INICIO: 1961-11-13

DATAS DE PRODUÇÃO FIM: 1962-02-05

DIMENSÃO: 0,005 (ml)

ENTIDADE PRODUTORA: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. Serviço de Belas-Artes. 1961-02-01

ENTIDADE DETENTORA ACTUAL: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. Serviço de Belas-Artes. 1961-02-01

FIM ESTATUTÁRIO: Arte

ACTIVIDADE: Subsídios

OBJECTO ACTIVID: TIPO: Aquisição de bens

OBJECTO ACTIVID: TEMA: Escultura

NOME ENT. BENEFICIÁRIA: CASTEL-BRANCO, Maria das Dores Caldeira de, 1936-09-13

IDIOMA/ESCRITA: Português

UAC: SBA 00585

MICROFILMAGEM: Microfilmagem: total

DESC. REFERÊNCIA: Serviço de Belas-Artes. Subsídios. Concedidos. BOAROTO (MARIA DAS DORES CALDEIRA DE CASTEL-BRANCO)

Doc. 24 - Pedido de Atelier - Fundação Gulbenkian.

CÓD. REFERÊNCIA: FCG:SBA-S001/03/08-P151

TÍTULO: CASTEL-BRANCO (Maria das Dores Caldeira de)
Arquivo: Serviço de Belas-Artes
Série: Bolsas de Estudo de Especialização e Valorização Profissional no Estrangeiro
SubSérie: Concedidas
Sub-SubSérie: Escultura
Processo: CASTEL-BRANCO (Maria das Dores Caldeira de)

OUTROS IDENTIFICADORES: ID.ARQ.GERAL: 04044-D
ID.REMESSA: BEP-D/39

DATAS DE PRODUÇÃO INICIO: 1963-03-05

DATAS DE PRODUÇÃO FIM: 1965-09-08

DESCRIÇÃO DOS COMPONENTES: 504

DIMENSÃO: 0,030 (ml)

ENTIDADE DETENTORA ACTUAL: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. Serviço de Belas-Artes. 1961-02-01

RESUMO: Contém álbum de fotografias e recortes de jornal

FIM ESTATUTÁRIO: Arte

ACTIVIDADE: Bolsas de estudo

OBJECTO ACTIVID: TIPO: Formação de aperfeiçoamento e especialização

DESIGNAÇÃO ACTIVIDADE: Aperfeiçoamento da técnica dos diversos materiais em escultura

OBJECTO ACTIVID: TEMA: Escultura

OBJECTO ACTIVID: A.GEOGRÁFICO: Paris

NOME ENT. INTERMEDIÁRIA: ACADÉMIE DE FEU

NOME ENT. ORIENTADORA: Szabo, Lazlo (Escultor)

NOME ENT. BENEFICIÁRIA: CASTEL-BRANCO, Maria das Dores Caldeira de, 1936-09-13

IDIOMA/ESCRITA: Português; Francês

CONSERVAÇÃO: Colas; Hidrólise ácida; Adesivos

UAC: SBA 01022

MICROFILMAGEM: Microfilmagem: total

NOTAS: Bolsa atribuída por 6 meses

DESC. REFERÊNCIA: Serviço de Belas-Artes. Bolsas de Especialização. Concedidas. Escultura. CASTEL-BRANCO (Maria das Dores Caldeira de)

Doc. 25 - Pedido de Bolsa - Fundação Gulbenkian .

CÓD. REFERÊNCIA: FCG:SBA-S001/04/07-P185

TÍTULO: CASTEL-BRANCO (Maria das Dores Caldeira de)

Arquivo: Serviço de Belas-Artes
 Série: Bolsas de Estudo de Especialização e Valorização Profissional no Estrangeiro
 SubSérie: Relatórios
 Sub-SubSérie: Escultura
 Processo: CASTEL-BRANCO (Maria das Dores Caldeira de)

OUTROS IDENTIFICADORES: ID.ARQ.GERAL: 04050-D
 ID.REMESSA: BEP-D/45

DATAS DE PRODUÇÃO INICIO: 1964-03-25

DATAS DE PRODUÇÃO FIM: 1965-01-05

DESCRIÇÃO DOS COMPONENTES: 70

DIMENSÃO: 0,025 (ml)

ENTIDADE DETENTORA ACTUAL: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. Serviço de Belas-Artes. 1961-02-01

RESUMO: 1º Relatório (1964.03.25); 2º Relatório (1964.04.30); 3º Relatório (1964.06.19); 4º Relatório (1964.10.09); 5º Relatório (1964.11.16); 6º Relatório (1965.01.05)

FIM ESTATUTÁRIO: Arte

ACTIVIDADE: Bolsas de estudo

OBJECTO ACTIVID: TIPO: Formação de aperfeiçoamento e especialização

DESIGNAÇÃO ACTIVIDADE: Aperfeiçoamento da técnica dos diversos materiais em escultura

OBJECTO ACTIVID: TEMA: Escultura

OBJECTO ACTIVID: A.GEOGRÁFICO: Paris

NOME ENT. INTERMEDIÁRIA: ACADÉMIE DE FEU

NOME ENT. ORIENTADORA: Szabo, Lazlo (Escultor)

NOME ENT. BENEFICIÁRIA: CASTEL-BRANCO, Maria das Dores Caldeira de, 1936-09-13

IDIOMA/ESCRITA: Português; Francês

CONSERVAÇÃO: Colas

UAC: SBA 01086

MICROFILMAGEM: Microfilmagem: total

NOTAS: O carimbo de entrada do último relatório é de 05.01.1964 o que está errado pois o relatório diz respeito ao período entre Novembro a Dezembro de 1964

DESC. REFERÊNCIA: Serviço de Belas-Artes. Bolsas de Especialização. Relatórios. Escultura. CASTEL-BRANCO (Maria das Dores Caldeira de)

	NÚMERO REGISTO	OBS.	ESTADO
	15341		Livre

Doc. 26 - Pedido de Bolsa - Fundação Gulbenkian.

DORITA DE CASTEL-BRANCO

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 1965 - LISBOA. Casa da Imprensa.
1966 - LISBOA. Palácio Foz
1968 - LISBOA. Palácio Foz
1969 - LISBOA. Interforma
1970 - LISBOA. Palácio Foz
1971 - LISBOA. Palácio Foz
- LOURENÇO MARQUES. - (Moçambique). Sociedade de Estudos.
- BEIRA. - (Moçambique). Sociedade de Estudos.
1972 - LISBOA. Galeria de Arte Moderna, S.N.B.A.
1973 - LISBOA. Parque da Fundação Calouste Gulbenkian.
1974 - LISBOA. Parque Eduardo VII (Jardim Público).
1975 - RIO DE JANEIRO (Brasil). Jardins do Consulado de Portugal.
- S. PAULO (Brasil). Museu de Arte de S. Paulo Assis Chateaubriand.
1977 - LISBOA. Estufa Fria. "O Jardim das Delícias".
- ESTORIL. Galeria de Arte do Casino Estoril.
- LEIRIA. Galeria de Arte da Comissão Regional de Turismo.
1982 - ESTORIL. Galeria de Arte do Casino Estoril
- MACAU. Galeria de Arte do Hotel Excelsior.
1987 - LISBOA. Galeria S. Mamede.
- LISBOA. Galeria Triângulo 48
1990 - LISBOA. Galeria Ara.
1991 - LISBOA. Forum Picoas. Galeria de Arte dos CTT.
1995 - RINCHOA. Galeria de Arte de Fitaes.
1996 - LISBOA. Galeria S. Mamede.
- ### EXPOSIÇÕES COLECTIVAS
- 1960 - AVEIRO. XXIII Missão Estética de Aveiro.
1961 - BEJA. XXIV Missão Estética de Beja. Salão Nobre do Governo Civil.
1966 - ESTORIL. Salão de Primavera.
- ESTORIL. Salão de Antoniano.
- ESTORIL. Salão de Arte Moderna.
1966 - LISBOA/PORTO/ÉVORA. SNI. Exposição Nacional de Arte.
- ESTORIL. Salão de Outono.
1967 - ESTORIL. Salão de Primavera
- ESTORIL. Salão de Arte Moderna
- ESTORIL. Salão de Outono.
1968 - LISBOA/PORTO/ÉVORA. SNI. Exposição Nacional de Arte.
- LISBOA/PORTO. III Salão Nacional de Arte.
1969 - MADRID. "II Bienal Internacional del Deporte".
1972 - LISBOA. "Sociedade Nacional de Belas-Artes. "Exposição 72".
1973 - LISBOA. "IV Centenário da Publicação dos Lusíadas"
- LISBOA. Sociedade Nacional de Belas-Artes "Exposição 73".
1974 - LISBOA. Sociedade Nacional de Belas-Artes. "Exposição Convívio 74".
- LISBOA. Sociedade Nacional de Belas-Artes. "Perspectiva 74".
1975 - LISBOA. Sociedade Nacional de Belas-Artes. "Figuração Hoje".
- LISBOA. Sociedade Nacional de Belas-Artes. "Abstracção Hoje".
- LISBOA. Feira das Indústrias. "Exposição de Medalhística".
1977 - LISBOA. Sociedade Nacional de Belas-Artes. "Artistas Portugueses".
- PARIS. Fundação Calouste Gulbenkian. "Artistas Portugueses".
- MADRID. "VI Bienal Internacional del Deporte".
- BUDAPESTE. XVII Congresso FIDEM.
1978 - LISBOA. S.N.B.A. "A Árvore nas Artes-Plásticas e na Fotografia".
- LISBOA. S.N.B.A. "Salão de Arte Moderna".
1979 - LISBOA. S.N.B.A. "A Árvore nas Artes-Plásticas e na Fotografia".
- BARCELONA. "VII Bienal Internacional del Deporte".
- LISBOA. XVIII Congresso FIDEM.
1980 - LISBOA. Coruchéus. Colectiva de "Artistas dos Ateliers Municipais".
1981 - ESTORIL. "Semana do Estoril/Portugal na Bahia".
- LISBOA. Galeria S. Francisco. "Desenhos".
1983 - ESTORIL. Casino. "25 Anos ao Serviço da Arte e da Cultura".
- ESTORIL. Exposição/venda a favor das vítimas das inundações em Cascais.
- LISBOA. Fundação Calouste Gulbenkian. Centro de Arte Moderna. "Escultura".
- FIRENZE. XIX Congresso FIDEM.
1984 - AMADORA. Câmara Municipal. "Dia Internacional da Mulher".

- 1984 - CAMPO MAIOR. "EIAM/84 - 1.ª Exposição Ibérica de Arte Moderna".
- 1985 - STOKHOLM. XX Congresso FIDEM.
 - CALDAS DA RAINHA. "1.ª Bienal de Escultura ao Ar Livre".
 - LISBOA. Coruchéus. Colectiva de "Artistas dos Ateliers Municipais".
 - VILAMOURA (Algarve). Hotel D. Pedro. Exposição de Artes-Plásticas.
 - LISBOA. S.N.B.A. "Professores da Escola António Arroio".
 - ESTORIL. Casino. "Artes Plásticas".
 - ESTORIL. Casino. "VII Salão de Outono".
 - PORTO. Hotel Meridien. Exposição de Artes Plásticas.
- 1987 - ESTORIL. Casino. "Colectiva de Artes Plásticas".
 - ESTORIL. Casino. "Artes Plásticas/Professores".
 - ANGRA DO HEROÍSMO (Açores). "2.ª Bienal de Arte dos Açores e Atlântico".
 - CALDAS DA RAINHA. "2.ª Bienal de Escultura e Desenho".
 - CONSTÂNCIA. Colectiva de Escultura e Pintura.
 - COLORADO (USA). XXI Congresso FIDEM.
- 1988 - LISBOA. Galeria António Clara. Colectiva de Escultura.
 - LISBOA. S.N.B.A. "Salão Convívio".
 - LISBOA. Galeria Barata. "Um Amor Feliz".
 - AMADORA. 1.ª Mostra de Escultura de Ar Livre - "Amadora 88".
 - LISBOA. "A Mulher na Arte Contemporânea Portuguesa".
- 1989 - CALDAS DA RAINHA. "3.ª Bienal de Escultura e Desenho".
 - LISBOA. Caixa Geral de Depósitos. "200 Anos do Ministério das Finanças".
 - ESTORIL. Casino. "50 Anos de Vida Literária de Fernando Namora".
 - HELSINKI (Finlândia). XXII Congresso FIDEM.
- 1990 - ESTORIL. Casino. "Exposição/Homenagem a Luís Dourdil".
 - ESTORIL. Casino. "Passagem no Feminino".
- 1991 - LISBOA. Imprensa Nacional Casa da Moeda.
 - ESTORIL. "II Salão do Pequeno Formato".
 - CALDAS DA RAINHA. "4.ª Bienal de Escultura e Desenho".
 - AMADORA. 1.ª Mostra de Escultura de Ar Livre - "Amadora 91".
- 1992 - BRUXELAS. Europália.
- 1993 - AMADORA. Expo. de Medalhística.
- EDIFÍCIOS, JARDINS E PRAÇAS PÚBLICAS**
- 1973 - LISBOA. Restelo. Av. das Descobertas. Esculturas "Homem e Mulher Símbolo do Amor".
- 1974/75 - LISBOA. Sociedade Portuguesa de Autores. Av. Duque de Loulé. Escultura.
- 1974/75- RIO DE JANEIRO. Escultura.
 - LISBOA. Biblioteca Nacional. "Camões" Escultura.
 - BRASÍLIA. Embaixada de Portugal. Escultura.
- 1978/82- ARGANIL. Palácio da Justiça. Escultura. Justiça.
 - ARGANIL. Palácio da Justiça. Sala de Audiências. Relevo em Cobre repuxado.
 - LISBOA. Prior Velho. Fábrica Pedro S. Pires. Monumento a Pedro S. Pires.
 - SEIA. Monumento a Afonso Costa.
 - LISBOA. Sta. Apolónia. Monumento ao Emigrante.
 - ABRANTES. Hospital. Escultura exterior em aço inoxidável.
 - BENAVENTE. Palácio da Justiça. Alto relevo exterior em betão.
 - BENAVENTE. Palácio da Justiça. Sala de Audiências. Esgrafito.
 - LISBOA. Alto de S.João. Cemitério. Monumento a José Rodrigues Miguéis.
 - TOMAR. Centro de Formação Profissional. Escultura em Ferro.
 - CINFÃES DO DOURO. Palácio da Justiça. Escultura. "Justiça".
 - CINFÃES DO DOURO. Sala de Audiências. Tapeçaria.
 - LISBOA. Av. D. Afonso III. Pintura Mural em empena de prédio.
 - CARACAS (Venezuela). Busto de Camões.
 - LISBOA. Centro Comercial Guerin. Conjunto Escultórico.
 - FIGUEIRA DA FOZ. Monumento do 1.º Centenário.
- 1983 - ESTORIL. Casino. Escultura em tubo de aço para a sala de Bingo.
- 1984 - COSTA DA CAPARICA. Vitral para moradia particular.
 - COSTA DA CAPARICA. Tapeçaria para moradia particular.
 - LISBOA. Estufa Fria. Escultura "Golfinhos".
- 1985 - MACAU. Taipa. Monumento da Taipa.
- 1986 - Viseu. Casa da Sorte. Escultura.
- 1987 - CONSTÂNCIA. Galeria Espiral. Escultura.
- 1989 - COSTA DA CAPARICA. Igreja de N.ª Sr.ª da Conceição. Escultura "N.ª Sr.ª da Conceição".
- 1990 - LISBOA. Lloyds Bank.
- 1991 - LEIRIA. Novo Hospital Distrital de Leiria. Grupo escultórico.
- 1992 - PÓVOA DE SANTA ÍRIA. Fábrica DAN CAKE. Escultura em aço inox.
- 1993 - LEIRIA. Novo Hospital Distrital de Leiria. Painel Místico para a Capela.

- 1993 - LISBOA. Motivo escultórico "EDINFOR".
 1995 - LISBOA. Escultura "A Hipérbole da Informação".

PRÉMIOS

- ESTORIL. Salão de Arte Moderna. Medalha de Prata em Escultura.
- ESTORIL. Salão de Arte Moderna. Medalha de Prata em Tapeçaria.
- ESTORIL. Salão Antoniano. Medalha de Prata.
- ESTORIL. Salão de Arte Moderna. 1.º Prémio.
- MADRID. II Bienal Internacional del Deporte. 1.º Prémio.
- LOURENÇO MARQUES. Sociedade de Estudos. Condecoração de Grande Mérito.
- STOKHOLM. XX Congresso FIDEM. Menção Honrosa.
- ESTORIL. 1.º Prémio de Escultura "EDINFOR".

MUSEUS EM QUE ESTÁ REPRESENTADA

- AVEIRO. Museu Regional de Aveiro.
- LISBOA. Museu Nacional de Arte Moderna.
- LISBOA. Museu Antoniano.
- LISBOA. Biblioteca Nacional.
- LISBOA. Fundação Calouste Gulbenkian.
- PARIS. Fundação Calouste Gulbenkian.
- S. PAULO (Brasil). Museu de Arte de S. Paulo Assis Chateaubriand.
- V. FRANCA DE XIRA (Cachoeiras). Museu de vida selvagem - 1992

ILUSTRAÇÃO

- 1981 - LISBOA. Capa para livro de Poemas de José Sá Marques.
 - LISBOA. Ilustrações diversas em boletins da Associação Protectora dos Diabéticos de Portugal.
- 1985 - MACAU. Capa para livro de Poemas de Maria do Rosário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1971 - Revista "Catavento". Letras e Artes, n.º 4
 - Órgãos de Comunicação Social diversos (Jornais, Rádio e Televisão).
- 1974 - Enciclopédia Lexicoteca "Ponte sobre o Atlântico-Brasil".
- 1978 - "XX CENTURY PORTUGUESE ARTISTS". Michael Tannock.
- 1982 - Textos de Jorge Amado.
- 1985 - Textos de Maria do Rosário.
- 1987 - "DICIONÁRIO DE PINTORES E ESCULTORES PORTUGUESES". Fernando de Pamplona.
 - Textos de David Mourão Ferreira.
 - Textos de Francisco de Sousa Neves.
 - Textos de Natália Correia.

- 1990 - Textos de Luís Leiria de Lima e Isabel Salema. LISBOA DE PEDRA E BRONZE.
 1992 - "Aspectos das Artes Plásticas em Portugal". Fernando Infante do Carmo.

PARTICIPAÇÃO EM JÚRIS

- 1966 - LISBOA. IX Quinzena de Arte dos Bancários.
 1972 - ESTORIL. Junta de Turismo da Costa do Sol. "XVII Salão da Primavera."
 1978 - ESTORIL. Galeria de Arte do Casino Estoril. "Concurso de Arte Infantil".
 1979 - ESTORIL. Galeria de Arte do Casino Estoril. "Salão Nacional de Arte Infantil do Estoril".
 - ESTORIL. Galeria de Arte do Casino Estoril. "1.º Salão Internacional de Expressão Plástica Infantil do Estoril"
 1990 - ESTORIL. Galeria de Arte do Casino Estoril. "Exposição de Pintura e Escultura".

BUSTOS E RETRATOS DE FIGURAS PÚBLICAS OU AMIGOS

- Auto Retrato.
- Pintor Luís Dourdil.
- Dr. David Mourão Ferreira.
- César de Oliveira.
- Dr. Ernesto Roma.
- Dr. Bernardino Machado.
- Florbela Espanca.
- Afonso Botelho.
- Escultor Euclides Vaz.
- Pintor Celestino Alves.
- Pintor Manuel Lima.
- António Clara.
- Dr. Eduardo Côrte-Real Fernandes.
- Eduardo Lança.
- Dr^a Maria Cavaco Silva.
- Dr^a Celina Veiga de Oliveira.
- Dr^a Manuela António.
- Comandante Graça Ribeiro.
- Dr^a Maria Rosário Vidal.
- Pintor Gil Teixeira Lopes.
- Pintor Hilário Teixeira Lopes.
- Dr^a Maria da Anunciação Oliveira.
- Maria José Branco.
- Dr. Luís Morales.
- António Noronha.
- Família Munhá.
- Lena Crato.
- Prof. Dr. Dinis da Gama.
- Vergílio Ferreira.
- Daniel Pereira de Matos.
- Arq. Augusto Silva.
- Pedro Silva.
- João Silva.

Documentos – Jornais

Imagem 1 - Semanário Tempo de 05/03/81.....	66
Imagem 2. Semanário Tempo de 19/03/81.....	67
Imagem 3. Semanário Tempo de 02/04/81.....	68
Imagem 4. Semanário Tempo de 09/04/81.....	69
Imagem 5. Semanário Tempo de 23/04/8.....	70
Imagem 6. Semanário Tempo de 23/04/81.....	71
Imagem 7. Semanário Tempo de 30/04/81.....	72
Imagem 8. Semanário Tempo de 07/05/81.....	73
Imagem 9. Semanário Tempo de 14/05/81.....	74
Imagem 10. Semanário Tempo de 26/05/81.....	75
Imagem 11. Semanário Tempo de 28/05/81.....	76
Imagem 12. Semanário Tempo de 04/05/81.....	77
Imagem 13. Semanário Tempo de 04/06/81.....	78
Imagem 14. Semanário Tempo de 10/06/81.....	79
Imagem 15. Semanário Tempo de 18/06/81.....	80
Imagem 16. Diário Correio da Manhã de 11/06/81.....	81
Imagem 17. Diário de Noticias de 11/06/81.....	82
Imagem 18. Diário de Popular de 11/06/81.....	83

Director: Nuno Rocha
Chefe de Redacção: Peixe Dias
Semnário Liberal e Independente
Fundado em 23 de Maio de 1975
Ano VI - Número 304
Publica-se às 5.ª-feiras
Lisboa, 5 de Março de 1981

Tempo

EDIÇÃO INTERNACIONAL

Editorial

Tivemos ocasião em Nairobi, capital do ibérico Quênia, durante a Assembleia Geral anual do Instituto Internacional de Imprensa (fundado em 1951, o Instituto reúne 1800 directores e administradores de jornais de 61 países de todo o mundo) de discutir um violento ataque contra o Governo do dr. Francisco Balsemão por este não ter dado, ainda, indícios de querer resolver o problema da imprensa em Portugal. O Estado continua a ser detentor de cinco jornais diários, da Rádio, da TV e da Agência Nacional de Notícias (ANOP) e o Governo continua a ter a responsabilidade da sua administração, o que se considera uma situação não democrática. Nas Democracias, a imprensa é, realmente, o quarto poder e constitui a conselheira crítica dos Governos. Só assim, Imprensa e Governos podem coexistir. Quer dizer: a Imprensa deve ser completamente independente face ao poder político e os jornalistas devem ser completamente livres face aos jornais. O monopólio existente em Portugal, em matéria de Comunicação Social contraria inteiramente estes princípios, uma vez que afecta a independência dos órgãos de Informação e a limitação de liberdade dos jornalistas.

No caso português, a situação torna-se ainda mais grave, na medida em que a política seguida em que está envolvido o VII Governo, quanto a este domínio, vai deteriorar uma crise nacional de proporções inimagináveis. A Imprensa atravessa em todo o mundo dificuldades que se difiram intransponíveis. Um telegrama de uma agência publicado há dias noticiava o seguinte: o presidente da Sociedade Livre-Armadora de Directores de Jornais afirmou em Atenas que os jornais norte-americanos travam uma luta enorme pela sua sobrevivência. A imprensa privada reuniu-se, há dias, em Paris, no âmbito da UNESCO, e no final de uma extenuante reunião de uma semana pôde a todos os Governos a redução das taxas dos telefones e dos telexes. Portugal é um País mal governado neste domínio. Sendo diminuta a circulação dos portugueses pela leitura, editam-se em Portugal 12 jornais diários. Em Lisboa, nada menos de quatro jornais diários publicam-se à tarde. Esta pulverização de títulos resulta em que a média das suas tiragens é de 25 000 exemplares, o que constitui a condição necessária para a sua sobrevivência há outros factores de agravamento. Em 1980, o volume total de publicidade facturada no País foi de 3,5 milhões de cêntos. Desta importância, as Agências de Publicidade ficaram para si (para os seus serviços), com 1,75 milhões, o que significa que para os meios de Comunicação Social restaram outros 1,75 milhões. Desta quantidade, a Rádio Renascença facturou 250 000 contos e a RDP 150 000, ou seja, 400 000 contos, enquanto a TV facturou nada menos de 1 milhão de contos, isto é, 60% da vertez destinada aos meios. Acontece que os jornais tiveram para si, apenas, 350 mil contos, o que, a dividir pela imprensa existente, não chegou evidentemente para a sua gestão corrente. Daí que haja em Portugal inúmeros jornais falidos e a começar nos principais jornais do Estado administrados pelo Governo que tem dividas inguificáveis em termos de custos económicos. Em relação ao que a TV absorve em Portugal (60% do total destinado

A revisão constitucional e o desafio do CR

O Conselho da Revolução, por intermédio de alguns dos seus mais activos e influentes membros, veio inesperada e surpreendentemente afirmar que pretende uma revisão constitucional «o mais rapidamente possível» e ameaçar que pode entrar em «auto-extinção» no caso de o processo da revisão, em que o órgão de tutela da democracia deve desaparecer, não ficar ultimado este ano. A cumprir esse objectivo de «auto-suspensão» de funções, o CR entraria assim em «greve», com o propósito essencial de se arrojar na opinião pública a convicção de que os conselheiros não estão apegados ao poder e desajam, acima de tudo, a institucionalização da democracia plena. Além de se lançar um repúdio às forças democráticas, procurar-se-ia desmoralizar o próprio debate em torno do futuro do Conselho e da sua substituição por um órgão (ou órgãos) em que naturalmente muitos dos actuais conselheiros pensam ter lugar.

Curiosamente, essa hipótese de «auto-extinção» ou «auto-suspensão» foi discutida numa das últimas reuniões do CR, tendo posteriormente o general Eanes, conforme revelou um semáforo afecto e Balem, moderado e a sua surpresa por não ter havido «fluxo de informação que permitisse a divulgação pública desse debate, o que revela ter existido o propósito de se lançar um «balão de ensaio». De resto, as afirmações de vários conselheiros acerca desse assunto surgem no momento em que o CR publica finalmente o seu regulamento, depois de ter exercido funções dentro de uma legalidade criada pelo próprio Conselho, mas sem respeitar o preceito da Constituição que mandou, em 76, elaborar e publicar o respectivo regulamento. De facto, não se entende que, tendo agora o CR um período curto de existência e estando os seus membros determinados a tomar uma atitude tão séria no fim do ano não se fizer a revisão constitucional, só nesta altura haja preocupação

com o regulamento. Temos, por outro lado, que o próprio CR impôs no pacto com os partidos o princípio de que só deixaria de existir com o fim do período de transição, o qual se estabeleceu a partir de uma duração mínima de quatro anos, sem se lhe fixar o limite máximo, e logo se entendendo que esse mesmo período só cessaria quando entrasse em vigor a lei de revisão constitucional. Em todo o caso, se os conselheiros tomarem a decisão que anunciam, entram em funcionamento os mecanismos da Constituição, segundo os quais em caso de morte, renúncia ou impedimento permanente de algum dos actuais membros representantes dos três ramos militares será a vaga preenchida por designação do respectivo ramo. Deste modo, na perspectiva de uma «auto-suspensão» de funções, os conselheiros nessa situação seriam imediatamente substituídos, cumprindo-se finalmente, então, a disposição constitucional que manda designar os representantes de cada ramo das Forças Armadas, o que só foi observado em relação a um dos oficiais do Forças Armadas, tendo os restantes permanecido nas funções que já ocupavam por decreto do próprio CR, promulgado pelo general Eanes em 11 de Agosto de 76. Registe-se, entretanto, que os restantes conselheiros o são por inerência de funções, não podendo por isso renunciar enquanto exercem os cargos que os levam a ter assento no CR.

As declarações de alguns conselheiros, designadamente de Melo Antunes e Soares e Castro, segundo as quais é desejável que «o mais rapidamente possível» se faça o revisto constitucional, para que se «entre na plena normalidade democrática», se têm de ser aplaudidas pelo reconhecimento de que a democracia está mitigada e tutelada, não deitem de causar alguma surpresa, sobretudo pelos termos em que a questão foi posta.

Da gestão ao projecto

RUI MACHETE

1. Em Portugal, vivemos colectivamente, a maioria de nós, preocupados com a gestão do presente e descontentes ou esquecidos de que é possível planejar o futuro. O tumultuar dos acontecimentos quotidianos ocupa a nossa atenção e impede-nos de ver mais longe do que as próximas semanas ou meses.

Essa limitação do horizonte temporal é particularmente aparente a nível político. A sucessão de eleições e de governos, as crises várias e a ocorrência de factos públicos inesperados e, algumas vezes, trágicos têm contribuído para que muitos dos actores políticos empenhados nos partidos esqueçam que os objectivos a longo prazo devem influenciar e, em certos casos, mesmo determinar as opções imediatas.

(Continua na pág. 14)

Vão instituir-se tribunais fiscais

O reconhecimento do Direito Administrativo e Fiscal é o principal objectivo de um diploma emanado do Ministério da Justiça, e discute hoje no plenário do Conselho de Ministros, e através do qual se organizam os Tribunais Administrativos e Fiscais, designados sobretudo a recuperar atrasos nas dívidas ao Estado. Na sua cúpula, é criado um conselho próprio, dado a especialização dos novos tribunais, a ficar dependente do Supremo Tribunal Administrativo e terá uma maioria de magistrados, havendo dois professores de Direito Público a designar para a Assembleia da República.

Advertência do IPI

NAIROBI (TEMPO-VIA SWISSAIR E KLM) - A assembleia geral do Instituto Internacional de Imprensa (IPI) aprovou ontem a seguinte resolução sobre Portugal:

«A assembleia geral do Instituto Internacional de Imprensa reconhece o esforço do Primeiro-Ministro de Portugal em promover a liberdade e independência da imprensa.

O IPI manifesta a esperança de que sejam entregues à iniciativa privada as cinco publicações ainda controladas pelo Governo, a fim de garantir a pluralidade das notícias e opiniões e apoiar os princípios de liberdade de imprensa.

O IPI também pede ao Governo português que reconsidere e mude o actual sistema pelo qual os conteúdos da administração da Rádio, da Televisão e da Agência Nacional de Notícias (ANOP) são nomeados pelo Governo, visto o Instituto achar que tal sistema não pode garantir a independência dos órgãos da informação.»

(Ver reportagem de Nairobi na pág. 9)

a Semana

Deus não dorme (ou só dorme quando lhe dá na Real gana) mesmo para um Portugal vendido, aviltado, acunhado, conselheiral. Foram-se, na viagem dos tempos, nos ventos da História, os afons henriques, os nunos alvares correias, os dons joões segundos, os vascos da gama, os alfoncos de albuquerque, os marqueses de pombal, os bulcões, os púdes e os gloriosos anti-fascistas de sempre. Foi-se o mar universal e a saudade. Mas nem tudo está perdido: ainda temos o Presidente Eanes, o Primeiro-Ministro Balsemão e o Benfica, que ontem empigou em D. Seldorfa.

P.D.

Monumento ao emigrante

A iniciativa do «Tempo», o jornal de maior implantação entre as colónias de portugueses no estrangeiro, de promover a construção, em Lisboa, de um Monumento ao Emigrante teve já o primeiro respoite de carácter governamental: a Secretaria de Estado do Emprego e Comunidade Portuguesa abriu a subscrição para que apolémios, garantindo uma oferta de 100 mil escudos para a concretização do empreendimento. Trata-se já, pois, de um projecto nacional, a que o Governo do País assim dá a sua aprovação, colaboração e estímulo.

Aguardamos, entretanto, além do apelo de outros entidades e organismos oficiais - entre os quais, decerto, a Câmara Municipal de Lisboa, do cujo presidente já esperamos a concessão de uma audiência para o efeito em especial os donativos dos próprios emigrantes.

Os nossos compatriotas deverão enviar os seus donativos para JORNAL TEMPO - MONUMENTO AO EMIGRANTE - RUA RUBEN A. LEITÃO, 4-1., 1200 LISBOA PORTUGAL.

Todas as semanas publicaremos, a lista dos donativos recebidos e respectiva procedência, em nome individual, de núcleo ou de associação que parte o efeito se mobiliza.

«Troika» contra Soares

Em entrevista ao «Tempo» o dirigente socialista Rodolfo Crespo, considerando, neste momento, o mais autorizado porta-voz de Mário Soares, denuncia o projecto dos opositores do secretário-geral em o transformar em «mera figura decorativa, acollando-o de três secretários-gerais-adjuntos, e eles em Congresso, para quem passarão os poderes reais de liderança política». A estes três secretários-gerais-adjuntos chama Rodolfo Crespo uma «troika», «figura inexistente em partidos democráticos».

Entretanto, «Tempo» revela a maioria dos nomes dos 40 deputados que subscreveram a moção de orientação política do actual Secretariado do PS, desvendando, assim, os opositores de Soares no Parlamento.

«Tempo» também revela que sectores «históricos» do Partido Socialista, opostos ao Secretariado Nacional, estão dispostos a «contratacar» figuras greças do órgão executivo do PS.



Imagem 1. Semanário Tempo de 05/03/81.

B. N. L.
29. ABR. 1981
2. DEP. LEG.

Tempo

EDIÇÃO INTERNACIONAL

Preço 20\$00
Madeira, Açores e Macau 27\$50
França 3,50 FF / Alemanha 1,70 DM / Bélgica 25,00 FB
Brasil CR\$55 / Luxemburgo 22,00 FB / Holanda 3 FL
Inglaterra 30 P / Suíça 1,40 FS / Suécia SRK 5,00
Espanha 60 Pts / E.U.A. 0,90 US\$ / Canadá 1 Dólar
Rep. África do Sul 80 Cts. / Venezuela 6,5 BD
Zaire 6,5 Zaires

Director: Nuno Rocha
Chefe da Redacção: Pedro Dias
Semanaário Liberal e Independente
Fundado em 29 de Maio de 1975
Ano VI - Número 306
Publica-se às 5.ª feiras
Lisboa, 19 de Março de 1981

Editorial

Algumas das últimas acções do Governo e, também, o que se passa no âmbito da maioria que o sustentam, lutam-se a maior atenção para o que «Tempo» escreveu logo que o dr. Francisco Pinto Balsemão formou o seu gabinete. O PPM, que está a revelar-se finalmente um partido lúcido e crítico - o que sempre esperamos dele sem que o lúcido até agora demonstrado, emite opiniões em que é preciso atender. Não foi por simples interesse pessoal ou por um desejo de formular críticas que pedimos antes da constituição do Gabinete a criação de um Ministério do Turismo, que pedimos um Ministério da Energia, que condenamos a criação de um Ministério da Qualidade de Vida e que condenamos a inexistência de um secretário de Estado do Comércio Externo. O facto de não haver no Conselho de Ministros, nem junto do Primeiro-Ministro, um titular do turismo, permitiu que o chefe do Governo tivesse falado, há dias, numa situação de pré-catastrofe no Algarve, o que significa que podemos assim ter comprometido todo o nosso crescimento turístico para este ano se é que não vamos chegar ao fim de 1981 com um muito menor número de entradas de estrangeiros e o correspondente corte de divisas. Efectivamente, se algum de nós estivesse a programar as suas férias para a Corsega e nos chegasse a notícia de que aquele regime se encontrava numa fase de pré-catastrofe, logo iríamos decidir alterar as férias e procurar outro destino. Ninguém programa férias para zonas anunciadas como estando numa situação de pré-catastrofe. Sabemos bem o que o Primeiro-Ministro quis dizer. Efectivamente (e isso pode ver-se através de um artigo do eng.º Mário Felo hoje publicado no «Tempo») a seca atingiu em Portugal proporções de pré-catastrofe. O Tejo, vitorioso de novo, e apenas um tempo fora da água, o que angustia os que se encontram empenhados, como acontece com o Governo de AD, em lançar o País na via do desenvolvimento e do progresso. Os pastos estão secos e não sentem reflexos antes de dois invernos. Mas os homens do turismo português deviam ter alertado o Primeiro-Ministro - ou este deveria ter levado com ele ao Algarve o secretário de Estado do Turismo - para que usasse outros termos para caracterizar a crise quando se destacou àquela província do Sul. O alarme que se verifica nos centros giratórios de turismo no estrangeiro terá proporções ainda não imaginadas. Quanto à Energia, justifica-se hoje mais do que nunca a criação de um ministério. A energia constitui a grande preocupação da nossa época histórica. Será através da solução encontrada para os problemas da energia que a nossa geração se lançará na paz ou na guerra, que entrará numa grande depressão ou que descobrirá novas vias do progresso. O Mundo está suspenso desse incommensurável problema: ou ele se resolve ou a Humanidade entrará no caos que pode levar a um novo e devastador conflito mundial. Daí a importância da criação de um ministério da Energia em Portugal logo que seja possível para administrar a pouca energia que temos (apenas hídrica e sem mais possibilidades de desenvolvimento) e para descobrir a nova energia de que vamos precisar. Quanto ao ministério da Qualidade de Vida,

(Continua na pág. 2)

A crise entre Lisboa e Havana Refugiados cubanos irritaram Fidel

É de admitir que a retaliação de Cuba contra o Encarregado de Negócios de Portugal em Havana, exigindo a sua expulsão de quele país a propósito de alegadas interferências no assalto à Embaixada do Equador, tenha a ver com o facto de numerosos cidadãos cubanos terem escolhido Lisboa para abandonarem os aviões da Aeroflot em que viajam entre Moscovo e a capital cubana. O Governo cubano não teria apreciado a forma leal com o qual o Governo português procedeu sempre em relação aos refugiados cubanos. Admitiu-se, também, nos meios diplomáticos de Lisboa, que o Governo de Cuba estaria interessado, sob informações do Partido Comunista Português, em perturbar as acções do Governo português, sendo sintomático que a atitude cubana foi tomada pouco tempo depois dos acontecimentos sucedidos no Maputo. O Governo soviético e o Partido Comunista Português, seu interlocutor em Lisboa, não estão interessados em que o Governo de AD desenvolva relações de amizade com os actuais Governos de Angola e Moçambique. Cuba tem-se aliado nesta estratégia contra o Governo da Aliança Democrática.

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. André Gonçalves Pereira, embora sem aludir a nenhuma destas questões, concedeu ontem uma importante entrevista ao «Tempo» sobre o caso das relações entre Cuba e Portugal. O ministro disse que não havia corte de relações entre os dois países, mas apenas um incidente diplomático que se considerava encerrado neste momento. Portugal comprou a Cuba 60 milhões de contos de açúcar em 1980 e Cuba a Portugal apenas 17 milhões de contos de tomearas e outros produtos. Se Cuba cortar relações com Portugal o nosso País poderá comprar o açúcar em outros mercados internacionais sem qualquer dificuldade. O ministro Gonçalves Pereira que começa a pôr em prática o seu estilo de Governo naquela pasta, parte para Washington no dia 24 e terá no dia 25 conversações com o Secretário de Estado, general Haig. O Secretário de Estado norte-americano recebe o ministro português logo depois de ter recebido o ministro francês Poincaré, o Primeiro-Ministro Inglês senhor Thatcher, e o ministro alemão Genscher e de se ter deslocado ao Canadá onde visitou o Primeiro-Ministro Trudeau. Portugal é o primeiro dos países que não são grandes potências a ter conversações com o novo Secretário de Estado dos Estados Unidos. No dia 28, o dr. Gonçalves Pereira terá um encontro com o Secretário-Geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim. No dia 27, o chefe da diplomacia portuguesa partirá para o Egito e no Cairo terá um encontro com o ministro dos Estrangeiros daquele País e será recebido pelo presidente Sadat. De 1 a 3 de Abril o ministro dos Estrangeiros estará em Bruxelas e terá encontros com o secretário-geral da NATO, Joseph Luns, com o presidente das Comunidades, Gaston Thorn, e com o vice-presidente, Lorenzo Natali. Ao mesmo tempo, reunirá com os Embaixadores de Portugal em todos os países do Mercado Comum e de Espanha e com a presença do ministro para a Integração Europeia, eng.º Álvaro Barreto. No dia 4 de Abril o dr. Gonçalves Pereira estará em Lisboa para participar na recepção ao presidente da República Italiana Pertini.

A entrevista do dr. André Gonçalves Pereira e propósito da crise com Cuba é publicada nas nossas páginas centrais.

Sottomayor Cardia e a situação no PS

entrevista nas pág.s 12, 13, 16 e 17

Mário Soares inaugura programa "Antena 1 - Tempo"

O secretário-geral do Partido Socialista, Mário Soares, será, no dia 24, o primeiro convidado do programa «Antena 1 - Tempo», uma coprodução do Centro de Programas da RDP e do «Tempo», a emitir todas as tardes-feiras, entre as 22.30 horas e as 23.30 do programa da noite.

O programa de Mário Soares é da responsabilidade do realizador da RDP, Palma Fialho, e do subchefe de Redacção do «Tempo», José Rocha Dias.

O programa destina-se a entrevistar as grandes personalidades da cena política, cultural, económica e social portuguesa e consta de duas partes: na primeira serão formuladas questões previamente endereçadas ao «Tempo» pelos seus leitores e na segunda as perguntas serão feitas telefonicamente pelos ouvintes da RDP na noite de emissão.

Na sua edição seguinte, «Tempo» apresentará um resumo alargado da entrevista, ao mesmo tempo que convidará os seus leitores a fazer perguntas ao convidado seguinte.

As perguntas dirigidas a Mário Soares poderão ser enviadas para «Antena 1 - Tempo», Rua Ruben Lobo, 4, 1.ª 1294 Lisboa-Codem, até 2.ª feira, dia 23 de Março.

a Semana

Perigosos fascistas parecem apostados em demitir o grande pilar da democracia portuguesa e a Assembleia da República, onde venerandos antifascistas de sempre apresentam, nos três últimos dias semanais em que trabalham - por isso se diz que a semana parlamentar, melhor que a inglesa, é uma justa conquista da classe trabalhadora - apresentam, dizem, votos de repúdio e solidariedade, com, evidentemente, ao tratamento de questões fascistas ou de conquistas revolucionárias. Pura calúnia, pois se as leis não são tratadas tanto quanto se desejava, o facto deve-se a que os ilustres deputados não se podem pronunciar de ânimo leve, embora se encontrem, voluntariamente e sem «leigos», debucados sobre elas. Haja calma, que já há democracia. P. D.

A VIAGEM DE ANTÓNIO CAPUÇO

AD deixa cair Presidente da Câmara do Porto

A AD decidiu desinteressar-se da manutenção nas suas funções do actual presidente da Câmara Municipal do Porto. Foi aliás com esse objectivo que António Capucho se

deslocou à capital do Norte tendo-se referido à hipótese de uma aliança PSD/PS para verificar que se evitavam novas eleições para a municipalidade portuguesa. O actual presi-

dente da Câmara originou contestações locais tão fortes que a Aliança Democrática resolveu retirar-lhe o seu apoio.

Monumento ao Emigrante

Depois da abertura da campanha de donativos pela própria Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas, que ofereceu 100 contos, já dois bancos, o Nacional Ultramarino, de Lisboa, e o Franco-Português, de Paris, contribuíram com 100 contos cada um, para a concretização da iniciativa do «Tempo» de promover a construção de um Monumento ao Emigrante, em Lisboa e a inaugurar no próximo dia 10 de Junho. Esta semana foi a vez de uma companhia seguradora, a Império Obcecor 50 contos, através da sua sucursal em Paris. Assim, os emigrantes oportunidade de registar as instituições que desta forma se dispõem a homenagear a sua odisséia e imagens históricas.

Continuamos, entretanto, a esperar das contribuições dos próprios emigrantes e suas associações, cuja identidade semanalmente referenciamos e que deverão ser enviadas para JORNAL TEMPO - MONUMENTO AO EMIGRANTE - RUA RUBEN A. LEITÃO, 4-1.ª - 1200 LISBOA - PORTUGAL.

VILA SENHORA DA ROCHA
Apartamentos e moradias sobre o mar

Rua Latino Coelho, 12-4.ª B
1100 Lisboa
Telef: 53 85 83 / 56 30 75

Prémio mais informações
Nome
Morada
Telef.

com MELHOR Investimento

Imagem 2. Semanário Tempo de 19/03/81.

AINDA A TEMPO ... AINDA A TEMPO ... AINDA A TEMPO ...

RESULTADOS DOS EXERCÍCIOS NATO

O Primeiro-Ministro Pinto Balsemão participou ontem, durante a manhã, no Instituto de Defesa Nacional, na sessão de análise dos exercícios militares «Wimex Cílix»- que a NATO promoveu, com a participação de forças dos quinze países da Aliança, entre 9 e 21 de Março. O encontro dedicou-se a testar o sistema desses exercícios, que aquela organização promove de dois em dois anos, tendo contado pela primeira vez com a contribuição de um núcleo civil, cujos membros participaram na discussão de análise. Além da hierarquia das Forças Armadas, incluindo o CEMOFA e os chefes dos três ramos, estiveram igualmente presentes o ministro e o secretário de Estado da Defesa e o secretário de Estado dos Transportes Aéreos.

REUNIÃO ANUAL DA «WAGONS-LITS»

GENÈBRA (TEIPIQ) - Chegaram hoje ao nosso país os directores das agências suíças da «Wagons Lits Turismo» que este ano realizam o seu habitual Congresso, na zona de Estoril. O grupo que inclui também alguns directores daquela empresa em França, é acompanhado pelo Presidente da Federação das Agências de Viagens Suíças, Rudolf Hintermann e do director do Centro de Turismo de Portugal, em Genêbra, José Manuel de Almeida Reis. Durante a estada dessembrar-se-á um programa social que inclui visitas a Lisboa e arredores e culminará com um jantar no Casino Estoril oferecido pela Junta de Turismo da Costa de Estoril, a que estará presente o director-geral de Turismo, dr. Cristiano de Freitas.

POUNTOURA PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO PSD

O dr. Luís Fontoura, militante do PSD e actual secretário de Estado da Comunicação Social, foi ontem eleito presidente da Comissão de Relações Internacionais do partido, da qual foi vice-presidente nos últimos anos, sucedendo agora a Francisco Pinto Balsemão, que, por haver ascendido à presidência do PSD, abandonou aquele cargo após o congresso dos socialistas emratas.

Designado pelo próprio líder para presidir a citada comissão, Luís Fontoura decidiu, na primeira reunião em que participou investido nessa qualidade, submeter a escolha do presidente do partido aos seus colegas daquele órgão, os quais acataram a sua vontade, elegendo-o depois, por unanimidade. Recorda-se que Luís Fontoura tem desempenhado importante papel no estabelecimento das relações do PSD com partidos e governos de vários países, actuando sempre de harmonia com os interesses nacionais.

SEMANA DO ESTORIL NA BAHIA

Regressou do Brasil o dr. Manuel Teles, presidente do conselho de administração da Sociedade Esteril-Sol que esteve em Salvador da Bahia a ultimar os preparativos para a Semana do Estoril que ali decorrerá

entre 18 e 24 de Maio próximo, numa iniciativa que, sendo a contrapartida da Semana da Bahia que o ano passado decorreu no Estoril, conta com o apoio de várias entidades portuguesas e brasileiras. Manuel Teles avisou-se para esse efeito, com o governador Ant3nio Carlos Magalhães, o prefeito, o secretário estadual do Comércio e Turismo, o presidente da Bahiatursa e a directoria do grupo de hotéis Othon, com os quais teve reuniões em que participaram, além do representante da TAP no Brasil, o escritor Jorge Amado, grande entusiasta da jornada, ficando resolvidos todos os problemas ligados com a realização da Semana.

A jornada integrará manifestações artísticas, culturais e sociais e permitirá uma ampla difusão dos valores e potencialidades do Estoril, bem como de outras regiões do País. No dia da abertura, actuará a artista Amélia Rodrigues, estando já assente que a embaixada incluirá o escritor Fernando Namora, o pintor Manuel Cargaleiro e o escultor Charles de Almeida.

PC DEVE 3500 CONTOS À PREVIDÊNCIA

O Partido Comunista - mais concretamente, a sua Direcção Regional do Porto - deve actualmente à Previdência mais de três mil e quinhentos contos, em contribuições atrasadas dos funcionários - apurou «Tempo» junto de fonte segura.

Recorde-se que, não mencionando embora quantias exactas ou outras precisões, o ministro dos Assuntos Sociais aludira à existência de tais dívidas no decurso do debate do Orçamento Geral do Estado, na passada semana. Motivo: a insistência com que os comunistas exigiam a imediata liquidação das mesmas devidas pelas «grandes empresas capitalistas» à Previdência, como fonte de financiamento de maiores despesas sociais do Estado. Quem tem trabalho de vir...

PROVEDOR DA MISERICÓRDIA CRITICADO

O Provedor da Misericórdia de Lisboa tem vindo a receber fortes críticas devido à actuação que tem desenvolvido perante a Comissão de Gestão do Parque Infantil de Palma e Foz de Arelas. Com efeito, e no seguimento de um inquérito movido à essa Comissão por meio de uma acção conjunta do Provedor da Justiça, Direcção Geral do Equipamento Escolar e da própria Câmara Municipal de Lisboa, foi decidido suspender os subsídios à dita Comissão, assim como - e principalmente - dar ordem de despejo à mesma. Quando tudo apontava para que a Comissão cessasse efectivamente funções, o Provedor da Misericórdia solicitou à Câmara Municipal de Lisboa que suspendesse essa ordem de despejo, residindo aqui o motivo principal das críticas que tem vindo a ser dirigidas.

SEC PRIVILEGIA JORNALS

O jornal desportivo «A Bola» decidiu mover um processo contra o Governo por não lhe ser concedido o subsídio de papel a que se candidatara

por considerar ter direito a esse benefício. Tal atitude resultou do facto de a Secretaria de Estado da Comunicação Social haver resolvido atribuir o subsídio em causa a dois semanários que estavam em igualdade de posição e foram assim privilegiados: «O Sete» e o «Tal e Qual». Também o novo trisemanário desportivo «Gazeta dos Desportos», objecto do mesmo tratamento, vai recorrer para as instâncias superiores da atitude da SECS.

Por outro lado, segundo «Tempo» apurou em meios da Imprensa bem informados, o vespertino «Capital» aproxima-se agora da tiragem do «Diário Popular», que nos últimos sete anos viu reduzir-se drasticamente as suas tiragens, que eram, a par do «Diário de Notícias» de então, as mais altas da Imprensa portuguesa. Por sua vez, as tiragens dos outros dois vespertinos, «A Tarde» e o «Diário de Lisboa», encontram-se praticamente equilibradas.

ALBERTO REGUEIRA NO PORTO

O secretário de Estado do Planeamento, dr. Alberto Regueira, partiu esta manhã para a cidade do Porto, onde deverá alocar na Câmara de Comércio Luso-Britânica. Durante o almoço, o dr. Alberto Regueira deverá preferir uma alocução relacionada com o comércio entre os dois países, que está a causar uma certa expectativa já que, no que respeita às importações e exportações que mantemos com aquele país, o défice português ultrapassa os sete mil contos. Durante a tarde, está prevista a realização de uma reunião do secretário de Estado do Planeamento com a Comissão Coordenadora da Região Norte da respectiva Secretaria de Estado, onde serão abordados os problemas específicos do planeamento naquela região norte.

NOVO PRESIDENTE DO «DP»

O social-democrata Raul Neto, militante do PSD, é o novo presidente do conselho de administração da empresa editora do «Diário Popular». Sucede ao dr. Jaime Alcobia, do PS, que em Maio do ano passado havia sido nomeado para o cargo de que pediu agora demissão, depois de haver exercido durante alguns anos o lugar de vogal da mesma empresa de informação estatizada.

DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DE TORRES VEDRAS

Comemora-se hoje o 12.º aniversário da fundação de firma J. A. R. Matias com sede em Torres Vedras, uma das principais do País no ramo do comércio de pneus. Sendo recentemente das principais marcas de pneus, a J. A. R. Matias tem contribuído para o desenvolvimento da grande parte das obras sociais de Torres Vedras, onde se prevê para breve a concretização de todos os seus serviços num moderno pavilhão, que será um forte contributo para o desenvolvimento industrial daquela zona.

Monumento ao Emigrante: Seja oferece o granito

Vale muitas dezenas de contos o bloco de granito de cerca de um metro de altura que a Câmara Municipal de Seia, por iniciativa do seu presidente, dr. Jorge Correia, se propõe oferecer, já trabalhado e colocado em Lisboa, para pedestal da configuração em bronze que será o Monumento ao Emigrante, a instalar defronte da Estação de Santa Apolónia, em Lisboa, e a inaugurar já no próximo dia 10 de Junho, Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas.

Trata-se de uma atitude meritória, de que outras Câmaras Municipais poderiam seguir o exemplo, contribuindo para esta iniciativa do jornal «Tempo» com os donativos que fossem possíveis ao seu orçamento, desta forma homenageando os seus naturais e habitantes emigrantes.

APELO AOS BANCOS, SEGURADORAS E GRANDES EMPRESAS ATRAVÉS DOS NOSSOS CORRESPONDENTES NO ESTRANGEIRO

Com a finalidade de dinamizar os nossos correspondentes nos países onde estão imigradas milhares de milhares de portugueses, para que eles se habilitem a contactar todas as fontes de financiamento possíveis para o custo da obra (bancos, seguradoras e outras empresas de maiores recursos, em especial aquelas que mais têm engrandecido com a sua actividade junto dos nossos emigrantes), foi-lhes, esta semana, enviada a seguinte carta:

«Conforme temos vindo a divulgar, teve o «Tempo» a iniciativa de promover a construção de um Monumento ao Emigrante, a erigir em Lisboa e a inaugurar já no próximo dia 10 de Junho, Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas.

Trata-se, suponho que indubitavelmente, de uma homenagem merecida e inadiável e de uma consagração inenarrável à odisséia do Emigrante Português, em especial no século XX, a quem o País tanto deve.

Preende-se, pois, construir um monumento condigno, em dimensões e qualite artístico, constituído por um conjunto figurativo em bronze assente num bloco de granito. O artista que encarregamos da obra foi a escultora Dorita Castelo Branco, um nome que já assina alguns dos mais valiosos e apreciados valores monumentais do nosso património artístico.

Conforme múltiplas sugestões que já nos chegaram de emigrantes e suas associações representativas, pretende-se que tal monumento seja instalado defronte da Estação de Santa Apolónia, local de mais tradicional, ponto de partida e chegada dos nossos compatriotas que emigram e/ou regressam a Portugal. Para tal localização contamos com todas as facilidades que são atribuídas à Câmara Municipal de Lisboa.

A obra está já orçamentada em cerca de mil contos. Dispomos, à data, já de 350. dos quais os primeiros 100 são oferta da própria Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas e o restante de duas instituições bancárias e uma seguradora.

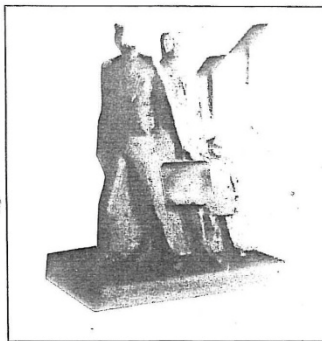


Foto da maquete da configuração de bronze, que terá dois metros e meio de altura e será colocada sobre um pedestal de granito de cerca de um metro.

Muitos mais outros organismos oficiais, incluindo autarquias, e instituições privadas, financeiras e empresariais, haverá, entretanto, que também não queramos ver-se marginalizadas do registo público que fazemos de todos aqueles que efectivamente contribuem para a concretização deste empreendimento, que é, afinal, já um projecto nacional. Nesse sentido providenciá-lo, em especial, os próprios correspondentes credenciados do «Tempo» nos diversos países.

Todo o tipo de auxílio, incluindo os donativos, deverá ser formalmente comunicado e enviado a JORNAL TEMPO - MONUMENTO AO EMIGRANTE - RUA RUBEN A. LEITÃO, 41 - 1200 LISBOA - PORTUGAL, em carta registada e ao cuidado de João Rosa, o director executivo da Edição Internacional do «Tempo».

OS DONATIVOS JÁ RECEBIDOS

Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - 100 000\$00; Banco Nacional Ultramarino - 100 000\$00; Banque Franco-Portugaise - 100 000\$00; Companhia de Seguros Império (sucursal de Paris) - 50 000\$00; Bazar Fernando (RFA) - 20 DM - 558\$00; Arménio Alves da Silva (RFA) - 20 DM - 558\$00; Américo Madeira (RFA) - 3 000\$00

TOTAL - 354 116\$00

Faltam ainda, portanto cerca de 650 contos, segundo o valor em que a obra está orçamentada.

Todos os donativos deverão ser comunicados e enviados a JORNAL TEMPO - MONUMENTO AO EMIGRANTE - RUA RUBEN A. LEITÃO 41 - 1200 LISBOA PORTUGAL.



A escultora Dorita Castelo Branco, o nosso subchefe de Redacção João Rosa e o vereador da Câmara de Lisboa dr. Gomes de Pinho, estudando o planta do espaço fronteiriço à Estação de Santa Apolónia, onde ficará erigido o Monumento.

AINDA A TEMPO ... AINDA A TEMPO ... AINDA A TEMPO ...

BASÍLIO HORTA EM DIRECTO NA TV

O ministro de Estado, dr. Basílio Horta, estará esta noite nos ecrãs de TV, a partir das 22 horas, para responder numa entrevista em directo aos jornalistas de Marcelo Rebelo de Sousa e José Manuel Barroso. A entrevista do ministro admite-se como polémica, dado o surto de greves que está em curso no País e que o dr. Basílio Horta quer explicar à opinião pública.

Basílio Horta tem conseguido realizar um trabalho persistente e bem sucedido nas suas relações com o Parlamento e em outros domínios — especialmente da legislação — da actividade governativa. Daí o interesse com que a sua entrevista é aguardada.

BALSEMÃO ALMOÇA COM BARRE

PARIS (TEMPO) — A caminho do golfo Pérsico, chega no próximo domingo, a Paris, o Primeiro-Ministro, dr. Pinto Balsemão. Acompanham o Chefe do Governo, o ministro do Comércio e Turismo e os secretários de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cultura.

O dr. Pinto Balsemão almoça, na segunda-feira, com o Primeiro-Ministro francês, Raymond Barre, com o qual discutirá assuntos relacionados com a entrada de Portugal na CEE e abordará também problemas da cooperação bilateral. Os outros membros do Governo conferenciarão com os seus homólogos franceses. É possível que o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros trate, para além de outros assuntos do «dosier emigração».

Segundo o dr. Penha e Costa, chefe do Gabinete do Primeiro-Ministro, que também faz parte da comitiva, serão ventilados alguns projectos comerciais e industriais. Pinto Balsemão regressará a Lisboa, via Paris, no próximo dia 23.

DESCARGA DO «MANICA» E «S. TOMÉ»

Prevê-se para breve a solução do diferendo que o Conselho de Gerência da Companhia Nacional de Navegação e do Sindicato da Marinha Mercante, já que ambas as partes em litígio chegaram a um compromisso verbal. Aguarda-se que a redacção do acordo seja efectuada com a maior brevidade. Entretanto, o Governo de Angola já autorizou que dois navios da CNN aportassem a Luanda para efectuar a descarga de bens essenciais que já correm risco de deterioração, uma vez que os sete barcos permanecem em greve há cerca de três meses.

A agravar o problema, parece ler surgido a hipótese de que o Governo de Angola tivesse avertido que o cargueiro «Manica», transportava oito mil toneladas de milho, provenientes dos E.U.A. e destinados aos guarnições da SWAPO. No entanto, fontes dignas de crédito afirmaram que aquele barco está, desde as 10 horas de ontem, a descarregar trigo no porto de Luanda. Também o «S. Tomé» iniciou a descarga pelas 15.30 do mesmo dia. Os restantes navios continuam ao largo, embora dentro das águas territoriais de Angola.

A greve decretada pelo Sindicato da Marinha Mercante durou cerca de três meses e deveria terminar ontem pelas 24 horas, conforme fora convencionada pelo referido Sindicato.

Apesar do aparente esgotamento do assunto, ainda não está confirmada a deslocação a Luanda de uma delegação do Conselho da CNN, chefiada pelo seu presidente.

A DEMISSÃO DE JACINTO NUNES

A demissão do dr. Jacinto Nunes do cargo de Governador do Banco de Portugal processou-se a pedido deste, e não tem significado político profundo — sob o «Tempo» de boa fé. O dr. Jacinto Nunes sentiu-se cansado e pediu ao Governo dispensa das suas funções. Deverá ser cotado como Embaixador junto do Conselho da Europa, ou em outro organismo internacional que poderia ser a OCDE.

«PUBLITURIS» CRITICA PRIMEIRO-MINISTRO

O quinzenário de assuntos de turismo «Publituris», a mais antiga e considerada publicação do seu género em Portugal, crítico, na última edição, o Primeiro-Ministro por este ter declarado o Algarve em situação de pré-catastrofe, quando recentemente se declarou o Sul do País. «No afirmar — diz o «Publituris», que tem grande audiência nos meios do turismo — em recente deslocação ao Sul do País — que o Algarve se encontrava em situação de pré-catastrofe o Primeiro-Ministro dr. Pinto Balsemão presta um mau serviço ao turismo, principalmente quando aquelas declarações são produzidas no início de uma nova época turística. Meu serviço ainda, quando as afirmações aparecem depois da Comissão Regional do Turismo do Algarve ter enviado um telex a todos os Centros de Turismo de Portugal fazendo o ponto de situação sobre o abastecimento de água ao Algarve, em cujos «estados estão envolvidos técnicos da Universidade de Berlim, além do projecto «Prud», da UNESCO, em que procurava minimizar notícias aparecidas na imprensa estrangeira sobre falta de água no Algarve.

O Primeiro-Ministro fez a viagem ao Algarve sem se ter feito acompanhar pelo Secretário de Estado do Turismo, o que talvez justifique a inconvinência das suas afirmações. Pensa-se que nenhum membro do Governo deveria desloca-se ao Algarve sem ser acompanhado pelo Secretário de Estado do Turismo dada a incidência turística daquela região, a sua importância numa balança de pagamentos este ano seriamente deficitária devido ao decréscimo inquietante que está a verificar-se no sector das exportações e ao aumento das importações.

PINTO BALSEMÃO NO PORTO

O Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, desloca-se ao Porto, em visita oficial, no próximo fim-de-semana. Os ministros da Educação e Ciência, Vítor Crespo, e dos Transportes e Comunicações, Viana Baptista, além dos secretários de Estado das Obras Públicas, dos Transportes Inferiores e dos Transportes Exteriores deverão integrar a comitiva.

Do programa, consta a visita ao terminal petrolífero e ao terminal TIR do Freixo, além de reuniões onde deverão ser discutidos diversos aspectos económicos de interesse para a região.

Está igualmente prevista a inauguração de alguns novos serviços do Instituto Português de Oncologia. No domingo, antes do regresso, Pinto Balsemão deverá ser recebido pelo bispo do Porto.

ANTÓNIO CHAMPALIMAUD CONDECORADO

O grande industrial português António Champalimaud, radicado no Brasil desde o golpe de Estado do 25 de Abril, vir-se condecorado, em Belo Horizonte, capital do distrito brasileiro de Minas Gerais, no próximo dia 21 (Dia de Trádentres) com a Grande Medalha da Inconfidência, a mais alta condecoração daquele Estado, atribuída pela sua alta participação no desenvolvimento da indústria brasileira. Com efeito, a unidade cimenteira que António Champalimaud criou em Minas Gerais — a SEICOM SA — é uma das maiores unidades industriais, no seu género, de toda a América Latina.

REPRESENTANTE DOS JORNAIS PORTUGUESES NO BRASIL EM LISBOA

Encontra-se em Lisboa, a fim de tratar de assuntos relacionados com o próximo Congresso das Comunidades Portuguesas, o sr. João Pereira da Silva, vice-presidente das comunidades portuguesas no Estado brasileiro de Minas Gerais, na qualidade de representante dos órgãos de informação portugueses no Brasil, como responsável pelo jornal «O Mundo Português», que se publica no Rio de Janeiro há mais de 30 anos e goza do maior prestígio entre as colónias portuguesas radicadas no grande país irmão.

João Pereira da Silva, alto funcionário das empresas do Grupo Champalimaud, fez a sua carreira, ao serviço daquele empresário e grande industrial, em Mocimboa, de onde passou para o Brasil após o drama da «descolonização exemplar» da tríplice memória, ocupando hoje lugar de grande relevo entre a laboriosa colónia portuguesa.

NO PORTO: «TEMPO» REUNIU COM AGENCIAS DE PUBLICIDADE

PORTO (TEMPO) — Responsáveis do «Tempo» — João Ferreira, Adelaida Nascimento, Fátima Mendes e António Lalla (Porto) — reuniram-se há dias no novo restaurante «Confiança», no Porto, com representantes das agências de publicidade nortenhas.

Estiveram presentes cerca de três dezenas de passaos tendo o almoco que serviu de prelo ao encontro resultado num êxito.

Durante o reunião, aqueles responsáveis do «Tempo» tiveram oportunidade de oficialmente dar a conhecer a Delegação do nosso jornal na cidade — sala, como se sabe, à Avenida Rodrigues de Freitas —, para além de revelarem as campanhas promocionais que ocuparão todo o Verão que se aproxima.

Um tema sobre o «Tempo», a propósito do quinto aniversário recentemente comemorado e os cinco anos de vida do jornal, foi também passado no Grande Hotel do Porto.

O «Tempo» demonstrou, assim, que a sua expansão continua a ser uma realidade — e o Norte desmpenha, como é natural, uma quota-parte importante dentro dessa linha de actuação.



MONUMENTO AO EMIGRANTE

Como temos vindo a anunciar, será inaugurado no próximo dia 10 de Junho, Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas, o Monumento ao Emigrante, a instalar defronte do estação ferroviária de Santa Apolónia, em Lisboa, local de partida para centenas de milhares de compatriotas com destino para diversos países em busca de melhores condições de vida.

O Monumento ao Emigrante é uma iniciativa do «Tempo» que só pode ser uma realidade se contar com o apoio dos portugueses. Trata-se de uma justa homenagem ao emigrante, que há muito tardava no país. A obra está orçada em mil contos e consistirá num conjunto figurativo em bronze da autoria da escultora Doris Castilho-Branco, assente num bloco de granito que será oferecido pela Câmara Municipal de Saia.

Todos os donativos para a construção do Monumento ao Emigrante deverão ser enviados, em carta registada, para JORNAL «TEMPO» — MONUMENTO AO EMIGRANTE — RUA RUBEN DE LÊITÃO, 4, 1.º — 220 LISBOA.

E a seguinte a lista de donativos já recebidos: Secretária de Estado de Emigração e Comunidades Portuguesas — 100 000\$00; Banco Nacional Ultramarino — 100 000\$00; Banque Franco-Portugaise — 100 000\$00; Companhia de Seguros Império (sucursal de Paris) — 50 000\$00; Balcão Fiançado (RFA) — 20 DM — 598\$00; Arménio Alves da Silva (RFA) — 20 DM — 598\$00; António Madeira (RFA) — 3 000\$00; José Manuel Palares Gonçalves — 60\$00.



NO PRÓXIMO NÚMERO

Efectuadas entrevistas com os ministros dos Estrangeiros e Adjunto do Primeiro-Ministro do Egipto pelo novo enviado especial Nuno Rocha. O «nô» esboça as bases americanas e a nova posição egípcia no caso da Palestina.

«TEMPO» NO ESTRANGEIRO

O subchefe de Redacção João Rosa encontra-se desde segunda-feira em Londres, a convite da British Airways. A convite da Alitalia, partiu entretanto ontem para Itália o subchefe de Redacção José Rocha Dinis, reunindo-se a um grupo de jornalistas portugueses que desde domingo visita Génova.

Entretanto, parte no próximo domingo para Banqueocquo, via Calcutá, para uma estada de 10 dias no Sudeste da Ásia, num voo inaugural da SAS, o nosso redactor principal Handel do Oliveira.

PEDRO FEYTOR PINTO NÃO SERÁ DIRECTOR DO «PJ»

O dr. Pedro Feytor Pinto, que ultimamente tem exercido, em Madrid, o cargo de secretário-geral da Câmara de Comércio Luso-Espanhola, não será o futuro director de «O Primeiro de Janeiro», ao contrário do que ultimamente foi noticiado.

De facto, segundo consanguíneos apurar, Feytor Pinto recusou o convite que lhe foi dirigido, julgando-se que a sua decisão se baseou essencialmente em questões éticas, como a de o actual director daquele matutino português, o jornalista Freitas Cruz, abandonar a seu pedido a função, regressando à sua qualidade de redactor.

Por outro lado, admite-se que Feytor Pinto venha a regressar à carreira diplomática, podendo nessa eventualidade ser cotado na Embaixada portuguesa em Washington, com a categoria de conselheiro.

ESCOLA PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO

Na próxima segunda-feira, a Universidade Nova de Lisboa inaugura, num edifício junto ao Palácio da Justiça, a Primeira Escola Pós-Graduação em Gestão, a qual funciona ao abrigo de um programa de auxílio financeiro norte-americano, através da Wharton School, da Universidade da Pensilvânia. Os cursos, que já começaram em 1 de Outubro último, são dados em Inglês por professores dos Estados Unidos, ao abrigo de uma ajuda da AID (Agency International Development) tendo colaborado também nesta iniciativa algumas grandes companhias e importantes empresas portuguesas.

A inauguração terá a presença do Presidente da República, do ministro da Educação e Cultura e de outras personalidades do Governo e dos meios universitários e económicos.

ARMADA REPUDIA ARTIGO DE «JN»

Está a causar justa indignação e repulsa a crónica escrita por um estagiário do «Jornal de Notícias» (Carlos Roco) e intitulada «Fomos todos ver navios a bordo de uma corveta», a propósito de uma viagem que fez, com outros meios de Comunicação Social, a convite da Armada, para que os jornalistas assistissem à actuação fiscalizadora desenvolvida nos mares nacionais por aquela corporação militar.

No escrito, Carlos Roco procura minimizar a importância e o valor da acção que por ele é atribuída à Armada, tenta dar a imagem de existência de luta de classes a bordo e procura ridicularizar a importância militar da Marinha nacional, afirmando nomeadamente, que o armamento da corveta «Baptista de Andrade» em que viajou «é de meter respeito a qualquer navio do Pacto de Varsóvia».

Ao que o «Tempo» conseguiu apurar: é de revolta e sentimento da tipografia da corveta pela forma como o candidato a jornalista se referiu à sua competência e ao espírito de missão que os animou. Prapas, sargentos e oficiais, unanimemente, repudiam com vigor as afirmações daquela prosa, tendo sido enviado mesmo pelo chefe do Estado-Maior da Armada uma carta muito concisa mas objectiva quanto ao sentimento gerado e dirigida ao director do «Jornal de Notícias», em cuja Redacção, aliás, também o texto em referência causou viva polémica.

PROFESSORES: REUNIÃO DE TRABALHO HOJE NO MEC

A primeira reunião de trabalho entre os Sindicatos dos Professores e o MEC, para a negociação da Proposta Revidindictiva Neelson, decorre hoje, 5.ª-feira, no Ministério da Educação e deverá debater o problema de formação de professores.

Este regime de reuniões semanais foi acordado durante uma audiência concedida na semana passada, aos representantes dos quatro sindicatos nacionais pelo secretário de Estado de Educação. Um elemento da direcção do Sindicato dos Professores de Grande Lisboa considerou essa audiência como «muito positiva», tendo nela sido abordados os pontos considerados de resolução prioritária durante o corrente ano. Um acordo de princípio foi estabelecido quanto a vinte pontos dos constantes na PRN, enquanto o MEC criou um grupo negociador para discutir com os representantes sindicais, semanalmente.

Imagem 4. Semanário Tempo de 09/04/81.

AINDA A TEMPO... AINDA A TEMPO... AINDA A TEMPO...

LEI DE DELIMITAÇÃO DOS SECTORES BALSEMÃO CONFIANTE NA «LUZ VERDE» DO CR

«Não bloquear o novo projecto de delimitação dos sectores seria uma bela forma de o Conselho da Revolução se despedir da vida política» — declarou-nos o Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, à saída da cimeira de ontem da AD sobre revisão constitucional.

A confiança manifestada pelo chefe do Governo quanto ao desfecho favorável desta quarta tentativa de abertura da banca e dos seguros à iniciativa privada contrasta com o sentido de declarações recentes de conselheiros da Revolução, para quem seria «prova de inocência» a acção, por parte do órgão a que pertenciam, de algo que esse mesmo órgão rejeitou há alguns meses. Entretanto, em recente encontro com a Comunicação Social, também o ministro da Integração Europeia, eng.º Alvaro Barreto, exprimiu a convicção de que a nova proposta de delimitação dos sectores virá a passar com sucesso a prova de constitucionalidade — referindo, a propósito, que a CEE considera inadmissível, por discriminatória, a actual situação, na medida em que dois bancos privados operam actualmente em Portugal. Com efeito, segundo os princípios do Tratado de Roma, é exigida a absoluta igualdade de oportunidades e condições para todos os agentes económicos, logo, não pode ser vedado a terceiros um campo de actividade em que alguns já actuem.

«Tempo» apurou, entretanto, que o Governo solicitou urgência e prioridade para a proposta de Lei sobre a matéria enviada à Assembleia da República, prevenido-se que a discussão de tal pedido no plenário venha a ser agendada para umas das próximas sessões do próximo mês de Maio.

ALUGUER DO CONSULADO DE PARIS: UM ESCÂNDALO

PARIS (TEMPO) — O Cônsul de Portugal em Paris prepara-se para alugar um edifício de dois pisos no nº 187, da Rue Chevaleret, no décimo terceiro andar desta capital, para nova chancelaria do Consulado-Geral. Neste momento, a nossa representação consular está instalada num prédio do décimo sexto bairro que é património do Estado português.

Segundo informações recolhidas pelo «Tempo» junto de fontes geralmente bem informadas, o aluguer da nova chancelaria ocorrerá em cerca de 700 contos por mês, para além dos encargos de manutenção e aquecimento do edifício. Estes encargos parecem-nos exagerados atendendo à situação económica e às tão anunciadas medidas de austeridade preconizadas pelo Governo. A precipitação verificada no aluguer das novas instalações consulares, no momento em que o director-geral dos serviços centrais do Ministério dos Negócios Estrangeiros está para ser substituído, parece não salvaguardar os interesses do contribuinte nacional. Julgamos indispensável que a opinião pública venha a ser informada das razões que motivaram este novo e dispendioso encargo para o orçamento português, no momento em que a emigração portuguesa em França está estagnada e mostra indícios de redução sensível a breve prazo.

COLÓQUIOS DO PSD NO PORTO

PORTO (TEMPO) — O Gabinete de Estudos do Porto do PSD levará a efeito, durante o corrente ano, uma série de colóquios subordinados ao tema «Década de 80 — Social Democracia Portugal». Estes colóquios versarão assuntos das áreas política e económica da actualidade nacional, estando já elaborado o seguinte programa de sessões: durante o corrente mês, será abordado o tema «O Programa do PSD — Presente e Futuro», sendo oradores Ângelo Correia e Helena Roseta; em Maio, Álvaro Barreto falará sobre «Portugal e a CEE» e em Junho, Rogério Martins e João Salgueiro terão a seu cargo o tema «Perspectivas Económicas dos Anos 80 — Cenários para a Indústria Portuguesa». Durante o mês de Julho António Maria Pereira focará o tema «Política Externa na Perspectiva Social-Democrata» e, no mês seguinte, Silva Nelo terá a seu cargo o colóquio subordinado ao tema «Perspectivas Energéticas nos Anos 80». Seguidamente, Cardoso e Cunha e Jean-François Revel abordarão respectivamente em Novembro e Dezembro os temas «Evolução Necessária para os Sectores da Agricultura e Pescas» e «A Social-Democracia na Europa».

A POLUIÇÃO NO ALGARVE

A notícia publicada pelo «Tempo» e outros jornais sobre eventuais casos de poluição verificados no Algarve, junto a Vilalara e ao Hotel Viking, causou viva impressão nos meios turísticos. Segundo apurámos, o secretário de Estado do Turismo, Alcino Cardoso, ordenou a realização de um inquérito, o qual está a ser conduzido pelo argentino Carlos Ramos, da Direcção-Geral de Turismo, em colaboração com o eng.º Lobato de Faria, também da DGT, e os eng.ºs Fernando Calhau e Correia da Cunha, da Comissão de Saneamento Básico do Algarve. Os peritos vão averiguar o que se passa com os emissários submarinos e a sua relação com a carga poluidora sendo certo que Vilalara tem, a expensas próprias, um sistema de tratamento de águas que serve inclusivamente áreas que lhe são exteriores e pertencem à Câmara Municipal de Lagos. Ao que apurámos, por iniciativa do presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, dr. Baptista Coelho, vai efectuar-se na próxima segunda-feira uma visita de membros da mesma comissão aos locais próximos do Hotel Viking. Também o caso de um projecto residencial a construir próximo está a ser objecto de atenção por parte da Secretaria de Estado do Turismo e da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

CONSELHO GERAL DA JNICT

Foi agora constituído, sob a presidência do ministro de Estado Adjunto do Primeiro-Ministro, dr. Basílio Horta, o Conselho Geral da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, do qual fazem parte representantes de vários ministérios. Estão já nomeados o prof. Veiga Simão, pelo Ministério da Indústria, prof. Mendes Victor, pelo Ministério da Defesa, dr. Ferry Borges, pelo Ministério das Obras Públicas, e dr. Pereira da Silva, pelo Ministério da Agricultura e Pescas. Faltam nomear os representantes dos ministérios da Educação e dos Negócios Estrangeiros.

LIBERTAÇÃO DE PORTUGUESES NÃO É «PROCESSO COMPLEXO» PARA A UNITA

Relativamente a uma posição assumida pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, em entrevista ao programa «Zoom», da RTP-1, a UNITA divulgou, ontem, um comunicado do seguinte teor:

1 — A libertação dos 25 cidadãos portugueses detidos pela UNITA no decorrer de acções de guerra, em várias regiões de Angola, não constitui, em boa e cristalina verdade, «processo complexo», sobre o qual possa (ou devesse) recair um silêncio ambíguo, susceptível de ser depauperado ao longo de quase dois anos e que incidiram, fundamentalmente, no manifesto desinteresse (quanto não hostilidade) de autoridades e forças políticas portuguesas.

2 — Só muito recentemente, mais concretamente há cerca de três semanas, foram, finalmente, superadas as dificuldades que se nos depauperaram ao longo de quase dois anos e que incidiram, fundamentalmente, no manifesto desinteresse (quanto não hostilidade) de autoridades e forças políticas portuguesas.

3 — O dr. Jonas Malheiro Savimbi, que acaba de regressar a Angola para reassumir o Alto Comando das heróicas forças de libertação, conduz, pessoalmente, o processo de repatriamento dos cidadãos portugueses — que só não está já consumado nesta ocasião por meras dificuldades de ordem técnica que se espera venham a ser ultrapassadas a muito curto prazo.

DELEGAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE EM INGLATERRA

Uma delegação de homens de negócios portugueses visitou recentemente a Grã-Bretanha. O referido grupo, que representa a Associação Comercial e Industrial do Norte de Portugal, incluiu o eng.º Almeida e Sousa, presidente da Associação Comercial do Porto, dr. Vítor Hugo Martins, Vice-Presidente da Câmara de Comércio Luso-Britânica, dr. Mário Duarte, banqueiro e Robin Reid, director da Associação.

A delegação portuguesa, que visitou Londres, Bristol, Birmingham e Manchester, teve ocasião de estabelecer nesta última cidade, as bases condições actualmente existentes para o incremento das relações comerciais e industriais entre os dois países.

A deslocação foi bastante proveitosa, prevenido-se mesmo que, brevemente, uma delegação comercial da Manchester se deslocou ao nosso País em retribuição da visita ora efectuada.

HOMENAGEM A AMARO DA COSTA

Amigos muito íntimos do falecido e saudosos ministro eng.º Adelino Amaro da Costa reúnem-se hoje, pelas 12 h 30, junto à casa onde ele nasceu, na rua Luiz de Camões, 91, em Alpedrinha, para assistirem ao desdobramento de uma lâmina de em sua memória. A homenagem é promovida pelos dedicados membros do seu gabinete no Ministério da Defesa Nacional — o tenente-coronel Hugo Rocha, o comandante Pinto Machado, o dr. António Carneiro, o dr. Luis Quiró e Felício de Melo e Castro.

Apesar de íntima, a homenagem terá allum última didade, as boas condições de quem, com o decorrer do tempo, mais se eleva na história dos grandes políticos portugueses da última geração.

DÉCIMO ANIVERSÁRIO DA SEDES

As iniciativas a levar a efeito no âmbito das comemorações do 10.º aniversário da SEDES (Associação para o Desenvolvimento Económico e Social) são hoje, quinta-feira, dia 23, dadas a conhecer durante uma conferência de Imprensa que se realiza pelas seis e meia da tarde no Sêlo do Vinho do Porto, em Lisboa.

Tempo

VIDA-DIPLOMÁTICA

O embaixador da Argélia em Lisboa e a sra. Hocine Djoudi ofereceram esta noite, em sua casa, um jantar a diversas individualidades. No próximo dia 29 o Embaixador do Japão e a sra. de Yutaka Tamura ofereceram uma recepção na sua residência por ocasião do aniversário do Embaixador do Japão. No dia 30 o encarregado de Negócios dos Países Baixos e a sra. Van Herson ofereceram também uma recepção na sua residência por motivo do «Dia da Rainha» no seu país.

Monumento ao Emigrante: obra já pronta em barro

A escultora Dorita de Castel-Branco já deu por terminada a execução em barro do grande Monumento ao Emigrante que, por iniciativa do nosso jornal, será inaugurado, no próximo 10 de Junho, em Lisboa, defronte da Estação de Santa Apolónia, conforme a fotografia que reproduzimos. A obra entrou agora na fase de modelação em gesso, para posterior fundição em bronze.

Entretanto, enviamos hoje, a diversas entidades, instituições e empresas, sediadas em Portugal ou junto das principais colónias de emigrantes portugueses, uma carta, em que formulamos o convite à sua honrosa participação nos elevados custos do monumento, nos seguintes termos: «Conforme temos vindo a divulgar, teve o «Tempo», por ideia do seu Director, Nuno Rocha, a iniciativa de promover a construção de um Monumento ao Emigrante, a erigir em Lisboa e a inaugurar já no próximo dia 10 de Junho, Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas.

Treze-ás, suponhamos que indubitavelmente, de uma homenagem merecida e insubstituível de uma consagração imortalizadora, e, em especial, no século XX, do emigrante português, a quem o País tanto deve. Será, aliás, um monumento digno, constituído por um conjunto figurativo em bronze, com cerca de 2,5 metros de altura, 2,05 de comprimento e 1,35 de largura, assente num bloco de granito, com cerca de 90 cm de altura, oferecido pela Câmara Municipal de Seia, defronte da Estação de Santa Apolónia, local mais tradicional da partida e chegada dos nossos compatriotas emigrantes. Para a inauguração sólene serão convidadas todas as entidades e instituições mais representativas da vida nacional e do sector da emigração.

A obra está organizada em cerca de 1100 contos. Disponho, até à data, de cerca de 400 dos quais os primeiros 100 foram oferta da própria Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas e o restante de algumas instituições bancárias e uma seguradora, além dos pequenos donativos de emigrantes. Publicamos e repetimos, semanalmente, a lista dos ofertantes e já decidimos que aqueles cujo montante de donativo não seja inferior a 50 contos figurarão, nominalmente, numa placa afixada no monumento.

Muitas mais outras entidades e instituições, em especial da banca e seguros, tal como outras grandes empresas ligadas aos meios da emigração portuguesa, haverá, entretanto, que também não quererão ver-se marginalizadas desse registo a fazer de todos aqueles que ajudarem a

custear este empreendimento. Que já é, afinal, uma realidade, conforme as imagens que temos vindo a publicar, no «Tempo», de configuração em barro já moldada e erigida no atelier da escultora Dorita de Castel-Branco, que é a autora desta obra, artista que assina já alguns dos mais valiosos e apreciados valores monumentais do nosso património artístico.

Nesse sentido apelamos para Vossa, fazendo-lhe saber, também, da urgência da vossa resposta e do curto prazo em que se utiliza a obra, agora a moldar em gesso e, dentro de poucas semanas, a passar a bronze. Todas as respostas e donativos deverão ser remetidos e passados ao JORNAL TEMPO — RUA RUBEN A. LEITÃO, 4-1.º, 1200 LISBOA — PORTUGAL.

Três bancos e uma seguradora já contribuiram

E a seguinte a lista dos donativos já recebidos (em escudos):
Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas — 100 000\$00; Banco Nacional Ultramarino — 100 000\$00; Banco Franco-Português — 100 000\$00; Banco Borges & Irmão — 50 000\$00; Companhia de Seguros Império (Sucursal de Paris) — 50 000\$00; Américo Madeira (RFA) — 3 000\$00; Julio Jorge da Costa (Luxemburgo) — 2 325\$00; Arménio Alves da Silva (RFA) — 558\$00; Baltazar Fernando (RFA) — 558\$00; Abel Mendes Mateus (RFA) — 538\$00; Felisbela Antunes Carreira (RFA) — 538\$00; José Felizardo Gonçalves (Lisboa) — 60\$00.
TOTAL RECEBIDO: 407 577\$00 (o custo total da obra está orçado para cerca de 1 100 contos).

Repetimos que todos os ofertantes de donativos não inferiores a 50 contos, sejam pessoas individuais, instituições, empresas ou organismos oficiais, terão o seu nome assinalado numa placa afixar no monumento.



Imagem 5. Semanário Tempo de 23/04/81.

AINDA A TEMPO ... AINDA A TEMPO ... AINDA A TEMPO ...

MARQUES DE CARVALHO - DEMISSÃO NÃO CONFIRMADA

«Não há nenhum desenvolvimento posterior às últimas declarações do ministro da Reforma Administrativa e do ministro de Estado...»

COMÍCIO DA AD NO CAMPO PEQUENO

Pinto Balsemão, Freitas do Amaral e Ribeiro Teles participam, no próximo dia 4 de Maio, no Campo Pequeno, em Lisboa...

PINTASILGO DESPEDE-SE

A eng. Maria de Lourdes Pintasilgo que foi Primeiro-Ministro num Governo da iniciativa de Ramalho Eanes e nossa embaixadora na UNESCO...

Pintasilgo considera-se já desligada do serviço na UNESCO mas a sua despedida oficial em Paris fez parte do «agrement» estabelecido por Ramalho Eanes com o Governo de Pinto Balsemão.

Portugal vai depois nomear um embaixador de carreira para a UNESCO o que se entende como uma decisão errada.

PM ACUSA A ESPANHA - Existem graves questões entre Portugal e a Espanha, em matéria de rios internacionais, poluição inter-fronteiras e energia...

«TEMPO» COBRE ELEIÇÕES FRANCESAS

Numa iniciativa inédita na imprensa portuguesa, «Tempo» cobrirá as eleições francesas através de dois enviados-especiais...

O «Tempo» publicará assim, na sua edição de quinta-feira próxima, uma ampla reportagem sobre as eleições em França...

NOVAS INSTALAÇÕES DE «EL PAÍS»

MADRID (TEMPO) - O diário «El País» considerado um dos melhores cinco jornais do Mundo, celebra o seu quinto aniversário inaugurando novas instalações dotadas com «vídeo-terminal» na Redacção.

Os actos do seu aniversário decorreram de 1 a 4 de Maio e no próximo domingo concentraram-se na sede do jornal numerosas personalidades estrangeiras.

«El País» é um dos primeiros jornais europeus a ligar a Redacção à fotocomposição através de «vídeo-terminal».

COLÓQUIOS DO «TEMPO» SOBRE TEMAS AGRÍCOLAS

J. Mlichalsky - Directeur de la Federation National Conserveries Cooperatives - é a última personalidade que até ao facto desta nossa edição, continua a sua presença nos colóquios sobre temas agrícolas.

Estes colóquios vão decorrer sobre a presidência de Michel Souletier que é o Presidente da Confederação Europeia de Agricultura-CEA.

(antigo secretário de Estado e professor da Universidade de Évora), eng. Mariano Feij (prof. da Universidade de Évora), Vaz de Portugal e dr. Pais de Sousa.

O ESCANDALO DO ALUGUER DO CONSULADO DE PARIS

PARIS (TEMPO) - A notícia veiculada pelo «Tempo», na passada semana, segundo a qual o Cônsul-Geral de Portugal em Paris se preparava para alugar uma nova chancelaria, cuja renda seria de mais de setecentos contos por mês...

Informações recolhidas, ontem, pelo «Tempo», permitiram adiantar que associações portuguesas, de todos os quadrantes políticos, mobilizaram-se nos próximos dias no sentido de conduzir o Ministério dos Negócios Estrangeiros...

Um funcionário consular, que por razões óbvias deseja manter o anonimato, declarou ao nosso jornal que o cônsul teria mostrado uma «exagerada precipitação» no alugar da nova chancelaria...

Ora, a área de jurisdição do consulado de Paris estende-se para oeste e que, só por si, não poderá deixar de causar transtornos aos utentes dos serviços consulares.

Se se visse a consumir a mudança do consulado, a que a comunidade portuguesa radicada em Paris compreenderia facilmente, dado que as actuais instalações, que são propriedade do Estado, serviram durante mais de duas décadas na altura em que o fuzo emigratório atingiu o auge...

O «Tempo» considera como urgente e absolutamente indispensável que se averigüe e se explicito ao contribuinte nacional as razões que motivaram a transferência da nossa representação consular.

SALVADOR CAETANO ASSINA ACORDO COM PEGASO

A firma Salvador Caetano - Indústrias Metalúrgicas e Veículos de Transportes, SARL, acaba de assinar com a empresa espanhola Pegasus, fabricante de camiões e veículos comerciais, um importante acordo de «intercâmbio industrial».

Assim, e a partir de Junho, Salvador Caetano passará a ser o distribuidor no país da marca espanhola, tendo como contrapartida, a promessa de compra de «camiónes» nacionais por parte da fábrica espanhola. Riacode-se, entretanto, que a Internacional Harvest, um dos maiores fabricantes mundiais de veículos comerciais, adquiriu recentemente cerca de 35 por cento do total das acções da empresa espanhola.

PRIMEIRO-MINISTRO COM DIRECTORES DE JORNAIS

O Primeiro-Ministro dr. Pinto Balsemão recebe hoje os directores de jornais na sua residência oficial de S. Bento, aos quais oferece um almoço.



PEDRO ROSETA NA OCDE

Está completamente assente que o dr. Pedro Roseta do PSD seja nomeado representante permanente de Portugal junto da OCDE para substituir naquele cargo o dr. Henrique Granadeiro que regressa a Lisboa.

GONÇALVES PEREIRA EM DIGRESSÃO PELA EUROPA

PARIS (TEMPO) - O ministro dos Negócios Estrangeiros, André Gonçalves Pereira, foi ontem recebido pelo seu homólogo francês Jean François Poncet, a quem apresentou os seus cumprimentos num encontro de carácter informal.

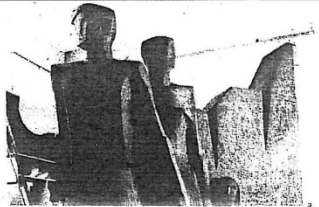
No próximo domingo André Gonçalves Pereira seguirá para Roma onde participará no encontro do Conselho do Atlântico Norte, devendo ser ainda recebido pelo Papa.

Esta digressão por quatro capitais da Europa Ocidental iniciou-se pela Grã-Bretanha, onde Gonçalves Pereira se avistou com o seu homólogo britânico, Lord Carrington, com quem abordou a situação internacional e os problemas decorrentes da adesão de Portugal ao Mercado Comum.

NOVA CONTA-POUPANÇA PARA HABITAÇÃO

O Estado vai vender aos respectivos inquilinos os 60 mil fogos de que é proprietário, a preço generoso e sem exigências de entrada inicial - revelou ontem à Imprensa, em conferência de imprensa, o ministro da Habitação e Obras Públicas, Luís Barbosa.

Por outro lado, é finalmente criado o novo sistema de crédito à aquisição de habitação própria, consubstanciado na abertura de uma «conta-poupança» para habitação, que beneficia de juros iguais aos dos depósitos a prazo e de isenção dos impostos de capital.



MONUMENTO AO EMIGRANTE: 1300 QUILOS DE BRONZE

Prossigue, no atelier da escultora Dorita de Castel-Branco, a moldagem em gesso do Monumento ao Emigrante, cuja configuração em barro já tivemos oportunidade de mostrar aos nossos leitores.

E a seguinte a lista dos donativos já recebidos (em escudos): Secretariado de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - 100 000\$00; Banco Nacional Ultramarino - 100 000\$00; Banque Franco-Portugaise - 100 000\$00; Banco Borges & Irmão - 50 000\$00; Companhia de Seguros Império (Sicursal de Paris) - 50 000\$00; Américo Madeira (RFA) - 3 000\$00; Júlio Jorge da Costa (Lussemburgo) - 2 225\$00; Arménio Alves da Silva (RFA) - 558\$00; Baltazar Fernando (RFA) - 558\$00; Abel Mendes Matos (RFA) - 538\$00; Felisbela Antunes Carreira (RFA) - 538\$00; José Felizardo Gonçalves (Lisboa) - 60\$00; Firmão Fernandes (RFA) - 1 000\$00; António Paredes (RFA) - 830\$00. TOTAL RECEBIDO: 409 107\$00 (O custo total da obra está orçada para cerca de 1 100 contos).

A POLUIÇÃO NO ALGARVE

A propósito de notícias sobre casos de eventual poluição de águas em praias do Algarve recebemos, tendo como contrapartida, a promessa de compra de «camiónes» nacionais por parte da fábrica espanhola.

«L, com o maior interesse, como se calcula, o número do «Tempo» de 16 de Abril comenta sobre a poluição das praias no Algarve, especificamente, na VILALARA, originada nas instalações do Hotel Viking.

Desde 28 de Dezembro de 1980, as únicas respostas que recebemos foram da Comissão Regional de Turismo do Algarve e da Câmara Municipal de Lagos - de que jantamos fotocópias - mas medidas conciliadas, como se impunha, só agora foram tomadas pelo sr. Secretário de Estado do Turismo, dr. Alcino Cardoso - que ordenou a realização de um Agrupamento Inquérito - e pelo dr. Baptista Coelho, presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve que vai efectuar uma visita aos locais próximos do Hotel Viking.

Igualmente, pela mesma edição do «Tempo», tomámos conhecimento da atenção que está a prestar ao sr. secretário de Estado do Turismo e ao presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve o caso de um projecto residencial, apresentado pelo senhor Bica que, se fosse aprovado, destruiria por completo o turismo de qualidade naquela zona abrangendo não só a VILALARA e o Hotel do Lavento, o Hotel do Garo, a praia da Senhora da Rocha e outros pequenos complexos turísticos ali existentes.

Renovando os meus agradecimentos pela altíssima desse jornal em defesa do turismo algarvio, e consequentemente, da economia portuguesa de que este é parte considerável, apresento os meus melhores cumprimentos. O Presidente do Conselho de Gerência, Marques Mano de Mesquita, Advogado.»

Imagem 6. Semanário Tempo de 23/04/81.

AINDA A TEMPO ... AINDA A TEMPO ... AINDA A TEMPO ...

VESPERTINO VAI APARECER NO PORTO

PORTO (TEMPO) - Confirmam-se os rumores que vinham a correr desde há algum tempo e que indicam como certo o aparecimento de um jornal da tarde na cidade do Porto.

Este vespertino - cujo título ainda não está perfeitamente definido, mas que poderia vir a chamar-se «Notícias da Tarde» (facto que não nos foi possível confirmar) - é um projecto que se arrasta já desde antes de 25 de Abril de 1974 no quadro dos planos da empresa do «Jornal de Notícias».

Depois daquela data, o projecto ficou de alguma forma congelado, mas nos últimos meses voltou a falar-se com insistência na sua concretização. Entretanto, um conjunto de factos veio proporcionar a reunião de condições ao arranque da preparação deste projecto.

O vespertino demonstrará ainda alguns meses a aparecer nas bancas - tempo necessário a consolidar toda a «máquina» destinada a alcançar o jornal. Enquanto alguns sectores consideram que esta iniciativa poderá não ter a aceitação desejada do público, outros afirmam que se prepara um jornal com «caixa, tronco e moinhos», cuja indústria é muito duvidosa.

SEMINÁRIO EM LISBOA DA «CITY OF LONDON»

Subordinado ao tema «Relações económico-financeiras luso-britânicas na década de 80», realiza-se em Portugal, de 25 a 27 deste mês, um seminário da «City of London», promovido pelo «Comitê on Invisible Exports» de Londres e com o patrocínio do Banco de Portugal e da embaixada britânica em Lisboa e com a colaboração de várias entidades portuguesas.

O seminário é inaugurado no próximo dia 25, no Porto, com a presença do ministro do Comércio Turismo, dr. Vaz Pinto, e termina a 27 em Lisboa com uma sessão a que assistirá o ministro das Finanças e do Plano, dr. Morais Leitão. A delegação britânica é chefiada pelo ministro de Estado do Tesouro, sr. Francis A. Cookfield. No Porto, após o sessão inaugural, os participantes distribuir-se-ão por grupos de trabalho sobre investimento, Marinha Mercante e Mercadorias. Nos dias 26 e 27, o seminário prossegue em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian, com debates sobre seguros, Consultadoria e Projecto, Turismo e Mercados Financeiros, a nível de grupos de trabalho e de reuniões plenárias.

O objectivo do seminário é realçar a vasta gama de serviços oferecidos pela

«City of London», assim como proporcionar o intercâmbio de ideias sobre as diversas formas de incrementar as relações comerciais luso-britânicas, na perspectiva da futura adesão de Portugal à CEE. Algumas das principais figuras da cena financeira e comercial dos dois países farão comunicações durante o seminário.

BURLÃO FAZ-SE PASSAR POR JORNALISTA DO «TEMPO» NO PORTO

PORTO (TEMPO) - Um indivíduo de nome José Afonso continua a fazer-se passar por jornalista do «Tempo» no Porto, pavoneando-se a bel-prazer em «reportagem» nos acontecimentos mais diversos. Este indivíduo já há meses usou este estratagemma para entorpecer quantas e diversas pessoas colectivas e singulares. Inclusive, esteve na mira da «segurança» do Presidente da República quando Ramalho Eanes visitou Vair do Cambra. Posteriormente, foi detido numa «operação stop» da PSP, tendo nessa altura prendentes dois mandados de captura por passar cheques falsos. Iniciou-se, então, jornalista do «Jornal de Notícias». Agora, o mesmo indivíduo, já fora da prisão, volta à carga. Todas as pessoas, singulares ou colectivas, devem, assim, estar precavidas contra as manobras deste indivíduo sem escrúpulos. «Tempo» tem testemunhas dos actos ilegais que este indivíduo tem praticado inutilizando-se jornalista do «Tempo».

ESQUERDISTA IMPEDE VENDA DE JORNAIS EM PARIS

PARIS (TEMPO) - Um vendedor do «Centro Português de Imprensa» que assegura a distribuição nesta capital de numerosos títulos, foi impedido por um dirigente associativo, conotado com forças de esquerda, de vender jornais aos delegados ao encontro preparatório do I Congresso das Comunidades Portuguesas, que estiveram reunidos, no último fim-de-semana, num hotel desta capital.

O mesmo dirigente associativo, autorizou apenas a venda do quotidiano «O Diário», que um militante comunista propunha aos congressistas no interior do hotel.

HOMENAGEM A ADRIANO MOREIRA

Por iniciativa de um grupo de antigos alunos e admiradores do prof. Adriano Moreira, a que se associaram actuais alunos do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, vai efectuar-se no próximo dia 30, no restaurante da FIL, um almoço de confraternização com aquele mestre, para assinalar o seu regresso à Universidade. Adriano Moreira, que deixara de leccionar depois do «11 de Março», havia já sido demitido, no fim da década de 60, de director do ISCP. As inscrições para o almoço podem fazer-se pelos telefones 64 57 00 e 66 02 25.

COLÓQUIO INTERNACIONAL DO «TEMPO» SOBRE AGRICULTURA

Alguns dos especialistas nacionais e estrangeiros de maior prestígio no Mundo da Agricultura vão participar em Lisboa no colóquio que está a ser organizado pelo «Tempo» para comemorar a passagem do seu aniversário da sua fundação. O colóquio, subordinado ao tema «Ous Agricultura para Portugal nos anos 80», vai decorrer de 28 a 30 do corrente mês e será presidido por Michel Souplet, presidente da CEA, que propositadamente se deslocou ao nosso país, a convite do «Tempo».

A sessão inaugural, no dia 28, e as sessões de trabalho desdobram-se do dia seguinte efectuar-se-ão no Hotel Atlas. A sessão do encerramento, no dia 30, decorrerá na Casa do Campo em Santarém, após o que se seguirá um almoço típico com um espectáculo ribeirinho, visita à Feira Nacional da Agricultura e, depois, Festa Brava, na manga da Feira.

Para lá das individualidades que já referimos em números anteriores, podemos anunciar a presença do francês J. Milichansky, director da Federação Nacional das Cooperativas Conservadoras e director-geral da AMITON, em França, e do israelita Anyé Gabay.

O colóquio dividir-se-á em três grandes temas, através dos quais se procurará mostrar e que se passa na Europa, o que se passa em Portugal e qual a alternativa para o nosso país que está prestes a integrar-se no Mercado Comum. Os temas escolhidos foram os seguintes: Produção agrícola - tipos de empresa, técnicas de exploração, etc.; Mercados de mercado - organismos de intervenção, circuitos comerciais, etc.; Inter-relações de apoio - formas de crédito, preparação profissional, etc.

EMBAIXADA ROMENA FESTEJA ANIVERSÁRIO

Celebra-se amanhã o 60.º aniversário da fundação do Partido Comunista Romeno, actualmente um dos maiores do Mundo, com mais de três milhões de membros, ou seja, 28 por cento da população adulta do país. O PCR foi criado durante o congresso do Partido Socialista Romeno realizado em 1921, integrando-se então na vida parlamentar até 1924, ano a partir do qual teve de prosseguir a sua acção na clandestinidade até 1944.

Os laços de amizade entre a Roménia e Portugal desenvolveram-se depois do 25 de Abril, tendo sido assinado, em 1975, o Tratado de Amizade e Cooperação entre os dois países latinos.

Para comemorar este acontecimento em Lisboa, o encarregado de Negócios da Roménia, Nicolas Vulpasin, e os adidos de Imprensa, Roman Romulus, de Assuntos Económicos, Ion Popescu, e Militar, Victor Grigoras, receberam em honra os órgãos de Comunicação Social, entre os quais um representante do «Tempo». Foi uma reunião simples e informal, caracterizada pela simpatia e hospitalidade dos anfitriões.

COMEMORAÇÕES DO ANIVERSÁRIO DO PSD EM COIMBRA

COIMBRA (TEMPO) - As comemorações em Coimbra da passagem do 7.º aniversário da fundação do PSD iniciam-se no próximo sábado, com uma concentração de militantes e simpatizantes em frente da sede do partido.

MONUMENTO AO EMIGRANTE

Iniciada a fundição em bronze

Foi ontem iniciada, na Fundação de Fernando Lage, na passagem a bronze do Monumento ao Emigrante, cuja modelagem em gesso a escultora Dorita de Castel-Branco terminou, no início da semana, no seu atelier.

Trata-se, como temos vindo a divulgar, de uma volumosa obra, cujo orçamento de custo final é, afinal de 1200 e não de 1100 contos (como tinham calculado), dada a urgência com que o Monumento tem de ser fundido e que obrigará a empresa fundidora a trabalhar em muitas horas extraordinárias, que sobrecarregarão o custo da mão-de-obra.

De registar, a propósito, que «Tempo» já investiu, até à data, um total de 720 contos, em pagamentos efectuados, falando-lhe, portanto, liquidar os restantes 480 do custo total da obra (só a respectiva configuração em bronze, já que o bloco de granito sobre o qual esta assentará é oferta da Câmara Municipal de Beja, valendo várias dezenas de contos).

De contribuírem para a comparticipação no empreendimento os amigos, até à data, a verba, abastada discriminada, de 465 082\$00, embora nos pareça provável que os do-nativos aumentem substancialmente, em especial da parte das empresas de maior porte financeiro cuja actividade não é alheia ao mundo da emigração portuguesa - bancos, companhias de seguros e companhias de aviação - além dos próprios emigrantes e suas associações. Todos os do-nativos deverão ser, o mais urgentemente possível, comunicados e enviados a JORNAL TEMPO - RUA RUBEN ALEITRÃO, 4 - 1.º - 1200 LISBOA, PORTUGAL.

O fundador sr. Fernando Lage, no acto de assinatura do contrato com o «Tempo» para a execução da obra.

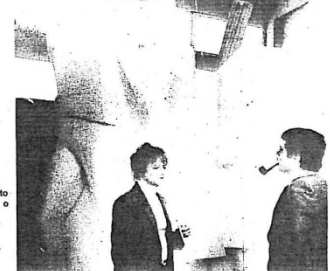
«VARIG» OFERECE 50 CONTOS

É a seguinte a lista dos do-nativos já recebidos (em euros): Secretária de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - 100 000\$00; Banco Nacional Ultramarino - 100 000\$00; Banque Franco-Portugaise - 100 000\$00; Banco Borges & Immo - 50 000\$00; Companhia de Seguros Império (Succursul de Paris) - 50 000\$00; Varig - 50 000\$00.

Américo Madeira (RFA) - 3 000\$00; Júlio Jorge da Costa (Luxemburgo) - 2 325\$00; Arménio Alves da Silva (RFA) - 588\$00; Baltazar Fernando (RFA) - 538\$00; Felisberto Antunes Cardeira (RFA) - 538\$00; José Felizardo Gonçalves (Lisboa) - 609\$00; Firmino Fernandes (RFA) - 1 000\$00; António Pândalos (RFA) - 609\$00; Família Palma (Canada) - 4 925\$00; Américo Aguias Rodrigues - 1 050\$00.

TOTAL RECEBIDO: 465 082\$00 (O custo total da obra está orçada para cerca de 1 200 contos).

Repetimos que todos os oferentes de do-nativos não inferiores a 5€ contos, sejam pessoas individuais, instituições, empresas ou organismos oficiais, tendo o seu nome assinalado numa placa a afixar no monumento.



A escultora Dorita de Castel-Branco e o nosso subchefe de Redacção e director-executivo da Edição Internacional do «Tempo», João Rosa, junto à configuração em gesso do Monumento, pouco antes do início dos trabalhos da sua remoção para o Porto.

MÁRIOS SOARES HOJE NA RTP

Mário Soares vai ser entrevistado hoje na RTP-1, por Carneiro João, Sousa Tavares e Margarida Marante. O líder socialista responderá, em «Págua Um», a questões relacionadas com o IV Congresso do PS, que se inicia amanhã e que termina no próximo domingo, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa.

SEMANA DO ESTORIL / PORTUGAL EM SALVADOR DA BAHIA

Vai decorrer em Salvador da Bahia, entre 16 e 25 deste mês, por iniciativa conjunta da Sociedade Estoril-Sol e da TAP, com a colaboração de entidades portuguesas e brasileiras, a primeira Semana do Estoril / Portugal, que será a contrapartida, em terras do país irmão, da Semana da Bahia que o ano passado se realizou com o maior êxito no Casino Estoril, no âmbito das actividades culturais e turísticas que a Estoril-Sol tem promovido com vista a uma maior divulgação das potencialidades da região em que desenvolve essencialmente a sua acção.

Essa significativa jornada, que conta com a colaboração da Bahiaturs, órgão estadual de turismo, e da rede de hotéis Othon, é a primeira acção promocional de grande impacto e de natureza global a realizar no estrangeiro no campo turístico, associando, além de entidades do sector, organismos interessados na área comercial, como o Fundo de Fomento de Exportação para produtos de artesanato e agrícolas e a Junta Nacional do Vinho e o Instituto do Vinho do Porto para os vinhos seus representados. Uma embaixada deslocar-se-á para o efeito à Bahia, nela se integrando, designadamente, os secretários de Estado do Turismo e da Comunicação Social.

No âmbito da manifestação é de sublinhar a importância conferida ao sector cultural, com uma exposição documental e bibliográfica de Ferreira de Castro e Fernando Namora, uma exposição de artes plásticas com obras de Bartolomeu, Carlos Botelho, Charters de Almeida, David de Almeida, Dorita Castel-Branco, Relógio, Júlio Resende, Gargaleiro e Maluda e cerâmicas do artista popular José Franco. Haverá, também, uma mostra histórico-documental com a apresentação de importantes documentos históricos alusos à Bahia e ao Brasil e uma completa exposição de traços regionais de Viana do Castelo, decemando paralelamente, no Othon Palace da Bahia, a mais moderna unidade hoteleira de Salvador, um festival gastronómico com alguns dos pratos mais apreciados da mesa portuguesa, terminando a Semana com um arraiá minhoto no Clube Português.

A embaixada portuguesa que estará presente na Bahia durante a jornada inclui, além de Azeite Cardoso e Luis Fontoura, o director-geral do Turismo, o presidente do Município de Cascais, o presidente da Junta de Turismo da Costa do Estoril, o escritor Fernando Namora, os artistas plásticos Francisco Relógio, Manuel Gargaleiro, Charters de Almeida e Dorita Castel-Branco (autora da medalha comemorativa da Semana) e Amélia Rodrigues, que realizará um espectáculo no Teatro Castro Alves. Também seguirão, como convidados da TAP, os directores ou seus representantes de alguns dos órgãos de comunicação social, como o «Tempo». Dão o seu apoio a esta iniciativa, com a qual a Estoril-Sol vai dar mais um importante contributo para o fortalecimento das relações luso-brasileiras, o governador do Estado da Bahia, António Carlos de Magalhães, e o secretário da Indústria e Comércio, Manuel de Castro, ambos descendentes de portugueses, assim como o presidente da Bahiaturs, Paulo Gaudenzi.

AINDA A TEMPO ... AINDA A TEMPO ... AINDA A TEMPO ...

MITTERRAND DEVE ESCOLHER DELORS

PARIS (Tempo) — Amigos íntimos de François Mitterrand que se encontraram com ele depois de domingo inclinam-se para o nome de Jacques Delors como possível Primeiro-Ministro francês. Embora Pierre Mauroy fosse o favorito nos meios mais tradicionais do Partido Socialista, François Mitterrand estaria disposto a tranquilizar para já os meios económicos e financeiros e assim inclinam-se para Jacques Delors, homem da banca e que foi consultor do antigo Primeiro-Ministro Chaban-Delmas. Economista, professor universitário, militante do «Novo Socialismo», Jacques Delors pode reivindicar a famosa fórmula de Malraux: «transformar em consciência uma experiência tão longa como possível».

GREVE DOS PROFESSORES

Hoje, amanhã e depois, os professores não dão aulas. Motivo: a greve, que os docentes, a nível nacional, decidiram integrar na quinzena de luta da Função Pública. Os professores mantêm as suas reivindicações quanto à questão salarial e ao «direito à negociação». A UGT já foi recebida pelo ministro da Reforma Administrativa pelo que não aderiu à forma de contestação movida ao Governo pelas sindicatas afectas à Interacademia.

Concluído, os professores do Norte, cuja direcção sindical é geralmente contactada com as posições da UGT, decidiram manter-se solidários com os seus colegas inoperantes em outros sindicatos de docentes da Grande Lisboa, Centro, Sul, Açores e Madeira.

CEE NÃO GARANTE 84 COMO DATA DE ADESAO

BRUXELAS (Tempo) — No decorrer de uma visita de jornalistas portugueses que se encontram neste momento em Bruxelas, na sede da Comissão da Comunidade Económica Europeia, o sr. Kholhaase, director de Informação responsável pelas relações com a imprensa, afirmou que a data de 1984 não deve ser considerada como data segura de adesão à CEE.

Com efeito trata-se de «uma pressão exterior para que essa adesão se processe o mais rápido possível». Todos os responsáveis contactados se mostraram no entanto optimistas quanto à nossa adesão em 1.º de Janeiro de 1984.

MOVIMENTO ANORMAL NA BANCA PORTUGUESA

PARIS (Tempo) — As sucessivas dos bancos portugueses estabelecidas em França registaram após a vitória de François Mitterrand um fluxo anormal de pedidos de transferência para Portugal, o que se deve a uma certa inquietude que lava actualmente na comunidade portuguesa. Entretanto, segundo a maioria dos observadores, não existem, para já, razões para pânico, continuando as transferências a serem autorizadas nos limites fixados pela lei. O franco valia ontem cerca de dez escudos e noventa centavos.

CIT/TLP SOLICITA ANÁLISE AOS PROBLEMAS DA EMPRESA

Num estudo mandado elaborar pelo Conselho de Administração dos CIT/TLP, e ao qual o «Tempo» conseguiu ter acesso, ficou demonstrada «uma imagem interna positiva» e uma satisfação dos trabalhadores pelo exercício das suas funções.

Assim, de acordo com o referido estudo e no tocante à imagem da empresa, sobressaem como objecto de uma avaliação nitidamente positiva: o desenvolvimento, aspectos técnicos, vencimentos dos trabalhadores e a política de Informação Interna. No entanto, são objecto de avaliação negativa alguns aspectos relativos à organização da empresa, às promoções, às relações entre colegas, às relações entre a Administração e os trabalhadores e à qualidade dos serviços que os CIT/TLP prestam ao público.

A satisfação na empresa é positiva na opinião da grande maioria dos trabalhadores, sendo de apenas 16 por cento aqueles que se manifestam insatisfeitos. Quanto aos factores que, na opinião dos entrevistados deste estudo deveriam ser melhorados por forma a aumentar a satisfação, salientam-se: o ser reconhecido o seu valor profissional (42%), os ordenados (41%), poder participar nas decisões (29%) e possibilidades de promoção (29%).

A elaboração deste estudo, intitulado «Análise dos Problemas de Comunicação Interna dos CIT/TLP», envolveu três entidades: consultores externos (Jorge Vais e José Gabriel), a empresa Teor e um grupo de trabalho interno. O estudo foi expressamente encomendado pelo Conselho de Administração sendo dadas todas as garantias de independência e isenção às entidades que o realizaram, por forma a o próprio Conselho não se sentir às eventuais críticas por parte dos trabalhadores, o que demonstra uma atitude corajosa da equipa de gestores dos CIT/TLP.

ISE — ELEIÇÕES ESTUDANTIS

Os estudantes do Instituto Superior de Economia, de Lisboa, vão eleger nos próximos dias 27 e 28 de Maio os novos corpos gerentes da sua Associação Académica. As eleições estavam anteriormente marcadas para os dias 21 e 22, mas a greve dos funcionários públicos ligados ao Ensino, de 14 a 16 deste mês, o que coincidiria com os dois primeiros dias de campanha eleitoral, obrigou a comissão eleitoral a este adiamento.

ASSEMBLEIA GERAL DA NOVIMPRESA

Realizou-se no passado dia 7 a Assembleia Geral da Novimprensa, proprietária do jornal A Tarde, onde foi aprovado o relatório e contas de 1980 e foi nomeada a nova Administração, constituída por dr. Alvaro Patrício Gouveia (presidente), dr. Jaime Lacerda (vice-presidente), Nuno Rocha, eng. Eduardo Peres e o sr. António Moreira Rato (administradores). De salientar que o jornal A Tarde tem previstas diversas iniciativas de carácter promocional, nomeadamente a melhoria da sua distribuição em todo o País.

CONSULADO DE PARIS: IMIGRANTES PROTESTAM

PARIS (Tempo) — As «preceções» fornecidas, na passada semana, pela Secretaria de Estado da Imigração e das Comunidades Portuguesas, através do «Tempo», sobre o injustificável aluguer de uma nova Chancelaria do Consulado de Paris, cuja renda é de 700 contos mensais, não satisfizeram os imigrantes portugueses aqui radicados, os quais num abaixo-assinado que está a circular «se insurgem contra o aluguer de uma Chancelaria do lado oposto à circunscricção consular onde residem». Os signatários do protesto, que será dirigido ao Presidente da República e ao Primeiro-Ministro, «consideram que tal aluguer representa um esbarramento injustificável para o tesouro nacional» e acham-no «desprezível para Portugal». Os imigrantes portugueses que subscreverem o referido documento reclamam que «se sancionem os autores deste projecto e se expliquem que interesses se encontram por detrás desta operação imobiliária».

SEDES DEBATEU POLITICA DE PREÇOS

Com a presença do ministro do Comércio e Turismo, Alexandre Vaz Pinto, decorreu, ontem à noite, na SEDES um debate sobre a política de preços. As razões que determinaram os recentes aumentos de preços de produtos anteriormente subsidiados, bem como a questão de eventuais novos aumentos e das suas repercussões, na perspectiva da adesão de Portugal à CEE, foram os problemas mais abordados.

Os vários aspectos da conjuntura actual, os instrumentos possíveis de intervenção e os problemas que a integração na CEE irá colocar ao nosso País, nesse capítulo, estiveram também em foco ao longo da viva discussão que, como sempre, decorreu na sede daquela instituição, na Rua Duque de Palmela, 2, 4.º.

ELEIÇÕES NA PÓVOA DE SANTA IRIÁ

Realizam-se no próximo domingo as eleições autárquicas intercalares na freguesia da Póvoa de Santa Iria, concelho de Vila Franca de Xira. Concorrem listas do PS, da APU e da AD tendo a campanha eleitoral motivado vários debates «quentes» entre estas três forças políticas. O último incidente político ocorreu antigamente na reunião da Comissão Administrativa, onde a maioria PS/APU fez votar uma deliberação no sentido de serem pagos os seis dias de greve da função pública aos funcionários da Junta que a ela aderiram. A AD votou contra, entendendo ainda que se tratava de uma bananera eleitoral moralmente injustificável. Nos anteriores órgãos autárquicos a força mais votada foi o PS, logo seguido da APU e da AD.

CARDOSO E CUNHA NA JUGOSLÁVIA

O Ministro da Agricultura e Pescas, Cardoso e Cunha, parte para a Jugoslávia no próximo domingo, correspondendo, assim, ao convite que lhe foi endereçado pelo Governo daquela país. Cardoso e Cunha discutirão em que termos se deve processar a futura cooperação bilateral e visitará a Feira Agrícola de Novi Sad.

Tempo

«TEMPO» EM COLOQUÍOS DE JORNALISMO EM COIMBRA

A Associação Académica de Coimbra está a promover um ciclo de colóquios sobre jornalismo, nas instalações da Faculdade de Matemáticas, com a participação de diversos jornalistas profissionais, com vista a corresponder ao interesse dos estudantes da Academia sobre a matéria. Iniciados na passada segunda-feira, os colóquios encerram hoje à noite, com a participação de um representante do secretário de Estado da Comunicação Social.

Também ainda hoje, «Tempo» estará representado nesta iniciativa da Associação Académica de Coimbra, com a participação de Pádua Dias e João Rosa, nossos chefes e subchefes de Redacção, que apresentarão comunicações ao auditório. Também convidado para estar presente, o nosso director, Nuno Rocha, não pode, todavia, comparecer, dada a sua ausência em Paris, onde acompanha o resultado das eleições francesas.

O ESTORIL NA BAHIA

Segue amanhã para o Brasil a embaixada portuguesa que vai participar na semana do Estoril/Portugal na Bahia, iniciativa da Sociedade Estoril-Sol e da TAP, com a colaboração da Bahialusa e dos Hotéis Olhon. A representação integra escritores, artistas, jornalistas e diversas entidades, como os secretários de Estado do Turismo e da Comunicação Social, o director-geral do Turismo, os presidentes do Município de Cascais e da Junta de Turismo da Costa do Sol e o dr. Manuel Telles, presidente do conselho de administração da Sociedade Estoril-Sol, a quem se deve primordialmente a iniciativa, integrada no conjunto das suas realizações culturais e turísticas e que o ano passado promoveu no Casino Estoril, com tanto êxito, a Semana da Bahia.

A Semana do Estoril/Portugal em Salvador da Bahia inicia-se na próxima segunda-feira e decorrerá até ao dia 24, com manifestações da mais diversa natureza, como exposições de artes plásticas, de cerâmica, de artesanato, de trajes regionais e de cartazes e fotografias do Estoril e outras regiões portuguesas, além de exposições bibliográficas e documentais de Ferreira de Castro e Fernando Namora (este escritor fará uma conferência na Universidade) e de exemplares cartográficos, iconográficos e ódicos antigos. Haverá, também, um espectáculo com Amélia Rodrigues e um festival gastronómico, acompanhado de exposição de vinhos e frutas de Portugal.

MONUMENTO AO EMIGRANTE: CONTRIBUIÇÕES CONTINUAM

Alegram nesta semana, o montante de 790.082\$00 de donativos já recebidos para participação no custo do Monumento ao Emigrante, cujo total é de 1200 contos. «Tempo» já dispôs, entretanto, 870 contos em pagamentos efectuados, faltando-lhe, assim, liquidar 330 contos, que incluem o pagamento a fazer no próximo dia 9 de Junho, quando a Fundação de Fernando Lage, do Porto, onde a gigantesca obra está a ser passada a bronze, a colocar em Lisboa, para a sua inauguração solene, que terá lugar, defronte da Estação de Santa Apolónia, às 10 horas do dia seguinte, Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas.

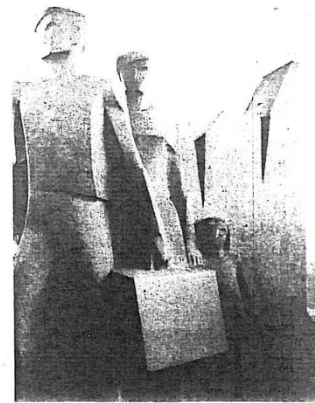
CONTRIBUIÇÕES RECEBIDAS ESTA SEMANA:

- Banco Português do Atlântico: 100 contos
- Banco Pinto e Sotto Mayor: 75 contos
- Organizações Hoteleiras Fernando Barata: 50 contos
- Júlio Barros Evangelista («A Severa»): 50 contos
- Comendador dr. Joaquim Morais Alves (Associação Promotora de Instrução dos Maccenses): 50 contos

E a seguinte a lista dos donativos já recebidos (em escudos):
 Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas — 100.000\$00; Banco Nacional Ultramarino — 100.000\$00; Banque Franco-Portugaise — 100.000\$00; Banco Português do Atlântico — 100.000\$00; Banco Pinto e Sotto Mayor — 75.000\$00; Banco Borges & Irmão — 50.000\$00; Companhia de Seguros Império (Sucursal de Paris) — 50.000\$00; Varig — 50.000\$00; Organizações Hoteleiras Fernando Barata — 50.000\$00; Júlio Barros Evangelista («A Severa») — 50.000\$00; Comendador dr. Joaquim Morais Alves (Associação Promotora de Instrução dos Maccenses) — 50.000\$00; Américo Madeira (RFA) — 3000\$00; Júlio Jorge da Costa (Luxemburgo) — 2225\$00; Arménio Alves da Silva (RFA) — 538\$00; Baltazar Fernando (RFA) — 558\$00; Felisbato Antunes Cardiga (RFA) — 538\$00; José Felizardo Gonçalves (Lisboa) — 608\$00; Firmino Fernandes (RFA) — 1000\$00; António Pandões (RFA) — 538\$00; Família Palma (Canadá) — 4925\$00; Américo Águas Rodrigues — 105\$00.

TOTAL RECEBIDO: 790.082\$00 (O custo total da obra está orçado para cerca de 1200 contos).

Repetimos que todos os ofertantes de donativos não inferiores a



50 contos, sejam pessoas individuais, instituições, empresas ou organismos oficiais, terão o seu nome assinalado numa placa a fixar no monumento.

Todos os donativos deverão ser comunicados, passados e enviados a JORNAL TEMPO - MONUMENTO AO EMIGRANTE - RUA RUBEN A. LEITÃO, 4-1.º, 1200 LISBOA, PORTUGAL.

B. N. L.
-1. JUN 1981
REP. LEG.

Tempo

B 1794

Director: Nuno Rocha
Chefe de Redacção: Peixe Dias
Semanário Liberal e Independente
Fundado em 29 de Maio de 1975
Ano VI - Número 316
Publica-se às 5.ª feiras
Lisboa, 28 de Maio de 1981

Preço 20\$00
Madeira, Açores e Macau 27\$50
França 3.50 FF / Alemanha 1.70 DM / Bélgica 25.00FB
Brasil CR\$55 / Luxemburgo 22.00 FB / Holanda 3 FL
Inglaterra 30 P / Suíça 1.40 FS / Suécia SFRK 3.00
Espanha 60 Ptas / E.U.A. 0.60 \$US / Canadá 1 Dólar
Rep. África do Sul 80 Cts. / Venezuela 4.5 BD
Zaire 8,5 Zaires

Editorial

O «Tempo» comemora o seu sexto aniversário - faz amanhã, precisamente, seis anos, que se publicou o primeiro número numa época tumultuosa. Depois de resolvida a crise política, com a institucionalização da Democracia (esse era um dos nossos objectivos) sobreviveu a crise económica. O mundo avariou complicações constantes. O período aumentou brutalmente atingindo em especial os países pobres e carecidos de energia; o terrorismo desenvolveu-se; as condições económicas da população mundial agravaram-se e o que trouxe a instabilidade política. Não está hoje, em causa a defender regimes de direita ou de esquerda - o que está em causa é reencontrar o equilíbrio económico e social que caracterizou a década de 50 a 70 e o qual fez a felicidade dos países ricos do Mundo. Esse equilíbrio não existe. Os Estados Unidos, devido aos seus imensos recursos e ao seu avanço tecnológico electrónico ainda conseguem dar a ideia de certa chefia do Mundo Ocidental mas a Europa, indispensável ao eixo Ocidental, entrou em decadência. A instabilidade é evidente: na França, Mitterrand ganhou as eleições de forma surpreendente; na Espanha, o terrorismo ameaça liquidar a Democracia; simples assaltantes de banco sem filiação partidária conhecida, são apresentados pela imprensa de esquerda (de forma ostensiva) como elementos políticos; na Itália, os Governos caem em catadupa e a corrupção atinge todos os níveis; na Alemanha Federal, diz-se que o Governo de Schmidt está em perigo; na Suécia, a coligação que está no poder apresenta-se sob um equilíbrio precário. A agitação social, que dá origem à instabilidade política - quer seja da direita para a esquerda, quer seja da esquerda para a direita - é originada essencialmente pela crise económica. Não há, hoje, conflitos ideológicos no Mundo. Os povos ocidentais, que têm vivido em liberdade, não desejam aceitar os regimes totalitários, sejam estes da direita ou da esquerda. A Polónia é um exemplo do que afirmamos - o comunismo chegou ao seu termo, o socialismo dogmático e colectivista não progrediu.

Mitterrand ganhou as eleições porque prometeu aos franceses «a liberdade e a dignidade». É indispensável ver, hoje, um país ocidental, a enfeudar-se em um regime comunista. A União Soviética só tem um recurso para se expandir: é lançar-se junto dos povos do Terceiro Mundo, da África, da Ásia Menor ou da América do Sul. Só aí o comunismo pode ainda ter alguma expansão, uma vez que assenta no obscurantismo e na ignorância de milhões de intelectos seres humanos. Não há, pois, um conflito ideológico, na medida em que a liberdade não tem contrapartida. Ninguém, no mundo livre, quer perder a liberdade. Pelo contrário, aspiram à liberdade os povos subjugados pelos regimes totalitários. Desejam a liberdade os chilenos como a desejam os polacos. A grande lição que nos deu a última guerra foi a de nos deixar a todos usufruir a liberdade e o que é dominado pela ideia estatal colectivista - está contabilizado. A

(continua na pág. 2)

MOTA AMARAL EM EXCLUSIVO

“Se desestabilizo a AD é porque não é estável”

JOÃO ROSA
enviado especial

PONTA DELGADA (TEMPO) - «Se a AD se desestabilizou e porque ela não está muito estável» sublinhou ontem ao «Tempo» o líder do PSD açoriano e Presidente do Governo Regional do arquipélago, Mota Amaral numa entrevista exclusiva que nos concedeu no Palácio de Santana, em Ponta Delgada. Mota Amaral abordaria as questões ultimamente em foco no seio da Aliança Democrática Hisânica, no entanto, que «não há contencioso com ninguém, pois limitá-me a fazer reparos absolutamente fundamentados». O líder social democrata açoriano adiantaria

também que «não está prevista qualquer remodelação no Governo dos Açores» e falaria da presença do general Ramalho Eanes nos Açores onde foi recebido com todas as honras oficiais. Referindo que não tenciona «envelhecer na política», Mota Amaral abordou ainda as consequências para a Democracia da vitória de Mário Soares no seio do PS, os problemas de Base das Lajes e o papel do ministro da República no arquipélago que considera dever «ser progressivamente apagado».

(continua na página 3)

a Semana

Seis anos. Quase dois mil e duzentos dias, 316 semanas, 73 meses. Como o tempo passa, nesta voragem que nos devora. Mas se a condição humana aponta irremediavelmente para um fim, a obra tecida em conjunto será cada vez mais duradoura, na razão inversa da nossa existência. E cresce e aferra-se, sempre em função de um futuro que é a sua própria razão de ser, molhada na ambição de ir mais longe, até onde a nossa capacidade o permita. E na certeza (para além do estorço) de que muito mais além devemos ir ainda - para que alcancemos este castelo de sonhos tomado por pedras e marcos de um caminho que inclina-se há seis anos. P. D.

Um conflito Vítor Alves/Governo

O tenente-coronel Vítor Alves estabeleceu um conflito com o Governo ao recusar, sem negociações, atribuir uma condecoração por dia 10 de Junho ao dr. António Patrício Gouveia (que perdeu no desastre da Camarate juntamente com o dr. Sá Carneiro, o eng. Amaro da Costa, as mulheres destes e dois pilotos) José Augusto Seabra, eng. Nuno Abecasis,

dr. Francisco de Sousa Taveiras, Miguel Veiga, Santana Dionísio, Vasco Pulido Valente, arquitecto Fernando Taveiras, dr. Margot Dias e Jorge Ferreira. Estes nomes, efectivamente foram excluídos sem explicações, pelo tenente-coronel de uma lista que o Governo lhe havia enviado, como é tradicional.

A lista proposta pelo Governo con-

tinha, além daqueles nomes, intempéstiva e desalegramente rejeitados, os nomes de: Francisco de Sá Carneiro, Amaro da Costa, Bernardo Santarém, Diogo Freitas do Amaral, prof. Valente de Oliveira, João Gaspar Simões, Natália Correia, Joly Braga Santos, Sara Alonso, Eunice Muñoz, arquitecto António Macedo,

(continua na pág. 3)

Porque vai o CR recusar Lei dos Sectores

Pág. 6

“Tempo” comemora 6.º aniversário

Foi a 29 de Maio de 1975, completam-se amanhã precisamente seis anos, que apareceu nas bancas dos jornais o primeiro número do «Tempo». Até se concretizar a ideia, que introduziu em Portugal um novo conceito de informação, muitos obstáculos houve a vencer. Obstativos de toda a ordem - políticos, económicos e muitos outros, característicos de um País que vivia um período revolucionário e um dos mais dramáticos da sua História, de quase oito séculos. Tudo, porém, foi ultrapassado, graças fundamentalmente, à perser-

verança, à tenacidade e à coragem da equipa fundadora. Em cerca de três meses o «Tempo» transformou-se no primeiro e mais influente semanário português, com tiragens que ultrapassaram os 150.000 exemplares. O correr dos anos consolidou a posição deste semanário que tem por lema «nem ataques pessoais nem adjectivos» e cujas colunas estão abertas a todas as ideologias democráticas. São estes seis anos de existência, o crescimento contínuo do «Tempo», e sua

(continua na pág. 3)

Os motivos da crise com Eusébio de Carvalho

O ministro da Reforma Administrativa foi vítima da pusilanidade do Governo, segundo se deprende de documentação a que o «Tempo» teve acesso. Efectivamente, o minist-

ro dr. Eusébio Marques de Carvalho agiu sempre em conformidade com directivas do Primeiro-Ministro e do ministro das Finanças sentindo-se depois acusado de inabilidade. O

«Exposso» da última semana anunciava que o ministro «tem os dias contados». A declaração pela TV feita pelo dr. Eusébio Marques de Car-

(continua na pág. 4)



MEMERES PIMENTEL

“Inevitável o acordo com o PS para a revisão constitucional”

pág. 14 e 15

(continua na pág. 2)

MONUMENTO AO EMIGRANTE

BESCL deu 100 contos

Os 1200 contos necessários para erigir o Monumento ao Emigrante que, numa iniciativa do nosso jornal, surgirá, em breve, frente à estação dos caminhos de ferro de Santa Apolónia, estão quase conseguidos, depois das contribuições por nós recebidas esta semana.

Realmente, aos 840 615 escudos já contabilizados anteriormente, e a que aludimos no último número do «Tempo», somamos, agora, mais 100 contos enviados pelo Banco

Espírito Santo e Comercial de Lisboa, 50 do União de Bancos, 60 da Joframa, 50 do Clube Instrutivo Social Português (de Elizabeth, N.J. Califórnia) e outros 50 da Grafiaexport.

Desta modo, as contribuições havidas até ao momento ascendem a 1 150 615 escudos, quantia já muito próxima do custo total do monumento, que homenageia os nossos emigrantes, a quem tanto devem a economia nacional e a expansão, pelo

(continua na pág. 5)

Portugal e Golfo Pérsico

A base aérea das Lajes, nos Açores, e também a base de Beja, no Continente, fazem parte como se sabe, de um plano dos Estados Unidos para a criação de um novo comando de combate no Golfo Pérsico. Os Estados Unidos negociam com Portugal e outros países a utilização daquelas bases, segundo o novo programa de intervenção rápida dos norte-americanos. Portugal está disposto a negociar através de uma larga indemnização em dólares, sendo uma parte

para o Governo de Lisboa e outra para o Governo dos Açores, desajando também receber equipamento militar. Portugal quer efectuar uma negociação conjunta incluindo um novo acordo sobre os Açores e um acordo sobre Beja. Os Estados Unidos querem instalar aqui aviões-cisternas para fornecimento de combustível em pleno voo.

Segundo uma notícia de Abu Dhabi, as monarquias do petróleo - Ará-

(continua na pág. 6)

ALGARVE

Vila Senhora da Rocha
Apartamentos e moradias sobre o mar

VALFÉRIAS

R. Leitão Coelho, 12 - 4.º - B
1100 Lisboa - Tel: 53 85 83/86 30 75
Porto - Tel: 88 50 92

O SEU MELHOR INVESTIMENTO

Preferida mais informações

Nome: _____
Morada: _____
Tel: _____

B. N. L.
-1. JUN 1981
REP. LEG.

Tempo

B 1794

Director: Nuno Rocha
Chefe de Redacção: Peixe Dias
Semanário Liberal e Independente
Fundado em 29 de Maio de 1975
Ano VI - Número 316
Publica-se às 5.ª feiras
Lisboa, 26 de Maio de 1981

Preço 20\$00
Madeira, Açores e Macau 27\$50
França 3.50 FF / Alemanha 1.70 DM / Bélgica 25.00FB
Brasil CR\$55 / Luxemburgo 22.00 FB / Holanda 3 FL
Inglaterra 30 P / Suíça 1.40 FS / Suécia SFRK 3.00
Espanha 60 Ptas / E.U.A. 0.60 \$US / Canadá 1.00 \$Can
Rep. África do Sul 80 Cts. / Venezuela 4.5 BD
Zaire 8.5 Zaires

Editorial

O «Tempo» comemora o seu sexto aniversário - faz amanhã, precisamente, seis anos, que se publicou o primeiro número numa época tumultuosa. Depois de resolvida a crise política, com a institucionalização da Democracia (esse era um dos nossos objectivos) sobreviveu a crise económica. O mundo avarou complicações constantes. O período aumentou brutalmente atingindo em especial os países pobres e carecidos de energia; o terrorismo desenvolveu-se; as condições económicas da população mundial agravaram-se o que trouxe a instabilidade política. Não está hoje, em causa defender regimes de direita ou de esquerda - o que está em causa é reencontrar o equilíbrio económico e social que caracterizou a década de 50 a 70 o que nos fez a felicidade dos países ricos do Mundo. Esse equilíbrio não existe. Os Estados Unidos, devido aos seus imensos recursos e ao seu avanço tecnológico electrónico ainda conseguem dar a ideia de certa chefia do Mundo Ocidental mas a Europa, indispensável ao eixo Ocidental, entrou em decadência. A instabilidade é evidente: na França, Mitterrand ganhou as eleições de forma surpreendente; na Espanha, o terrorismo ameaça liquidar a Democracia; simples assaltantes de banco sem filiação partidária conhecida, são apresentados pela imprensa de esquerda (de forma ostensiva) como elementos políticos; na Itália, os Governos caem em catadupa e a corrupção atinge todos os níveis; na Alemanha Federal, diz-se que o Governo de Schmidt está em perigo; na Suécia, a coligação que está no poder apresenta-se sob um equilíbrio precário. A agitação social, que dá origem à instabilidade política - quer seja da direita para a esquerda, quer seja da esquerda para a direita - é originada essencialmente pela crise económica. Não há, hoje, conflitos ideológicos no Mundo. Os povos ocidentais, que têm vivido em liberdade, não desejam aceitar os regimes totalitários, sejam estes da direita ou da esquerda. A Polónia é um exemplo do que afirmamos - o comunismo chegou ao seu termo, o socialismo dogmático e colectivista não progrediu.

Mitterrand ganhou as eleições porque prometeu aos franceses «a liberdade e a dignidade». É indispensável ver, hoje, um país ocidental, a enfiar-se em um regime comunista. A União Soviética só tem um recurso para se expandir: é lançar-se junto dos povos do Terceiro Mundo, da África, da Ásia Menor ou da América do Sul. Só aí o comunismo pode ainda ter alguma expansão, uma vez que assenta no obscurantismo e na ignorância de milhões de intelectos seres humanos. Não há, pois, um conflito ideológico, na medida em que a liberdade não tem contrapartida. Ninguém, no mundo livre, quer perder a liberdade. Pelo contrário, aspiram à liberdade os povos subjugados pelos regimes totalitários. Desejam a liberdade os chilenos como a desejam os polacos. A grande lição que nos deu a última guerra foi a de nos deixar a todos usufruir a liberdade e o que é dominado pela ideia estatal colectivista - está contabilizado. A

(continua na pág. 2)

MOTA AMARAL EM EXCLUSIVO

“Se desestabilizo a AD é porque não é estável”

JOÃO ROSA
enviado especial

PONTA DELGADA (TEMPO) - «Se a AD se desestabilizou e porque ela não está muito estável» sublinhou ontem ao «Tempo» o líder do PSD açoriano e Presidente do Governo Regional do arquipélago, Mota Amaral numa entrevista exclusiva que nos concedeu no Palácio de Santana, em Ponta Delgada. Mota Amaral abordaria as questões ultimamente em foco no seio da Aliança Democrática Hisand, no entanto, que «não há contencioso com ninguém, pois limitá-me a fazer reparos absolutamente fundamentados». O líder social democrata açoriano adiantaria

também que «não está prevista qualquer remodelação no Governo dos Açores» e falaria da presença do general Ramalho Eanes nos Açores onde foi recebido com todas as honras oficiais. Referindo que não tenciona «envelhecer na política», Mota Amaral abordou ainda as consequências para a Democracia da vitória de Mário Soares no seio do PS, os problemas de Base das Lajes e o papel do ministro da República no arquipélago que considera dever «ser progressivamente apagado».

(continua na pág. 2)

a Semana

Seis anos. Quase dois mil e duzentos dias, 316 semanas, 73 meses. Como o tempo passa, nesta voragem que nos devora. Mas se a condição humana aponta irremediavelmente para um fim, a obra tecida em conjunto será cada vez mais duradoura, na razão inversa da nossa existência. E cresce e aferra-se, sempre em função de um futuro que é a sua própria razão de ser, moldada na ambição de ir mais longe, até onde a nossa capacidade o permita. E na certeza (para além do estorço) de que muito mais além devemos ir ainda - para que alcancemos este castelo de sonhos tomado por pedras e marcos de um caminho que inclina-se há seis anos. P. D.

Um conflito Vítor Alves/Governo

O tenente-coronel Vítor Alves estabeleceu um conflito com o Governo ao recusar, sem negociações, atribuir uma condecoração por dia 10 de Junho ao dr. António Patrício Gouveia (que perdeu no desastre da Camarate juntamente com o dr. Sá Carneiro, o eng. Amaro da Costa, as mulheres destes e dois pilotos) José Augusto Seabra, eng. Nuno Abecasis,

dr. Francisco de Sousa Taveiras, Miguel Veiga, Santana Dionísio, Vasco Pulido Valente, arquitecto Fernando Taveiras, dr. Margot Dias e Jorge Ferreira. Estes nomes, efectivamente foram excluídos sem explicações, pelo tenente-coronel de uma lista que o Governo lhe havia enviado, como é tradicional.

A lista proposta pelo Governo con-

tinha, além daqueles nomes, intempéstiva e desalegramente rejeitados, os nomes de: Francisco de Sá Carneiro, Amaro da Costa, Bernardo Santarém, Diogo Freitas do Amaral, prof. Valente de Oliveira, João Gaspar Simões, Natália Correia, Joly Braga Santos, Sara Alonso, Eunice Muñoz, arquitecto António Macedo,

(continua na pág. 3)

Porque vai o CR recusar Lei dos Sectores

Pág. 6

“Tempo” comemora 6.º aniversário

Foi a 29 de Maio de 1975, completam-se amanhã precisamente seis anos, que apareceu nas bancas dos jornais o primeiro número do «Tempo». Até se concretizar a ideia, que introduziu em Portugal um novo conceito de informação, muitos obstáculos houve a vencer. Obstativos de toda a ordem - políticos, económicos e muitos outros, característicos de um País que vivia um período revolucionário e um dos mais dramáticos da sua História, de quase oito séculos. Tudo, porém, foi ultrapassado, graças fundamentalmente, à perser-

verança, à tenacidade e à coragem da equipa fundadora. Em cerca de três meses o «Tempo» transformou-se no primeiro e mais influente semanário português, com tiragens que ultrapassaram os 150.000 exemplares. O correr dos anos consolidou a posição deste semanário que tem por lema «nem ataques pessoais nem adjectivos» e cujas colunas estão abertas a todas as ideologias democráticas. São estes seis anos de existência, o crescimento contínuo do «Tempo», e sua

(continua na pág. 3)

Os motivos da crise com Eusébio de Carvalho

O ministro da Reforma Administrativa foi vítima da pusilanidade do Governo, segundo se depreende de documentação a que o «Tempo» teve acesso. Efectivamente, o minist-

ro dr. Eusébio Marques de Carvalho agiu sempre em conformidade com directivas do Primeiro-Ministro e do ministro das Finanças sentindo-se depois acusado de inabilidade. O

«Expresso» da última semana anunciava que o ministro «tem os dias contados». A declaração pela TV feita pelo dr. Eusébio Marques de Car-

(continua na pág. 4)



MEMERES PIMENTEL

“Inevitável o acordo com o PS para a revisão constitucional”

pág. 14 e 15

(continua na pág. 2)

MONUMENTO AO EMIGRANTE

BESCL deu 100 contos

Os 1200 contos necessários para ergir o Monumento ao Emigrante que, numa iniciativa do nosso jornal, surgirá, em breve, frente à estação dos caminhos de ferro de Santa Apolónia, estão quase conseguidos, depois das contribuições por nós recebidas esta semana.

Realmente, aos 840 615 escudos já contabilizados anteriormente, e a que aludimos no último número do «Tempo», somamos, agora, mais 100 contos enviados pelo Banco

Espírito Santo e Comercial de Lisboa, 50 do União de Bancos, 60 da Joframa, 50 do Clube Instrutivo Social Português (de Elizabeth, N.J. Califórnia) e outros 50 da Grafiaexport.

Desta modo, as contribuições havidas até ao momento ascendem a 1 150 615 escudos, quantia já muito próxima do custo total do monumento, que homenageia os nossos emigrantes, a quem tanto devem a economia nacional e a expansão, pelo

(continua na pág. 5)

Portugal e Golfo Pérsico

A base aérea das Lajes, nos Açores, e também a base de Beja, no Continente, fazem parte como se sabe, de um plano dos Estados Unidos para a criação de um novo comando de combate no Golfo Pérsico. Os Estados Unidos negociam com Portugal e outros países a utilização daquelas bases, segundo o novo programa de intervenção rápida dos norte-americanos. Portugal está disposto a negociar através de uma larga indemnização em dólares, sendo uma parte

para o Governo de Lisboa e outra para o Governo dos Açores, desajando também receber equipamento militar. Portugal quer efectuar uma negociação conjunta incluindo um novo acordo sobre os Açores e um acordo sobre Beja. Os Estados Unidos querem instalar aqui aviões-cisternas para fornecimento de combustível em pleno voo.

Segundo uma notícia de Abu Dhabi, as monarquias do petróleo - Ará-

(continua na pág. 6)

ALGARVE

Vila Senhora da Rocha
Apartamentos e moradias sobre o mar

VALFÉRIAS

R. Leitão Coelho, 12 - 4.ª - B
1100 Lisboa - Tel: 53 85 83/86 30 75
Porto - Tel: 88 50 92

O SEU MELHOR INVESTIMENTO

Preferida mais informações

Nome: _____
Morada: _____
Tel: _____

Porque vai o GR recusar a lei de sectores

(Continuação da pág. 5)
São praticamente inexistentes nos meios do Governo as esperanças quanto à decisão do Conselho da Revolução face à Lei dos Sectores Público e Privado esperando-se portanto que a lei não seja aprovada e não seja por isso promulgada pelo Presidente da República. Efectivamente, analisada a composição actual do Conselho da Revolução verifica-se que predominam ali, agora em esmagadora maioria, amigos do presidente Eanes e que quer dizer que se trata de pessoas com tendências de esquerda. O Conselho da

Revolução actual pode dividir-se em três grupos: os eanistas, os esquerdistas de influência marxista e os moderados. São eanistas, porque pelo presidente Eanes foram nomeados para os altos postos militares que ocupam o general Melo Egídio e o general Garcia dos Santos; são esquerdistas e alguns marxistas: o brigadeiro Franco Charais, o coronel Pezarat Correia, o tenente-coronel Vitor Alves, o capitão Vasco Lourenço, o major Sousa e Castro, o capitão Martins Junior, o comandante Martins Guerreiro e o comandante

Vitor Craspo; são moderados o general Lemos Ferreira, o almirante Sousa Leitão, o coronel Ribeiro Cardoso e o major Canto e Castro.
Numa análise optimista (segundo os interesses do País) podemos admitir que Eanes decida propor a aprovação da lei para assim alcançar a confiança da coligação governamental e portanto dos partidos da AD e também das forças moderadas do País. Teria com ele Melo Egídio, Garcia dos Santos, Lemos Ferreira, Sousa Leitão, Ribeiro Cardoso, Canto

e Castro e talvez Vitor Alves. Ao total, com o seu voto, seriam oito votos a favor da tese do presidente. Ficariam contra ele Franco Charais, Pezarat Correia, Melo Antunes, Vasco Lourenço, Sousa e Castro, Marques Junior (eventuais dúvidas sobre o sentido do seu voto), Martins Guerreiro e Vitor Craspo. O sentido do voto de Costa Neves poderia também dar origem a dúvidas. Só pôs um «golpe de teatro», conduzido por Eanes, poderá levar à aprovação da lei. Seria para isso necessário que o próprio presidente da República quisesse aprovar a lei e que tivesse com ele além dos votos considerados «seguros» os votos «dúvidosos» de Vitor Alves, Marques Junior e Costa Neves.
Personalidades bem informadas nos meios militares dizem no entanto que Marques Junior, Vitor Alves e Costa Neves estão habitualmente do lado do grupo considerado afecto ao coronel Melo Antunes, o que significa que Eanes seria derrotado na eventualidade, pouco provável, de querer defender a lei.
Não se conhecem as consequen-

cias da recusa da lei em termos políticos mas sabe-se que em termos económicos contribuirá para que se apegue o desastre da economia portuguesa. Efectivamente se a lei não for aprovada os investimentos nacionais e estrangeiros continuarão congelados agravando-se a crise de emprego e também a nossa balança de pagamentos. Em termos políticos é de admitir que alguns ministros pagam a sua demissão do Governo por considerarem que em tais termos o programa da AD não pode ser lançado.

Os motivos da crise com Eusébio de Carvalho

(Continuação da pág. 5)
Volto ao conteúdo do Primeiro-Ministro - foi este quem pediu para que se fizesse - e também do ministro das Finanças, dr. Morais Leitão.
No dia 8 de Maio o dr. Morais Leitão enviou ao dr. Eusébio Marques de Carvalho a seguinte mensagem: «Caro Eusébio: Obrigado pelo texto da sua intervenção na TV. Li-o com muita atenção e fico estupefacto com a reacção que lhe dizem ter provocado. Não podia ser tão verdadeiro, ponderado e fundamentado. Eu próprio não diria nem dixi menos. Venho para a frente a ver se a caravana passa. Um abraço - António Morais Leitão.»

O ministro da Reforma Administrativa continuou sempre as alterações das tabelas salariais com o Governo. Em 12 de Fevereiro de 81, Eusébio a seguinte mensagem: «Eusébio: a inflação em Fevereiro foi de 1,05% abaixo a igual mês do ano passado (apesar de carearem já incluídas as aumentos da electricidade, água, gás, transportes, apicor etc...). Nos últimos doze meses a taxa de inflação prevista, ou seja, 10% a partir de Abril. Em 31 de Março foi enviado a todos os ministros um documento contendo a proposta do ministro das Finanças em estudos feitos pelo Ministério das Finanças e do Plano através do seu Gabinete de Estudos e Planeamento à hipótese preferida foi a que cobria a inflação de 16,6% a partir de Abril. Apesar dos contactos havidos com o Ministério das Finanças a tabela foi aprovada no Conselho de Ministros com o fundamento da falta de verba e depois de uma longa discussão de três horas.

Surpreendentemente no mesmo Conselho o ministro das Finanças saiu com uma nova tabela por si elaborada e sem o conhecimento do ministro da Reforma Administrativa. Esta tabela aumentava em 13% os salários médios de 1980 ficando muito aquém da pretendida pelo Sindicato e proposto pelo Ministério da Reforma Administrativa. Por isso na mesma reunião o Primeiro-Ministro criticou-se a Eusébio por não ter apresentado um milhão e 200 000 contos na tabela do Ministério das Finanças. A esta reunião do Conselho de Ministros não compareceu Eusébio de Carvalho, que se encontrava nos Estados Unidos a convite do Governo, com o intuito de pedir apoio norte-americano para o seu programa de reforma da Administração. Foi o secretário de Estado, dr. Lopes Rainaldo, quem assinou, em seu nome, ao Conselho de Ministros. Ao verificar que o Conselho discutia uma proposta de 13% e que se baseava, afinal, numa proposta do ministro das Finanças elaborada sem conhecimento do seu Ministério decidiu apresentar a sua demissão do Governo.

Uma vez que o Conselho discutia uma proposta de 13% e que se baseava, afinal, numa proposta do ministro das Finanças elaborada sem conhecimento do seu Ministério decidiu apresentar a sua demissão do Governo.

QUEM DEU ORIGEM ÀS GREVES

Pode dizer-se que o que deu origem às greves não foi a declaração do dr. Eusébio Marques de Carvalho na televisão mas sim a tabela proposta pelo ministro das Finanças que beneficiava apenas de um benefício de cerca de 500 000 contos. Sectores da AD criaram então um clima artificial segundo o qual se acusava o dr. Eusébio Marques de Carvalho de ter sido inábil, quando a verdade é que este propunha aumentos de 16,6% e o ministro das Finanças fez aprovar uma tabela com base em 13% e mais o referido milhão e 200 000 contos mandado injectar pelo Primeiro-Ministro. Apesar de tudo isto o dr. Marques de Carvalho, por solidariedade, acolheu a responsabilidade da decisão que lhe dá origem à agitação social verificada e cuja culpa sempre lhe foi atribuída sem uma palavra de defesa, nem da parte do Primeiro-Ministro, nem da parte do ministro das Finanças.

A CARTA DE DEMISSÃO DE EUSEBIO MARQUES DE CARVALHO

A carta de demissão do dr. Eusébio Marques de Carvalho apresentada ao Primeiro-Ministro e que o «Tempo» obteve é a seguinte: «Senhor Primeiro-Ministro: Desde o início da formação do VII Governo Constitucional, e lembramos aqui as particulares circunstâncias e condicionais em que acabámos por aceitar o convite para integrar o respectivo elenco, que vimos chamando a atenção para a necessidade da governação se continuar a afirmar através de uma inequívoca vontade política de renascimento com as suas pactas ou contemporizações, enredaram o País, comprometeram a sua recuperação e desenvolvimento, quando não mesmo a identidade nacional, e mantiveram a vontade de muitos responsáveis a todos os níveis.
Vontade política alçada bem manifesta na filosofia de acção dos partidos da Aliança Democrática e no Programa do Governo quando se refere a urgência em deixar sempre mais de gerir pendulamente o sistema e a crise para assim poder

CONFLITO VITOR ALVES / GOVERNO

mutar o País, racionalizar o Estado e, expressão que é tão do agrado de Vossa Excelência, libertar a sociedade civil e, acrescentaríamos nós, o indivíduo.
E se tal é verdadeiramente na generalidade, não é o menos, conforme algumas vezes frisamos a Vossa Excelência, numa perspectiva específica de reforma Administrativa que vise dignificar a função pública e quantos nela trabalham e colocar a Administração ao serviço dos cidadãos e do desenvolvimento económico e social do País. Com efeito, por mais válidas que se mostrem as estruturas e as técnicas da reforma Administrativa, não pode um Ministério ou um ministro ser agente de mudança e de ruptura (sem busca obviamente de um novo equilíbrio) sem que subjacente se verifique uma clara assunção do processo em termos de vontade política do Governo como um todo e da sua liderança.
Sendo voluntaristas por natureza, procurámos suprir aqui e além certas hesitações e indefinições na orientação geral do processo de reforma Administrativa, com alguns resultados que julgamos positivos como: - a aprovação da lei orgânica do Ministério da Reforma Administrativa; - o desencadamento do diagnóstico quantitativo / qualitativo dos quadros do Ministério da Reforma Administrativa; - a dinamização do funcionamento do Instituto Nacional de Administração; - a aprovação do diploma de revisão do Decréto-Lei n.º 25/80 sobre racionalização de efectivos na função pública; - o acordo do respectivo titular da pasta para uma acção concertada de reestruturação global do Ministério das Finanças e do Plano; - a reabertura por parte da Administração Americana de todos os circuitos de apoio financeiro e técnico neste domínio;

MONUMENTO AO EMIGRANTE

— a melhoria sensível das condições de trabalho nos Serviços centrais do Ministério da Reforma Administrativa; — a aprovação das primeiras medidas moralizadoras no âmbito da função pública;

PORTUGAL E O GOLFO PÉRSICO

(Continuação da pág. 1)
Orlando Ribeiro, Alfredo de Sousa, Carneiro da Silva, jornalista Mário Mesquita, Guy Rossini Fim, José Ângelo de Melo, Joaquim Ribeiro, Carlos Lopes, Manuel Rocha, Fernando Queiroz e Rui Moreira.
Em resposta à lista que lhe foi entregue o tenente-coronel Vitor Alves recusou-se a condicionar, por já terem sido condecorados: Carlos Lopes, Manuel Rocha, Fernando Queiroz e Rui Moreira. Quanto aos restantes nomes recusados, o tenente-coronel informou que o Governo só podia propor entre 15 a 20 nomes.
Como se sabe, o prof. Freitas do Amaral recusou receber qualquer condecoração em carta que enviou ao Presidente da República e agradeceu o nome publicado no «Diário de Notícias».

CONFLITO VITOR ALVES / GOVERNO

(Continuação da pág. 1)
Vitor Alves - e naturalmente o Presidente da República - pensa-se que teve conhecimento do assunto visto que é a ele que compete entregar as condecorações - abriu assim mais um conflito com o Governo. Recordamos-se a afronta que comporta, principalmente a recusa do nome do intubado dr. António Patrício Gouveia, uma das vítimas do serviço do País, do trágico acidente aéreo de Camarate.

MONUMENTO AO EMIGRANTE

Todas as contribuições que possam ajudar a fazer o monumento indispensável ao ergir do monumento, cuja inauguração solene ocorrerá no dia 10 do próximo mês de Junho, Dia

PORTUGAL E O GOLFO PÉRSICO

(Continuação da pág. 1)
O novo comando de combate dependerá do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas americanas. A princípio havia-se previsto que fossem por base unidades navais que patrulhariam a zona e, em caso de

PORTUGAL E O GOLFO PÉRSICO

caso de desdobramento rápido, incluindo duas divisões do 18.º Corpo Aerotransportado, presentemente estacionado em Fort Bragg (Carolina do Norte), as unidades de choque mais bem preparadas e treinadas de todas as forças militares americanas. Este fantástico contingente militar de intervenção no Golfo não dependerá nem das forças na Europa (adefitas à NATO), nem das estacionadas no Pacífico.
O novo comando de combate dependerá do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas americanas. A princípio havia-se previsto que fossem por base unidades navais que patrulhariam a zona e, em caso de

PORTUGAL E O GOLFO PÉRSICO

caso de desdobramento rápido, incluindo duas divisões do 18.º Corpo Aerotransportado, presentemente estacionado em Fort Bragg (Carolina do Norte), as unidades de choque mais bem preparadas e treinadas de todas as forças militares americanas. Este fantástico contingente militar de intervenção no Golfo não dependerá nem das forças na Europa (adefitas à NATO), nem das estacionadas no Pacífico.
O novo comando de combate dependerá do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas americanas. A princípio havia-se previsto que fossem por base unidades navais que patrulhariam a zona e, em caso de

Imagem 11. Semanário Tempo de 28/05/81.

Tempo

Director: Nuno Rocha
Chefe de Redacção: Nuno Dias
Semanário Liberal e Independente
Fundado em 29 de Maio de 1975
Ano VII - Número 317
Publica-se às 5.ª feiras
Lisboa, 4 de Junho de 1981

Preço 20\$00
Madeira, Açores e Lisboa 27\$50
França 3.50 FF / Alemanha 1.70 DM / Bélgica 25.00FB
Brasil CR\$65 / Luxemburgo 22.00 FB / Holanda 3 FL
Inglaterra 30 P / Suíça 1.40 FS / Suécia SRK 5.00
Espanha 60 Pts / E.U.A. 1.40 \$US / Canadá 1 Dólar
Rep. África do Sul 80 Cts / Venezuela 4.5 BD
Zaire 6.5 Zaires

Editorial

A pequena crise que o Governo do dr. Pinto Balsemão enfrentou na última semana não foi resolvida da melhor forma. O Primeiro-Ministro manteve o Ministério da Qualidade de Vida, quando o podia ter extinto, e nomeou para Secretário de Estado encarregado da Comunicação Social um jovem gestor sem a menor experiência neste campo. Teve, apenas, um mérito: retirou a Comunicação Social do Ministério da Qualidade de Vida. Mas logo cometeu outro erro: criou a Comunicação Social e o próprio, o que constitui uma responsabilidade incompatível com o plano de reformas democráticas de que o País precisa. Confronte já desenhadas várias vezes - sempre no intuito de cooperar com o Governo - a Comunicação Social deve ser independente. O Governo deve acelerar os mecanismos que o levem a ver-se livre dos jornais que controla - «Diário de Notícias», «Capital», «Jornal de Notícias» e «Diário Popular» (sendo certo que deve também resolver o caso limitando de «O Comércio do Porto») e deve também elaborar uma nova Lei de Imprensa. Ao mesmo tempo, deve criar um Estatuto de Televisão e um Estatuto de Rádio, que torne estes órgãos de comunicação social autónomos e independentes e transformar a ANOP numa agência de notícias cooperativa sendo seus sócios o Governo e os jornais seus clientes. O Primeiro-Ministro, uma vez diante da crise (que se precipitou) não teve a serenidade suficiente para empreender o caso limitando de modo como chefe do Governo. As pastas da Qualidade de Vida deveriam ter sido discutidas no Ministério das Obras Públicas e Habitação (não se introduziu, portanto, a sua importância) e a Secretaria de Estado da Comunicação Social devia ter sido pura e simplesmente extinta. O Primeiro-Ministro preferiu manter o seu esquema orgânico e deixar arrefecer, assim, uma situação que inquietava a opinião pública e inquietava o PSD. Efectivamente, parece importante que o maior partido português gere dentro de si uma dinâmica capaz de enfrentar as dificuldades que vão acontecendo e que possa manter a oposição a distância suficiente para não constituir um perigo quando se verificarem as próximas eleições autárquicas e depois as legislativas. A reorganização do Partido Socialista, sob a direcção do dr. Mário Soares e do dr. Almeida Santos, não pode deixar de constituir um factor de preocupação para o PSD. Acontece, também, que o CDS, mesmo tendo perdido a sua grande estratégia - o eng. Adelino Amaro de Costa - se tem mantido galhardamente como um partido responsável e sério e os seus ministros apresentam-se como activos e populares. É o caso do ministro dr. Luís Barbosa, que enfrentou bem o problema da habitação e do dr. Basílio Horta que tem desempenhado de forma firme e inteligente o seu papel de ministro de Estado Adjunto do Primeiro-Ministro. O PSD poderia assim estar a ser cercado à sua direita e à sua esquerda o que é aliás a tese do dr. Cavaco Silva. A esquerda moderada, que constitui quase 50% do eleitorado português, poderia juntar-se amanhã a um partido Socialista de índole social-democrata e a direita

(continua na pág. 2)

INICIANDO A REESTRUTURAÇÃO

Pinto Balsemão centraliza poderes

O Primeiro-Ministro do VII Governo Constitucional, dr. Francisco Pinto Balsemão, depois de ter resolvido no último fim-de-semana questões relacionadas com os ministérios da Qualidade de Vida e da Reforma Administrativa e da Secretaria de Estado da Comunicação Social - que foi extinta - enfrenta um novo problema referente ao ministério para a Integração Europeia.

Efectivamente, o respectivo ministro, eng.º Álvaro Barreto, manifestou ao Primeiro-Ministro, na passada segunda-feira de manhã, a intenção de poder deixar o actual elenco governativo.

A reestruturação agora efectuada deveria mesmo ter sido tomada pública na sexta-feira e não na segunda, como efectivamente aconteceu. Este atraso ficou a dever-se ao facto de o PPM ter demorado mais algum tempo que o previsto a apresentar João Serra e Moura como o substituto de Ferreira Amaral para o Ministério da Qualidade de Vida. Quanto à Reforma Administrativa, o dr. Pinto Balsemão decidiu não nomear um novo titular, ficando ele a desempenhar cumulativamente esse cargo, coadjuvado, para tal, por Roberto de Andrade, novo secretário do Estado para a Reforma Administrativa. Esta centralização de poderes nas mãos do Primeiro-Ministro - que

contou com o apoio da cimeira da AD da passada semana - alarga-se igualmente à Comunicação Social, que se extinguiu, saindo do Ministério da Qualidade de Vida para passar a estar no âmbito de uma nova Secretaria de Estado junto do Primeiro-Ministro, cujo titular é o social-democrata José Afonso.

Segundo «Tempo» conseguiu apurar junto de fontes dignas de todo o crédito, a reestruturação ministerial efectuada no último fim-de-semana é definitiva, embora deva ser completada, a breve prazo, com uma outra, que acabará por colocar sob o comando directo do Primeiro-Ministro

(continua na pág. 10)

A PROPOSITO DE TIMOR

Reacende-se polémica Eanes/CDS

A propósito de declarações produzidas em Caracas pelo prof. Diogo Freitas do Amaral, quando interrogado por jornalistas venezuelanos sobre o impasse criado face à tragédia de Timor, o Presidente da República voltou a responder em termos ambiguos relativamente ao processo de ocupação daquele território e aos dramáticos acontecimentos que precederam a invasão indonésia, documentados num inquérito elaborado há cerca de cinco anos, depois de uma investigação preliminar do então general Morais e Silva, na altura chefe do Estado-Maior da Força Aérea e que conseguiu desloca-se a Dili.

O relatório, que culpabiliza os militares que abandonaram Timor em plena guerra civil, desencadeou devido à importância e repercussão do último governador, Lemos Pires, apesar de tudo promovido e distinguido posteriormente, feroz e ano passado objecto de acérrima polémica, quando o general Eanes recusara o pedido para consulta ao Governo de Sá Carneiro, então empenhado em preparar um plano para resolver o problema de Timor. De facto, perante insistentes críticas internacionais, foi publicamente referido no Verão de 80, que

(continua na pág. 17)

CAVACO SILVA



"Que a AD medite no exemplo do PS"

Pág. 6

Conselheiros da Revolução contra Lei dos Sectores

Pág. 4

MONUMENTO AO EMIGRANTE

Inauguração solene na próxima 4.ª feira

Tudo se completou a tempo para que o Monumento ao Emigrante construído por iniciativa do «Tempo» seja efectivamente inaugurado na próxima quarta-feira, 10 de Junho, Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas, numa cerimónia solene, com início às 10 horas, para a qual estão convidadas as mais destacadas personalidades da vida pública portuguesa, incluindo os membros do Governo e deputados pela embaixada, representantes do Congresso das Comunidades e das Instituições e empresas que contribuíram para a concretização desta obra, além dos órgãos de informação, todos convidados.

Trata-se, com efeito, do primeiro monumento erigido em Portugal para assinalar a odisseia do emigrante português em especial do século XX.

A sua concepção e execução, em barro e gesso, deve-se à escultora Dora de Castel-Branco e a passagem a bronze à Fundação de Fernando Lagô, do Porto. É constituído por um conjunto de três figuras, a mais alta das quais tem cerca de 2,5 metros de altura, assente sobre um bloco de granito de cerca de 90 cm, que foi oferecido pela Câmara Municipal de Seia. Toda a execução da obra se completou no curto espaço de dois meses, graças ao empenhamento dos artistas e empresas nas envolvidas. De assinalar, a propósito, a colaboração, também cívica, da Câmara Municipal de Lisboa.

(continua na pág. 4)

a Semana

Enquanto isto tudo é o que se sabe, o que se ouve, o que se sabe - o sr. Eanes baralhado e baralhando, o sr. Balsemão convidando e desconvitando na angústia metafísica do remediador, na continuidade dum precário presente em que a detapidação da herança faz recuar um futuro sem horizontes; e o 10 de Junho e as condecorações sem honra nem proveito, entre a banalidade do critério e a afronta das escolhas - tudo isto é assim mesmo nem mais, nem menos. E há a crise governamental, o sal este e entra aquela, numa rotina fatídica que as pessoas levam mais à guisa de curiosidade, de bisbilhotice caseira, de fatalidade, endémica, do que como sintoma de uma verdadeira e real crise política, moral, económica e social, que nos cobre dos pés à cabeça. E tudo se diluirá, tudo será adiado com a virada do Verão - tão quente e radioso neste cantinho batido pelo Sol, banhado pelo mar, alegremente envidado e permanentemente confiado na sorte grande ou no tobozão.

P. D.

CONFLITO NA CP

Emissário de Eanes dificulta solução

Segundo «Tempo» conseguiu apurar junto de fontes totalmente autorizadas, a Presidência da República, por intermédio do major Fonseca de Almeida, assessor do general Ramalho Eanes para as questões de Trabalho, Interferiu activamente no conflito actualmente em curso entre o Sindicato dos Maquinistas e o Conselho de Gestão da CP. Com efeito, após uma reunião informal com o ministro de Estado, na passada segunda-feira, uma delegação do sindicato grevista chegou praticamente a acordo com o dr. Basílio Horta para uma suspensão da greve por 48 horas, a fim de permitir a constituição de uma comissão negociadora em que estivessem presentes os secretários de Estado do Trabalho e do Emprego, representantes do Conselho

(continua na pág. 12)

Alberto João Jardim em "Antena-1"/"Tempo"

Lucas Pires próximo convidado

«O PC é a adversidade» - declarou o dr. Alberto João Jardim, presidente do Governo Regional da Madeira, ao ser entrevistado na última emissão do Programa «Antena 1-Tempo», transmitido em directo dos estúdios da RDP do Funchal.

Entretanto o convidado da próxima emissão de «Antena 1-Tempo» será o dr. Lucas Pires, pelo que os leitores do «Tempo» poderão ouvir, a partir de hoje e até segunda-feira, dia 8, as suas questões para a nossa Redacção, na Rua Ruben A. Lellido, 4-1.º

ALGARVE LU



Vila Senhora da Rocha

Apartamentos e moradias sobre o mar

MELHOR investimento

R. Leão Coelho, 12 - 4.º - 1100 Lisboa - Telef. 351 20 70
Porto - Telef. 88 50 02

Para mais informações: Nome: _____ Morada: _____ Telef: _____

Imagem 12. Semanário Tempo de 04/05/81.

Conselheiros da Revolução contra lei dos sectores

Quatro conselheiros da Revolução já se manifestaram claramente contra a lei dos sectores público e privado que foi aprovada na Assembleia da República e vai baixar à Comissão Constitucional e ao Conselho da Revolução. A lei é indispensável a um desenvolvimento rápido da economia nacional pois permitirá a instalação de bancos estrangeiros no nosso País os quais constituem um motor decisivo no desenvolvimento das exportações e outros negócios.

Os conselheiros que se manifestaram publicamente contra a lei foram o general Franco Charais, o major Sousa e Castro, o comandante Martins Guerreiro e o general Pezarat Correla, os quais concederam entrevistas sobre o assunto ao semanário «O Ponto» considerado próximo das posições realistas e de esquerda.

As entrevistas são as seguintes:

FRANCO CHARAIS: «ESTOU FARTO DE SER ENVOJALHADO»

O general Franco Charais, um dos conselheiros da Revolução suscitado por «O Ponto», mostrou-se inclinado a votar pela inconstitucionalidade desta lei.

Com efeito, Franco Charais adiantou-nos que os deputados têm em mãos o poder de reverter a Constituição, podendo fazê-lo quando entenderem, pois não há qualquer limitação temporal.

«Ora, esta lei — dizia o nosso interlocutor — vai alterar, por completo o aparelho económico português, a ponto de o poder desconstituir, que, aprovada a lei, a maioria não poderá não estar muito interessada

em proceder, de imediato, à revisão constitucional. E que, se a lei for publicada, poder-se-á desenvolver acções que conduzam a uma completa transformação da nossa economia podendo a maioria ficar tranquilamente à espera que se consigam os dois terços necessários à revisão.

«Essencialmente estou muito interessado em fazer embora do Conselho, em ver transferidos os poderes do órgão a que pertencem para outro órgão. Estou farto de ser envolvido, até por coisas que não faço, e só com a revisão constitucional é que estarão criadas condições para a extinção do Conselho.

«Politicamente, parece-me que prestarei um bom serviço se votar pela inconstitucionalidade da lei e obrigar os deputados a iniciarem a revisão constitucional.

«Parece-me, porém, que não vou prestar um bom serviço se votar pela inconstitucionalidade da lei de delimitação de sectores, independentemente dos condicionalismos políticos que antes referi.

«Para todos os efeitos, o Estado vai alienar a sua capacidade de criar riqueza. E uma resposta difícil: até aqui o Governo afirmava que a nossa entrada na CEE dependia, em grande parte, da aprovação dessa lei; mas, agora, repare no que se passa em França e que me leva a concluir que a argumentação governamental caiu pela base...»

SOUSA E CASTRO: «OS CAPATAZES DOS ANTIGOS SENHORES»

Para o major Sousa e Castro, esta lei constitui uma revisão antecipada

da Constituição e, nesse sentido — disse a «O Ponto» — «é inconstitucional».

«Os capitalistas dos antigos sectores detentores do poder económico e político da cordelista monopolista — disse-nos Sousa e Castro — conseguiram finalmente, através da AD (provavelmente, através de uma parte da AD), fazer prevalecer os seus objetivos restauracionistas. E, ao contrário do que a proposta do Governo tenta fazer crer, há que esclarecer outros pontos: o ordenamento do sistema económico português no seu estado actual, não coincide, minimamente, com a hipotética (e cada vez mais problemática) adesão de Portugal à CEE — a tendência dos países democráticos (sobretudo os do capitalismo avançado) é para a formação de um sector económico, que possibilite, com um mínimo de eficiência, o planeamento económico e a disciplina dos agentes e factores macroeconómicos, única forma viável de defender a iniciativa privada sem a lançar na exploração monopolista. Neste aspecto, o programa económico de Mitterrand é paradigmático.»

E Sousa e Castro diria ainda:

«Até hoje, a comunicação social estatizada, RTP, RDP — grande parte dos jornais de grande circulação, porque ao serviço inequívoco das forças restauracionistas, não tiveram coragem, nem terço, de elucidar devidamente o povo português acerca desta problemática através de um debate pluralista onde, inclusive, interveniram membros do Conselho da Revolução.

MARTINS GUERREIRO: RAZÕES POLÍTICAS

O comandante Martins Guerreiro afirmou-nos não conhecer, do texto legal mais do que a imprensa publicou sobre o debate suscitado no Parlamento, o que considerou insatisficiente para formar uma opinião, até porque, como nos disse, a comissão parlamentar pode alterar-lhe substancialmente.

Interrogado sobre o que pensava do facto da maioria ter apresentado a referida lei, declarou-nos:

«Quanto a mim, a lei foi apresentada por razões de natureza política, por mais que se avance com o interesse económico desta lei.»

PEZARAT CORREIA: «NOVO MOTIVO DE CONFRONTAÇÃO»

«Não conheço o texto da lei, mas creio ser igual à anterior, já recusada

por alegada inconstitucionalidade» — começou por nos referir o general Pezarat Correla que adiantou a sua opinião sobre a lei de delimitação dos sectores:

«Sim me pronunciar sobre o conteúdo da lei, em termos materiais, limto-me a comentar politicamente aquilo que interpreto como um acto político da maioria, a aprovação desta lei, neste momento. Tal facto dá toda a imagem de se pretender lançar novo motivo de confrontação com o Conselho da Revolução, o que eu posso interpretar como manobra de diversão para os problemas internos da maioria, criando focos de tensão no seu exterior.

«É que, partindo do pressuposto que esta lei é igual à anterior, recorro ao Conselho já declarado inconstitucional; estamos em viés de revisão constitucional e, por isso eu pergunto por que não se aguarda

pelo novo quadro constitucional para à luz dos novos preceitos se procurar produzir a legislação julgada conveniente? Será que se pretende, utilizando a maioria simples da Assembleia da República fazer a revisão de facto da actual Constituição porque se sabe que para a revisão formal são necessários dois terços dos deputados?»

«Acreditarei ainda que quando da apresentação no C.R. da outra lei, vigararam e fizeram vandoimento os argumentos que ficaram em minoria na Comissão Constitucional. Só se poderia dizer que o C.R. tinha tomado uma posição política — como sempre se afirma da parte da maioria — e a sua decisão não fosse contrária aos argumentos jurídicos que tivessem prevalecido. Só assim se poderia falar em decisão política que seria legítima, mas não foi o que aconteceu.»

Monumento ao Emigrante

(Continuação da pág. 3) que, desde a cedência do terreno até aos arranjos nele requeridos, demonstrou uma capacidade de resposta e de ultrapassagem das burocracias verdadeiramente ímpares.

O custo do monumento, incluindo a modelagem em barro e gesso e a fundição em bronze, foi de 1500 contos. «Tempo» possui lote a documentação comprovativa dos pagamentos já efectuados, prevenindo-se que outros se lhes venham juntar, com despesas finais, para uma placa a afixar no granito com os nomes dos seus principais contribuintes, para a organização da com-

mónia de inauguração, incluindo pontamento, etc. Oportunamente, tornaremos pública toda a contabilidade desta realização e a eventual aplicação dada a alguns milhares de escudos que previmos que se verificaram como saldo positivo.

Desta esta previsão, aliás, já durante a semana que decorreu tivemos de recusar algumas ofertas de donativos que ainda nos chegavam. Não recebemos de facto, mais nenhuma contribuição além daquelas que hoje registamos e entre as quais já se contam os 100 contos que o Governo Regional da Madeira ainda oferece.

Mo, conforme atrás referimos. Mas registamos, com agrado, a intenção do CT da TAP.

A LISTA FINAL DOS DONATIVOS RECEBIDOS «Tempo»

Repetimos, pela última vez, a lista dos donativos recebidos para a concretização desta iniciativa do «Tempo»:

Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas — 100 contos; Governo Regional da Madeira — 100 contos; Banco Nacional Ultramarino — 100 contos; Banco Franco-Português — 100 contos; Banco Português de Atlântico — 100 contos; Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa — 100 contos; Banco Pinto e Sotto Mayor — 75 contos; Banco Borges & Irmão — 30 contos; União de Bancos Portugueses — 50 contos; Companhia de Seguros Império — 50 contos; Companhia de Seguros Tranquilidade — 50 contos; Varig-Linhas Aéreas Brasileiras — 50 contos; Organizações Hotelarias Fernando Brandão — 50 contos; Aframa — 60 contos; Grafisport — «Tempo Internacional» — 50 contos; Júlio Barros Evangelista-A. Severina — 50 contos; comandante dr. Joaquim Morais Alves-Acceleração Promotora de Instrução dos Maceanenses — 50 contos; Clube Instrutivo Social Português-NA, Califórnia — 50 contos.

A estes 18 ofertantes juntaremos, na próxima semana, a lista do menu-mo, a Câmara Municipal de Lisboa, pelo terreno, base de cimento e trabalhos de colocação da obra, e a Câmara Municipal de São, pelo bloco de granito de 7 toneladas, que ofereceu.

Outros donativos recebidos: Família Palma (Canadá) — 4 825\$00; deputado Nandim de Carvalho (Lisboa) — 4 000\$00; Américo Madeira (RFA) — 3 000\$00; Júlio Jorge da Costa, (Luxemburgo) — 2 325\$00; Américo Aguiar Rodrigues (Canadá) — 1 050\$00; Firmo Fernandes (RFA) — 1 000\$00; Arménio Alves da Silva (RFA) — 558\$00; Baltazar Fernandes (RFA) — 558\$00; Fausto Antunes Cardiga (RFA) — 558\$00; Abel Cardiga Mateus (RFA) — 558\$00; António Panóias (RFA) — 558\$00; Domingos Crespo Pereira (RFA) — 525\$00; José Filizario Gonçalves (Lisboa) — 60\$00.

TOTAL RECEBIDO: 1 254 000\$00

CT DA TAP CONTRA CA

Entretanto, recebamos da comissão de trabalhadores da TAP cópia do seu comunicado de 28 de Maio passado, no qual se critica o conselho de Gestão, por não ter contribuído para este monumento ao Emigrante. Passamos a transcrever, na íntegra, essa posição da comissão de trabalhadores da TAP.

«Além da entidade promotora da iniciativa, foi a TAP convidada a participar na homenagem a todos aqueles que labutaram no estrangeiro e que se pretende este monumento venha a constituir.

Pela mesma entidade foi assegurado que todas as empresas que contribuísem com a importância de 50 contos, lhes seria feita menção através de inscrição na base do mesmo monumento.

Reitera-se a proposta que já grande número de entidades benéficas e a Varig garantiram a sua presença, estando em vias de o fazer a Viesla e a Air France.

Curiosamente, e demonstrando a 'largueza de visão' o gestor da Área Comercial, decidiu não participar na iniciativa.

Para bom entender não basta, e, ou o gestor da Área Comercial não entende a extensão da sua decisão, ou teremos de admitir que desconhece o peso real dos emigrantes na componente do tráfego que viaja nas nossas linhas.

A CT, a não ser renogada de imediato tal decisão aberrante, abrirá uma subscrição pelos trabalhadores, denunciando publicamente o facto referido.»

Lamentamos, todavia, já não podemos receber mais qualquer dona-

Palácio da Brejoeira

Alvarinho

A tradição centenária do Palácio da Brejoeira junta-se uma viticultura em moldes modernos, a excelência da Casta Alvarinho e uma tecnologia de ponta.

Vinalda

ALMOÇO BUFFET no Hotel Estoril-Sol

Aproveite o seu passeio de domingo à Costa do Estoril, e vália delectar-se com o Almoço Buffet do Hotel Estoril-Sol, servido no Restaurante Panorâmico, das 12 às 15 horas. Sobretudo a verdadeira arte da culinária! Coma quanto desejar, por apenas 6\$0500, vinhos e café incluído. As crianças até aos 12 anos, têm 50% de desconto. Recomendamos reserva de mesa! Tel.: 28 38 31 Cascais

Calçado para desporto e recreio

Aigle agente oficial

VATE comércio importação e exportação, ld.º

Rue dos Sapateiros, 159-1.º
1100 Lisboa - Portugal
Telex 13441 ACL CC ATT: VATE
Telex 32 37 22
Telex -Battersea-

Antonius cabeleireiro

AGORA NA MODA FEMININA

Imagem 13. Semanário Tempo de 04/06/81.

Director: Nuno Rocha
Chefe de Redacção: Pedro Dias
Semanário Liberal e Independente
Fundado em 29 de Maio de 1975
Ano VII - Número 318
Publicado às 5 h da tarde
Lisboa, 10 de Junho de 1981

Preço 20\$00
Madeira, Açores e Macau 27\$50
França 3.50 FF / Alemanha 1.70 DM / Bélgica 25.00 FB
Brasil CR\$65 / Luxemburgo 22.00 FB / Holanda 3 FL
Inglaterra 30 P / Suíça 1.40 FS / Suécia SRK 5.00
Espanha 60 Pts / E.U.A. 0.90 \$US / Canadá 1 Dólar
Rep. África do Sul 80 Cts. / Venezuela 4.5 BD
Zaire 6.5 Zaires

Tempo

Editorial

Há sintomas que nos inquietam quanto ao estado de saúde da sociedade portuguesa. Para além dos erros que, em conjunto, continuamos a cometer, não encontramos para o País a soma dos projectos que interessam ao seu desenvolvimento e ao seu progresso, há manifestações pontuais que não podem deixar de nos encher o horizonte de preocupação. O que se tem passado no Congresso das Comunidades Portuguesas revela uma face preocupante da nossa Democracia. Se é certo que se deve lamentar a ausência do Presidente da República na sessão inaugural, ausência enunciada por telefone meia hora antes do seu início, não é menos lamentável o comportamento de algumas das pessoas que se encontravam na sala do Hotel Penha. O Presidente da República pode contestar-se - ninguém o terá criticado mais do que o «Tempo» - mas não pode hostilizar-se de forma pública. Num País saudável sob o ponto de vista político e social, nunca uma sessão inaugural de um congresso teria decorrido como aquela e que assistimos. Foi com uma profunda tristeza que olhámos o espectáculo que, inesperadamente, se nos deparou. O conselho da Revolução, sr. Vitor Alves - ninguém o terá criticado mais do que não o Conselho da Revolução e a sua existência - viu-se alvo de Improperios Indignos de um País civilizado. A sessão destinava-se a assinalar a inauguração do congresso e não era uma sessão pedida onde cada um pudesse pedir o uso da palavra. Porque a certa altura passámos a fazer parte de comissão organizadora - o «Tempo» está muito ligado aos emigrantes portugueses como se sabe, especialmente através da sua Edição Internacional que é a de maior difusão de toda a imprensa política portuguesa - tivemos ocasião de detectar bem cedo o estado de nervosismo - e de má fé - em que se move a classe política portuguesa, o que teve repercussão proclamação na referida sessão inaugural e em sessões de trabalho subsequentes.

Nas sessões de reuniões sentaram-se a princípio os representantes da Interindical. Muito cedo se notou que a sua preocupação não era a de colaborar para que o Congresso se realizasse mas, sim, para que este se não fizesse. O sr. Álvaro Rana, que conhecemos na altura, parecia uma pessoa cordata mas o seu objetivo foi definido bem cedo. De resto, o PCP encarregou-se, através de uma cédula circular, de desvirtuar a sua lastimável ligação com a Interindical. O deputado do Partido Socialista, sr. João Lima, sem ter alinhado frontalmente com o PCP - manteve-se na Comissão Organizadora até ao fim o que não sucedeu com os representantes da Interindical que se abandonaram - não deixou de revelar a mesma tendência. O que estava em causa para a Interindical era dinamitar o Congresso, fazê-lo explodir. Os organizadores principais, à custa de uma peroratória que merece os melhores elogios, proferiram o seu trabalho e o Congresso realizou-se. Mas as sementes da discordância, lançadas a partir da acção da Interindical - aqui e ali apoladas pelo deputado

(continua na pag. 2)

Duro ataque de Eanes a Freitas do Amaral

Em resposta a uma questão que o «Tempo» colocou à Presidência da República sobre se aquele órgão de soberania tinha algum comentário a fazer à segunda crítica formulada pelo prof. Diogo Freitas do Amaral, presidente do CDS, quanto ao «dossier» de Timor (recorda-se que Freitas do Amaral acusou na Venezuela o Presidente da República de manter em segredo o relatório sobre os

acontecimentos ali ocorridos após o 25 de Abril), recebemos uma resposta que constitui um duro ataque ao dr. Freitas do Amaral. A resposta é a seguinte: «1. O Presidente da República ordenou a organização do «dossier» de Timor, enquanto Chefe do Estado e Chefe do Estado-Maior-geral das Forças Armadas. Dada a perturbação do período histórico em que os

acontecimentos de Timor se inseriram e a falta de distanciamento no tempo do momento em que ocorreram, o Presidente da República classificou esse «dossier» de secreto, pondo-o à disposição do Governo em 23 de Junho de 1980 e vindo a facultá-lo logo que o Executivo o solicitou. 2. Entende o Presidente da República

(Continua na pag. 4)

Entrevistas com ministro Luís Barbosa
Pág. 12
e Lopes Cardoso
Pág. 16
Uma carta de Isabel Sá Carneiro
Pág. 16

O PSD e a situação política

- Eurico de Melo critica incompetências
- Balsemão pede reforço da AD
- E só passaram seis meses... (crónica de Dinah Alhandra)

Págs. 6, 7, 8 e 9

«Tempo» analisa Congresso das Comunidades

Pág. 10

AS ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS

AD deverá concorrer unida

Num artigo hoje publicado no semanário social-democrata «Povo Livre», o Presidente do PSD e Primeiro-Ministro, Francisco Pinto Balsemão, defende claramente a constituição de listas conjuntas da Aliança Democrática para as eleições autárquicas do próximo ano. Esta posição decorre da vontade política do líder do PSD em, finalmente, dar seguimento ao Ponto 9 da Plataforma Constituinte da Aliança Democrática. «Tal

(Continua na pag. 4)

João Salgueiro em «Antena 1/«Tempo»

Lucas Pires próximo convidado

«A realidade é que todos os dias os desafios aumentam para a Banca, mesmo sem a adesão ao Mercado Comum Europeu» - afirmou o dr. João Salgueiro, presidente do Instituto de Investimentos Estrangeiros, aos microfones da RDP. Decorría

mais uma emissão do programa «Antena 1-Tempo», esta semana excepcionalmente à segunda-feira. Entretanto, o dr. Lucas Pires será o convidado da emissão da próxima semana, que irá para o ar, como habitualmente, à terça-feira.

a Semana

A democracia é como o vento: ninguém a vê mas todos a sentem. Como os métodos de portugueses que se têm visto privados de comboios, paciente maioria silenciosa de espasmos e sacrifícios, vítimas da greve dos srs. marinheiros, ferrenhos democratas que muito devem estar gratos à democracia, mas magnânima, pois em regimes comunistas ou fascistas não gravavam coisa nenhuma. E é ainda a democracia que permite a um Presidente dizer que vai e não ir, para «não fazer papel de embaixador», bem como conteminar a dignidade presidencial com a duplicidade de atribuição de competências, na indefinição de se o Presidente presta ou governa, e na confusão de se o Governo governa ou preside. E os emigrantes que vão enviando as remessas em moeda forte, que o ouvido anda a caldos de galinha. Este congresso, afinal, é bem o espelho de toda a indefinição política em que estamos atolados, com os poderes parciais, perpendiculares, oblíquos e conseqüenciais. Como o vento - ninguém a vê e todos a sentem. Uns no suor do rosto, outros nas farras digestivas. P.D.

HOJE AS 10 HORAS

Inauguração do Monumento ao Emigrante



É hoje solenemente inaugurado, em cerimónia com início às 10 horas, defronte da Estação de Santa Apolónia, em Lisboa, o Monumento ao Emigrante erigido por iniciativa do «Tempo», com a contribuição de organismos oficiais, bancos, outras empresas e leitores do nosso jornal, que é o órgão da Informação escrita de maior expansão entre os comunistas portugueses. Para o acto foram convidados membros do Governo, deputados pela emigração, uma delegação do Congresso das Comunidades, o corpo diplomático credenciado em Lisboa e outras entidades da vida pública nacional. Usarão da palavra, precedidos pelo nosso director, Nuno Rocha, o secretário-geral do Congresso das Comunidades, António Cabecinha, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, eng. Nuno Abecassis, e a secretária de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas, dr.ª Manuela Aguiar. O Monumento será, depois, descoberto, por um emigrante componente da delegação do Congresso das Comunidades. Na próxima edição, publicaremos reportagem do acontecimento.

Imagem 14. Semanário Tempo de 10/06/81.

MANUELA AGUIAR NA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AO EMIGRANTE

"Ideia e iniciativa felizes do jornal "Tempo"

"Vimos a este largo de Lisboa, que tantas despedidas e reencontros de amigos e parentes tem visto, para participar na cerimónia da Inauguração do Monumento ao Emigrante. É bem de um reencontro que se trata. Ideia e iniciativa felizes do jornal "Tempo", que, desde o seu início, soube e quis ser um órgão de informação não apenas para os que ficámos em Portugal, mas também e de modo muito especial, dando voz às suas aspirações e anseios, para os que partiram a ganhar em terra estranha o pão de cada dia. Ideia e iniciativa tão prontamente adoptadas por instituições e cidadãos comuns e tão rapidamente posta em execução, que essa mesma rapidez é mais um índice de que a sociedade portuguesa começa a reencontrar-se com essa dimensão extraterritorial de que ao nível colectivo, ao nível da política e da acção global, tanto se tem esquecido: a dimensão que lhe é conferida pelo simples facto de mais de três milhões e quinhentos mil portugueses viverem e trabalharem em países estrangeiros, mas sem por isso abdicarem, seja no que for, da sua condição de portugueses, que, não tenhamos qualquer dúvida, o querem ser e o quererão ser sempre verdadeiramente de parte inteira" — afirmou a secretária de Estado dra. Manuela Aguiar, na cerimónia de inauguração do Monumento ao Emigrante constituído por iniciativa do nosso jornal, cerimónia que decorreu na manhã do passado dia 10 de Junho, Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas.

Na presença de muito Povo, entre o qual alguns emigrantes actual-



ram ao largo fronteiro à Estação de Santa Apolónia, participaram na cerimónia ou fizeram-se representar diversos embaixadores, entre os

quais os do Brasil, Suíça, Venezuela e França, os deputados pela Emigração Nândim de Carvalho e José Gama, respectivamente do PSD e do CDS, tal como o deputado mandrúquico João Camossa e o deputado do CDS e vereador da Câmara Municipal de Lisboa, Gomes Pinho. Presenzia também o presidente da Câmara Municipal de Seia, Jorge Correia, de quem partiu a iniciativa de oferecer o pedestal de granito sobre o qual assenta a configuração em bronze.

NUNO ROCHA: O MONUMENTO PASSA A SER PATRIMÓNIO NACIONAL

Precedendo as entidades envolvidas no uso da palavra, o director do "Tempo" proferiu um discurso, de que transcrevemos os seguintes trechos mais significativos: (...) "Director do "Tempo", em 1975, logo pensei que os emigrantes tinham direito a receber uma informação que os mantivesse a par da vida do País. Criámos, assim, a nossa Edição Internacional, hoje a mais importante dos jornais políticos portugueses que se vendem no estrangeiro. Este Monumento tem, portanto, uma raiz. Esta ligação ao destino dos emigrantes que encontrámos em Chamigny e que vi, depois, em Toronto, em Newark, na Califórnia, em Hamburgo, na Venezuela, em Joanesburgo ou na longínqua Austrália. A universalidade portuguesa é o que este Monumento quer significar. De uma ideia nasceu uma obra que enriquece o património artístico português e que onobroce a Pátria. Nenhum sentimento é mais digno de figurar na vida de um homem ou na História de uma Pátria do que o sentimento da gratidão. Este monumento é, por isso, uma prova da nossa gratidão perante milhões de compatriotas nossos que, desta estação de caminho de ferro, e de outras, de portos e aeroportos, têm partido ao encontro da sobrevivência e, também, da honra e da dignidade. Por esse mundo fora, nunca encontrarei um português detido ou detestado por malfetor. Sempre os vi dedicados ao seu trabalho, fiéis ao seu País, respeitados e estimados pelos outros povos. A força que emana destas figuras de bronze é a força que marca o grande destino a grande vitória de um pequeno Povo que realmente não tem fronteiras."

EMIGRANTES NA CERIMÓNIA

Entre os diversos emigrantes que se deslocaram ao local para participar nesta cerimónia de inauguração, destaca especial para os dois membros da delegação do Congresso das Comunidades Especialmente Convidados, Angelino Aguilheiro (há 31 anos na Venezuela) e Carlos Nuno Amaro (há 12 anos na África do Sul), aos quais foi dado descobrir o Monumento, após os discursos, retirando-lhe a Bandeira Nacional que o envolvia.

NÃO ACEITAMOS MAIS DONATIVOS

Tendo chegado ao nosso conhecimento, por comunicação da Comissão de Trabalhadores da TAP, que decorre nesta empresa uma colecta entre os trabalhadores, para constituir donativo ainda destinado ao Monumento ao Emigrante, cumpre-nos repetir a nossa informação de há duas semanas de que já então tinhamos ultrapassado a verba necessária para custear a obra, pelo que não receberemos mais quaisquer contribuições.

Apenas contabilizámos, ainda, dois donativos que nos chegaram posteriormente pelo correio, mas com data de envio anterior a essa nossa informação, da parte de um emigrante da RFA, o sr. Machado e Nelson (528800), e da parte do "Rotaract Clube de Lisboa Norte" (120050).

A soma total e final das contribuições recebidas fica, pois, em 1 295 398\$00. Por sua vez, o custo da execução da obra, em barro, gesso e bronze totalizou os 1 200 contos. Os 95 398\$00 de saldo destinam-se a custear despesas complementares, incluindo a chapa gravada no pedestal com a referência aos principais contribuintes, os convites e honorários de policimento.

Oportunamente, divulgaremos essa contabilidade e o destino dado a alguns verbas que eventualmente ainda sobreje.

NUNO ABECASIS: "NESTA PRAÇA DA NOVA DESCOBERTA"

Usou em seguida da palavra António Cabecinha, secretário-geral do Congresso das Comunidades que em nome do respectivo presidente, prof.

Rosado Fernandes, elogiou esta iniciativa do "Tempo" e a acção em geral que o nosso jornal tem desenvolvido junto dos emigrantes portugueses, aproveitando, também, para salientar a justiça desta homenagem, que lhes é devida pelo País, quanto mais não fosse pela sua sempre reiterada vontade de participarem, cada vez mais activamente, na vida nacional.

Num outro improviso, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, eng. Nuno Abecasis, azeite, em nome da cidade, «este monumento que faltava em Lisboa», elogiando a iniciativa e os esforços que se congregaram para concretizá-lo. E diria, a certa altura: «Não é uma estatura qualquer. É uma estatura que se prende com a vida. Nesta praça da nova descoberta (referindo-se a Santa Apolónia), tal como outrora nos Jerónimos, se consagraram, agora, neste monumento, as novas partidas e chegadas que, em pleno século XX, repetiram as muitas tristezas e alegrias destes Povo que pelo Mundo se reparte».

EMIGRANTES NA CERIMÓNIA

Entre os diversos emigrantes que se deslocaram ao local para participar nesta cerimónia de inauguração, destaca especial para os dois membros da delegação do Congresso das Comunidades Especialmente Convidados, Angelino Aguilheiro (há 31 anos na Venezuela) e Carlos Nuno Amaro (há 12 anos na África do Sul), aos quais foi dado descobrir o Monumento, após os discursos, retirando-lhe a Bandeira Nacional que o envolvia.

NÃO ACEITAMOS MAIS DONATIVOS

Tendo chegado ao nosso conhecimento, por comunicação da Comissão de Trabalhadores da TAP, que decorre nesta empresa uma colecta entre os trabalhadores, para constituir donativo ainda destinado ao Monumento ao Emigrante, cumpre-nos repetir a nossa informação de há duas semanas de que já então tinhamos ultrapassado a verba necessária para custear a obra, pelo que não receberemos mais quaisquer contribuições.

Apenas contabilizámos, ainda, dois donativos que nos chegaram posteriormente pelo correio, mas com data de envio anterior a essa nossa informação, da parte de um emigrante da RFA, o sr. Machado e Nelson (528800), e da parte do "Rotaract Clube de Lisboa Norte" (120050).

A soma total e final das contribuições recebidas fica, pois, em 1 295 398\$00. Por sua vez, o custo da execução da obra, em barro, gesso e bronze totalizou os 1 200 contos. Os 95 398\$00 de saldo destinam-se a custear despesas complementares, incluindo a chapa gravada no pedestal com a referência aos principais contribuintes, os convites e honorários de policimento.

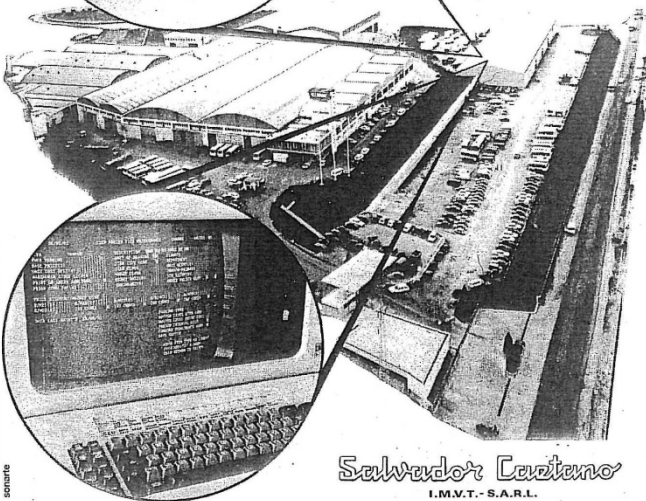
Oportunamente, divulgaremos essa contabilidade e o destino dado a alguns verbas que eventualmente ainda sobreje.

MAIS 5000 METROS QUADRADOS DE... PEÇAS!

Em 1980, SALVADOR CAETANO S.A.R.L. aumentou em 5.000 m² o seu armazém central de peças, nas instalações de Vila Nova de Gaia. Este armazém abastece de peças genuínas TOYOTA o Norte e o Centro do País e, também a Central de Lisboa que faz a cobertura de toda a região Sul.

Durante 1981 a Central de Vila Nova de Gaia será computadorizada prevenindo-se a médio prazo a instalação de Terminais na Central de Lisboa e nos Concessionários TOYOTA.

Esta Central trabalhará com 35.000 referências, garantindo uma maior eficácia no serviço de assistência aos possuidores de qualquer modelo TOYOTA.



Salvador Caetano
I.M.V.T. - S.A.R.L.

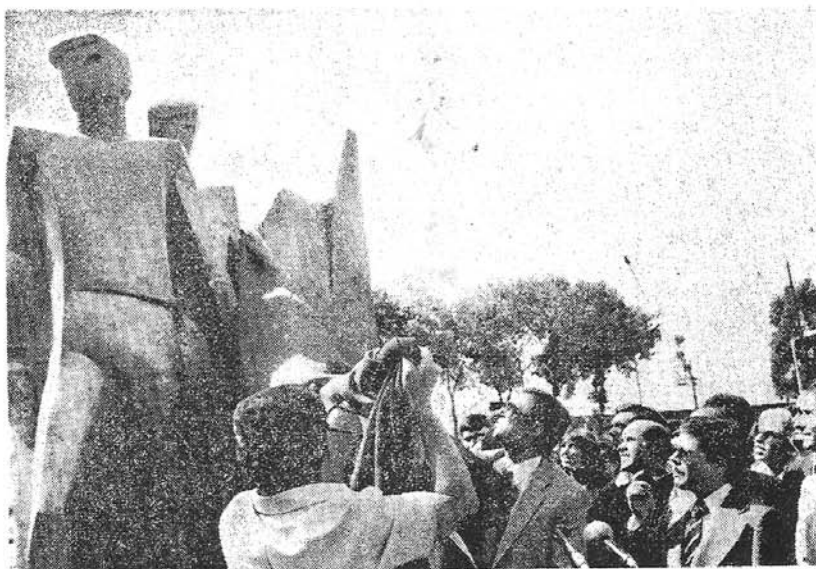
Num país a caminho da Europa somos já uma Empresa de dimensão europeia.

BARCOS

TIPO MARINA 380 (NOVOS)
PREÇO 95 C.

Telf. 221 4174 (manhã)
86 1365 (horas das refeições)

nacional



(Foto «DN» — Acácio Franco)

Monumento ao emigrante

Um monumento ao emigrante português, da autoria da escultora Dorita Castel-Branco, foi inaugurado em Lisboa, em frente à estação de Santa Apolónia. A cerimónia de inauguração do monumento, construído por iniciativa do semanário «Tempo», compareceram a secretária de Estado da Emigração, Manuela Aguiar, e o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Nuno Abecassis, entre outras individualidades. O presidente da edilidade lisboeta esteve igualmente numa cerimónia realizada junto da estátua de Luis de Camões, onde colocou uma coroa de flores

**Defende
AD do
protoc**

Em artigo publicado no «Tempo», Francisco Balsemão defende, tendo em conta as condições autárquicas, os três partidos da AD assinem, finalmente, o protocolo previsto para a Aliança Democrática, uma plataforma que representa mais um passo na consolidação».

Francisco Balsemão defende a nova intervenção do Conselho do PSD que se encontra, advoga a alteração do artigo, que defende que os democratas cabe um papel mental no centro da esquerda do espectro político, porque ele constitui um passo para os programas.

postos do caso dos rimónos e o caso semelhante.

SDI

diferença da natureza, por pelo a realização do estudo

em, este juramento ar-a necessa além o projecto proposta concretamente de validade a o regl-a nacional-estabelecimento de Ju- dos so-entes da Ci-

**nova
prazo**

um dos ro dos tem ex-embles. m a co- altera- s a Pra-ralidade ta-feira. idos na armados - depois, do para el global ei a ser a Repã- do PS ssão se de doze ta. seis vo- nto que nta dias do pela te por n autên-

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Assinado acordo de cooperação entre RDP e Rádio moçambicana

A Radiodifusão Portuguesa e a Rádio de Moçambique assinaram ontem em Lisboa um acordo de cooperação que prevê a troca de produções radiofónicas de carácter musical, literário, teatral e cultural.

«A assinatura deste acordo representa um passo importante na consolidação da amizade e cooperação entre os povos de Moçambique e de Portugal», declarou, a propósito, o director nacional da Informação de Moçambique, Leite de Vasconcelos.

O documento assinado está previsto no protocolo que vigora entre os dois Governos e que prevê futuros acordos, nomeada-

mente nas áreas do cinema e da televisão.

A televisão moçambicana, que trabalha ainda em regime experimental, está a ser apoiada por técnicos portugueses.

Leite de Vasconcelos salientou ainda a importância de tais acordos, uma vez que eles «possibilitam o aumento de afluxo noticioso entre os dois países, num quadro de respeito mútuo pelas diferenças ideológicas dos dois estados».

«Jornal de Notícias»: Greve em Lisboa

Os jornalistas da delegação de Lisboa do «Jornal de Notícias» entraram, a partir das zero horas

de ontem, em greve ao trabalho extraordinário até que a administração da empresa editora lhes dê garantias de pagamento dos atrasados.

Esta paralisação conta com o apoio do Sindicato dos Jornalistas, a qual chama a atenção para o facto de esta forma de luta «prejudicar de forma decisiva a qualidade da informação do quotidiano português de maior tiragem», pois os efectivos de que dispõe actualmente a redacção de Lisboa do «JN» não permitem (...) fazer uma cobertura noticiosa dos acontecimentos que ocorrem na capital sem recurso a trabalho extraordinário.



Leonildo Rosa, u

Congress

Passagem de e j

«E' necessário baixar as passagens aéreas para o Canadá, quer o charter, quer as tarifas regulares».

Imagem 17. Diário de Noticias de 11/06/81.

11/06/81 Diário Popular dia 7

POLÍTICA 7

BAISEMÃO NO ENCERRAMENTO DO CONGRESSO DAS COMUNIDADES

EMIGRANTES NÃO PODEM SER ENCARADOS SOMENTE COMO FONTE DE RECEITA

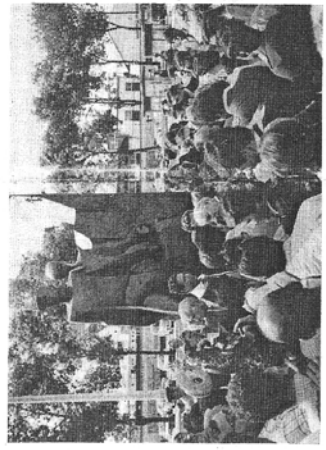
«Os emigrantes não podem continuar a ser encarados apenas como uma fonte de receita» — afirmou o primeiro-ministro no discurso de encerramento do Congresso das Comunidades. Portuguesas — acrescentando ainda que as conclusões do Congresso «não serão medidas pela traça da burocracia».

Pinto Balsemão falou perante uma sala com pouco mais de metade dos congressistas, pois o grupo «dissidente», que envolveu grande parte dos delegados europeus, elementos do Canadá, Venezuela, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde não compareceu. Balsemão não fez qualquer alusão à ausência do Presidente na sessão inaugural, mas referenciou iniciativas do Governo em relação aos emigrantes, nomeadamente do primeiro-ministro».

PUBLICIDADE

mente a Lei da Nacionalidade, a discutir nos próximos dias na AR, e o direito de voto nas presidenciais e o alargamento da representatividade das comunidades na Assembleia da República a considerar em alturas posteriores.

Na parte da manhã foram aprovadas as resoluções quanto à cultura e ensino da língua portuguesa, por 155 votos a favor, 10 abstenções, não estando presentes os ac-to 137 delegados. Estes emitiram um comunicado antes do final do congresso em que afirmaram ter este «sido conduzido autoritariamente por uma fracção partidária até aos limites do absurdo» e que «não estiveram na sessão final, como nas votações, sem que isso represente qualquer tomada de posição ou desrespeito à figura do primeiro-ministro».



Em frente à estação de Santa Apolónia foi ontem inaugurado o Monumento ao Emigrante, que foi construído por iniciativa do jornal «O Tempo» e passa a constituir consagração material e artística da gesta dos emigrantes portugueses. A concepção e execução do monumento é da escultora Dorita de Castel-Branco, tendo sido escolhido para local de implantação a estação de Santa Apolónia, por ser o ponto tradicional de mais significativa afluência de emigrantes na sua partida e chegada a Portugal, particularmente no grande êxodo do início da década de 60. No acto inaugural do monumento falaram a secretária de Estado da Emigração, dr.ª Manuela Aguiar e o presidente da Câmara de Lisboa, eng.ª Nuno Abecassis, entre outros.

NATO NÃO TERÁ BASES MILITARES NA MADEIRA

BRUXELAS — A NATO não irá instalar bases militares no arquipélago da Madeira — soube-se em círculos da Aliança em Bruxelas.

As conversações mantidas actualmente entre o Governo português e a NATO destinam-se — disseram as mesmas fontes — a estabelecer uma cooperação no aperfeiçoamento de instalações de transportes civis. O projecto inclui a ampliação do porto e do aeroporto de Porto Santo.

Observadores políticos em Bruxelas crêem, contudo, que os aliados poderiam utilizar a Madeira em caso de necessidade defensiva.

O tema revestiu-se de maior interesse desde que os ministros da Defesa da NATO decidiram, em 13 de Maio, formalizar consultas para concertar intervenções militares dos países membros fora da zona coberta pelo tratado de Washington. — (Anop)

OS DOIS CONGRESSOS DO PDC AMEAÇAS E QUEIXAS

Costa Moreira, membro do núcleo do Grupo de Lisboa do PDC, que decidiu aderir ao Grupo de Viseu, disse à Anop que foi ameaçado telefonicamente por Bastos de Almeida, ou por alguém que assim se identificou.

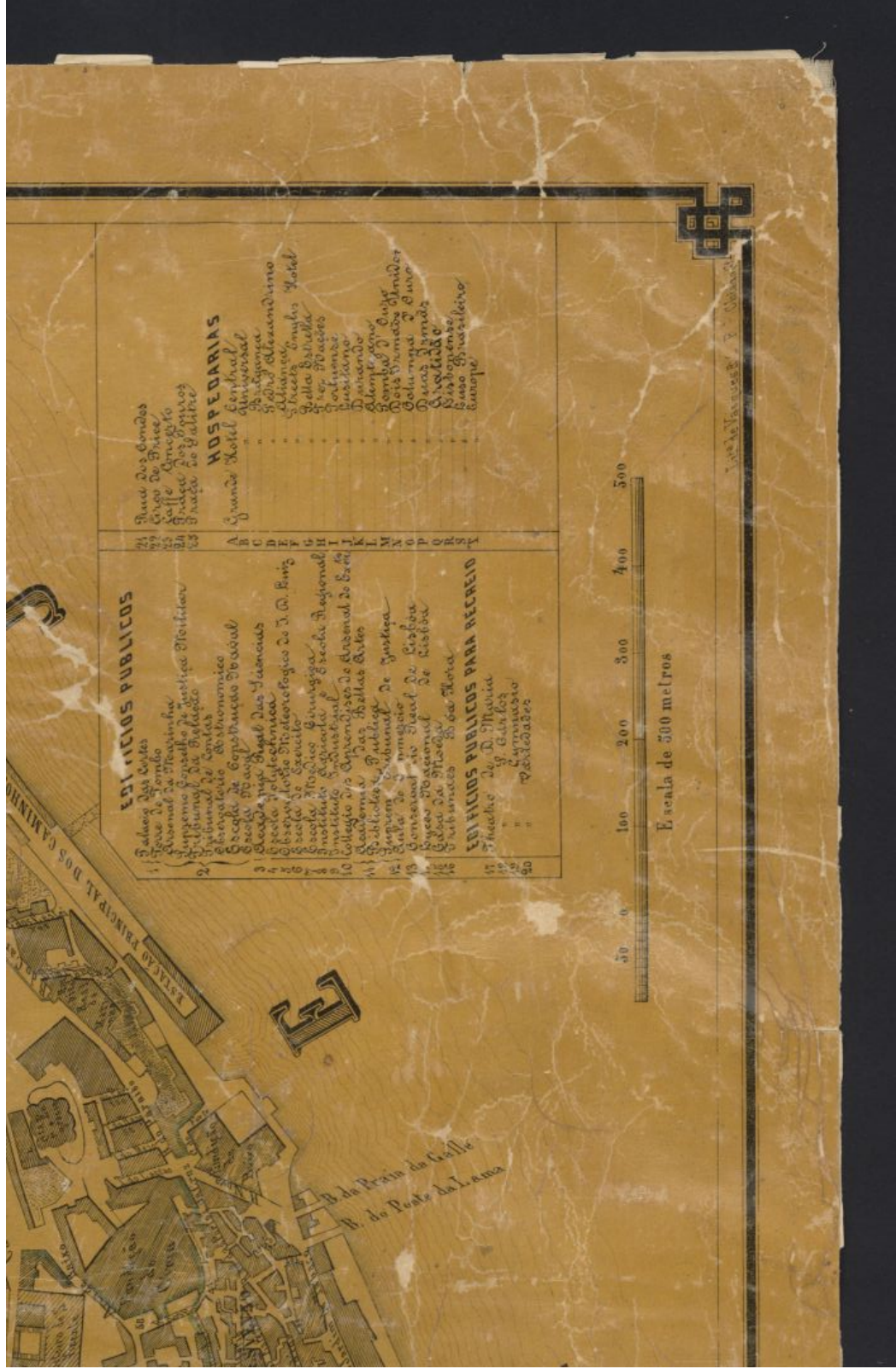
Costa Moreira pretende rectificar uma notícia divulgada pelo «Assalto», e em que lhe era atribuída a afirmação de que tinha sido julgado por Bastos de Almeida.

Costa Moreira disse também, depois de três meses, se filiou no PDC (Partido da Democracia Cristã), não foi informado da situação de litígio entre os dirigentes (e das consequências da situação sobre a legalidade destes) e julgava estar lidando com os dirigentes legítimos.

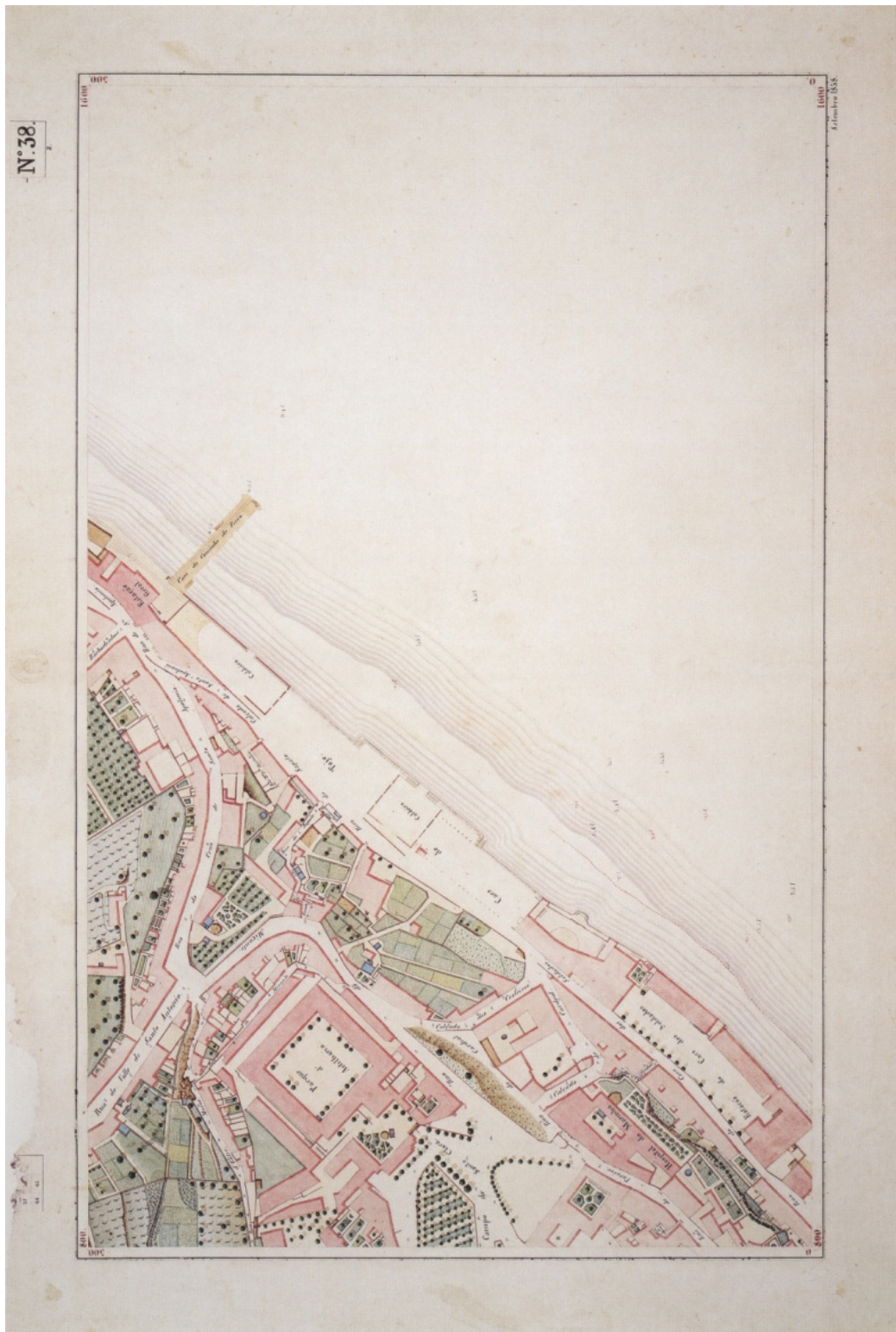
«É certo que isto admite uma hipótese de ludíbrio» — afirmou Costa Moreira para acrescentar, no entanto, que «acreditou na boafé das pessoas com quem tratou, as quais teriam acido no desconhecimento das respectivas disposições estatutárias».

MATERIAL CARTOGRÁFICO

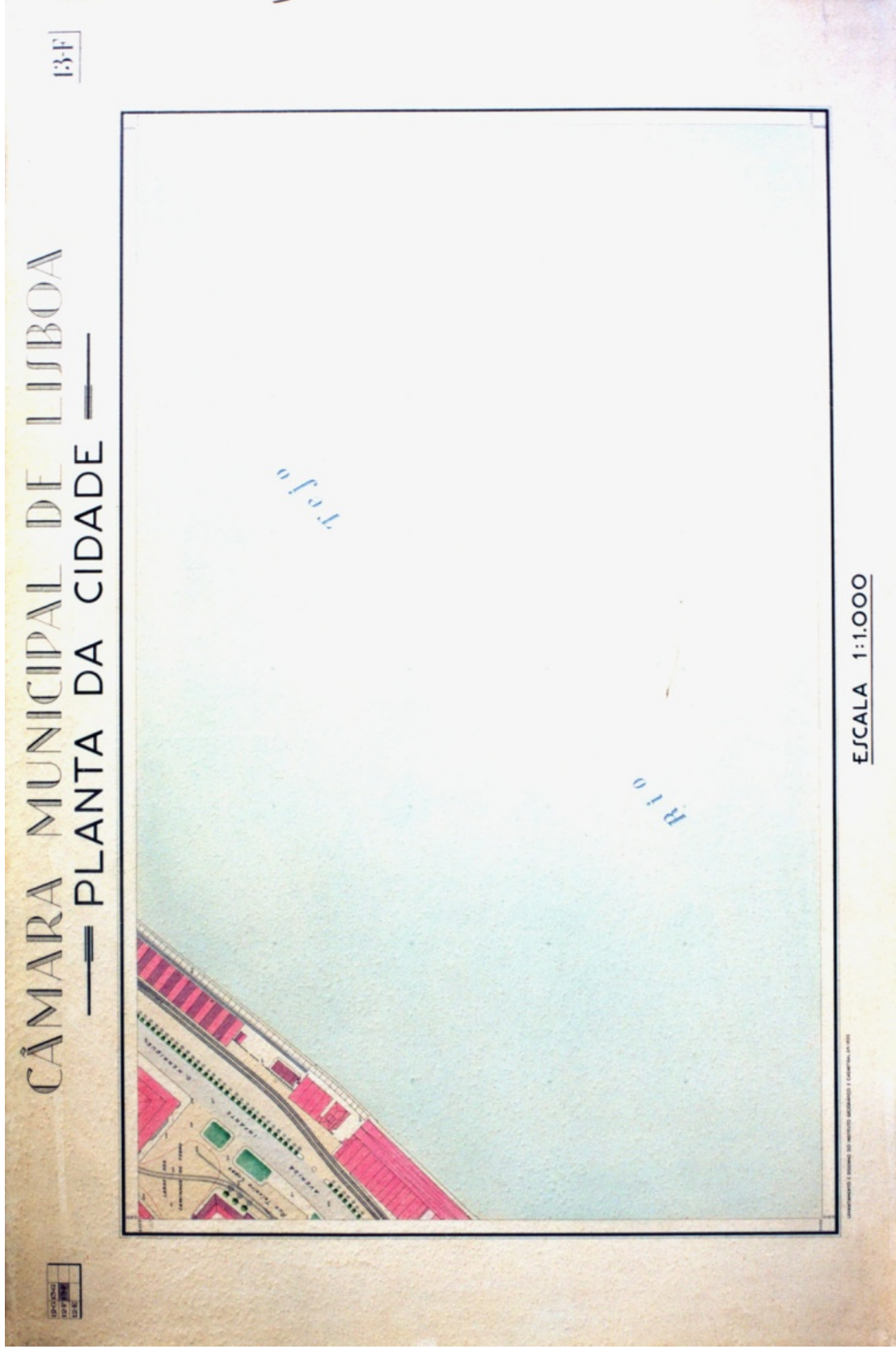
1. PLANTA. Geral da cidade de Lisboa.....cap. II, pág. 94
2. PLANTA. Geral da envolvente urbana geográfica do largo dos caminhos-de-ferrocap. II, 95
3. PLANTA actual do largo dos caminhos-de-ferro.....cap. II, 95
4. PLANTA. Imagem cartográfica. Zona de Santa Apolónia, anterior a 1856.....83
5. PLANTA. Imagem cartográfica. Zona de Santa Apolónia, em 1856.....84
6. IMAGEM CARTOGRÁFICA. Largo dos caminhos-de-ferro, entre 1904/08.....85
7. IMAGEM CARTOGRÁFICA. Largo dos caminhos-de-ferro, em 1950.....86
8. IMAGEM CARTOGRÁFICA. Largo dos caminhos-de-ferro, em 2004.....87
9. IMAGEM CARTOGRÁFICA. Largo dos caminhos-de-ferro, em 2004.....89
10. LEVANTAMENTO MÉTRICO. Largo dos caminhos-de-ferro.....90



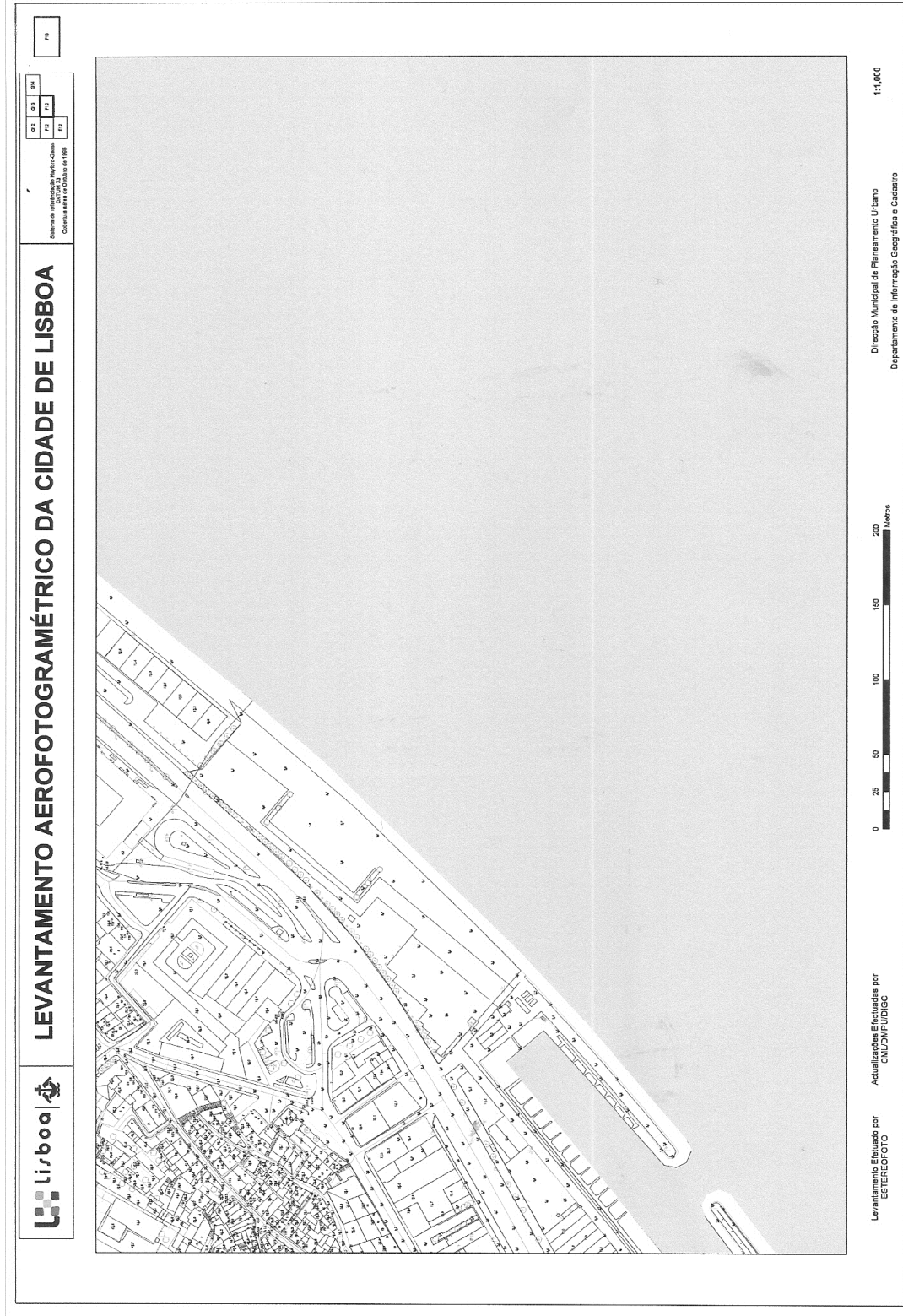
1- Imagem cartográfica. Zona de Santa Apolónia, anterior a 1856.



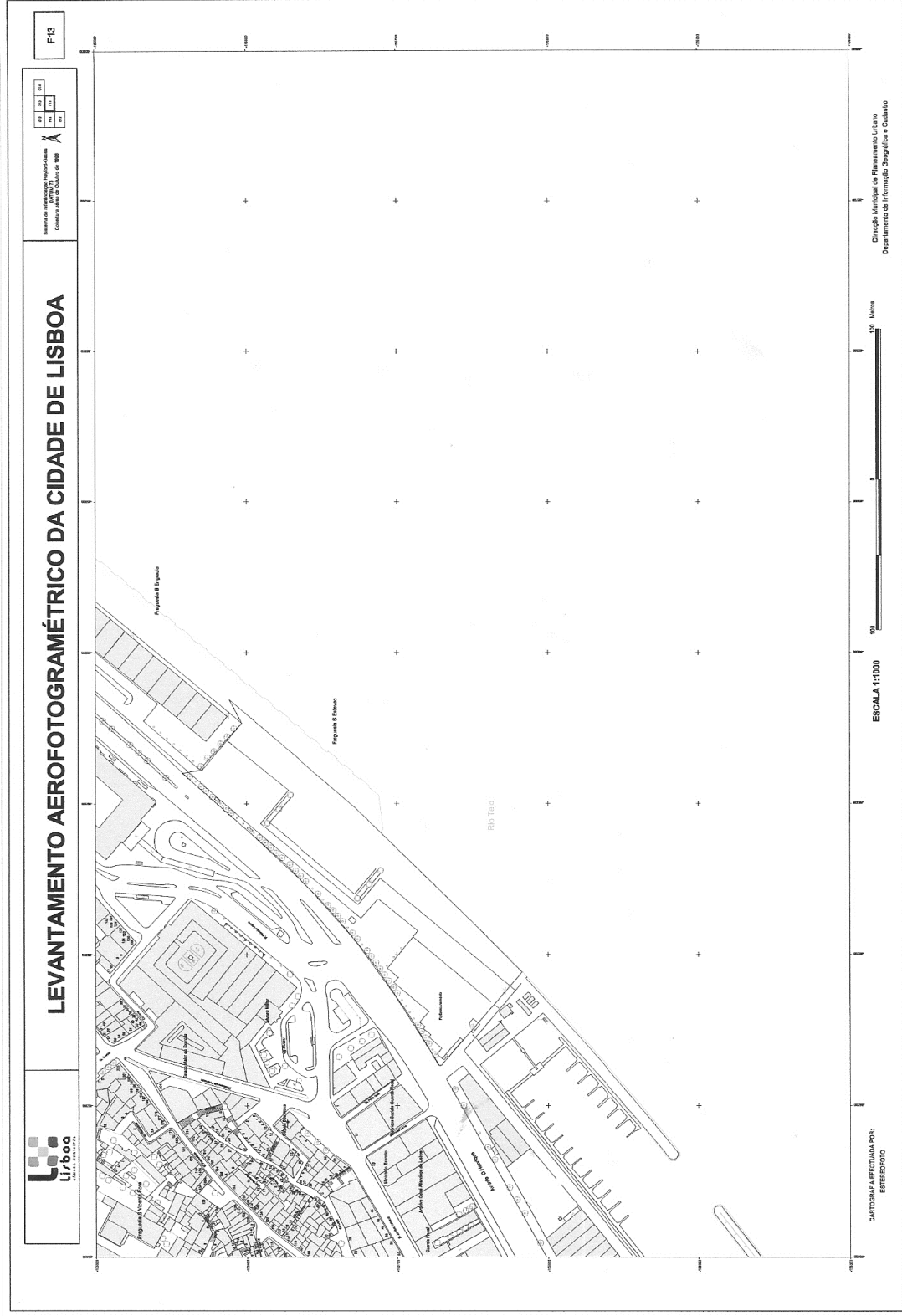
2- Imagem cartográfica. Zona de Santa Apolonia, 1856. Cartografo chefe: Eng. Filipe Folque.



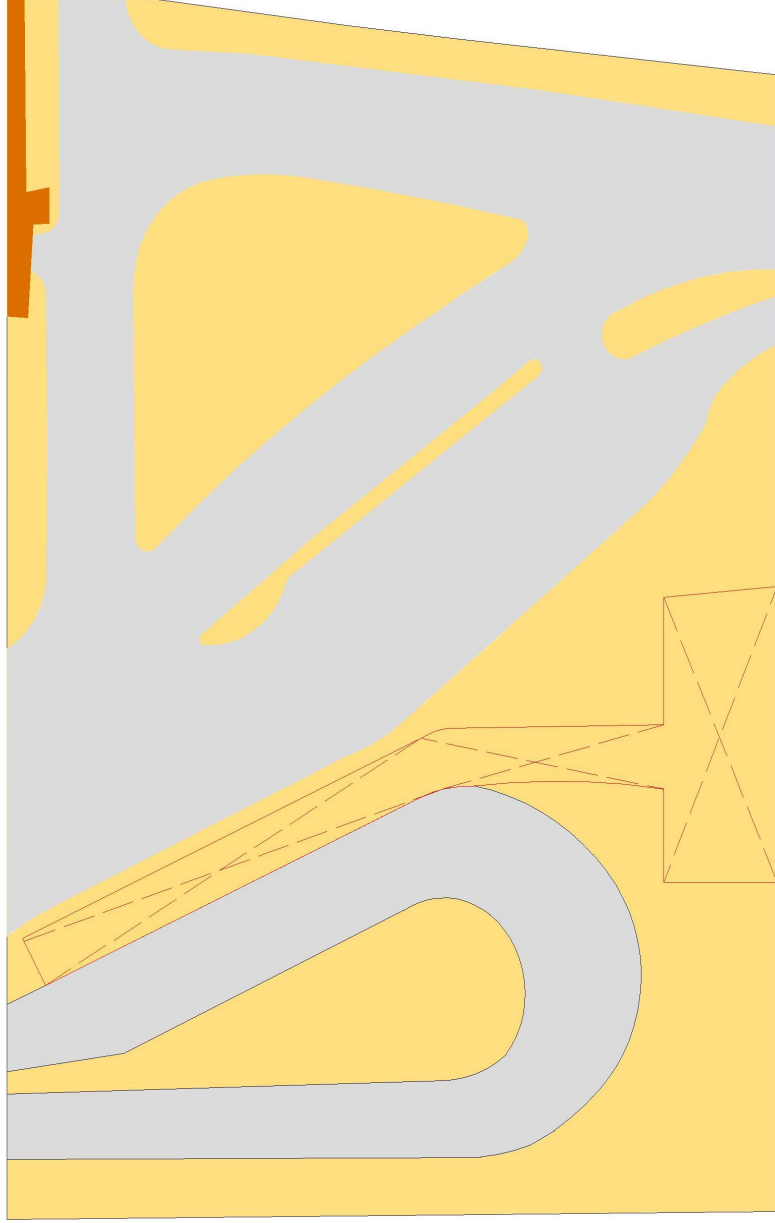
4- Imagem cartográfica. Largo dos caminhos-de-ferro, em 1950.



5- Imagem cartográfica. Largo dos caminhos-de-ferro, em 2004.



6- Imagem cartográfica. Largo dos caminhos-de-ferro, em 2004.



Area Total=5173.20 m²

Area de Passeio=2408.60 m²


Area de Asfalto=2722.80 m²

Area Coberta da Pala=395.25 m²

7- Levantamento métrico do largo dos caminhos-de-ferro.

ESBAL

FICHA DE ALUNO

NOME <i>Maria da Dora Saladeira Castel-</i> <i>- Branco</i> FILIAÇÃO <i>Eduardo Alberto Borreia</i>	LIVRO <i>1</i> FOLIO <i>292</i> PROCESSO <i>50</i> <i>019077</i> PRIMEIRA MATRICULA <i>/ /</i>
NATURALIDADE FREGUESIA <i>S. Sebastião Pedreira</i> CONCELHO <i>Lisboa</i> DISTRITO <i>Lisboa</i>	
OBS.	PROVA FINAL OU EXAME DE SAÍDA <i>31 / 4 / 1962</i> * <i>18</i> VALORES * VALORES REGISTO N.º <i>/ /</i> EM <i>/ /</i>

Doc.1- Documento académico - Cartão escolar.

